

VANESSA DE OLIVEIRA

PSICOPATAS DO CORAÇÃO

ELE É UM ANJO. DE REPENTE, VIRA UM PERIGO PARA SUA VIDA.
SAIBA COMO ESCAPAR DESSA ARMADILHA.



u
editora urbana



PSICOPATAS DO CORAÇÃO



Vanessa de Oliveira

PSICOPATAS DO CORAÇÃO

Ele é um anjo. De repente, vira um perigo para sua vida. Saiba como escapar dessa armadilha.

u
editora urbana

© 2012 - Vanessa de Oliveira
Direitos em língua portuguesa para o Brasil:
Editora Urbana Ltda. - Tel: (11) 3868-2863

Projeto gráfico e capa

Daniela Vásques

Diagramação

Priscilla Andrade

Revisão

Adriana Parra

Lilian Brazão

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

Oliveira, Vanessa de
Psicopatas do coração / Vanessa de Oliveira. - São Paulo : Urbana, 2012.

1. Relação homem-mulher. I. Título.
12-0829.

CDD: 306.7
CDU: 392.6

Visando preservar a integridade dos envolvidos na história deste livro,
todos os nomes e alguns lugares foram trocados.

DEDICO ESTE LIVRO A TODAS
AS MULHERES DO MUNDO.

INTRODUÇÃO

Posso dizer que, embora eu seja uma pessoa emocionalmente estável e dona de certo bom-senso, situações incomuns (e por que não dizer muito loucas?) constantemente acontecem na minha vida. Eu já me perguntei por que vivo tantas facetas em uma única vida, e também por que conheço tantas pessoas diferentes e por que minha vida é vivida sempre em grande velocidade, mesmo eu sendo uma pessoa calma. E depois de tanto pensar e pensar, cheguei a uma conclusão.

Cada um veio a esse mundo com uma missão estipulada, é nisso que eu acredito e garanto que é nisso que você, provavelmente, acredite também, independente da religião que tenha.

Você e eu, aliás, todos os que aqui estão vieram a este mundo para cumprir uma missão – no fundo nós sentimos exatamente isso, que não estamos aqui à toa. Não sei se você descobriu a sua missão (espero que sim, porque isso é libertador!), mas eu descobri a minha, que é trazer à tona tudo aquilo que está oculto e que as pessoas teriam dificuldade de entender ou saber se não existisse alguém para lhes mostrar as verdades por trás das aparências, porque muitas coisas neste mundo não são o que parecem ser.

E somente vivendo um número exorbitante de situações surpreendentes em minha vida é que eu teria condições de descobrir, entender e então escrever sobre isso, revelando o lado oculto das experiências comuns e incomuns da vida das pessoas, mais especificamente a respeito dos relacionamentos humanos. Não, Deus (você vive rindo de mim, não?), eu não vou mais lutar contra isso, porque de verdade me entreguei à causa, aliás, à nossa causa (está bom assim para o Senhor?). Eu juro que já tentei ter uma vida tradicional, fundamentada na normalidade do dia a dia da maioria das pessoas deste planeta, e o Senhor só me apronta. Ok, ok, ok, eu topo, pode mandar, Deus, eu vou viver tudo o que eu tiver de viver nesta vida, manda logo, que eu estou aqui, e vou escrever sobre o que eu aprender com os acertos e, principalmente, com meus erros. Não vou mais planejar ter uma vida normal, porque não foi isso que combinamos antes de eu nascer, certo? Além disso, a vida é assim mesmo, a gente planeja e Deus ri.

Depois de ter vivenciado tantas coisas incomuns em minha vida, como a profissão do sexo, e de ter tido tantos relacionamentos com homens estranhos, eis que me surge a pior situação da minha vida: um relacionamento profundo com o canalha-mor deste planeta, aquele psicopata do coração que é fantasiado de príncipe encantado.

Baseada na experiência desse relacionamento, eu resolvi escrever este livro. E não, não é uma tentativa de vingança (embora eu não negue que isso em algum momento tenha me passado pela cabeça); este livro é, no fundo, uma forma de cumprir mais um pouco a minha missão, é uma maneira de contar às pessoas o que pode estar acontecendo para que elas possam identificar e reagir, é uma forma de esclarecer as pessoas, em particular as mulheres, sobre as verdades dos homens que elas não sabem e que precisam saber, não só do homem que é um psicopata do coração, mas dos homens em geral. E não somente os aspectos ruins a respeito dos homens, mas

os aspectos bons também.

Neste livro, vamos falar também a respeito do que você pode fazer para se distanciar dos maus, dos “falsos príncipes”, e de que maneira você pode perceber quando um homem está sendo bom e sincero ou quando está apenas jogando e brincando com você. Vou revelar também o que os homens pensam das mulheres e dar sugestões sobre como você deve agir com determinados tipos de homens e nas mais variadas situações.

Com isso, você vai conseguir ser mais feliz, porque vai ter em suas mãos as rédeas da situação, vai poder fazer suas escolhas e tomar suas decisões com base na clareza dos fatos, em vez de se manter em uma determinada situação pelo fato de ainda existirem muitas dúvidas sem possibilidades de respostas. Neste livro, você vai descobrir a verdade sobre os homens – os bons e os maus.

E EU VOS DIGO, MULHERES, A VERDADE LIBERTA...

MEU ÚLTIMO CLIENTE

Ano de 2006

“...Nesse dia de ano-novo eu quero uma vida nova para mim. Eu preciso fazer alguma coisa por mim, porque ninguém melhor do que eu para fazer... Vamos começar uma vida nova, Princesa Vanessa, vamos?” (final do livro *O Diário de Marise*)

E foi o que eu fiz, me dei a chance de uma vida diferente. Não foi de um dia para o outro, foi no decorrer de muitos dias, alguns meses... Não me importavam mais as lágrimas que eu havia chorado, contanto que meu final fosse doce.

E ele é?

Bem, ainda não cheguei ao final de nada, apenas no começo de muito. Matei a Ana, uma das garotas de programa de dentro de mim, por estresse, ainda em 2005. Enterrei a Luana por necessidade, após o verão de 2006, e transformei a Marise em uma lenda no exato dia em que as vendas do meu primeiro livro, *O Diário de Marise*, começaram.

Nesse dia, abri a caixa contendo vinte livros que a editora havia me enviado e pensei: “Meu filho nasceu e é a minha cara. É hoje, Marise, é hoje, chegou o seu dia...”.

Eu não estava triste, mas também não estava feliz, era apenas algo que eu sabia que deveria fazer. É difícil abandonar o passado... Mas eu não estava abandonando naquela hora, na verdade eu o abandonei aos poucos no decorrer dos últimos seis meses. Todos os dias eu me dizia que esse dia chegaria e que eu estava muito cansada. Na verdade, desejava que ele chegasse o quanto antes.

Vinte e duas horas, meu último cliente. Ele não sabia que seria o último, tampouco imaginava que eu havia escrito um livro. Não me conhecia, era de fora da cidade, havia aberto as páginas dos anúncios de acompanhantes do *Jornal da Hora* e escolhido uma garota entre tantas, talvez umas 60 anunciantes. Ele tinha gostado do meu anúncio criativo e por isso resolveu me contratar. Uma ruiva não é tão fácil assim de se achar, mesmo ela sendo pintada, é quase uma raridade. Loiras e morenas há por toda parte. Essa foi também a explicação dele quanto à escolha.

Cheguei na porta do quarto de motel, o livro embaixo do braço. Disse para mim mesma que eu gravasse bem aquela cena, porque seria a última vez que eu entraria no Motel Eros, ou em qualquer outro, para atender alguém. Eu sou assim, converso comigo mesma. Me dou ordens e conselhos como se eu fosse mais de uma mulher. Dessa vez, a Severa falou para mim, a mais enérgica de todas as mulheres que me habitam. Era uma ordem misturada ao conselho para que eu não esmorecesse, não chorasse nem cogitasse a possibilidade de aquela não ser a última vez.

Há decisões na vida que devem ser tomadas e não revogadas. Não adiadas.

“Sem volta, Vanessa!”

Custasse o que custasse, aquela deveria ser a última vez. Era tudo ou nada! Se você recai uma vez, facilmente recairá outras. Ou você larga a droga, ou passa a vida inteira tentando se recuperar. Eu não era uma drogada, mas era uma viciada em ganhar dinheiro pelo sexo. Tinha feito muita força para terminar o livro e publicar, não iria jogar todo esse trabalho fora. “Então é hoje, é agora.”

Entrei.

A última vez não deixava de ser a repetição das últimas 5 mil vezes. Beijei o cliente no rosto, troquei com ele algumas palavras, larguei o livro de capa para baixo na cabeceira, pedi o pagamento adiantado, ele pagou, conferi o valor e o guardei no bolso falso da calça, tirei a minha roupa, apanhei uma toalha e disse que iria tomar um banho.

Ele se deitou na cama, alegou que já havia tomado banho e que estava pronto me esperando. Eu agradei em pensamento o fato de ter mais alguns minutos de privacidade.

Enquanto eu lavava o corpo já limpo, mas acostumado a tomar banho para matar o tempo no quarto, ia pensando naquele que seria o meu último cliente. Não pensando nele nem em sua vida, mas na principal característica que tinha para mim: ser o último.

Ele era moreno, bonito, tinha em torno de 38 anos, Paulo era seu nome. Parecia educado, mas era mais um, igual aos 5 mil que eu já havia atendido.

E não haveria nenhuma diferença para mim se ele fosse baixo, loiro ou acima do peso. Porque, em todos esses anos, todo cliente foi um cliente igual ao anterior e igual ao posterior. Tirando o Mafioso, meu melhor cliente, todos os outros pertenceram apenas à classe de clientes. Desumana, eu? Não. Digamos que não é nada pessoal, são apenas negócios.

Saí do banho e ele estava me esperando embaixo dos lençóis. Ele pegou o quarto do motel decorado com o tema “África”, que, fora o tapete de zebra artificial, de africano não tinha nada. As paredes eram pintadas de azul-claro, a cama era de madeira marfim (eu penso que na África a cama é rústica, vai ver era África moderna) e as cortinas eram de cor bege-claro. Desliguei as luzes, para que ficássemos na penumbra, e apenas a do banheiro permaneceu acesa. Dessa forma eu teria uma ideia de onde as coisas estariam e o que ele estaria se preparando para fazer.

Senti-me triste, de certa forma, porque para a última vez se imagina uma despedida e toda despedida tem comemoração.

Sem comemorações...

“Vanessa, você não tem que pensar nem que ficar triste, você tem seu último trabalho a fazer, faça e caia fora daí.” Era a Severa ordenando de dentro de mim.

Dane-se, é meu último programa, meu último cliente, a última vez que entro no Motel Eros. Dane-se a cor da cortina e o tapete de zebra. Comecei a rotina estabelecida e seguida em todo esse tempo: beijo atrás da orelha, sussurros com pornografias baratas, desço até o pescoço, mordo sem deixar marcas, passo a minha língua nos pontos estratégicos do corpo e continuo, sempre que posso, falando o que eu gostaria de fazer na frente dele com a minha melhor amiga (por onde andarás a Sol agora?), coloco o preservativo, faço um oral demorado

com o objetivo de poupar e, se der, evitar ao máximo a penetração. Tenho evitado o uso de vibradores nos últimos tempos. Não trago mais a “Maleta Félix” que continha meus inúmeros acessórios, não tenho mais espírito para masoquismo, perversões e nem para ver um homem de quatro para mim. Cheguei à conclusão de que sou romântica demais para encarar essas situações.

Então, depois de muito oral e de mentir descaradamente ao meu último cliente que eu demorava muito para fazer um oral porque gostava, resolvi partir para a penetração, porque se ele não terminara em dez minutos comigo fazendo um oral nele, dificilmente finalizaria dessa forma.

Resolvo partir para a penetração e, já que o crime é inevitável, torno-me corrompida, fico dois minutos em cima dele e não penso mais em nada. A Severa me mandou não pensar, mandou fazer e “cair fora”. O que pretendo fazer pelos próximos cinco minutos é ficar de quatro, dessa forma não terá erro. Sinto que em menos de cinco minutos meu último cliente terminará e eu colocarei a Marise para dormir. Ela precisa descansar, ela precisa ser embalada, ela tem que dormir. Marise tem que fechar os olhos para Vanessa acordar. Vanessa dormiu nos últimos anos. Marise viveu nesse tempo como se tivesse sido uma vida inteira. Mil vidas precisariam de uma vida tradicional para fazer tudo o que a Marise fez.

– Vem, querido, me pega de quatro, adoro um homem atrás de mim.

É exatamente isso que ele faz. Todos obedecem quando meu pedido é feito com cara de desejo. Sinto ele me penetrar vagarosamente e em poucos instantes eu começo um vaivém frenético – não estou excitada, só quero que tudo termine rápido, e sei que quanto mais regular e rápido for meu movimento, mais rápido tudo terminará. Alguns poucos minutos se passam numa situação em que só se ouvem gemidos, percebo algumas gotas do suor dele já pingando em minhas costas, elas percorrem o dorso e escorrem pelos meus rins. Começamos a suar os dois excessivamente, ele agora se curva mais sobre mim, mantendo seu corpo próximo ao meu. Estamos praticamente colados um ao outro e o suor do seu corpo me inunda e incomoda: “Saco! Serei obrigada a tomar banho depois!”. Essa é a maior aproximação que tenho com ele, que está ligado em mim. Não o olho no rosto, fixo meus olhos no vazio e conto, apenas conto o número de penetrações como forma de me entreter: 119, 120, 121... 164, 165, 166... Com uma das mãos ele então segura o cabelo na minha nuca e vira meu pescoço, ele não tenta me beijar, ele quer ver minhas fingidas expressões de prazer. Então, sei que agora é chegada a hora do fim, e o que faço é repetir alguma das minhas pornografias desclassificadas para acelerar o que está por vir, intensifico meus gemidos simulando um pré-orgasmo; ele se excita mais ainda e sinto algumas contrações maiores do seu pênis, eu passo a gritar enquanto meu orgasmo inexistente vem à tona me salvar. Ouço alguns grunhidos e arfares mais afoitos dele e em seguida um desacelerar do vaivém de sua parte.

Pronto: acabou!

É exatamente dessa maneira que ele termina, da mesma forma como a maioria dos meus clientes terminou.

Tomei um fôlego, não pelo cansaço e sim pela despedida de um passado que agora seria mais passado ainda, depois desses últimos minutos – era um fôlego de “missão cumprida”.

– Querido, tenho um presente para te dar.

Ele havia saído de trás de mim e rolado na cama. Eu nunca tiro o preservativo deles, no máximo inspeciono para ver se houve vazamento. Tirar o preservativo é um ato de muita intimidade para mim.

Ele me olhou sem muito interesse. É sempre assim, praticamente não há fuga das regras. Todo homem que goza vira para o lado e dorme. Ele não fez isso, mas apenas porque se dormisse ali o motel sairia mais caro.

Ele não tinha nada de especial para mim, apenas era o meu último cliente. Mas era o meu último cliente, não deveria ser especial?

Por algum motivo, não era assim que eu o via...

Peguei a caneta do motel, abri o livro na primeira página e falei:

– É de presente para você, gostaria que lesse com atenção. Pode ser que para você não, mas para mim ele é um livro muito especial, é a história da minha vida.

– Foi você que o escreveu, Marise?

– Não. Foi a Vanessa de Oliveira.

– E quem é ela?

– É a mulher que vai sair por essa porta agora em alguns minutos.

Ele não entendeu muito bem, mas eu também não tive muita vontade de explicar. Comecei a autografar.

Para meu último cliente:

*O mais importante na vida é irmos sempre
em busca dos nossos sonhos...*

Não desista nunca de ser feliz...

Não desista nunca da vida...

Não desista nunca do amor...

E muito menos desista de si mesmo...

*Pode ser que em algum momento você se perca e
tome caminhos “diferentes”, mas não se preocupe.*

Não há o menor problema com isso...

*Porque, de uma forma ou de outra,
todos os trechos sempre levam ao Norte...*

Quando falo em me perder, estou me referindo a me perder de mim mesma, a me distanciar da minha verdadeira identidade, e não a perder meus valores porque um dia fui garota de programa.

Foi quando eu decidi viver a Vanessa, estava cansada de viver tantas outras personagens.

Se algum dia eu fui contra o que eu fiz? De jeito nenhum... Eu fui contra continuar de uma maneira que já não me fazia mais feliz... Mesmo que um dia tenha feito.

Dei a ele o livro, ele olhou sem muito interesse. Coloquei a roupa e me despedi, de longe. Sem abraços e sem beijos, sem acenos e sem lágrimas. Era uma partida para nunca mais voltar e

não havia ninguém me pedindo para ficar.

Adeus, África, adeus, último.

Abri a porta, um novo mundo me esperava: “Adeus, Marise... Adeus, Marise... Adeus, Marise... Adeus, Mariseeeeeeee...”.

Fechei a porta.

Ela ficou.

Eu estou aqui.

A ESCRITORA

Ano de 2010 (cinco anos depois)

Eu havia acabado de retornar da Feira Internacional do Livro de Guadalajara, no México. Era a única brasileira convidada a palestrar para uma multidão de curiosos que queriam entender um pouco mais sobre sexo e traição. Três livros meus haviam sido publicados por duas das maiores editoras mundiais naquele ano no México e aos poucos eu estava conseguindo o que quase nenhum escritor brasileiro consegue: projetar-se no mercado editorial internacional.

Por isso eu andava tão feliz, porque o meu sonho de realização profissional estava se concretizando e o meu projeto de vida era praticamente uma loteria em vista de todos aqueles que tentavam e não alcançavam.

Eu também estava escrevendo para a *Playboy* e já era considerada uma de suas consultoras – em quase todas as edições da revista eu respondia às perguntas de leitores sobre sexo e comportamento, além de oferecer consultoria particular e gratuita no meu site a quem precisasse.

Continuava indo frequentemente a programas de televisão para divulgar o meu trabalho e, depois de quase quatro anos, já tinha reunido no meu rol de entrevistas o Jô Soares, o programa *Altas Horas*, oito aparições no *SuperPop*, entrevistas com João Doria Jr., Otávio Mesquita, tinha sido capa dominical da *Folha de S. Paulo* e feito duas entrevistas no *Pânico*, além de participações em inúmeras revistas que iam desde as femininas até as revistas de marketing, como a *Venda Mais*.

A minha filha Yumi, agora com 15 anos, e a minha melhor amiga, Carine, também estavam curtindo toda a movimentação na minha vida, e quando havia as palestras elas participavam, vendiam os livros e ajudavam a organizar os eventos. Logo depois que publiquei o meu primeiro livro, conheci a Carine, em um curso de dança do ventre. Apesar de ela nunca ter sido garota de programa, nós nos identificamos uma com a outra e em seguida ela foi morar lá em casa. Como eu viajava bastante, a Carine passou a ser a segunda mãe da Yumi – de vez em quando era como uma irmã, outras vezes era como uma amiga da escola.

A vida estava perfeita e o dinheiro não era algo que estava me deixando rica, mas dava para viver e eu sabia que aos poucos tudo ia acontecer conforme eu esperava. Só faltava mesmo um amor na minha vida, não que eu estivesse procurando um, mas quem não quer um dia encontrar um homem que seja um verdadeiro príncipe e que a trate como uma princesa?

Eu havia passado os últimos quatro anos praticamente me dedicando aos livros. Não que minha vida amorosa estivesse desativada, mas ela não recebia tanta importância, e os homens com quem saí para jantar não me despertavam grandes paixões. Havia tido o Joel, eu chegara a amá-lo, mas estranhamente nunca me imaginara casada com ele. Enfim, por motivos torpes, um

dia nossa relação terminou e eu estava agora solteira, indo à imobiliária de uma amiga para contar as novidades da minha última viagem e dar um abraço nela.

Entrei na imobiliária e a vi, linda, perua, maravilhosamente emperiquitada, quase no estilo *Spice Girl* de ser, aliás, ela se parece muito com uma delas. Uma porção de colares dourados caíam-lhe na altura do peito, uma bota branca ia até os joelhos e um minivestido também branco e justo deixava à mostra suas pernas. A minha amiga Marisa, além de parecer vir de outro mundo, também era decoradora, corretora de imóveis e tinha um gosto bastante peculiar para se produzir. Abracei-a e senti seu perfume, que não saíria do meu nariz tão cedo, e com sua costumeira voz grave e entusiasmada ela começou a falar:

– Menina, vem aqui, me conta tudo! Como estão os livros, Vanessa? Que saudade!

– Amiga, eu estou bem, foi incrível lá fora, adorei a experiência e no ano que vem acho que vão me convidar novamente. Estou tão feliz!

E assim começamos a conversar. Eu devo ter ficado pouco mais de uma hora na imobiliária, ela havia me confidenciado a história do seu último relacionamento, e uma hora ríamos e outra tentávamos desvendar o que realmente havia acontecido:

– Ai, menina, você sabe, né? Confio em você; me diz, Vanessa, o que você acha que aconteceu? Sim, porque você entende tudo de homens, menina, não tenho ninguém mais para me explicar.

Eu lhe falei que o ex dela era, na verdade, um sujeito mal resolvido, instável emocionalmente e que, se ele tinha passado esse tempo todo querendo e não querendo, era melhor se desvencilhar dele e procurar alguém que quisesse de verdade ter um compromisso, da forma como ela acha que um compromisso deve ser.

– Menina, você é um gênio! Como ninguém me disse isso até agora? Só você mesmo! Todo mundo me diz que homem é assim mesmo, que a gente tem de ter paciência. Mas eu estou cansada.

– Sim, Marisa, paciência a gente tem que ter com tudo a vida inteira, mas durante três anos esperar que ele suba na mula em vez de ficar com um pé aqui e outro ali, no sobe ou não sobe, dizendo “Eu tenho medo de me relacionar”? Amiga, dá uma planta para ele e manda ele namorar a planta, assim ele está garantido de que a planta não vai machucá-lo. Amiga, você é linda, talentosa, superlegal, o que você quer com um jumento desses, que nem sabe que curso quer seguir? Olha, um dia a mais com o cara errado é um dia a menos com o cara certo.

– Ai, menina, que bom ouvir isso!

Nós conversamos mais um pouco e, talvez, o mais impressionante na minha vida é que, em qualquer lugar que eu encoste para descansar, sabendo ou não a pessoa sobre o meu conhecimento a respeito dos homens, inevitavelmente eu começo a ouvir a história de amor, frustrado ou não, da pessoa que está ao meu lado. Parece um ímã. Acho que é missão mesmo.

Eu precisava ir para casa – tinha muita tarefa para fazer no novo livro – e me despedi dela.

– Ai, menina, fica mais, fica...

– Não, amiga, preciso ir mesmo.

Eu já estava com o pé na porta da imobiliária me despedindo, precisava já ter ido, quando ela me puxou novamente para dentro e me disse:

– Vem aqui, já que você tem de ir embora, leva pelo menos esse *folder* novo do apartamento que você comprou comigo, olha, eu vou querer decorar ele para você, hein? Eles vão diminuir o prazo de entrega.

Peguei o *folder* e novamente abracei a Marisa, despedindo-me. Pelas minhas costas, senti que alguém passava, entrando na imobiliária. Virei-me para sair e meus olhos foram de encontro aos olhos do homem que acabara de entrar. Senti uma pressão no estômago, uma sensação diferente. Olhei-o, não sei por que, mas olhei-o, havia um magnetismo puxando meu olhar para o seu olhar. Ele me olhava dentro dos olhos. A Marisa se virou para atendê-lo:

– Pois não, em que eu posso te ajudar?

– Eu gostaria de ter informações sobre valores de apartamento no litoral.

Eu não saí da imobiliária; em vez disso, automaticamente sentei-me na poltrona de espera próxima a mim.

Fiquei observando-o falar. Ele tinha um sotaque estrangeiro, com certeza não era brasileiro. Era elegante, muito charmoso, tinha cabelos levemente grisalhos e um rosto uniforme, sua estatura era mediana e ele era de origem oriental, talvez fosse chinês ou japonês, ah, e quem é que sabe a diferença? Só mesmo os chineses e japoneses. Olhei mais detalhadamente para seu rosto, a sua boca chamava atenção, talvez fosse o que ele tivesse de mais bonito.

Ele falava educadamente e com voz mansa com a Marisa, explicando como gostaria que fosse o apartamento quanto à posição solar e ao tamanho das peças. Ele sorria e olhava para mim enquanto falava. Eu olhei sua mão gesticulando discretamente no ar, não havia nenhuma aliança. Sorri-lhe também, não só por educação, mas porque tive vontade de sorrir.

Então, ele me perguntou o que eu achava da cidade.

– Eu? Ah, gosto bastante de morar aqui, eu já devia estar no Rio de Janeiro ou em São Paulo, mas não consigo sair de Balneário Camboriú e deixar toda essa natureza para trás. Morar aqui é maravilhoso.

– Muito bem, o prefeito devia contratá-la para o marketing da cidade. E por que você já deveria estar no Rio ou em São Paulo?

– Por motivos profissionais.

– Com que você trabalha?

– Com livros – eu preferi não especificar de que forma eu trabalhava com os livros.

– Que tipo de livros? Será que me interessariam?

– São livros sobre comportamento, direcionados a mulheres.

– E será que um homem comum como eu poderia lê-los?

– Se você quisesse conquistar um homem e saber mais sobre eles, acredito que você deveria ler, sim, esses livros.

Todos nós rimos e conversamos um pouco mais sobre o mercado imobiliário de Balneário Camboriú. Até que eu olhei no meu relógio de pulso e vi que precisava ir. Aquele homem era bem interessante, mas já estava na minha hora, e se não fosse por aqueles 30 segundos em que entrei novamente na imobiliária para pegar o *folder* do meu novo apartamento eu nunca o teria conhecido.

Levantei-me, a Marisa reclamou de novo:

– Vanessa, fica mais!

– Meu Deus, Marisa, já faz quase duas horas que eu estou aqui, agora preciso ir mesmo – eu sorria.

Então me despedi dela pela terceira vez com um longo abraço e acenei para ele, dizendo “tchau!”. Ele acenou de volta, mesmo estando a uma curta distância de mim, então subitamente me estendeu sua mão:

– Seu nome eu já sei que é Vanessa, o meu é John... John Maison Dak, foi um prazer!

Apertei a mão dele, era quente, firme e forte, seus dedos eram curtos, mas tão envolventes quanto a voz mansa que havia me prendido na imobiliária. Eu não tinha vontade de soltá-la. Senti novamente aquela leve pressão na boca do estômago, que ficou em sobressalto.

Quando ele soltou a mão, virei-me e fui em direção à porta. Então o ouvi chamando:

– Vanessa, se você aceitar, gostaria de acompanhá-la até o carro, eu também já estou de saída e pretendo voltar aqui amanhã com mais calma.

Eu consenti, gostaria de ser levada até o carro por aquele homem interessante. Ele pegou um cartão da Marisa e nós dois saímos juntos. Eu havia deixado o carro a duas quadras da imobiliária e íamos a passos bem lentos, conversando sobre a ótima temperatura. Apesar de aquele ter sido um dia quente de verão, o fim do pôr do sol nos dizia que a noite chegara e era agradável a brisa. Chegamos até meu carro, peguei a chave em minha bolsa e, antes de abrir a porta, ele segurou minha mão. Eu fiquei imóvel, me perguntando o que ele faria; ele pegou a chave e destravou o alarme, então abriu a porta para mim, como um cavalheiro. Enquanto eu agradecia, sentei no banco do motorista e lhe disse:

– Até outro dia, John. Obrigada.

Ele parou segurando a porta do carro para mim:

– Vanessa, se não fosse muito atrevimento meu, eu gostaria de convidá-la para jantar, adoraria conversar um pouco mais contigo, sabe, você é uma princesa encantadora.

Nesse momento eu senti um choque percorrer a minha espinha. Chamar-me de princesa era tão... tão... tão delicado, e ele nesse momento me parecia tão... tão... tão sensível. Perguntei-me: “Quem é esse homem que já sabe que eu sou uma princesa?”.

Eu não respondia, então ele franziu a testa graciosamente duas vezes, como quem espera pela resposta de maneira ansiosa:

– Tudo bem, príncipe, podemos jantar, sim, qualquer dia desses.

– E a princesa me daria a honra de jantar com ela amanhã?

– Deixe-me ver... hum, tenho muitos compromissos no palácio real, costumo dar prioridade ao trabalho.

Ele parecia ter ficado triste. Então continuei falando:

– Mas acho que posso abrir uma exceção.

Ele abriu um sorriso largo, seus olhos estavam brilhando, ele parecia demasiadamente contente. Então me estendeu um cartão pessoal no qual eu li: Kezabco Empresa de Importação, John M. Dak, sócio-diretor. Ele pegou meu número de celular e o endereço da minha casa e disse que passaria para me apanhar às 19 horas do outro dia. Eu disse que esse horário estava ótimo. Liguei o carro e nos despedimos. Coloquei o seu cartãozinho na bolsa.

Quando cheguei em casa, fui escrever meus textos, passei boa parte da madrugada concentrada neles e de vez em quando me lembrava daquele homem peculiar que me chamara de princesa. A vida estava ficando boa demais, e pensar que por 30 segundos eu não teria conhecido aquele homem tão... tão... tão sei lá o quê...

O PRÍNCIPE

Despertei pela manhã com o toque do meu celular, uma mensagem havia chegado. Pensei: “É uma mensagem dele”. Como meu corpo ainda me avisava de que aquela hora ainda era cedo demais para uma pessoa noturna como eu levantar, virei para o outro lado. Então, ouvi outro sinal sonoro de mensagem chegando. Meu braço se estendeu, apalpei o criado-mudo ao lado da cama na tentativa de encontrar o celular e com muito custo consegui ver que a mensagem dizia:

Oi, Vanessa, bom dia. É o John, estou lhe mandando mensagem de texto de teste do meu número de São Paulo. Logo de manhã já me lembrava da sua voz doce. Hope you have a wonderful day.

Eu sorri e acessei a segunda mensagem:

Linda princesa, escolha o melhor restaurante para jantarmos, aquele do seu agrado.

Pensei na hora que no mundo homens gentis existiam, ele deveria ser americano por causa do sotaque e por escrever algumas frases em inglês, e só mesmo um estrangeiro para ter tanta educação.

Eu passei meu dia descansando, entre a cama e os textos que eu fazia deitada. Às 18 horas resolvi me levantar de vez, dar um jeito naquele corpo e tomar um banho. Meu príncipe estava para chegar, me perguntei qual seria a cor do cavalo dele.

Às 19 horas em ponto descobri que era um cavalo da raça caminhonete prata. Eu estava passando pela portaria do prédio quando minha filha apareceu com suas amigas, vinda da praia:

– Mãe, aonde você vai?

– A mãe vai jantar, filha.

– Posso ir junto? Com quem você vai?

– Não dá, amor, entra, depois te conto.

Ela entrou no edifício, a minha filha nunca foi de fazer muitas perguntas. Ele estava estacionado do outro lado da rua, em frente ao meu prédio, a porta do carro já estava aberta e ele se postava ao lado dela, indicando que eu entrasse.

Cumprimentei-o com um beijo no rosto, entrei e ele me perguntou:

– Quem era aquela?

– Minha filha.

– Nossa, não sabia que você tinha filha, ainda mais daquele tamanho.

– Não tivemos oportunidade de conversar. Mas e você? Tem alguma coisa que eu não saiba porque você não teve oportunidade de me contar? – perguntei rindo.

– Sim. Sou casado.

Eu parei de sorrir, fiquei séria. Ele caiu na gargalhada e falou:

– Estou brincando, como vou ser casado se estou aqui com você?

Então rimos juntos e começamos a conversar sobre nós. Ele me falou que era americano, descendente de coreanos e que tinha 35 anos, tinha chegado aqui no Brasil para se estabelecer

havia uns 15 dias e disse que antes morava em Los Angeles. Também me contou que havia nascido em Santa Bárbara, uma linda cidade da Califórnia, e que se tivesse oportunidade um dia gostaria de me levar lá para que conhecesse suas origens.

Perguntei-lhe como ele sabia escrever e falar tão bem o português se estava havia tão pouco tempo no Brasil.

– Eu morei aqui por dez anos antes de voltar aos Estados Unidos, meu pai era vice-presidente do Citibank quando viemos para cá.

Eu falei que tinha uma filha de 15 anos, que havia casado muito jovem e que depois de ter me separado não casei mais. Expliquei que ficamos sozinhas e que muitas coisas aconteceram conosco. Também falei de ter nascido no Rio Grande do Sul, mas que gostava tanto de Balneário Camboriú e morava havia tantos anos na cidade que já me sentia catarinense.

Ele perguntou qual era a minha religião:

– Sou espiritualista.

– O que é isso?

– No fundo, estou querendo dizer que não pertenço a uma instituição religiosa específica, na verdade gosto de muitas religiões ao mesmo tempo e gosto da filosofia de muitas delas a respeito da vida e de Deus. Acredito que muitas verdades se cruzam e se fundem, pois falam a mesma coisa de maneira diferente. Acredito que há muito sobre o céu e a terra de que não sabemos e, é claro, acredito na existência do espírito.

– Interessante isso que você disse. Bem, eu sou evangélico presbiteriano e somos diferentes das outras igrejas evangélicas porque somos sérios. Não aceitamos que nossa igreja se torne um centro de negócios, explorando os fiéis. Um dia eu gostaria de te levar lá. Vou todo domingo pela manhã no culto, vou de terno, veja como sou um bom moço – ele riu suavemente, eu ri junto.

Durante a conversa eu ia lhe indicando o caminho em direção ao melhor restaurante da região. Eu não cogitei a possibilidade de estar sendo indelicada ao levá-lo a um lugar caro, porque pela maneira como ele se vestia e se portava eu sabia que não era um homem de simplicidades.

Quando chegamos ao restaurante, ele desceu primeiro, mantive-me sentada esperando que abrisse a porta para mim – percebi que aquilo era natural para ele. Devia ter sido educado dessa forma desde cedo.

Entramos no restaurante e escolhemos uma mesa discreta. O ambiente aconchegante tornou-se mais aconchegante ainda quando o garçom acendeu a vela em nossa mesa; aquele seria um jantar a luz de velas e sobre a mesa havia também uma linda rosa branca em um pequeno vaso afunilado. Poucas mesas estavam ocupadas e a maioria era por casais, já que o Chez Raymond é um lugar romântico, fica perto da Praia de Cabeçadas e tem um estilo francês colonial.

O garçom puxou a cadeira e eu me sentei, havia muito romantismo no ar. Quando John foi sentar-se à minha frente, falei:

– Por favor, sente-se a meu lado.

Ele sentou-se e colocou uma máquina fotográfica em cima da mesa, eu não havia reparado que ele estava com ela nas mãos:

– Nossa, você trouxe essa máquina!

Era uma Nikon profissional, então ele chamou o garçom e pediu que fizesse uma foto de nós dois.

– Vanessa, eu gostaria de registrar este momento. Pode ser que daqui a muitos anos a gente mostre esta foto aos nossos netinhos.

Eu fiquei em silêncio. Toda aquela atitude de se mostrar seguro sobre o que queria da vida era bonita de se ver. Eu encaixei meu braço no dele, que o segurou firme e, sorrindo, fizemos nossa primeira foto juntos. Eu falei:

– E que legal que estamos no meu restaurante preferido!

– De agora em diante este será o nosso restaurante! Ainda voltaremos aqui muitas vezes, pois um casal sempre elege um restaurante e esse vai ser o nosso. Vanessa, você é uma mulher especial, não vou negar, você me atrai. Não é só beleza, existe algo mais em você.

Eu, tão acostumada a cantadas, estava agora, de certa forma, tímida. Não sabia bem o que fazer, os homens geralmente eram audaciosos comigo nas primeiras frases, mas depois eram eles que se intimidavam com a minha personalidade e por eu dizer o que eles não esperavam ouvir. Agora, era o contrário, eu é que me encontrava intimidada pela atitude dele e eu não tinha nada para falar.

Na saída, resolvemos ir até a praia, era bem perto do restaurante, a cerca de duas quadras. Estacionamos o carro e descemos até a beira-mar. Tirei o salto alto, ele tirou o sapato. Deixamos no carro e fomos até onde o mar chegava, caminhamos enquanto conversávamos e ele me falou dos seus projetos de vida:

– Quero ser um grande empresário, para poder dar muita oportunidade de emprego a quem precisa e quer trabalhar. Também quero um dia ter dois filhos, inclusive já pensei nos nomes, Lukas e Emma. Gostaria também de construir uma casa para morar com a mulher da minha vida, mas não uma casa bela, e sim uma casa deslumbrante.

Então ele parou de caminhar. Eu estava ao seu lado, um pouco anestesiada por toda aquela avalanche de palavras de um homem fora do comum, ele me puxou pela cintura e me perguntou:

– É você a minha princesa?

E me beijou, um beijo longo, de filme, o melhor beijo que eu havia experimentado até aquele dia, um beijo que eu não queria que acabasse, um beijo quente e romântico, um beijo de cinema em frente ao mar, sob a lua e as estrelas. E nos beijamos tanto que eu tive de me segurar para não tirar a roupa naquele momento, porque eu sempre segui os meus impulsos sexuais e estava sendo difícil de me controlar – a Praia de Cabeçudas à noite, mesmo no verão, é deserta depois de certa hora, mas eu não queria estragar tudo, afinal, como explicar tanta liberdade sexual se eu não havia contado quase nada ainda sobre a minha vida? Eu nunca tive vergonha por ter sido garota de programa, mas não havíamos entrado em nenhum assunto que me desse oportunidade de lhe contar – além disso, um homem que morava fora do Brasil nunca haveria de ter visto o meu rosto na TV, e essa decididamente era a última coisa que ele imaginaria de mim.

Sentamos na praia e por ali ficamos entre beijos e carícias suaves, ele passava a mão no meu cabelo e continuava a me chamar de princesa. Era tanto romance no ar que eu preferi apenas curtir aquele momento, sem nenhum assunto que não combinasse com os nossos *calientes* beijos. Quando a madrugada caiu, decidimos que era hora de ir embora, e ele me ajudou a tirar a areia

do meu vestido e dos meus pés.

Ao sentar no carro, eu via aquele rosto oriental e achava que ele era mais bonito do que quando eu o tinha visto pela primeira vez, e sua boca grande e bem desenhada me chamava a atenção. Fui lhe dando a direção da minha casa, uma vez que ele não conhecia bem a região. Foi então que lhe perguntei:

– Onde exatamente você mora?

– Em Blumenau. Eu trabalho para a Hyundai, uma empresa coreana, fui enviado pelo presidente da empresa para implementar a distribuição das peças da autorizada no país.

– Mas por que Blumenau?

– Porque fica próximo ao Porto de Itajaí, onde as taxas de importação são mais baratas e porque o custo de mão de obra qualificada na cidade é mais em conta. Você conhece Blumenau, Vanessa?

– Sim, fica a 40 minutos daqui, mas fui poucas vezes, algumas só para comprar roupa, porque lá existem muitas fábricas de confecção e por isso o preço é bom. O que você conhece por aqui, John?

– Por aqui muito pouco. Alguma coisa do Brasil já visitei, mas conheço melhor outros países. Já viajei muito a trabalho, morei na Itália, vou constantemente à Coreia e à China para estudar produtos de importação para trazer ao Brasil, e vou a passeio também, conheço vários lugares do Oriente ao Ocidente. Pelo menos uma vez por ano a família Dak se reúne e fazemos uma viagem todos juntos, meus pais, meus tios, até as primas distantes e os primos se reúnem. Escolhemos um destino em comum para reunir a família, quem sabe um dia você vá conosco.

Aquela boca beijava bem e ainda por cima dizia coisas inteligentes, interessantes e que qualquer mulher gostaria de ouvir, mesmo aquelas mais vividas, como eu.

– Qual o lugar mais lindo que você conheceu, John?

– Ilhas Fiji. Quando acordei pela manhã e olhei aquele mar, que se confundia com o céu... Eu estava no paraíso.

Estávamos nesse momento passando em frente ao Motel Libidus, que ficava do outro lado da rodovia. Eu fiz sinal para que ele entrasse à direita. Ele seguiu conforme eu dizia. Pedi que ele dirigisse devagar porque eu o levaria para outro lugar. Ele me olhou desconcertado. Eu não estava nem aí para mais nada, queria devorar aquele homem e ia ser naquela hora. Quando ele viu a entrada do motel, parou o carro:

– Você tem certeza? Não é rápido demais?

– Querido, não estou nem pensando mais...

Eu o beijei e ele correspondeu. Então eu disse:

– Vamos!

Ele não teve alternativa e entrou no motel.

Eu desci antes que ele abrisse a minha porta e fiquei rindo da sua timidez; ele parecia nervoso, desceu do carro vagarosamente. Eu o peguei pela mão, abri a porta do quarto e o coloquei para dentro. Então ele me agarrou, se transformou, quase violentamente tirou as minhas roupas e eu me joguei na cama nua enquanto ele tirava as calças. Deitada, cruzei as pernas, e assim que ele me olhou as minhas pernas se descruzaram. Sem o menor pudor, eu disse:

– Vem!

Ele foi...mas não foi. Apesar de todos aqueles beijos quentes e de todo o tesão que nós dois estávamos, as coisas nele não estavam funcionando como deveriam. Mais beijos, mais abraços, mais carícias, muito sexo oral, até que alguma coisa melhorou um pouco, talvez agora fosse possível. Então ele me penetrou. Eu gritei:

– NÃÃÃÃÃÃÃÃÃÃÃO!

– O que foi, o que foi? – ele saiu de dentro de mim assustado.

– Você não colocou o preservativo!

Ele baixou a cabeça, começou a me pedir desculpas, parecia bem chateado:

– Desculpe, Vanessa, me desculpe, de verdade, desculpe, eu não sou acostumado a preservativo, não tive muitas mulheres na minha vida e sempre namorei firme, mas sempre com a mesma pessoa, sou do tipo fiel, então nunca fui de usar preservativo e estou sozinho há bastante tempo.

A sinceridade dele me comoveu um pouco, sua pouca ereção estava explicada pelo nervosismo de estar saindo com alguém diferente, uma vez que ele era acostumado a namorar firme. Pedi-lhe que deitasse ao meu lado, eu disse que estava tudo bem, que poderíamos conversar se ele quisesse e que as coisas iriam rolar dentro da naturalidade. Eu pedi desculpas a ele por ter apressado as coisas entre nós. Perguntei sobre seus relacionamentos passados para puxar assunto.

Ele não fazia muitas perguntas sobre mim, na verdade ele gostava bastante de falar e isso estava sendo ótimo. Eu sempre gostei de ouvir, embora também goste de falar, mas eu sempre soube que ouvir as pessoas nos dá a oportunidade de conhecê-las melhor.

Eu me levantei para ir até o banheiro. Ele exclamou:

– Uau! Como seu corpo é lindo, é espetacular!

Eu havia entrado no banheiro e retornei, olhei para ele, sorri maliciosamente enquanto me apoiava no batente da porta fazendo pose de *pin-up*. Eu sabia que meu corpo não era tão espetacular assim; harmonioso, sim, não do jeito como ele exclamou. Mas essa é uma mentira que toda mulher aceita ouvir.

Quando saí do banheiro, resolvemos ir embora. Estava tarde, logo amanheceria e ele teria ainda de ir para Blumenau, acordar cedo e enfrentar uma reunião de negócios. Eu teria o dia todo para dormir e meus textos poderiam esperar. Meus hormônios estavam em baixa depois da nossa conversa de confidencialidades. Ao me deixar em casa, antes de abrir a porta do carro para mim, ele me beijou de novo longamente, depois nos abraçamos e ele me disse:

– Eu te ligo, princesa!

Eu me afastei, ele me puxou novamente para perto de si e sussurrou no meu ouvido:

– Por favor, prometa-me que não irá fazer eu me apaixonar por você.

Eu o beijei sem responder. Subi no edifício e tentava abrir a porta do apartamento com uma das duas chaves, quando vejo a porta ser aberta pelo lado de dentro:

– Onde você estava? Liguei no seu celular, você não atendeu, a Yumi me disse que você tinha saído para jantar com alguém.

– Ah, eu deixei o celular no silencioso para nada me atrapalhar. Amigaaaaaa, achei, achei,

achei ele!

– Ele quem?

– O homem com quem eu vou casar! Eu sinto isso! Aquele homem especial que eu sempre falei que um dia iria conhecer! E, amiga, ele é estrangeiro, lembra que eu dizia que os estrangeiros são melhores porque eles não têm essa cultura machista e infiel dos brasileiros?

– Está falando sério, amiga? – a Carine estava incrédula.

– Sim! Eu sinto que eu vou casar com ele e acho que ele está apaixonado por mim!

Nós duas fomos dormir e eu ainda dizia para ela que o sotaque dele era tão bonito que eu poderia ouvi-lo por horas a fio falando.

Eu já havia acordado quando chegou uma nova mensagem dele. Assim que meu celular sinalizou, corri para ler. Eu não tinha saído da cama ainda e pensava no que tínhamos conversado na noite anterior. Meus olhos estavam bem abertos:

Que meiga e dócil você é, mas você prometeu que não ia deixar eu me apaixonar por ti, minha dama. Beijo do John.

Eu não sabia direito o que responder, apenas pensava que era muito bom receber mensagem de quem nos interessa. Eu me indaguei: “E se ele desaparecesse na hora que eu contasse a ele o meu passado?”. Então digitei a primeira coisa que me apareceu na mente:

Príncipe, você algum dia vai sumir?

Fiquei com o celular na mão, esperando pela resposta. Ela não demorou a chegar. Cliquei e abri a mensagem:

Sumir? Você tem de continuar adivinhando... rsrs. Ah, como eu sou mau. Princesa, eu preciso do teu beijo hoje.

Eu sorri, meu coração estava muito alegre. Então, chegou mais uma mensagem para mim, antes que eu tivesse respondido a última:

Abra a sua caixa de e-mail.

Havíamos trocado nossos endereços eletrônicos durante o jantar e agora eu estava ansiosa para ver o que ele tinha me enviado.

Levantei da cama, fui até o computador, que ficava na sala, liguei-o e me dirigi ao banheiro. Meu computador precisava de uma limpeza com antivírus e demorava quase cinco minutos para ligar e acessar a internet. Então, pelada, mas de cabelos e dentes escovados, eu me sentei, conectei-me à internet e abri meus e-mails, e lá estava o remetente John Dak. O e-mail dizia:

Como está sendo o seu dia, minha dama?

Espero que você esteja bem. Estas são algumas fotos que estou lhe enviando, para que você se sinta mais próxima a mim, sorria, veja como seu John era quando pequeno. Estou lhe enviando também a foto da minha moto que está em SP e da casa da minha tia em Alphaville, que é onde eu fico quando vou para lá a trabalho.

A dama poderia enviar fotos suas para mim também? Gostaria de ver como minha princesa era. Mais tarde eu ligo.

Beijos do John.

No anexo havia várias fotos dele. Na primeira, ele estava de pé em frente a um chafariz, deveria ter uns cinco anos de idade e parecia ser uma criança frágil. Havia outra em que, como

estudante, estava carregando uma mochila de escola, parecia um adolescente saudável. Em outra foto, ele aparecia mais magro, mas mesmo assim estava bonito, parado ao lado de uma placa de ônibus nos Estados Unidos. Na seguinte, ele estava imperioso, com óculos escuros de corrida, sentado em uma moto Ninja vermelha, a roupa que ele vestia era daquelas próprias para corrida, também vermelha, e os cabelos estavam arrepiados, como se tivesse acabado de correr. A foto seguinte era mais atual, ele estava de calças brancas e camiseta preta justa, à vontade em casa, e sorria. Logo depois vinha a foto de uma mansão, um carro Mercedes-Benz estava parado na garagem e com ele outras três motos, incluindo a Ninja vermelha da foto anterior e uma Harley-Davidson.

Pensei: “Além de bonito, charmoso, inteligente, educado, fiel e romântico, meu príncipe também é rico. Como Deus pode estar sorrindo desse jeito para mim? Felicidade total decididamente existe!”.

Ajeitei-me na cadeira para responder ao e-mail, anexei fotos minhas também da infância, para estreitarmos nossos vínculos, e lhe escrevi:

Querido John,

Não é surpreendente podermos estar nos aproximando dessa forma? Sabe, eu gostaria que você soubesse que é muito difícil eu deixar um homem ter acesso à minha vida, se estou permitindo isso a você é porque vejo em ti alguém especial.

Um beijo,

Princesa...

Enviei o e-mail e fui até a cozinha preparar alguma coisa para comer, havia um certo brilho à minha volta, como se a vida que existisse em mim tivesse agora criado mais vida, mais cor, como se a mais bela música tocasse ao meu redor.

Eu não caminhava, eu flutuava. Então, novamente sentei na frente do computador para começar a ler os e-mails dos leitores. Abri a caixa e a primeira coisa que vejo é uma resposta de John. Pensei: “Que rápido!”. O e-mail dizia:

Princesa,

Ao menos alguém deveria ter dito pra mim... que eu encontraria uma pessoa tão especial aqui no Brasil.

Muito injusto, não?

Eu estava planejando tudo, menos encontrar alguém... Alguém que nem diz “Hello, excuse me” ao meu coração e já entra.

Foi bom ontem ter a sua companhia e é igualmente bom pensar que coisas boas poderão surgir, de maneira talvez mais inesperada. Acredito nisso. Não é bom pensar que temos muito a descobrir ainda um com o outro?

Princesa, você aceitaria jantar comigo novamente esta noite?

Um beijo do John.

Eu respondi “SIM” e borboletas surgiram à minha volta.

Depois disso o que eu fiz foi buscar o cartão de apresentação dele na minha bolsa, vi que havia um endereço de site e entrei. A empresa de exportação era americana e eu ainda pude ver seu nome no canto superior direito, junto com a posição que ocupava na empresa, sócio-diretor.

Naveguei por mais alguns segundos até ver as fotos dos navios e fechei o site.

À noite, ele passou novamente para me apanhar às 19 horas. Estava alinhado, era como se nós dois já fôssemos um casal íntimo, de muitos anos, mas que ainda não havia perdido o romantismo do relacionamento. Ele abriu a porta e eu agradei.

Ele perguntou se eu gostava de sushi, respondi-lhe que sim. Ele disse que me levaria a um lugar que já conhecia, pois havia estado lá com representantes da Hyundai uma semana antes de me conhecer. O restaurante era muito agradável e o jantar foi bom, conversamos muito. Então, algo estranho aconteceu. Ele se dirigiu a uma das garçonetes e perguntou:

– Você se lembra de mim?

– Desculpe, senhor, mas não.

Então sua expressão se fechou, ele não havia gostado do que ouvira. Pegou um cartão de apresentação da Kezabco de sua carteira e o entregou à garçoneite:

– Não se esqueça mais de mim, certo?

Ela sorriu e, assim que saiu, ele olhou para mim e me disse:

– Nunca mais venho aqui.

Eu achei aquilo um exagero, afinal, estávamos em Balneário Camboriú, uma cidade bem informal, por ser praiana, e aquele restaurante japonês, apesar de ser o melhor da cidade, ou pelo menos o mais caro, não era nenhum 5 estrelas para que os atendentes ficassem tão preocupados em se lembrar de todos os clientes e tratar a todos como sendo VIPs. Mas pensei que por ele ser um homem fino e viajado, talvez estivesse acostumado a outro tratamento.

Saímos do restaurante e assim que entrei no carro ele me disse:

– Hoje eu vou te levar a um lugar.

Eu disse “ok” e fiquei pensando onde seria. Ele ligou o carro e começou a dirigir rápido, não falou mais nada e eu também não disse palavra. Quando eu vejo, ele está se dirigindo ao Motel Libidus. Parou na frente e me olhou. Eu perguntei:

– Você tem certeza? Não estamos indo rápido demais? – ri maliciosamente.

Ele acelerou e ao parar na portaria fez o pedido:

– Quarto 230, por favor.

– Esse é o mesmo em que ficamos ontem, não?

– Exato! Desta vez vamos começar as coisas direito.

Ele foi o primeiro a descer, correu para abrir a minha porta e eu, que já estava apoiando o pé no chão, fui puxada por sua pequena e forte mão e arrastada para dentro do quarto, onde minha roupa quase foi rasgada para logo em seguida eu ser atirada na cama. Eu ria muito, porque estava achando tudo engraçado. Pensei na dificuldade com que tudo poderia novamente se apresentar para ele, até que, nu, ele se jogou sobre mim, me puxando mais ainda para perto de si e me beijando apaixonadamente. Senti que nada seria como a noite passada. Correspondi a cada beijo e a cada lambida dele, então, ele parou de me beijar, olhou firmemente em meus olhos e me perguntou:

– Você é minha princesa?

– Me devora, vai, me devora...

Por quatro horas seguidas eu passei de princesa a mulher mais desejada do mundo, para

depois ser novamente princesa e então ser novamente desejada intensamente. E outra vez e outra vez.

Dormimos abraçados, eu virei de lado e ele colou seu corpo ao meu, segurando minha mão na sua. Dormi exausta, feliz e tendo certeza de que ele estava apaixonado por mim.

Quando acordamos, não sabíamos se era dia ou noite. As janelas do motel eram bem vedadas contra a claridade. Mesmo assim, dei-lhe bom dia. Então, ele me puxou para perto de si e me beijou novamente. Por fim, sou desejada pela última vez naquelas 12 horas. Quando terminou, ele me disse:

– Você quer namorar comigo, Vanessa?

Fiquei sem ação por uns três segundos, então a mente rápida respondeu:

– O que você acha?

– Eu acho que você deveria dizer “sim”, sua sortuda!

E eu disse “sim”.

E assim começamos a namorar. Ele vinha me buscar praticamente todos os dias em casa e saíamos para jantar juntos. Era um pouco puxado ele ter de vir de Blumenau até a minha cidade, cerca de 30 minutos dirigindo, mas ele mostrava muito boa disposição para isso. O sexo estava sendo ótimo, a sua companhia era maravilhosa, ele era muito inteligente, talvez o homem mais inteligente que eu havia conhecido até então, e tinha um grande conhecimento geral sobre lugares, personalidades do mundo, história e cultura. Enquanto falava eloquentemente, eu o ouvia. Era muito bom poder aprender com ele, porque junto com a informação vinham as lições de vida. Ele dizia:

– Todo mundo é filho de alguém, por isso precisamos respeitar as pessoas, e é importante fazermos o nosso melhor neste mundo.

Eu achava bonito da parte dele dizer aquilo, parecia-me que ele tinha consciência de que o “outro” existe, era um diferencial entre ele e a maioria dos homens, John não era alguém egoísta.

Eu não havia ainda encontrado um momento propício para lhe falar sobre o meu passado e por vezes me perguntava quando e de que forma faria isso. Minha grande preocupação era se um homem religioso e sério como ele entenderia e aceitaria.

Apresentei-o à minha filha e à minha melhor amiga e saímos os quatro para jantar. A Yumi quis ir a uma pizzeria.

Ambas, Yumi e Carine, o adoraram. Ele levou a máquina fotográfica e fez muitas fotos de todas nós, éramos as modelos dele e ele nosso fotógrafo.

Quando ele nos deixou em casa, minha melhor amiga disse:

– Que sorte, amiga! Além de tudo ele é bonito! E como está apaixonado, não? É com ele mesmo que você vai se casar!

– Deus te ouça, amiga, Deus te ouça. Só tenho um receio: já se passaram 15 dias e eu ainda não contei a ele sobre mim.

– Fica tranquila, se ele gostar de verdade de você ele vai entender, só não demora muito mais para contar.

Passamos a nos mandar e-mail todos os dias. O John era muito romântico, porque mesmo me

vendo à noite, enviava pela manhã pelo menos um e-mail para me desejar bom dia e dizer que, apesar de termos dormido juntos, ele já estava com saudades. Quando estávamos perto de completar 20 dias de namoro, recebi um e-mail seu, que ele enviara de seu BlackBerry logo ao me deixar em casa:

Minha dama, você já ouviu falar em almas gêmeas? Eu encontrei a minha. Ouça essa música, ela é tão nós dois nesse momento, eu a dançaria com você. Soul mate, you know... Have a wonderful day, my lady!

Eu ouvi a música, era jazz, de John Pizzarelli, seu cantor preferido, uma música chamada “Coquette”, que animava qualquer pessoa, ainda mais vinda de um amor.

À noite ele me apanhou, fomos direto ao motel e decidimos que jantaríamos depois, se conseguíssemos levantar da cama. Ele pediu novamente a suíte 230 e me disse:

– Esse agora é o nosso segundo lar.

Quando entrou, em vez de estacionar na garagem, parou no meio do pátio do motel, então ligou o som em volume máximo, na música “Coquette”, saiu do carro rapidamente, abriu a minha porta e, sorrindo, me tirou para dançar. Eu fiquei encantada, dançávamos como se o mundo não existisse à nossa volta, éramos somente nós dois, ao som da música que mais traduzia a magia do que estávamos vivendo, estávamos apaixonados e embalados no amor, enquanto os outros carros entravam no motel e assistiam à cena da dança do acasalamento no lugar mais inusitado que eles poderiam imaginar. Um carro entrou, era um casal, eu nem os teria percebido se a mulher que sentava ao lado do motorista não tivesse saído com meio corpo para fora da janela e aplaudido, dizendo:

– Isso aí! Isso que é o amor, ensina meu marido aqui!

Ele olhou para mim e me disse:

– Vanessa, eu caí em você.

Nós rimos e continuamos dançando. Um pouco antes de a música terminar, um funcionário do motel se aproximou:

– Por gentileza, vocês poderiam entrar na sua suíte?

Então John se desculpou, disse que não queria ter incomodado ou causado qualquer transtorno, retirou 50 reais da carteira e entregou ao funcionário, dizendo que era um presente seu, para que ele pedisse algo para comer naquela noite. O funcionário do motel ficou surpreso, disse que não precisava, então ele insistiu e o funcionário aceitou, mostrando que, apesar de se sentir um pouco tímido, estava satisfeito com a gorjeta. Eu admirei John pela sua generosidade.

Assim que entramos no quarto, o funcionário nos interfonou. Eu atendi.

– Senhora, saiba que para qualquer coisa que precisarem eu estou aqui.

– Ah, obrigada!

Jantamos no motel, fizemos amor quase até amanhecer e dormimos como de costume, unidos em corpo, alma e coração.

O namoro seguia perfeito naqueles dias. Ele me dizia que eu era a sua modelo preferida, que nunca havia namorado mulher mais linda. Gostava de fazer muitas fotos minhas e aonde íamos ele registrava os momentos. Em quase todo restaurante éramos eu, ele e a máquina fotográfica junto conosco. Ele pedia para que eu colocasse os cotovelos na mesa, segurando meu rosto com

as mãos, e abriu um lindo sorriso para ele.

Também estávamos passeando bastante pelos parques verdes das cidades próximas, e esse era um programa geralmente para domingo, algo *light*, familiar e inocente. Fomos em dois domingos seguidos a três parques diferentes. Experimentar aquele tipo de passeio era ótimo. Enquanto caminhávamos de mãos dadas, ele dava a entender possíveis planos juntos para o futuro. Ele me perguntava:

– Você já parou para pensar que um dia você poderá se tornar a Senhora Dak? Será que você gostaria?

– Se nós formos almas gêmeas, por que não casarmos algum dia?

E ele me abraçou e me beijou no meio do parque, em frente a uma dezena de famílias que assistiam à cena do casal apaixonado. Ele disse em meu ouvido: “Amor, devemos estar causando inveja em muita gente aqui”.

Eu nem pensava sobre isso, porque estando com ele o resto do mundo à minha volta se tornava pouco visível.

– Vamos.

De mãos dadas comigo no parque, perto do lago, ele para e me pergunta:

– Você teria coragem de casar hoje comigo? Sair daqui e ir para o cartório?

– Sendo essa a minha vontade, eu faria, John, eu tenho coragem para fazer muitas coisas. E não devo explicações na vida a absolutamente ninguém.

– Eu casaria com você hoje, Vanessa! O único detalhe seria a minha família, somos todos muito tradicionais, temos valores familiares fortes, meus pais só aceitariam um casamento dentro da igreja, dentro dos conformes, com noivado, alianças e Deus abençoando.

Eu achei a família dele linda. Depois fomos embora. Naquela noite eu resolvi dormir em casa, e quando ele me deixou no meu apartamento disse que sentiria muita saudade de mim. Nos beijamos e nos abraçamos muito.

Eu tinha comprado havia alguns meses um pacote em um cruzeiro para mim e para a minha filha. A Carine decidiu que também gostaria de ir e logo em seguida aderiu também ao pacote. A viagem seria dentro de uma semana, eu já havia avisado ao John da aquisição de meses atrás, o cruzeiro iria para a Bahia – eu o convidara para ir junto, mas ele precisava fazer a implementação do novo sistema da Hyundai no Brasil, não poderia ir. Mesmo assim, disse que entendia e que me esperaria.

Ele me convidou para ir a seu apartamento em Blumenau naquele dia, pela primeira vez; no dia seguinte eu estaria no cruzeiro. Eu decidi, no meio do caminho, que seria melhor ir de carro sozinha, pensava sobre o fato de ele ter de trabalhar todos os dias e também dirigir até a minha cidade para me ver, porque praticamente todos os dias dormíamos juntos no motel em Balneário Camboriú.

Quando cheguei, ele me esperava na calçada. Ajudou-me a estacionar o carro em sua garagem, uma vez que havia posto seu carro para fora, e me pediu desculpas por não ter uma garagem já minha estabelecida no prédio, pois o apartamento era alugado pela empresa e, como ele era solteiro, não haviam se preocupado com uma segunda vaga. Sempre que me via dizia que eu estava linda, que era perfeita e feita na medida para ele:

– Vanessa, você é o meu tipo.

Subimos, e quando entrei percebi que o apartamento era simples demais para quem era sócio-diretor de uma empresa nos Estados Unidos e tinha um cargo importante na Hyundai no Brasil. Ele me dissera que estavam providenciando outro apartamento para ele, pois aquele havia sido conseguido às pressas, uma vez que ele chegara havia pouco tempo. Mas eu não me importava com aquilo, porque estava com ele pelos meus sentimentos. Eu não sabia ao certo o nome do sentimento, mas sabia que algo diferente acontecia dentro de mim.

Vi uma panela fumegante no fogão, então ele disse para me sentar que naquela noite ele cozinaria para mim o melhor *carbonara* e o melhor macarrão *ao pesto* da minha vida, pois ele havia morado na Itália logo que saíra de casa e sabia fazer como ninguém um macarrão.

Nunca um homem havia cozinhado para mim, aquilo era fantástico. Tentei ajudá-lo e intervir na cozinha, pelo menos para lavar a louça que ele começara a sujar, mas ele delicadamente me sentou no sofá e me estendeu uma taça de vinho, dizendo: “Você é uma princesa e nesta noite será servida”. Quem não sentaria e não ficaria olhando cozinhar aquele que parecia ser o homem da sua vida?

Enquanto ele fazia o macarrão e me servia mais vinho tinto, me contava sobre a história da Itália, dizendo como era a cultura dos italianos e me ensinando sobre a gastronomia daquele país. Cada frase sua era uma dose a mais de paixão em mim, era como se toda aquela inteligência fosse um afrodisíaco. Por fim ele me disse, enquanto me servia o *carbonara*:

– Eu refleti muito antes de trazer você até a minha casa, pensei que já fazia muito tempo que eu não cozinava para alguém, mas finalmente conheci uma mulher especial. E agora você está aqui.

Nós nos beijamos e milagrosamente comemos antes de fazer amor. Ele me jogou para o lado, me deitou, levantou meu vestido, jogou-se sobre mim e começou a me beijar. Parei o beijo e lhe perguntei:

– Como você consegue ter tanta disposição depois desse macarrão todo e do vinho?

– Responda, que homem neste mundo não teria, estando com uma mulher como você a seu lado?

Então me entreguei a ele.

Quando era dia e eu ainda rolava sob os lençóis, vi-o colocando uma calça e uma camisa social:

– John, aonde você vai?

– Até a empresa, já volto.

– Mas hoje é sábado.

– Se precisar, na Hyundai trabalhamos até domingo.

– Preciso ir, John, meu navio parte às 14 horas, ainda preciso fazer a minha mala.

– Espere-me aqui, Vanessa, eu trago um café para você, vou até o escritório, resolvo algumas coisas rapidinho e estarei aqui com você até as 10 horas da manhã, certo?

Eu fiz que sim com a cabeça. Antes de sair, ele me disse:

– Se o telefone tocar, é importante que você não atenda, princesa, ok? Ainda não te apresentei aos meus pais, eles são muito tradicionais, evangélicos, e não entenderiam você aqui comigo

antes de nos casarmos.

– Tudo bem. Quando vou conhecê-los?

– Espero que em breve.

Ele me beijou, saiu e eu voltei a dormir.

Acordei novamente depois de um bom sono, ouvia uma conversa na sala, em outra língua, bastante estranha aos meus ouvidos. Mas somente ele falava; enrolei-me no lençol e me levantei, ele estava ao telefone e quando me viu jogou-me um beijo no ar. Era bonito vê-lo falar diferente, parecia mais inteligente do que eu já o via. Passaram-se mais uns cinco minutos de conversa e ele desligou.

– John, será que um dia iremos enjoar do cheiro um do outro?

– Eu jamais, e você?

– Não creio nisso. John, em que língua você conversava?

– Em coreano. Meus pais ligam todos os dias, para saber como estou, especialmente minha mãe. Eu trouxe pãozinho e café para você. Aceita?

Então ele me serviu, e eu pensei ser uma mulher de muita, muita, muita sorte, porque além de tudo ele também era um homem de família.

Quando cheguei em casa, minha filha e minha melhor amiga estavam aflitas, empolgadas, felizes e ansiosas. Elas haviam feito as malas sozinhas, coloquei-as no carro, tomei um banho rápido e, ao descermos para ir até o porto e embarcar no cruzeiro, meu celular sinaliza uma mensagem. Nas escadas, depois de trancar o apartamento, eu li:

Vou sentir muitas saudades suas, vou estar te esperando e saiba que longe de você meus dias serão todos tristes, mas quero que você se divirta, minha princesa. Beijos com amor. Teu e só teu John.

Meu coração apertou. Eu segurava o celular na mão imobilizada e um peso na consciência começou. Eu estava indo para um cruzeiro de uma semana, iria me divertir, dançar, iria para a piscina, passear em outro estado, conhecer muita gente, e aquele que havia enviado a mensagem e que seria meu futuro marido não estaria junto, estaria triste, esperando todos os dias pelo meu retorno, e possivelmente bastante angustiado, porque imaginaria um lugar onde eu poderia conhecer alguém e me apaixonar. Será que ele ficaria magoado comigo por causa dessa viagem?

As meninas me chamaram, saí do meu estado de torpor e fui até o carro. Minha filha me perguntou:

– Mãe, o que foi?

– Nada, filha.

Liguei o carro e saí. Fomos até o porto e embarcamos. Nós nos instalamos em um quarto e demos uma volta pelo navio. Era lindo. Todo decorado, havia duas piscinas grandes e centrais, outras menores nas laterais com jatos de hidromassagem. Havia um cassino que funcionava à noite, uma boate 24 horas e revezamento de bandas que tocariam no bar principal o dia inteiro. Havia uma sala de ginástica e até um minirrapel podia ser feito. A diversão era garantida. Minha filha e minha amiga estavam na maior empolgação. Mas ainda havia comigo aquele leve mal-estar, que eu não conseguia traduzir.

À noite fomos ao jantar do comandante. As meninas haviam colocado na mala três vestidos de

festa, traje sugerido pela tripulação, e quando terminei de me arrumar recebi outra mensagem em meu celular:

Desculpe por não poder te acompanhar, me sinto mal em deixar a princesa sozinha, eu não deveria ter feito isso, mas meu trabalho neste momento me impossibilita de te acompanhar.

Eu respondi:

Príncipe, eu é que peço desculpas, deveria ter ficado, assim estaríamos juntos, isso é o mais importante. Teremos outras oportunidades, agora estou aqui, mas saiba que já sinto muita saudade de você.

Estava acostumada à sua voz e a todas aquelas coisas lindas que ele me dizia todos os dias. É estranho não ter, por um dia sequer, perto de si, um amor como aquele que eu recebia. Ele ainda não havia me dito que me amava, mas eu sentia que em breve ele o faria.

Jantamos, as meninas riam, queriam depois trocar de roupa e ir para a boate dançar. Fomos até nosso quarto novamente. Elas estavam animadíssimas, eu não estava no mesmo ritmo. Disse a elas que fossem se divertir sem mim, porque eu estava levemente indisposta e um pouco cansada, iria ficar no quarto.

Eu puxei o notebook para perto de mim, abri a tela e decidi escrever algum texto para me distrair, quem sabe postar no blog alguma poesia, algo referente ao amor era o que eu gostaria de escrever. Decidi que seria bom ouvir um pouco de música naquele momento. Liguei o som do notebook e a primeira música que eu ouvi foi “Coquette”.

John Pizzarelli dizia, cantando em inglês, que:

Um dia você vai se apaixonar

Como eu me apaixonei por você

E talvez aquele que você ama esteja fazendo você de boba

Por que você continua brincando

Fazendo de bobos aqueles que te amam?

Corações verdadeiros sonham ternamente com você

Meus ouvidos surdos traduziam a letra como: “Meu John está me dizendo que está apaixonado por mim, mas com medo de estar sendo iludido. Seu coração é verdadeiro e ele pensa em mim com ternura”.

Nesse momento, a minha crise de consciência aguçou mais. Eu ouvia a letra e uma tristeza se apoderava de mim. Eu havia encontrado alguém com coração puro e eu não machucaria esse alguém. Ele era tão especial que chegou ao ponto de me tirar para dançar nos lugares mais inusitados, sem ter medo de passar por ridículo, porque para esse alguém especial a felicidade que eu pudesse estar sentindo ia muito além da opinião pública.

Outra música já havia começado, mas retornei a ela, assim pude ouvi-la um pouco mais. Fiquei refletindo sobre o que eu precisava contar a ele sobre meu passado, porque sendo ele especial como era, provaria ser mais ainda, caso entendesse o que se passara comigo e não me julgasse. Sendo ele humano, generoso, inteligente e sensível, ele não deixaria que isso fosse um impedimento para que ficássemos juntos, porque meu passado não pertence a mim, não pertence à nossa história, aquilo que construímos juntos no dia a dia é que nos pertence.

John Pizzarelli estava em meus ouvidos, meu John estava em meus ouvidos. Eu iria contar

para ele assim que o visse, essa era a minha decisão. Não consegui escrever nada, apenas pensava sobre como fazer para não machucá-lo, para que ele não chegasse à conclusão de que amou alguém que o estava enganando ou iludindo. O fato de minha história de vida ser pública, uma vez que publiquei livros e concedi muitas entrevistas, era algo que precisava ser explicado a ele.

Ensaiei como dizer que eu na verdade era uma escritora e não uma vendedora de livros, pensei na maneira mais adequada, não encontrei muitas formas, mas cheguei à conclusão de que bastaria ser sincera, abrir meu coração e o resto seria com ele.

Vi as horas passarem dentro do quarto, o sono não vinha, a música que eu já desligara não saía dos meus ouvidos e eu me virava de um lado a outro na cama, tentando encontrar uma posição que apaziguasse o meu coração aflito. Poderia ele me abandonar ou abandonar a nossa história por causa do meu passado e sumir para todo o sempre de vergonha de mim, ou de medo, quem sabe? Eu não tinha vergonha de mim, nem minha amiga, nem minha filha, nem minha mãe (acho até que ela tem orgulho). Mas me perguntei se seria assim com ele. E as horas foram passando, até que peguei no sono.

Não vi em que momento as meninas chegaram, mas vi quando elas acordaram. Eu já havia saído do quarto para tomar café da manhã e voltado. Elas chegaram bem tarde, pelo visto, e ainda dormiriam por bastante tempo. Comecei a separar algumas coisas minhas. Iria resolver tudo naquele dia, não conseguiria ficar dentro de um cruzeiro por mais seis dias estando em verdadeira aflição quanto à possibilidade de perder o homem da minha vida. Também não queria que de alguma forma ele se sentisse magoado e viesse a se entristecer porque no início da nossa história eu o deixei sozinho e fui me divertir. Eu faria isso com qualquer homem, mas nunca com o homem da minha vida.

Minha filha acordou com a minha movimentação:

– Mãããe, que irado! Você não vai acreditar como foi divertido ontem! Depois da danceteria todo mundo caiu na piscina, tinha até uma máquina de sorvete onde você podia se servir até não querer mais. Tô amando isso aqui!

– A mãe fica tão feliz de ver você feliz, filha!

Com a conversa, a Carine acordou e reparou que eu estava fazendo uma mala menor:

– Você vai a algum lugar?

– Sim, vou descer do navio.

Minha filha ficou estática, me olhando, depois abriu a boca para um sonoro e curto:

– Não acredito!

– Vanessa, você enlouqueceu?

– Não, amiga.

– Você está certa disso? O que deu em você? E outra, estamos em um navio, em águas do Atlântico. Como assim, você vai descer?

– Vamos atracar na cidade de Santos antes de seguir viagem, já me informei com a tripulação. Eu desço do navio, pego um táxi até o aeroporto de São Paulo, pego um voo para a cidade de Navegantes e de lá sigo. Pretendo chegar em Blumenau.

– E por que você vai descer?

– Por amor, Carine, por amor...

Depois de uma certa resistência das meninas, não consegui fazê-las entender meus motivos, mas pelo menos aceitá-los. Elas falaram de quanto eu gastara no pacote, e eu respondi que “amor é muito mais importante do que dinheiro”. Elas me olhavam surpresas.

Minha filha falou que íamos nos divertir muito. Eu disse que não conseguiria me divertir naquelas circunstâncias, mas que muitos cruzeiros ainda faríamos e quem sabe até ele viria junto. Yumi gostou da ideia, pois o achava fenomenal como namorado até então. Como ele era americano e a Yumi estudava inglês, eles conversavam em inglês. Quando o telefone tocava na minha casa e ela via no identificador que era ele, logo atendia dizendo: “Hello, Mr. John, how are you?”.

E foi assim que eu desci do navio em Santos, com elas torcendo para que tudo desse certo. Fui com minha mala até um telefone público e liguei para ele. Chamou e ninguém atendeu. Liguei novamente. Nada. Pensei que ele poderia estar no banho. Um táxi passou por mim, eu o abordei e pedi que colocasse minha bagagem no porta-malas e me levasse até uma *lan house*.

Quando cheguei à *lan house* enviei uma mensagem para ele:

Querido John,

Desci do cruzeiro, estou na cidade de Santos. Não me esqueço de você um minuto e a música de Pizzarelli não sai dos meus ouvidos. O que você fez comigo? Não consigo mais seguir adiante. Onde você está? Meu celular aqui não está funcionando muito bem. Estou indo para São Paulo, pego o avião ainda hoje para Navegantes. Chego às 18 horas. Você me buscaria no aeroporto?

Eu gosto de você mais do que eu imaginava... Mais do que eu pretendia...

Tua Princesa...

Enviei a mensagem e fui para São Paulo de táxi, pois só assim conseguiria pegar o voo a tempo. Meu celular não tinha sinal algum, mas assim que eu chegasse ao aeroporto e comprasse a passagem, entraria na internet, no piso superior, e veria se havia alguma mensagem dele.

O taxista se aproveitou da minha situação de pressa e me cobrou quase o preço da passagem de avião antecipada de São Paulo até Santa Catarina, pelo trecho Santos até o aeroporto de Congonhas, em São Paulo. Tirei o dinheiro da carteira e lhe dei, com certa pressa, já que não havia tempo para ficar negociando valores quando eu precisava encontrar o homem da minha vida.

Liguei novamente do telefone público do aeroporto, ele não atendeu. Comprei a passagem, sem dor nenhuma quanto ao dinheiro investido, tanto quanto nada me doera descer do navio sem direito a reembolso, e me dirigi à *lan house*. O “efeito do amor sobre as pessoas é realmente fantástico”, era o que eu pensava, uma vez que sempre fui uma boa administradora das minhas economias e adoradora do dinheiro. E ali estava eu, não medindo esforços nem tampouco contando moedas por amor.

Entrei na internet e acessei meus e-mails, havia uma resposta dele:

Você sempre foi minha princesa assim e só agora que te encontrei?... É isso? Não dormi bem à noite, teu cheiro e as lembranças deixadas aqui me fizeram algo. Estou em uma reunião de negócios, por isso não atendi o celular, mas estarei livre dela até as 18 horas...

rsrsrs. Preciso te ver.

Beijos, teu John.

Meu coração estava mais em paz assim que terminei de ler o e-mail. Eu pensava sobre o fato de ter descido do navio, que com esse esforço de minha parte ele teria certeza sobre meus sentimentos; ninguém desce de um navio a troco de nada, assim ele não teria dúvidas sobre as minhas intenções e veria que ele era importante para mim. Eu contaria sobre os livros, sobre meu passado e estaria nas mãos dele decidir se iríamos seguir juntos nessa vida ou não. Da minha parte, eu estava fazendo o melhor que podia.

Quando o avião pousou e eu saí do desembarque, lá estava ele. Abriu um sorriso tão grande e seus braços se estenderam tão abertos que eu me encaixei nele. Nos abraçamos e assim ficamos no que parecia a cena de um lindo filme de amor.

Enquanto ele dirigia da cidade de Navegantes até Blumenau, fomos de mãos dadas um com o outro no carro. Ele disse que era bom dirigir assim, sentindo o meu calor. Então, no meio da estrada repentinamente ele parou. Pegou a câmera fotográfica e fez uma foto de nossas mãos entrelaçadas. Depois me mostrou a foto no visor da câmera, dizendo:

– Espero que fiquemos assim para sempre, unidos!

Eu olhava a foto, era linda, duas mãos cujos dedos estavam fortemente ligados uns aos outros. Assim eu imaginava que tinha de ser um casal – fortemente unido, como aqueles dedos na foto.

Estávamos no caminho ainda quando lhe perguntei:

– Preciso te contar algo, vamos conversar quando chegarmos ao apartamento?

– Sim, claro.

A mão dele ainda segurava a minha fortemente.

Quando chegamos ele me falou:

– Não é bom você estar em casa?

Eu me senti em casa. Na verdade, já me sentira dessa forma antes, assim como também ficava à vontade quando ele estava por perto. Meu único desconforto em relação a ele era mesmo o fato de ainda estar mantendo o segredo não só do meu passado, mas de eu ser, de certa forma, uma pessoa pública. Incrivelmente, nesses dias todos nenhum leitor havia se aproximado e me pedido um autógrafo em algum livro ou vindo conversar comigo sobre o assunto. Parecia que, pelo fato de estar acompanhada, as pessoas não gostariam de invadir nesse momento. Eu sentei no sofá e pedi que ele fizesse o mesmo. Então, comecei a falar:

– Olha, tenho algo para te contar e espero que você, se não aceitar, pelo menos não pense que foi maldade minha ter escondido isso, mas é que não te contei ainda porque não tivemos um momento específico para isso, senão eu teria te contado antes. E também, quando estávamos tendo nossos momentos, eu não conseguia encontrar uma maneira de começar a te falar, além do que, estamos sempre nos beijando, abraçando e eu curto muito tudo isso, não queria estragar esses momentos. Enfim, tudo ficou sendo protelado até agora, mas acho que se estamos juntos há vinte e poucos dias...

Ele me interrompeu:

– Estamos juntos há 23 dias, 14 horas e – olhando no relógio – 37 minutos.

“Nossa”. Mas continuei falando:

– Então é o momento de conversarmos mais a sério sobre isso que tenho para te falar. Se você não quiser ficar comigo, eu vou aceitar, vou entender, embora eu fique muito triste. E se você também quiser me contar algo que ainda não me contou, esta é uma oportunidade.

Ele estava sério, seus pequenos olhos orientais me fitavam, ele me pediu que continuasse.

– John, eu trabalhei como garota de programa no passado, tive essa profissão por cinco anos. Em 2006, eu publiquei meu primeiro livro, *O Diário de Marise*, e depois disso me tornei escritora. Hoje, trabalho com livros, palestras, consultoria pessoal e escrevo para a *Playboy* também, na sessão de dúvidas dos leitores.

Ele estava em silêncio. Mudo. Me olhando. A ficha deveria estar caindo ainda. Ele suspirou fundo e então me disse:

– Eu já sabia.

Agora eu estava em silêncio. Muda. Olhando para ele. A minha ficha estava entalada:

– Como assim, já sabia? – eu estava muito perplexa.

– Quando fui te adicionar no MSN, li seu perfil, lá havia seu site, www.vanessadeoliveira.net, então acessei e vi que você era escritora e que já tinha trabalhado como garota de programa.

– E por que não me contou que sabia?

– Achei que você tinha de me falar primeiro, preferi esperar.

Eu nem sabia o que dizer:

– John, me desculpe por ter deixado passar tantos dias.

Ele suspirou longamente, havia certa decepção em sua expressão, mas se ele sabia e não havia demonstrado nada, por que parecia desapontado agora?

Perguntei-lhe se estava bem:

– Sim, estou, Vanessa. O que tenho para lhe falar é que quando eu soube fiquei chocado, sim. Conhecendo você pessoalmente não consigo associá-la com aquela profissão, pensei sobre o fato de eu ser um cara pacato, ser filho de alguém, pensei sobre não decepcionar a minha família, entenda, você é uma ótima pessoa, mas minha família, além de ser evangélica, também é muito tradicional, não aceitaria. Refleti sobre tudo isso e até pensei em não te ver mais...

Uma tristeza se apoderava de mim enquanto ele falava.

– ...Pensei em lhe escrever uma carta, porque eu não teria coragem de chegar perto de você e terminar isso que começamos, que está lindo e me parece ser muito verdadeiro de ambas as partes. Na verdade, comecei a carta, mas não terminei. Quando estava na metade, eu sabia que não teria coragem de lhe enviar por e-mail ou deixá-la na caixa de correio no seu edifício, então a deletei dos meus arquivos. E pensei bastante durante o dia que descobri sobre seu passado e nos demais dias que vieram depois, pesei todos os contras e todos os prós, era a “pessoa da Vanessa que me faz feliz” x “o que os outros irão pensar”, basicamente isso. E depois de muito pensar, resolvi nos dar uma chance, para ver o que acontece. Não posso garantir que estarei sempre confortável em relação a isso, pode ser até que no futuro isso gere um conflito em mim, mas nesse momento estou querendo tentar.

Uma alegria se apoderou de mim. Ele se aproximou e me disse:

– Você é a minha princesa, só minha, e eu sou teu, só teu. Você sente isso? É por isso que estamos juntos.

Eu estava emocionada, meus olhos se encheram de água. Ele me abraçou, forte como os dedos da sua mão haviam abraçado meus dedos dentro do carro. Nos beijamos, mais do que apaixonadamente, nos beijamos amorosamente. Vagarosamente ele foi tirando a minha roupa, vagarosamente fui tirando a dele. Ele já estava excitado. Entreguei-me a ele como me entregaria todas as vezes que ele me quisesse, porque o desejo dele faria com que eu também o quisesse. E fizemos amor ali mesmo, no sofá da sala. Não havia preservativo por perto, mas eu não estava preocupada, ele era um homem de poucas mulheres e até aquele dia eu não havia tirado o preservativo com absolutamente ninguém – aliás, a minha filha é o resultado de uma camisinha que furou. Era bom senti-lo daquela forma, parecíamos mais íntimos, mais conectados do que já nos sentíamos. Depois fomos para o quarto, e não havia cama, mas um colchão no chão, conforme os costumes orientais. Era ali que muitas vezes ainda nos amaríamos e dormiríamos de mãos dadas.

Aquele era o nosso final de tarde e início de noite adentro de amor. Não parávamos e quando parávamos ficávamos conversando sobre nós, sobre como seria no futuro, os dois velhinhos, e dizendo que desejávamos que todas as pessoas encontrassem alguém assim como nós nos encontramos. Depois que conversamos, voltamos a tudo novamente, rolando no colchão. E no final de tudo ele me disse:

– Vanessa, pode ser um pouco cedo para eu dizer isso, mas é o que eu sinto, por isso vou falar. Vanessa, eu te amo!

Meu coração disparou, então eu lhe disse:

– E eu amo você também.

E nos beijamos.

E a vida continuou linda e linda e linda, florida, perfumada e colorida nos dias seguintes. Os e-mails se tornaram mais apaixonados de ambas as partes e ele passou a numerá-los no item assunto como bilhete 1, bilhete 2, bilhete 3 e assim sucessivamente. Em dois meses já tínhamos 86 bilhetes armazenados na caixa de mensagens. Fizemos uma pasta no e-mail de cada um para guardar todas as recordações.

Um dia, em sua casa, John abriu o e-mail na minha frente e me disse:

– Veja, você é a única mulher a me mandar mensagens.

Eu olhei para a tela e, além de propagandas e *spams*, havia somente eu nos remetentes. Era algo delicioso saber que tinha a meu lado um homem cuja única mulher importante no mundo era aquela com quem ele estava e eu era a escolhida!

Praticamente todos os dias eu agradecia a Deus pela grande sorte que eu tivera. Quando lhe contei isso, ele olhou para mim e disse: “Não, Princesa, sortudo sou eu de te encontrar”.

Eu continuava recebendo e-mails apaixonados, e um dia encontrei em minha caixa de entrada:

Minha Dama,

Hoje fui tomar um café expresso e vi seu rosto na fumacinha que saía da xícara. E ainda sinto em mim o cheiro do seu corpo.

Eu te amo, Princesa.

Eu mostrava os e-mails para a Carine, ela e a minha filha estavam muito felizes por mim, porque eu havia encontrado o homem da minha vida; mais ainda, eu dizia ter encontrado o

“Amor da Minha Vidaaaaaaaaaa”, exatamente assim eu dizia quando falava dele.

Eu, minha filha e Carine sempre o tínhamos em nosso planos. Quando íamos combinar de cozinhar algo para os quatro, nossa preocupação era se ele iria gostar do prato principal e da sobremesa.

A Yumi passou a vê-lo como referência masculina, não só porque o pai dela deixara de ser presente em nossas vidas há muitos anos, mas porque ele representava para ela tudo aquilo que um homem tem de ser para uma mulher, principalmente em matéria de respeito. Ela via que ele abria a porta do carro e estava sempre dando preferência para as mulheres passarem primeiro. Um dia ela me disse:

– Mãe, não aceito em minha vida nenhum homem que seja menos que o John.

E minhas amigas todas também estavam maravilhadas com ele, com sua educação e boa disposição em atender minhas vontades. Eu andava tão feliz que quando alguém encostava em mim para desabafar sobre alguma sacanagem de infidelidade e falta de respeito de algum homem cretino eu confortava a pessoa:

– Amiga, confia, existem homens fiéis, olha, persista que o amor ainda chegará em sua vida e você não vai mais sofrer. Se eu encontrei um homem maravilhoso, então você também pode encontrar!

Até a Toalá, uma leitora de meus livros com quem eu conversava constantemente por MSN e que se tornara uma grande amiga depois que nos conhecemos pessoalmente, estava torcendo para que tudo desse certo. Um dia ela me disse:

– Vanessa, você merece!

– Amiga, nós merecemos!

– Com certeza! Você tem foto dele aí?

Então mandei para ela, por e-mail, algumas fotos que ele havia me enviado, e entre elas aquela em que ele estava pilotando a moto vermelha. Ela me retornou dizendo:

Van, ele é muito charmoso, mas tenho que te falar, na maioria das fotos é ele, mas aquela foto da moto vermelha não é ele, veja as orelhas como são pequenas, e aquele cabelo arrepiado?

Li assim que chegou a resposta, e o comentário dela me deixou levemente incomodada. Eu fiquei intrigada, então abri novamente o arquivo da foto e ampliei a imagem, para ver melhor. Toalá estava enganada, aquela era a boca do meu amor, lindamente desenhada, com o lábio superior bem saliente, algo que se parecia com duas pirâmides colocadas lado a lado. Aquela boca é muito rara, eu nunca havia visto uma com aquele formato. Realmente a orelha era menor, mas poderia ser o ângulo da foto. E o cabelo, ora bolas? Bem, estava daquele jeito porque ele tinha acabado de correr de moto. Os óculos eram bem grandes, mas sim, era ele, a boca já dizia tudo, e havia o nariz também.

Mandei a resposta para Toalá:

Amiga, é sim, tenho certeza!

Continuávamos praticamente todas as noites dormindo juntos, até que um dia ele me deu a notícia:

– Princesa, infelizmente vou ter de viajar aos Estados Unidos a negócios, não queria ter de te

deixar aqui sozinha. É um prazo muito curto para tirar um visto para você me acompanhar, você me esperaria? Eu não quero ir, mas minha família pede por mim, meus pais estão lá e preciso resolver alguns problemas da Kezabco que só eu mesmo posso resolver.

Eu sei ser uma pessoa que entende as situações da vida, ou pelo menos eu me esforço por entender. Disse a ele:

– Amor da Minha Vida, se for preciso você ir e não tiver como me levar, eu vou ficar morrendo de saudade de você, mas vou estar aqui, e continuo sendo tua Princesa.

Ele me abraçou, parecia feliz com a minha atitude e eu fiquei feliz com o fato de ele estar se sentindo bem, porque quando foi me dar a notícia sobre a viagem ele parecia um pouco aflito. Então ele me disse:

– Eu vou lhe enviar e-mails todos os dias, faço questão de manter abertos todos os canais entre nós. Vou te passar também o telefone da casa dos meus pais de lá e do meu celular de Los Angeles. Essa viagem será a prova de fogo para nós. Será que vamos aguentar ficar tanto tempo afastados um do outro?

– Quanto tempo você vai ficar fora?

– Duas semanas.

Meu coração apertou, mas eu estava bem, me sentia amada por ele e me sentia importante em sua vida. Então eu não tinha o que temer.

Quando chegou o dia da viagem, eu o levei até o aeroporto de Navegantes, ele iria dormir em São Paulo e bem cedo pegaria o voo para os Estados Unidos. Perguntei onde ele iria dormir:

– Na casa de minha Tia Érika, em São Paulo, irmã de minha mãe. Ela está aqui no Brasil faz alguns anos. Meu primo Adalberto, o filho querido dela, também estará lá, e assim como eu ele é filho único. Te ligo assim que eu chegar na casa deles, certo?

Nos beijamos apaixonadamente, aliás, várias vezes antes de ele ir para a sala de embarque. Eu fui até o andar de cima para ver o avião partir. No caminho até a escada do avião, ele me procurou no andar de cima, através do vidro. Parecia que sentia que eu estaria ali olhando para ele. Eu acenei com os dois braços, para que o Amor da Minha Vida me visse. Ele largou a pasta no chão e também acenou com os dois braços, depois lançou um beijo no ar. Assim que ele entrou no avião eu comecei a chorar.

De dentro do avião, ele mandou uma mensagem para o meu celular, antes de desligá-lo:

Já estou com saudades, Princesa.

Eu chorei mais ainda. Não consegui ver o avião partir e fui para o carro. Dirigi até em casa e quando cheguei fui tomar um banho. Depois, deitei para fazer mais alguns textos e responder a duas perguntas da *Playboy*. Um leitor queria saber como convencer sua esposa a fazer um *ménage à trois* com a melhor amiga dela e outro queria saber por que a esposa fazia sexo a três antes de se casar e depois nunca mais quis fazer.

Pensei no John enquanto respondia àqueles dois leitores, que só veriam a resposta às suas dúvidas quando saísse a próxima edição da revista. Eu pensava que o Amor da Minha Vida não era assim como aqueles dois homens para quem eu respondia, homens comuns, na verdade. Eu via o Amor da Minha Vida como um homem muito especial.

Adormeci. A minha filha chegou do inglês, foi até o quarto, me acordou com sua

movimentação e perguntou como eu estava. Respondi-lhe que estava bem, e então ela me deixou novamente sozinha. Eu me mexia na cama, sentia a falta de John, esperando que ele me ligasse. Não iria incomodá-lo com uma ligação, pois poderia estar conversando com seu primo sobre negócios ou tendo de dar atenção para sua tia. Por fim, dormi.

No outro dia, quando acordei havia um e-mail dele:

Minha Princesa,

Sorria, você está em meu coração. Eu vou subir no avião rumo aos Estados Unidos dentro de alguns minutos, mas consegui um tempinho aqui para te deixar algumas palavras antes de partir. Não te liguei ontem porque quando cheguei eu e meu primo tivemos uma conversa sobre negócios e quando terminamos estava muito tarde e eu não quis acordar a Princesa. Vou sentir sua falta. Eu te amo, John.

Então lhe respondi:

Amor da Minha Vidaaaaaa, eu já sinto saudades absurdas de você! Princesa.

Em seguida ele me respondeu:

Saudades absurdas? Essa é nova para mim, vou usar essa expressão. Princesa, nesses dias aprendi com você também o que significa inóspito. Eu te amo. John.

Imaginei que ele estivesse dentro do avião ao me mandar essa última mensagem, enviando-a do seu BlackBerry.

Passou-se um dia inteiro enquanto eu sentia sua falta e pensava constantemente nele. Tentava me concentrar para escrever, mas nenhuma inspiração surgia. Ele não havia ligado, nem escrito mais. Devia ter chegado cansado de viagem e provavelmente dormido, além disso, seus pais também precisavam receber atenção.

Somente no outro dia chegou um e-mail dele:

Oi, minha Dama,

Estou em um momento de descanso agora, então vim aqui lhe deixar um bilhete. Apesar de primeira classe, a viagem é cansativa. Você já almoçou, já jantou? Ou tomou café da manhã?

Pensei agora em uma coisa.

Distância.

Distanciar-se de alguém ou de algo não soa como algo triste? Então, a distância por muito tempo é uma coisa horrível porque tende a levar a um fim definitivo. Mas distância em curto prazo poderia ser algo bom, como uma prova de fogo de que já falamos, para vermos se sentimos falta um do outro, talvez essa nossa distância por curto tempo pudesse ser algo bom.

Gostei do termo que você colocou ontem, saudades absurdas. Sabe, eu nunca soube disso, aos 35 anos de vida. Sentir saudades de alguém, sim. Saudades absurdas? Hum...

Será que o período de duas semanas vai me ensinar o que é esse absurdo sentimento? E eu tenho sentido um frio na barriga, quando percebi era porque estava pensando em você, você também sente um frio na barriga como eu?

Meu telefone celular aqui é o 0031 18185914575XXX, o telefone da casa dos meus pais é o 0031 181 8800542XXX. Ligue quando sentir saudade e não precisa ser aquela absurda.

Fique bem, amo você.

John

Os e-mails dele eram sempre açucarados, me faziam bem, porque mexiam com as minhas emoções. Eu sentia que ele escrevia com a alma. Se ele quisesse ser um escritor, com toda a certeza poderia. Pensei que juntos pudéssemos, inclusive, algum dia escrever um livro de autoajuda sobre como dar certo a dois. Poderíamos juntos escrever sobre a nossa experiência, um casal de culturas tão distintas que conseguiu superar as barreiras e viver um relacionamento feliz. A maioria dos casais se separa, as pessoas não se toleram, não se amam e é o mesmo que não amar, porque no fundo a maioria das pessoas é egoísta e nunca doa parte de si, sempre esperando receber. Mas eu e John éramos diferentes. Estávamos sempre pensando um no outro.

Os dias se passavam dessa forma, pelo menos um e-mail ou dois por dia ele enviava, e ele ligava uma vez por dia também, perto do meio-dia, geralmente. Era bom ouvir a sua voz, porque apesar da saudade ele parecia estar perto de mim nessas horas, e como ele sempre procurava por mim eu esperava por ele. Cada dia mais eu sentia saudade. E ele sempre enviando mensagens, me dizendo que não via o momento de nos revermos.

Em uma de suas ligações, ele me perguntou:

- Por que você nunca me liga?
- Porque você sempre me liga antes, amor da minha vida.
- Mas você pode me ligar quando quiser, até agora você não me ligou.
- Tá bom, então, qualquer dia eu ligo – e ri.
- Vou esperar, porque, como te falei, eu mantenho todos os canais abertos entre nós. Você percebe?

Já havia se passado uma semana e ainda faltava uma semana para que ele retornasse.

Um dia eu acordei e não encontrei e-mail algum dele em minha caixa de mensagens. Era estranho aquilo de não ter um e-mail dele esperando por mim logo pela manhã. Pensei em escrever, mas resolvi esperar, poderia ser que ele estivesse cansado ou ocupado com as infinitas reuniões de negócios que estava para ter.

Quando era uma hora da tarde, eu olhei novamente na caixa de mensagens e não havia nada. Olhei no meu relógio de pulso. Calculei as horas e vi que lá seria algo entre seis e sete horas da manhã. Então decidi que iria ligar, eu pretendia dar um bom dia contagioso a ele, que provavelmente deveria estar se preparando para levantar e ir ao trabalho. Disquei o primeiro número que ele havia me passado. O telefone chamava e ninguém atendia. Disquei o segundo número de telefone, caiu na caixa postal. Desliguei. Liguei novamente no segundo número, novamente a secretária eletrônica atendeu, então resolvi deixar um recadinho: “Amor da minha vidaaaa, bom diaaaa, liga para mim porque estou morrendo de saudadeeeeeee, beijos da tua Princesa”. Desliguei me sentindo uma adolescente. E era assim que eu me sentia todos os dias, estava apaixonada, então estava leve e com a alma renovada.

Continuei meu dia normalmente sem nenhuma mensagem ou ligação, eu sentia uma certa ansiedade dentro de mim, mas não era nada que me abalasse. À noite ele ligou, vi no identificador de chamadas que era uma ligação vinda do exterior. Atendi, ele parecia feliz do outro lado da linha:

- Princesa, quando acessei a caixa de mensagens de voz do telefone pude ouvir uma voz aguda

e espontânea do outro lado. Ouvir sua voz me deixou mais feliz. Me desculpe se não te atendi naquele momento, mas eu saí cedo de casa para pegar a estrada para Huston, tive uma reunião de negócios hoje durante a tarde toda a respeito de exportação. Você me entende?

– Claro, amor da minha vidaaaaa – e eu entendia mesmo. – Quando você chega?

– Em breve, princesa, antes do final desta semana estarei aí.

E eu o esperei, assim como esperei os bilhetes que continuaram vindo, bem como as ligações durante o dia.

Quando faltava um dia para viajar de volta ao Brasil, ele me ligou:

– Princesa, você e nossas princesinhas gostam de pizza, certo? Eu estou enviando para sua casa uma pizza *margherita* e portuguesa, vocês aceitam?

– Amoor? Mas de que jeito, se você está nos Estados Unidos?

– Eu tenho meus meios, minha Dama!

Eu e as “princesinhas” ficamos maravilhadas. Que homem especial era aquele que se preocupava com o jantar da namorada, de sua filha e de sua melhor amiga estando ele em outro país? E, conforme havia sido dito, a pizza chegou.

Eu estava muito feliz, porque dentro de 24 horas o Amor da Minha Vida estaria desembarcando em São Paulo e logo pegaria outro voo até Navegantes e nos veríamos.

No dia de sua chegada, esperei por sua ligação. Então, pela manhã recebi uma mensagem em meu celular: *Princess, hi, I'm in Brazil*. Foi o que bastou para que meu dia se tornasse um verdadeiro arco-íris. Arrumei a casa, adiantei os textos, sabia que em breve o veria, estava com muitas saudades e me preparei para estar com ele naquela noite.

Até que na metade do dia chega uma nova mensagem no celular:

Princesa, não estou muito bem, devo estar com alguma infecção viral. Estou no hospital agora, aguardando o resultado do exame que fiz. Mas não se preocupe comigo. Assim que tiver a palavra do médico eu deixo você saber. E como você está? Eu queria já estar em SC. Eu te amo. John.

Como não ficar preocupada? Eu estava aflita, expliquei à minha filha e a Carine que John estava doente e se encontrava no hospital fazendo alguns exames. Eu liguei para ele, não atendeu.

Esperamos, chegou mais uma mensagem em meu celular:

Princesa, estou fazendo novos exames, em breve te ligo, beijos.

Mas mesmo assim eu continuava aflita. Eu e as meninas continuamos na sala esperando a ligação dele. Achei que seria melhor esperar que ele ligasse. Depois de duas horas ele telefonou para a minha casa:

– Princesa, não estou muito bem, ficarei aqui em São Paulo por mais um dia, minha tia irá cuidar de mim, me deseje melhoras, preciso repousar, a viagem de lá até aqui é bastante cansativa. Você me espera, Princesa?

– Amor, estou muito preocupada com você, com sua saúde, descanse bem e fique bom logo para podermos nos ver. Eu espero por você, sim, e o colchão no chão nos espera!

Sua voz antes abatida agora comunicava pequenas risadinhas.

– Eu te amo, Princesa.

– Também amo você, Amor da Minha Vida, tá?

– Vanessa, você é a mulher da minha vida...

Ele desligou e eu fiquei mais calma, porque ele se recuperaria e assim que isso acontecesse estaríamos juntos.

Dois dias se passaram, durante os quais ele me dava notícias de sua melhora pela manhã, à tarde e à noite, por e-mail, por mensagem de celular e por telefone; sua voz parecia bastante cansada. Até que ele me avisou de que estava voltando para casa, sentia-se melhor, era apenas uma virose. Só que estaria desembarcando antes na cidade de Curitiba, onde seu motorista o buscaria para então conduzi-lo a Blumenau.

No outro dia, ele me envia uma mensagem:

Princesa, estou melhor e vou ficar mais ainda na hora que vir você. Já estou em Curitiba, um pouco mais perto de você. Nos vemos hoje à noite? Eu te ligo mais tarde.

Toda aquela minha espera angustiante agora teria fim, eu só pensava em pular em seu pescoço, cheirá-lo e beijá-lo infinitamente, antes, durante, depois do colchão e por toda a minha vida.

Quando nos vimos, corremos um para o outro, ele havia ido me buscar em casa para que eu fosse a Blumenau com ele, nos beijávamos sem parar. Abraçamo-nos forte em frente ao carro e não conseguíamos desgrudar um do outro. No trajeto, ele foi me contando sobre a viagem, sobre seus negócios, sobre o vírus que lhe causara o mal-estar e, é claro, sobre nossos projetos futuros. Ele me perguntou:

– Princesa, o que você acha sobre algum dia termos um filho?

Eu fiquei imobilizada. Confesso que a pergunta me gelou. Porque eu já tinha uma filha, e de 15 anos ainda por cima, não sei se estaria preparada para encarar novamente fraldas e mamadeiras.

– Um filho?... – eu não sabia muito o que dizer.

– Sim, veja bem, você experimentou a maternidade, mas eu gostaria de ser pai, esse é um dos meus grandes sonhos, aliás, eu gostaria de ter dois filhos. Até já pensei nos nomes – ele falava empolgadamente.

– Ahn...?

– Sim, Vanessa, no nome dos nossos dois filhos que pretendo ter com você, o que você acha de Lucas e Emma?

Eu estava um pouco atordoada.

– Bons nomes, esses – foi somente o que eu consegui dizer.

Ele começou a falar animadamente sobre participar da escola das crianças, sobre como é importante os pais participarem da vida dos filhos e como ele gostaria de ser um paizão, como nos filmes.

A minha cabeça estava dando um nó, porque filhos havia muito não faziam mais parte dos meus projetos de vida. Mas eu não iria jogar sobre ele um balde de água fria, então deixei-o divagar sobre as possibilidades de formarmos uma família tradicional. No entanto, confesso que me senti lisonjeada, porque o homem da minha vida, além de me amar, também queria constituir comigo uma família, da forma mais linda que podia existir, aquela em que os pais se amam, amam seus filhos e juntos cuidam deles. Isso me impressionava, eu o via com bons olhos, porque ele era um cara correto, consciente, dedicado e bem diferente de alguns que eu já havia

conhecido. Ele jamais abandonaria uma mulher com um filho seu, dando nada ou apenas meio salário mínimo de pensão e sumindo no mundo sem deixar rastro para não ter de pagar, como fez o pai da minha filha. Pensei que se algum dia fosse ter um filho, a única possibilidade seria com ele, com ninguém mais.

Estávamos namorando e, como eu não usava mais camisinha com ele, passei a tomar anticoncepcional. Eu o ingeria religiosamente, porque não queria cogitar a possibilidade de um filho, mesmo com o homem perfeito que ele era e mesmo que ele quisesse muito ser pai. Não, eu não estava nem um pouco preparada para ser novamente mãe nos próximos anos. E quando fazíamos amor, ele me pedia um filho, ele dizia:

– Vamos fazer um filhinho hoje, vamos? – falava isso enquanto me penetrava. Confesso, eu me sentia a mulher mais amada deste mundo, afinal, enquanto a maioria dos homens da face da terra está fugindo de suas responsabilidades como pais, o meu homem estava me pedindo para tê-las comigo.

Nosso relacionamento entrou em um ritmo normal depois que ele voltou da viagem. Praticamente todos os dias dormíamos juntos no apartamento em Blumenau e ele continuava trabalhando na Hyundai. Quando nos encontrávamos ao final do dia, ele me trazia as boas notícias sobre o seu trabalho. Eu levava meu notebook para trabalhar enquanto ele fazia os fechamentos de balanço da empresa.

Em quatro meses de namoro estávamos tão juntos que parecíamos marido e mulher. Eu praticamente não dormia mais na minha casa, levantava e ia até Balneário Camboriú para ver se as meninas precisavam de alguma coisa, e vez por outra saíamos para jantar com elas.

Um dia o telefone tocou de madrugada, nós dois acordamos. Ele atendeu no aparelho que estava no quarto, era sua mãe. Conversaram por um bom tempo em coreano, eu fiquei deitada vendo-o ao meu lado se expressar daquela forma tão bonitinha, em uma língua que para mim era muito estranha, mas que pronunciada pela sua voz não ficava nada esquisita, pelo contrário, era bela de se ouvir. De certa forma, a inteligência dele me seduzia, não é qualquer um que fala fluentemente cinco línguas, além de que o fato de ser inteligente fazia com que eu me sentisse segura a seu lado.

Resolvi passar a mão pelo seu corpo, ele estava excitado, então não pensei duas vezes e comecei a lhe fazer sexo oral, enquanto ele ainda conversava com ela. Agora ele mal conversava, só respondia “Huhummm, hummm, ye, ye, ye, uhummm”. Eu estava me divertindo com aquilo, era bom ter um namorado que estava sempre pronto. O seu apetite sexual era maior que o da imensa maioria dos homens, mas para mim isso não era um problema, aliás, era uma solução. Quando ele desligou, subi em seu corpo e quando terminamos tudo eu lhe perguntei:

– Amor, você não vai me apresentar aos seus pais?

– Vou sim, estou esperando a hora propícia, quero muito isso e quero que eles gostem de você. Sente aqui que vou lhe explicar uma coisa, ok?

Eu me sentei no colchão, e ele à minha frente, deitado, falando calmamente, da mesma forma como sempre havia falado até aquele momento:

– Meus pais são coreanos, são evangélicos e muito tradicionais, eles jamais aceitariam o seu passado. Eu tenho muito receio de te apresentar a eles e de que um dia eles descubram. Vanessa,

então, por favor, tenha paciência, se eu chegar a levar você a uma festa de família e um só de meus parentes reconhecê-la da televisão, isso seria o fim do mundo para mim. Entenda, nós coreanos somos muito unidos em negócios, se eles descobrissem que eu me casei com você eu seria afastado dos negócios em família.

Eu olhava para ele, que respirava profundamente. Sim, eu o entendia, ele estava falando bem claro. Ninguém é obrigado a aceitar, e embora eu aceitasse isso em minha família se algum dos meus irmãos casasse com uma mulher incomum, entendo que as pessoas têm culturas diferentes, crenças diferentes e que isso tem de ser respeitado.

Então ele continuou:

– Vanessa, eu não vou escondê-la para sempre, tenha certeza disso. E outra coisa é que, mesmo que você nunca tivesse sido uma garota de programa que lançou um livro e que se tornou uma pessoa pública, mesmo assim eu teria dificuldade em introduzir você em minha família, porque nós casamos entre coreanos, casamos entre evangélicos e entre famílias que se conhecem. Além disso, você já é mãe, é uma mulher separada, e na família Dak divórcios não são bem vistos ou aceitos. Inclusive, já saiba, no dia em que casarmos, vamos fazer isso oficialmente, será para sempre! Para sempre! Mas preciso de tempo para contornar essas nossas questões. E saiba desde já que não aceito apenas morar junto, eu assumo compromissos de verdade.

Quando ele falou que o dia em que casássemos seria para sempre, o meu mundo interno se iluminou. Era óbvio que eu daria esse tempo a ele, para que estudasse a melhor maneira de me apresentar a sua família, até mesmo porque estávamos juntos havia quatro meses e, se fôssemos casar oficialmente, não seria na semana que vem, até porque ele gosta de tudo feito certinho.

Então ele me fez uma pergunta, enquanto me abraçava:

– Princesa, ou melhor, amor, você poderia, por favor, pintar seu cabelo de outra cor? Eu não gostaria que a reconhecessem quando eu estivesse ao seu lado, esse seu cabelo tão ruivo é praticamente uma marca registrada sua.

Eu me afastei dele. Pensei: “Meu cabelo? Esse que eu tenho há anos? Meu cabelinho?”. A minha expressão era tão pasma e de contrariedade que ele voltou a me abraçar.

– Você entende que para mim é complicado? Que não é fácil ver outros homens olhando para você e quem sabe até te reconhecendo como “aquela com quem eles dormiram um dia ou que foi na TV falar que dormiu com outros homens?”.

Eu lhe disse:

– Não, John, meu cabelo, não. E me desculpe, mas existem coisas com as quais você vai ter de aprender a conviver, olha, as pessoas não me veem como garota de programa, elas me veem como uma escritora, ok, que um dia foi uma garota de programa, mas eu não vendo sexo, eu vendo em meus livros lições de vida, vendo atitudes, vendo uma postura nova na vida sobre relacionamentos, eu vendo cura para a traição, eu vendo a ideia de que as pessoas têm de ter personalidade e opinião própria. Então nunca se envergonhe do meu trabalho, ok? Amor, desculpa, mas meu cabelo faz parte de mim, eu nasci morena, mas a minha alma é ruiva. Eu não vou mudar isso.

– Ok, você é quem sabe, eu jamais te obrigaria a nada.

Ele estava desapontado, mas, assim como eu, resolveu fazer o que o bom-senso diz, dar tempo à outra parte de digerir, de pensar e de encontrar um meio para contornar a situação.

Nos abraçamos novamente, porque evitávamos ficar chateados um com o outro e qualquer coisa sempre resolvíamos ali mesmo, no colchão.

Tudo era feito bem direitinho de sua parte, porque além de tudo ele era muito atencioso. Ele me ligava várias vezes por dia para saber como eu estava e se estaria precisando de alguma coisa, se havia comido e se gostaria que ele comprasse algo diferente para comermos à noite. Às vezes, ele precisava ir até Curitiba ou São Paulo para reuniões ou para fechar os balanços das empresas que faziam a distribuição das peças da Hyundai. Mas, mesmo quando viajava, mantinha contato comigo, todos os canais sempre abertos entre nós, incluindo o MSN. Eu o levava ao aeroporto, ele me avisava quando chegava no destino (“Desembarquei, amor”) e me comunicava onde iria dormir. Em Curitiba, geralmente era na casa do Fábio, um antigo amigo da época em que vivera no Brasil durante a infância, e em São Paulo sempre na casa da tia Érica. Ao acordar me ligava ou me mandava mensagem: *Bom dia, linda Princesa, você está mais bonita hoje?*. E eu geralmente respondia: *Bom dia, Amor da Minha Vidaaaaaa!*

De vez em quando, ele saía para jogar golfe, única atividade esportiva que praticava. Aliás, eu o havia visto em uma foto vestido de branco ao lado de uma bolsa de tacos, ele me disse que aquela foto havia saído em uma revista de golfe nos Estados Unidos. Era uma foto com ares de “sou chique” e sofisticado. Ele me dizia que golfe era um esporte para poucos, pois requeria certa disposição de tempo e dinheiro, devido ao preço dos bons campos de golfe, além de mão de obra para carregar os tacos e poder se ausentar por horas jogando, pois quem joga golfe deve esquecer que o tempo existe. Ensinou-me que era importante ele ir jogar porque muitos negócios entre empresários eram feitos nos campos de golfe; enquanto jogavam discutiam *business*. E que os melhores campos ficavam no Rio de Janeiro e em São Paulo.

Quando ele ia jogar, me mandava mensagem contando o número de buracos que havia feito e eu vibrava do outro lado cada vez que ele acertava um. Às vezes, ele participava de jogos de golfe no campo de Curitiba também. Eu evitava ligar quando ele estava jogando com os empresários para não atrapalhar sua concentração ou os negócios. Ele mandava mensagem assim: “Fiz mais um buraco!” ou então “Agora mais um buraco, Princesa, esse é por você!”. Eu também vibrava muito toda vez que via um carro da Hyundai na rua, eu lhe mandava mensagem dizendo: “Hyundai, yuhuu!!!”. Porque ele me dizia para eu sempre torcer para que houvesse muitos carros da Hyundai rodando pelo país, porque torcer pela Hyundai era torcer por ele.

E eu torcia de verdade – toda vez que eu via um Hyundai andando por aí era como se eu visse o John.

Estávamos cada vez mais juntos, e numa das noites, depois de eu ter feito uma sopa para jantarmos, ele começou a rir sozinho, após ler um e-mail que havia chegado em seu BlackBerry. Perguntei-lhe:

– O que tem de engraçado nesse e-mail? – eu também queria rir.

– Princesa, olha essa mensagem aqui, você acredita que essa mulher criou uma fantasia comigo? Eu nunca lhe dei a menor chance, ela é médica no Rio de Janeiro e só porque eu fui uma noite ajudá-la a limpar o seu computador dos vírus, ela ficou fissurada por mim, disse que

nunca havia conhecido um homem bom e prestativo como eu. Eu já tinha lhe dito que seríamos só amigos, por mensagens, mas ela não aceita e olha só o que ela me mandou neste e-mail!

Então, eu li o e-mail que ele me mostrou:

Príncipe, eu sempre achei que ficaríamos juntos para sempre, eu vi uma foto sua ao lado de uma moça, e agora entendo o porquê de sua frieza comigo. Saiba que eu fiz muitos planos com você e não entendo o que aconteceu. Nice.

Perguntei-lhe:

– Onde ela nos viu?

– Na foto do MSN, eu a tenho adicionada.

– E agora, o que você vai fazer, amor?

– Vou escrever a ela, dizer que não me perturbe mais com seus e-mails e que lhe desejo boa sorte na vida.

Ele estava começando a digitar quando peguei o celular de sua mão. Ele se assustou.

– Você não vai fazer isso com ela! Deixa que eu respondo ao e-mail. Estou acostumada com minhas leitoras, e mesmo sendo ela uma pessoa que cria fantasias, mesmo assim ela é um ser humano.

Então comecei a escrever de seu BlackBerry uma resposta reconfortante: *Querida Nice, você é uma mulher maravilhosa e sei que encontrará um homem para estar com você porque você merece...* Ele tirou o BlackBerry da minha mão e me disse:

– Amor, chega, duas linhas são mais que suficientes, essa mulher é louca – ele parecia, pela primeira vez, estar sem paciência.

Então ele mesmo terminou de escrever o e-mail. E o enviou. Embora eu não tenha gostado da praticidade com que resolveu aquela situação, gostei do fato de estar sendo sincero comigo e de estar me contando sobre uma mulher que o cercava.

Ele me contou mais um detalhe sobre ela, sem que eu perguntasse mais nada:

– Ela é uma médica que já salvou um bebê, inclusive saiu em uma matéria no jornal por conta disso. Ela é importante.

Eu não dei atenção para aquela situação, tampouco me importei se havia mais alguém interessado nele, porque de verdade não existia ciúme da minha parte, eu era bastante tranquila em relação ao John. E quem não seria? Com um namorado tão atencioso e extremamente apaixonado como ele, ter ciúmes para quê?

Ele viu que eu não tinha dado importância à história e me perguntou:

– Você não tem ciúmes?

– Ah, John, eu sou tranquila, não sou de ficar me estressando.

E era verdade. Ele se sentiu tranquilo e passou a me contar:

– Há mais uma mulher interessada em mim, mas não tenho lhe dado a menor esperança, você sabe, estou com você.

– É? Mais outra?

Fiquei surpresa com a novidade. Claro que eu imaginava que deveria haver mulheres interessadas em um homem como ele, mas como nunca o vi paquerar nenhuma, nem nos restaurantes, e ninguém ligava para o seu celular, aquilo não era nenhum problema para mim,

fora que eu me considerava uma mulher bastante segura de si.

– Sim, o nome dela é Milena, é uma dentista que mora aqui em Itajaí. Logo que cheguei me apresentaram a ela, sabe como é, né? Eu sou um homem solteiro e os colegas de trabalho tentavam me arranjar encontros. Logo na primeira semana em que estive aqui, antes de encontrar você, eu a levei para jantar, mas não rolou. Ela até foi ao meu trabalho levar um vaso chinês pintado à mão por ela e me entregou de presente.

– Sério? – eu estava vendo que ele falava a verdade, mas eu não tinha muito interesse, inclusive cogitei a possibilidade de que sua intenção era a de me provocar ciúmes.

– E por último, Vanessa, tenho só mais duas a lhe contar.

– Quanta mulher surgindo no pedaço, não? – eu já estava até achando graça.

– Eu tive de demitir duas funcionárias, porque as duas se apaixonaram por mim. E no meu trabalho eu não admito falta de profissionalismo, porque senão o serviço não rende. Elas deram a entender que tinham algo comigo e estavam comentando entre as colegas de trabalho. Além do que, estavam se desentendendo entre elas. E você acha que eu ficaria com funcionária minha? Para quê? Para depois ficar devendo algo? Ser cobrado por ela? Jamais!

– E como você fez com elas?

– Chamei as duas e disse que estava sabendo do comentário que elas estavam fazendo na empresa e que eu não estava aprovando sua atitude antiprofissional de insinuar pelos corredores que tinham um relacionamento comigo, e por esse motivo demitiria ambas. Por fim, disse a elas que eu tinha condições de conseguir mulher muito melhor.

Ele parecia bem sério, fiquei chocada com o que ele dissera às duas, achei que era radical demais da parte dele, e que a maneira como ele falara era de certa forma humilhante. Ele percebeu a minha expressão.

– Princesa, eu sou assim, se cheguei até aqui é porque não permito que manchem meu nome. Que chefe é esse que sai com duas funcionárias e ainda permite que briguem entre si? Acha que eu vou deixar os demais empregados perderem o respeito por mim? Eu sou um bom chefe, mas sei cobrar o respeito que me é devido.

Eu fiquei em silêncio, pensando sobre o que ele dissera. Em meus pensamentos, não gostei do tom que ele usou com elas, mas pensava que ter um homem assim, que colocava os pingos nos is e que determinava limites bem estabelecidos para as pessoas era muito melhor do que estar com um homem canalha, que está sempre paquerando todo mundo à sua volta.

Nossa vida a dois era muito boa, aquilo que havia começado como um namoro tinha evoluído rapidamente para um relacionamento estável. Nossa vida era calma, aos domingos tínhamos sempre almoço em família e eu cozinhava frango com batatas. Ele treinava o inglês da minha filha e lhe dava bons conselhos quanto a tomar cuidado com as amigas que a cercassem e nunca usar drogas ou ingerir álcool. A minha filha já era treinada para isso, para se manter longe dessas coisas, mas eu deixava que ele repetisse o discurso que muitas vezes ela ouvira de mim porque era legal vê-lo interessado no bem-estar da Yumi e porque ela se sentia bem em ter alguém que fazia o papel de pai, mesmo após tantos anos. Nós parecíamos uma família tradicional.

Em um domingo, chegou uma mensagem de e-mail em seu celular. Eu havia acabado de

colocar a mesa para o almoço e o frango já seria servido. Chamei-o à mesa. Ele continuava respondendo ao e-mail de seu BlackBerry, então eu lhe disse:

– Amor, deixe para mais tarde o trabalho.

– Princesa, não é trabalho não, estou respondendo a uma amiga minha chamada Catarine, ela está retornando ao Brasil depois de alguns anos trabalhando em uma grande empresa na Itália, estará de volta em poucos dias.

– Nossa, amor, então vou conhecer alguém de seu círculo de amizades.

– Claro, vou lhe apresentar a Catarine, nós nos correspondemos há anos já, ela me manda constantemente cartas enormes falando sobre sua vida, e confesso que nem sempre eu tenho paciência para ler tudo até o fim e algumas vezes até delete de tão grandes que são as cartas.

– E onde vocês se conheceram?

– Há muitos anos eu estava no *Par Perfeito*, a primeira vez em que nos correspondemos deve ter sido há nove anos, mas a distância, a falta de oportunidade de nos conhecermos, porque cada um estava em um país, e depois o vínculo de amizade que criamos pela troca de e-mails fez com que nossa intenção inicial esfriasse. E que bom que não evoluímos, senão eu não teria conhecido você, e a Catarine tem algo que você não tem, ela reclama demais da vida.

– É, isso seria um problema – novamente eu não demonstrei muito interesse, estava mais preocupada com a quantidade de alecrim que eu havia posto no frango.

Ele me chamou, dizendo que gostaria que eu visse algo. Era uma foto.

– Essa é a Catarine, o que acha dela?

– Hum, bonita, mas por quê?

Catarine era morena, tinha o cabelo comprido, quase até a cintura, parecia ser bem magra e deveria ter algo em torno de 35 anos de idade. Estava entre algumas amigas na foto.

– Catarine é alta como uma modelo.

– E como você sabe, amor?

– Ela já me falou e dá para ver na foto, está vendo?

– Ah, tá, gostou da Catarine então – eu ri.

– Nunca, Catarine para mim é um homem, por dentro ela é um homem, não tem esse lado passional e de entrega que você tem, não tem essa sua feminilidade. Ela é ótima executiva, seria uma colega de trabalho perfeita, mas para um relacionamento não teria como. Comigo, pelo menos, não. Além do mais, você é o meu tipo.

Eu me senti lisonjeada, sortuda até, porque sempre, de todas as mulheres no mundo, sempre eu era a mais bela, a mais gostosa, a mais bacana, a mais carinhosa, a melhor mulher na cama que ele teve. Às vezes, quando fazíamos amor ele me dizia: “Melhor sexo da minha vida!”.

Ele não era o melhor sexo da minha vida, mas era a pessoa que eu amava naquele momento, logo, qualquer outro que tivesse passado não era lembrado por mim. Não sou do tipo de mulher que sente saudades dos ex. Nem os procuro, nem desejo saber sobre a vida deles, não por mágoa ou algo assim, mas porque de fato esqueço que eles existem e por isso não tenho interesse em notícias ou possíveis *remembers*.

Eu também não tinha olhos para mais ninguém, meu coração era 100% preenchido por John, minha vida ocupada por John, meu tempo, fora os livros, era destinado praticamente a John. Eu

não paquerava ninguém, até porque, apesar de toda a minha imagem liberal, não curto relacionamentos múltiplos nem jogos de conquistas ou de amor. Eu, inacreditavelmente, eu sei, gosto de ter um homem por vez e fazer tudo com esse único homem. O fato é que gosto de tudo aquilo que é real, de verdade, nada de ilusões e sem a menor paciência para aquele período obscuro entre ficar e a conclusão de estar tendo um relacionamento sério. Comigo é “ou estamos juntos ou não estamos”. Sem essa de mais ou menos... E eu me sentia bem com o meu relacionamento com John. Nossas pequenas discussões eram leves e quase sempre ele fazia o que me agradava, realmente para me agradar. Parecia que fazia isso mais para ele do que para mim. John havia sido criado no estilo antigo de ser, em que as mulheres têm preferência e recebem respeito:

– Minha mãe – dizia ele – me ensinou valores e a respeitar as mulheres, que eu nunca dirigisse a elas palavras grosseiras e jamais as agredisse.

– Que bom, eu fico feliz em ter uma sogra assim.

– Quando eu tinha uns 6 anos, na escolinha, eu empurrei uma menina e ela esfolou o joelho. A professora reclamou para a minha mãe e quando eu cheguei em casa ela me pôs de castigo. Eu fiquei de costas para a parede, ela pegou uma varinha e de hora em hora me ensinava que não se pode bater nunca em uma mulher. E eu nunca mais encostei em mulher alguma.

Nesse momento, me senti penalizada por ele, meu amor era um homem íntegro, sabia como tratar uma mulher, mas aprendeu isso a duras penas e de uma forma um tanto quanto cruel para uma criança, ainda mais de 6 anos, em uma educação bastante radical.

– Nossa, amor! – e o abracei fortemente.

Ele começou a me explicar que a educação coreana é rígida e disciplinadora, os pais cobram bastante dos filhos, principalmente no quesito estudo, e que é por esse motivo que a Coreia do Sul hoje é o que é, uma nação próspera e moderna, porque há 40 anos, quando a guerra terminou, eles eram apenas um pequeno país miserável, sem recursos e que teve de apostar na mão de obra especializada e na tecnologia para poder se desenvolver. Por essa razão, as melhores montadoras de carro eram as coreanas, porque a tecnologia deles é quase imbatível; os engenheiros mecânicos são os melhores do mundo, porque desde crianças são focados no conhecimento. A competitividade é alta na Coreia do Sul, nota 8 não se admite, 9 não é o suficiente, 10 é o padrão.

– E como sua mãe é como pessoa, amor?

– Uma ótima mãe, ela sempre fez tudo por mim. E nunca se preocupou muito consigo mesma, assim são as mães coreanas, extremamente dedicadas aos filhos. Eu tenho muito apreço pela minha mãe, quando algo acontece comigo eu me pergunto o que minha mãe faria, o que ela pensaria, me pergunto se ela concordaria. Ela dá a sua vida por mim, e todo mundo é filho de alguém, todo mundo precisa ser respeitado por isso.

Essa era uma das coisas que eu mais admirava no John, ele era um homem cheio de valores e de raízes familiares. Eu senti orgulho da origem do meu amor, porque apesar de ele ser apenas descendente de coreanos, ele vinha de um lugar onde as pessoas se esforçavam muito.

Eu servi a ele o frango com batatas, almoçamos e depois eu e minha pequena grande família fomos assistir à televisão. As coisas pequenas e normais do dia a dia nos preenchiam como

família.

Um dia eu fora convidada pela MTV para participar de um programa com o Lobão sobre uma discussão a respeito de homossexualidade e pedofilia na Igreja Católica. Quando falei que eu iria para São Paulo e que me apresentaria na televisão, percebi que ele ficou desapontado, parecia nervoso:

– Amor, o que foi?

– Princesa, você está indo para a televisão.

– Sim, mas eu faço isso há pelo menos quatro anos, qual é o problema?

– E se você ficar mais conhecida ainda, e se meus parentes reconhecerem você no dia em que eu te apresentar a eles? Não sei, algo me incomoda internamente.

Eu fiquei um pouco apreensiva, porque ele estava apreensivo. Tentei acalmá-lo, mas não havia muito o que fazer, isso era algo que ele teria de suportar e superar, eu não poderia interromper um trabalho já estruturado, algo em que investi muito para dar certo, eu não via o que eu poderia fazer.

Fui a São Paulo, conversamos várias vezes durante o trajeto de Santa Catarina até o estúdio da MTV. O programa, uma discussão entre seis pessoas sobre o tema, estava sendo apresentado ao vivo, e eu não conseguia me concentrar, porque estava preocupada com John. Se ele estaria nervoso, se estaria assustado com o fato de algum dia um parente seu me reconhecer e ele ser banido da família, se estaria confuso e pensando que eu não o amava o suficiente. Resultado disso: uma de minhas piores entrevistas, houve um determinado momento em que eu nem sabia exatamente sobre o que estavam falando.

No dia seguinte, quando retornei para casa, ele estava me esperando no aeroporto e me abraçou, mas não parecia muito animado em me ver. Eu tentava conversar, mas as únicas palavras que ele dizia eram “sim”, “talvez”, “que bom”. Eu me sentia mal por aquilo, também mal por ele não parecer muito à vontade comigo.

Enfim ele me disse:

– Vanessa, estou em conflito emocional, não estou muito bem. Você se importa se eu te deixar em casa e conversarmos amanhã? Eu preciso pensar sobre nós e sobre o que fazer.

Eu não tinha muita saída, como eu obrigaria alguém a me levar para a sua casa? Não podia fazer isso. Até aquele momento, apesar de praticamente dormirmos juntos todas as noites, a casa ainda era dele. Os meus sapatos ainda estavam em Balneário Camboriú, logo, oficialmente era lá que eu morava.

Eu respondi que sim, achei melhor dar-lhe aquele tempo, seria bom ele ter uma noite em silêncio com seus pensamentos, assim poderia avaliar melhor a situação. Ele me amava tanto que eu tinha certeza de que não terminaria comigo, e, quem sabe, uma noite a mais até poderia ajudá-lo a reforçar seus sentimentos por mim.

Quando me deixou em casa, ele me ajudou a subir com a mala. Então eu descii para levá-lo até o carro.

– Amor, você vai ficar bem?

– Sim, eu preciso desse tempo.

– Queria que você soubesse que eu amo muito você e que não posso mudar o passado, e mais

ainda, não me arrependo. Hoje eu não faria, mas estaria mentindo se eu dissesse que tenho remorso.

Sua expressão se transformou, agora ele parecia revoltado:

– Isso é o que me incomoda em você. Não se arrepende, fez tudo o que fez e não se arrepende, então, pelo jeito, me parece que para você não seria nenhum problema retornar a sua antiga profissão.

– John? Por que você está me dizendo isso? Por que está agindo assim?

– Coloque-se no meu lugar, Vanessa, você pensa que é fácil para mim? Veja eu, um homem pacato, um homem que foi criado longe de todo esse submundo do sexo, e você diz não estar nem um pouco arrependida. Você pensa que é fácil para mim estar assumindo você e aceitando tudo isso? Pense bem em todo o conflito interno em que eu vivo.

– Amor, nunca achei que seria fácil, apenas estou surpresa com essa sua reação.

Ele me olhava sem dizer mais nada. Seu BlackBerry sinalizou uma mensagem que acabara de chegar. Ele leu. Entrou no carro e me disse:

– Depois eu escrevo para você ou te ligo, não estou com muita cabeça no momento. Tchau, preciso ir.

Ligou o carro e partiu. Eu fiquei atônita. Subi, entrei, fui direto para o quarto. A Carine viu meu semblante quando entrei em casa e me perguntou:

– Amiga, o que houve?

– Eu não sei, amiga, eu não sei... – então comecei a chorar.

Contei a Carine o que havia acontecido, enquanto ela me confortava. Ela me preparou um chá e disse que seria bom para os dois dormirem essa noite separados, assim ele poderia esfriar a cabeça. Ela também achava que não seria fácil, mas que com amor tudo seria superado.

Antes de dormir liguei para ele. O telefone chamou e não atendeu. Pensei muito sobre o fato de ele estar demasiadamente magoado, a ponto de não querer falar comigo, nem que fosse para dar boa-noite.

Dormi chorando, eu não poderia fazer nada naquele momento.

Quando acordei, a primeira coisa que fiz foi vistoriar meu celular, para saber se ele havia ligado ou enviado uma mensagem sem que eu tivesse percebido. Não havia nada. Fui até o computador, liguei-o e acessei meus e-mails. Havia uma mensagem dele para mim. Ansiosamente o abri:

Vanessa. Estou me perguntando que vida é essa... Porque eu mal consigo entendê-la. Sim, vou fazer um pouco de drama hoje. Eu estou me questionando se realmente estou levando uma vida inteligente. Ultimamente não, com certeza. Não consigo digerir tudo isso, está difícil para mim. São cinco horas da manhã e eu ainda não consegui dormir, apenas pensando para que direção estamos indo e no que tudo isso vai dar. Saiba que você não é uma mulher fácil para mim. Eu preciso sentir algo novamente que não estou sentindo. John.

Eu li e era como se o mundo estivesse ficando negro à minha volta. Meu John não sentia mais amor por mim? Era disso que ele me falava? Eu não conseguia entender por que tudo havia tomado aquela rota e aquela proporção. Estávamos bem, foi somente rolar o convite para a televisão que tudo aconteceu.

Liguei para o seu celular. Estava desligado. Preocupei-me, ele devia estar muito chateado com toda a situação. Eu sabia que em algum momento teríamos esse tipo de problema para resolver, mas não imaginei que ele simplesmente aconteceria do nada. Pensei na possibilidade de ele estar em um confronto emocional pessoal. Fiquei triste, por mim e por ele.

Então lhe respondi o e-mail.

Amor da Minha Vidaaaaa, EU AMO VOCÊ! Tenha certeza disso. Não consigo nos ver separados, porque não imagino a minha vida sem você, tampouco imagino a sua vida sem mim. Quero que você pense sobre o que estou lhe dizendo e, mais do que isso, eu gostaria que você sentisse todo o meu amor por você. Por favor, me ligue, porque estou muito preocupada contigo e meu coração está aflito, muito aflito. Tua Princesa...

Seria muito triste se ele não superasse – pior ainda, se nem tentasse superar um passado que nunca pertenceu à nossa história. Tínhamos tanto amor um pelo outro e amor era um sentimento tão forte que seria impossível acabar dessa forma, assim, do nada. Mas e se da parte dele acabasse? E se ele resistisse em me ver para me evitar e tentar seguir seu caminho de outra forma?

Parei de pensar e enviei o e-mail. Não obtive resposta a manhã toda. Na parte da tarde, logo após o almoço eu tentei ligar novamente, desta vez chamou, mas ele não atendeu. Mexi nos meus textos, consultei meu e-mail algumas vezes, depois preparei algo para comer, levei minha filha ao curso de inglês e, quando ela me perguntou o que havia acontecido comigo, desviei o assunto. Voltei para casa, arrumei minhas coisas, respondi a mais duas perguntas de leitores para a revista *Playboy* e liguei a televisão. Eu só ia mudando de canal e não pensava mais nada. Então, inesperadamente, chegou uma mensagem em meu celular:

Princesa, te pergunto se você sente falta de mim, porque nesse momento sinto falta de algo, finalmente senti isso. Lembre-se, gosto muito de você ainda, e esperamos por algo melhor, por favor, abra seu e-mail. John.

Meu coração disparou, tínhamos chances, ele estava repensando. Eu corri para meus e-mails, havia um recentemente enviado por ele. Em letras grandes, junto com uma foto nossa de mãos dadas, ele havia escrito:

EU AMO VOCÊ E VAMOS SUPERAR ISSO JUNTOS!

Comecei a chorar de felicidade. Eu não sabia o que fazia, se pegava o carro e ia até Blumenau, se esperava por ele, se ligava, se respondia ao e-mail. Então ele me ligou:

– A Princesa está sorrindo?

– Não, estou chorando! – e comecei a chorar, pela primeira vez.

– Eu posso chorar junto? – e começou a chorar ao telefone também.

– Amor, onde você está?

– Indo até você, Princesa, indo até você. Pode se arrumar e me esperar tão linda quanto estive esses dias todos? Gostaria de convidar você para jantar.

Eu disse que sim, e assim que desliguei corri para o chuveiro, separei um vestido lindo e escovei o cabelo – consegui a proeza de realizar tudo em 40 minutos. Quando ele chegou, corri para os seus braços; a última coisa que fizemos foi jantar. Tínhamos tantas saudades um do outro que corremos para o motel e passamos a noite lá. Tudo o que ele fazia era me beijar, dizer

que me amava e prometer que iria tentar superar.

– Por nós, Princesa, por nós eu vou superar!

Estávamos estabilizados já, e cada dia fazíamos mais planos juntos. Ele me convidou para ir a São Paulo, gostaria que eu o acompanhasse a alguns lugares e participasse mais de sua vida. Ele queria me mostrar a casa onde morou na infância no tempo em que esteve no Brasil, queria também me mostrar os condomínios de alto padrão de São Paulo para que juntos escolhêssemos um lugar para morar, pois talvez ele precisasse se mudar para São Paulo, uma vez que seus negócios estavam prosperando e exigiam maior presença dele na capital. Eu ficava feliz por John, pois ele já tomava conta da distribuição das peças da Hyundai em Minas Gerais, São Paulo, Paraná e Rio de Janeiro. Além disso, a Kezabco estava indo de “vento em *polpa*”, ele dizia assim com seu sotaque estrangeiro, ficava muito engraçado.

Ele precisou ir dois dias antes de mim a fim de adiantar seus negócios. Quando eu cheguei, ele estava no aeroporto me esperando. Fomos para um hotel de padrão normal, ele me disse que por ainda não ter me apresentado à sua família não poderíamos dormir na casa de sua tia. Mas ele ficaria comigo no hotel, apenas acordaria cedo para ir à igreja com todos e tomar café com seus parentes, depois retornaria para me apanhar e passaríamos o dia juntos. E assim aconteceu. No outro dia, quando ele chegou eu já havia tomado café e o esperava para sairmos.

Ele estava com um carro luxuoso, uma caminhonete prata da Hyundai, disse que era de sua família e que ele havia emprestado, pois eles tinham muitos carros na garagem. Nós nos encontramos com uma corretora de imóveis, Sandra; ele me apresentou a ela como noiva, dizendo:

– Vamos casar este ano ainda e eu estou procurando uma residência de que ambos gostemos. Quero algo bem ensolarado, com peças grandes e estilo provençal, dou preferência por Alphaville.

E a corretora então nos levou até o condomínio Alphaville, mostrando as opções disponíveis. Havia algumas casas à venda e a maioria delas eram mansões; os valores eram exorbitantes, a casa mais barata custava pelo menos 1 milhão de reais. Era uma mais bonita que a outra. Ambos gostamos muito de uma casa que tinha dois andares e uma escada de mármore branco, ela era clara, havia uma grande piscina e churrasqueiras que se integravam com a cozinha. Ele me disse:

– Imagine nossa Yumi aqui com suas colegas e depois imagine naquele gramado Lucas e Emma correndo.

Eu consegui visualizar, eu via exatamente aquilo, a minha filha muito feliz em ter um quarto gigante só para ela, e via um casal de filhos brincando enquanto corriam pelo gramado da frente. Ali, exatamente ali, pela primeira vez em anos eu pensei que ter um segundo, e quem sabe um terceiro filho, não seria tão má ideia, ainda mais com um pai atencioso como John. Passamos praticamente o dia todo vendo residências e ele me falando da possibilidade de uma hora para outra termos de vir morar em São Paulo sem muito aviso prévio:

– Princesa, você viria comigo repentinamente?

– Amor, eu vou com você para qualquer lugar do mundo, se você se mudar para Angola, tenha certeza de que estarei do seu lado. E se você algum dia tiver de se mudar novamente para os

Estados Unidos, me leve com você.

Ele segurou a minha mão firme, levantou-a e disse:

– Juntos! Estamos juntos!

E apesar de todo o cansaço e de ele ter passado o dia negociando valores, mesmo assim tivemos ânimo para passear em São Paulo.

John era encantador, porque além de todas as qualidades que já tinha, também me levava para conhecer lugares diferentes, e para mim sua companhia era sempre boa e assim tudo também estaria bem, mesmo em um bangalô.

No outro dia, quando acordamos, ele disse que íamos fazer um passeio diferente. Iríamos até outro lugar fazer algumas fotos. Fomos a outro condomínio fechado de São Paulo, chamado Aldeia da Serra. Ele quis fazer muitas fotos de mim, me transformou em uma verdadeira modelo em meio a todos que passavam para caminhar no parque.

Lá pelo quinto mês de namoro, estávamos dormindo mais vezes na minha casa do que na dele, assim ficávamos mais perto da minha filha e jantávamos em família. Todo final de tarde eu esperava John voltar de Blumenau para Balneário Camboriú. Algumas vezes, quando ele estava cansado demais, eu dormia em minha casa, mas nos falávamos sempre por telefone antes de dormir. Ele me dizia que dormia cedo, que aquele era um costume oriental e saudável, que seus pais também eram assim, com o diferencial de que dormiam às 20 horas e acordavam às 5 horas da manhã. Então, depois das 22 horas eu nunca ligava para ele, não queria atrapalhar seu sono.

Naquela manhã, ele havia acordado um pouco tarde e precisou sair correndo da minha casa, colocou a roupa e saiu às pressas, me beijou e me pediu para dormir com ele em seu apartamento naquela noite, pois não ficava bom para sua imagem profissional chegar atrasado.

Ele foi e eu fiquei, rolando embaixo dos lençóis. Um de nossos costumes era enviar mensagens durante o dia de “amo você”. Éramos muito carinhosos um com o outro. Confesso que as mensagens dele vinham em muito maior número do que as minhas iam, e às vezes eu ficava pensando que tinha de ser diferente, afinal, a escritora era eu.

Como ele havia saído correndo, resolvi lhe enviar uma mensagem via celular para que não corresse tanto na estrada: *Amor, não pisa tanto no acelerador, quero chegar em Blumenau e ver você inteiro, cuide-se, amo você!*.

Assim que eu enviei, ouvi o sinal sonoro do seu celular recebendo uma mensagem. Procurei-o pelas cobertas e vi que ele o havia esquecido. Eu estava com seu BlackBerry nas mãos. O telefone começou a tocar, era uma ligação originada do Rio de Janeiro. Não atendi porque deveria ser do escritório, e como os funcionários ainda não me conheciam, e ele ainda por cima havia saído atrasado, não seria de bom-tom eu atender.

Assim que o aparelho parou de tocar, chegou uma mensagem instantânea de um número de São Paulo: *Oi, John, vamos nos encontrar então para aquele café? ...rsrsrs. Catarine*.

No exato momento em que eu li, comecei a tremer. Não havia nada de mais na mensagem, não havia a palavra amor, não havia nenhuma declaração, ela não o chamava por nada além de seu nome. Porém, aquelas risadinhas no final do texto não me soaram nada bem. Sentindo um profundo mal-estar, resolvi acessar a caixa de mensagens para ver o que mais havia por ali. Era estranho, porque meu John não combinava com aquelas risadinhas, decerto ela o paquerava.

Eu não sabia mexer direito em um BlackBerry, mas minha vontade era tanta de decifrar se existia algo além daquela mensagem que num instante consegui achar a caixa de mensagens. Aquela era a primeira vez que algum vapor de desconfiança invadira a nossa relação.

Quando acessei os e-mails, o primeiro que li foi o da Andressa: *Honey, a que horas você irá ligar para Martha e Newton?*

Pensei: “A Andressa, aquela sua ex-namorada, fala português? E quem são Newton e Martha?”. Ela não havia se despedido dele com beijo ou saudades, havia apenas o “honey”.

O outro e-mail era de alguém chamado Adalberto. Ele dizia no e-mail: *Seung, irmão, estarei indo para Hong Kong em breve, vou cuidar da mamãe, ela está em uma espelunca como aquela e isso me deixa muito mal, irei transferi-la para um excelente hotel.*

Não havia nada de mais na mensagem, mas estranhei Adalberto tê-lo chamado de Seung e de irmão. Mas como John havia me dito que eram primos criados juntos, quase como irmãos, não havia nada de muito estranho. Senti certa pena da mãe de Adalberto, pois pelo visto era uma senhorinha que estava com problemas na China, passando por alguma dificuldade econômica, quem sabe. Por que ela estaria em uma espelunca?

Passei para a mensagem seguinte, era de Catarine. Meu estômago estava embrulhado, um choque percorria a minha espinha até meu cérebro, minha respiração acelerou. Li o e-mail, era curto: *Então, John tem uma nova câmera em suas mãos, o que será que ele conseguirá fazer desta vez?*

Eu estava em estado de choque, com o BlackBerry nas mãos. Não havia nada de mais naquelas mensagens, mas meu sexto sentido estava mexendo comigo e me dando um alerta. Eu tremia. A campainha do meu apartamento tocou. Provavelmente era John, retornando porque havia percebido o esquecimento do celular.

Meu instinto foi o de anotar o telefone e o e-mail de Catarine em um papel. Guardei a anotação rapidamente em uma gaveta e fui abrir a porta com o BlackBerry na mão. Era John, que parecia desconfortável. Eu também parecia desconfortável. Além de não saber disfarçar, eu também não queria disfarçar. Ele disse:

– Eu só vim buscar o BlackBerry que esqueci.

– Entre, John, precisamos conversar – eu estava tensa.

– Pode ser hoje à noite lá em casa? Estou um tanto atrasado – ele parecia querer fugir da situação.

– Não, entre – eu segurava o BlackBerry como quem não estava disposta a entregá-lo sem antes conversar.

Dirigi-me para o quarto e ele veio atrás. Sentei-me na cama e acessei a mensagem de Catarine:

– Você pode me explicar o que é isso?

Ele pegou o BlackBerry para ler. Depois começou a rir:

– É uma mensagem da Catarine, você sabe quem é Catarine e não há nada de mais nessa mensagem.

– Amor, não brinca comigo, olha o que está escrito nas entrelinhas, isso é um convite para um encontro.

Então sua expressão mudou, ele falou em tom baixo porém áspero. John nunca gritava:

– Um convite para um encontro? Onde você enxerga isso? O que tem de mais em tomar um café com alguém? Alguém que é uma amiga, por exemplo? Vanessa, o que você está querendo dizer? Por acaso você está insinuando que eu tenho um caso com alguém? Alguém como Catarine? Meu Deus, Vanessa, acorda, essa sua vida na prostituição te deixou assim, com o cérebro doente, sabe o que é isso? Você conheceu homens péssimos e agora vê maldade onde não existe. Onde aqui dá a entender que tenho algo com Catarine?

Eu me sentia confusa, ele continuou falando, não parava de falar. Eu o interrompi porque não tinha argumentos, estava começando a me sentir tola:

– John, onde seria esse café?

– Em São Paulo, Vanessa – falando como quem não está com muita paciência para explicar detalhes –, em um lugar público qualquer, Catarine está de volta a São Paulo e combinamos de nos encontrar após tantos anos de amizade. AMIZADE, você entendeu bem? Façamos o seguinte, quando eu for tomar o café com Catarine eu te levo junto, está satisfeita assim? – ele parecia ofendido.

– Amor, eu não estou me sentindo bem, por favor, entenda... Você nunca me deu motivos para desconfiar de você, mas são muito estranhas essas mensagens.

– Sim, eu entendo, não só entendo como também te explico: você não se sente bem por causa desse seu passado, é esse seu passado, sim, ele te condena, ele te faz agir dessa forma desconfiada. Vanessa, você não confia em mim?

– Amor, eu sempre confiei em você, mas ponha-se no meu lugar, o que senti quando li essa mensagem, e aquela outra mensagem de Andressa? Quem são Martha e Newton?

– Ai, ai... São os dois sobrinhos queridos da Andressa, namoramos dois anos e eles se apegaram a mim. De vez em quando falo com eles.

Eu estava com certa vergonha por causa da minha desconfiança, me sentia agora muito mais do que tola, parecia uma daquelas mulheres que mexem nos celulares dos esposos como neuróticas atrás de algo e ainda por cima vendo o que não existe.

Eu não sabia o que dizer, então ele voltou a falar mansamente:

– Princesa, por favor, me peça desculpas, isso que você fez de invadir a minha privacidade não foi legal, além disso, você desconfiou de mim sem o menor fundamento.

Eu não tive argumentos, só me restou pedir desculpas.

Ele me abraçou carinhosamente, chamando-me de “minha bobinha”, me beijou e disse que continuaríamos conversando à noite, em Blumenau. Eu me acalmei momentaneamente. Ter o esclarecimento de John e a preocupação dele em me fazer entender o que havia acontecido era reconfortante, mas algo dentro de mim não estava bem quando ele saiu do apartamento, aquela sensação era a de uma mísera fagulhinha que eu não sabia exatamente o que era, apenas sentia um leve incômodo.

Ele me disse, naquela noite, em Blumenau, que durante o dia havia pensado melhor e que para o meu bem preferiu cortar comunicação com Catarine. Enviou-lhe um e-mail dizendo: *Desculpe, Catarine, minha namorada não se sente bem comigo e contigo trocando mensagens, mas quando eu for a São Paulo irei apresentá-la a você para tomarmos juntos um café.* Naquela

noite tínhamos ido a uma pizzaria, perto de sua casa, e ele me contou sobre o que decidira a respeito de Catarine.

Bem, eu e John tivemos a nossa primeira briguinha de ciúmes da minha parte, e nos dias seguintes ele fazia pequenas piadas sobre o fato de eu ter desconfiado dele, eu acabava rindo junto, e depois disso a vida voltou ao normal.

Algumas vezes ele ia a Curitiba fazer balanço, outras ao Rio de Janeiro averiguar o escritório de lá, em outras voava para São Paulo e, quando podia, ficava por um ou dois dias em Belo Horizonte. O período em que ele ficava fora era de um dia, na maioria das vezes, então eu tirava esse tempo para fazer as minhas coisas e as da minha filha.

Estávamos já em julho, com o relacionamento indo melhor do que nunca. Minha irmã veio nos visitar e conhecer o futuro cunhado. Ela o adorou:

– Vanessa, que sorte você teve, hein? E como vocês são carinhosos um com o outro.

Eu estava tão feliz que tudo transparecia em meu semblante.

No almoço de domingo na minha casa, ela comentou que estavam ela e o noivo pensando em casar na igreja, mas que os custos estavam altos, conforme o orçamento que ela estava fazendo. John se adiantou:

– Eu e a Vanessa pensamos também em casar. Podíamos fazer a cerimônia os dois casais juntos, o que acha?

Na hora, eu e minha irmã ficamos muito felizes, e assim que terminamos o almoço e lavamos a louça fomos até a internet ver modelos de vestidos e algumas fotografias de locais onde poderia ser a festa em São Paulo. John nos falava que haveria muitos convidados da parte dele, porque a família Dak era grande.

À noite, minha irmã teve de partir e para o jantar ficamos eu, minha filha, John, Carine e sua irmã, a Carline.

Carline tinha uma amiga que estava com problemas de relacionamento e falávamos no jantar sobre traição. Meu último livro havia sido sobre esse tema, mas John era tão prestativo, ainda mais em se tratando de orientar mulheres, que eu não disse nada enquanto ele discursava:

– Vocês não podem acreditar em conto de fadas com qualquer um. Esse rapaz de quem vocês estão falando já deu sinais claros de que apenas quis sair com sua amiga para aquele momento. Quem gosta de verdade vai ligar outras vezes, sua amiga não precisa correr atrás dele, e o fato de dizer que gosta dela, mas que no momento não quer um relacionamento sério é na verdade o mesmo que dizer: “Olha, não gosto de você o suficiente e estou a fim só de uma curtição com você, sem nenhuma espécie de compromisso”. Eu tenho um monte de amigos que faz isso, que fica enrolando mulheres, ocupando o tempo delas, no tal do não anda nem desanda. Eu sou um homem diferente deles, acho que homem tem de ter atitude, que se beijou e está a fim tem de assumir mesmo, mas a maioria não é assim, quer levar vantagem, quer ter direito sem nenhum dever. Muito cuidado com o papo deles, mulher cai com muita facilidade em conversa mole, eu não entendo vocês. Eu, por exemplo, posso chegar para qualquer ex-namorada minha que tenho certeza de que depois de dez minutos ela vai estar na minha de novo e aceitará sair comigo. Eu não faço isso, mas tem muito homem que faz. Sabe o que é? As mulheres são muito emotivas, então, na hora elas não pensam muito, elas focam o que o coração sente, ou seja, a possibilidade

de ir jantar com o homem da sua vida, e aceitam qualquer coisa dele por causa disso.

Quando ele fez uma pausa, olhei para as meninas. Elas estavam imobilizadas, apenas ouvindo a lição. A Carline disse:

– Sério, John? Que bom saber disso...

A Carine não falava nada, parecia incomodada.

Eu estava orgulhosa do John, porque no fundo eu sempre fui uma defensora das mulheres. Eu nunca as vi como inimigas ou qualquer coisa do tipo, e admirava pessoas que cultivavam o respeito pelo sexo feminino. John sabia sempre dar bons conselhos e eu pensava nele como minha alma gêmea. Ele continuou discursando enquanto eu recolhia a mesa e lavava os pratos. No fundo, John fazia bem a todos aqueles que estavam à minha volta.

A Carline precisava ir para casa e se despediu de nós. Quando a levei até a porta, ela me disse:

– Vanessa, seu namorado é o máximo!

– Ai, amiga, nem me fale, espero que você encontre um assim como o meu.

A minha filha e a Carine se recolheram para dormir e eu e John ficamos conversando até mais tarde. Perguntei-lhe:

– Amor, sabe o que eu pensei agora? Nós bem que poderíamos fazer um livro juntos, né? Poderia se chamar *A verdade sobre os homens* – você conta o que sabe sobre esses seus amigos, eu conto sobre o que conheci dos homens, juntamos nosso conhecimento e temos um belo material para o público. Podemos ajudar muita gente!

Ele parecia ter vislumbrado a ideia e ter gostado, mas repentinamente ficou sisudo, então me disse:

– Você acha que eu me exporia como você se expôs? Eu tenho algo a zelar.

Eu fui até ele, percebi que tinha ficado nervoso. Eu quis mudar o assunto, então convidei-o para tomar um banho e depois deitar na cama. Ele aceitou e o assunto não se prolongou mais.

Quando estávamos na cama, ele se aproximou, recostou a cabeça em mim, segurou minha mão com força e não a largou mais. Então me disse:

– Por que você gosta de mim, Princesa? – devia ser a centésima vez que ele me perguntava isso.

– Amor, eu gosto porque gosto, e isso a gente não explica, a gente sente. Eu poderia enumerar uma dezena de qualidades suas, como jogar golfe ou ter uma boca linda, mas não é isso que faz eu gostar de você, isso só reforça. O motivo certo talvez seja destino!

Então eu sorri, mas em meio à pouca claridade do quarto, possivelmente ele não viu. E me fez outra pergunta:

– Princesa, o que você faria se depois de muito tempo um filho meu aparecesse?

– Ué, eu apoiaria você para assumi-lo, por que não? Se você não sabia da existência dele, que culpa teria? E eu te ajudaria a criá-lo.

Ele ficou em silêncio, ainda segurando minha mão. Eu perguntei:

– Amor, fala pra mim, apareceu algum filho seu perdido? – eu tive que perguntar. Embora aquela pergunta até eu achasse incabível, era algo que parecia não pertencer à realidade de John. Eu pensava que o acontecimento mais surreal e fora do padrão de sua vida fora o fato de

me encontrar.

– Não, Princesa, claro que não. Foi só uma pergunta tola. E deixe eu te falar, amanhã vou pegar um voo para o Rio de Janeiro, participo de uma reunião e retorno no final da tarde. Provavelmente iremos discutir negócios no campo de golfe, mas no iníciozinho da noite já devo estar em casa, vamos dormir juntos lá amanhã?

– Pode ser, amor, assim que você desembarcar eu te pego no aeroporto e vamos para Blumenau.

– Não precisa, Princesa, meu voo é amanhã cedo e vou com meu carro, melhor nos encontrarmos em Blumenau. Eu te ligo assim que chegar ao Rio de Janeiro e assim que retornar, ok?

O que fizemos depois foi adormecer. Eu o senti agitado durante o sono, mexia-se de um lado para o outro e suspirava. Em dado momento, ele se aproximou de mim e me disse ao pé do ouvido:

– Princesa, eu amo você.

Eu lhe respondi um tanto quanto sonolenta, mas ainda consciente, que também o amava e ele tornou a segurar a minha mão. Assim dormimos.

Quando acordamos, John parecia entusiasmado. Ele se levantou, trocou-se e não quis que eu lhe fizesse o café. Ele tinha pressa para não perder o voo. Ele parecia estar muito bem, diferente de quando dormira. Mas eu não estava bem, algo me incomodava. Antes de sair ele me disse:

– Princesa, sabe qual é a sua sorte?

– Ahn?

– É que você é bacana.

Eu não dei bola para o que ele tinha dito, e em vez disso falei para ele sobre meu mal-estar:

– Amor, por algum motivo não estou gostando dessa sua viagem, não me sinto muito bem.

– Bobagem, Princesa, te ligo do Rio, nada vai acontecer a nós e teu John vai estar aqui com você no final do dia. Espero que você não me venha com mais nenhuma cena boba de ciúmes.

Ele me beijou muito e quando saiu pela porta para se dirigir ao elevador eu lhe entreguei um Yakult, para que ingerisse algo. Ele ainda disse:

– Minha mãe, se visse isso, ia dizer que você é a mulher da minha vida.

Ele se foi e eu continuei arrumando a casa e fazendo as minhas coisas. Esperava por sua ligação. Estava bem frio e eu resolvi pôr em ordem o guarda-roupa, separar as roupas de frio das roupas de verão e colocar os agasalhos guardados há mais tempo para lavar. Certo suspense pairava em torno de mim, como se algo estivesse para acontecer.

Haviam se passado mais de três horas e John não tinha enviado sequer uma mensagem para dizer que chegara ao Rio de Janeiro. Então, entrei no meu e-mail e vi que havia um bilhete para mim – era o bilhete 298:

Minha linda Princesa, você sente que está em meu coração? Tenha-me no seu coração também. Ando muito estressado ultimamente, mas quando penso em você, em sua voz entusiasmada e na pessoa doce que você é, as coisas melhoram ao meu redor. Digo que a vida não está tão ruim assim, pois você a ilumina, e eu deveria ficar mais alegre e otimista. Só queria que você se sentisse mais confiante e que confiasse mais em mim, mas eu penso que o

tempo vai te deixar assim. Amo você, minha Princesa, já estou com saudades, beijos, com amor,

Teu John.

O incômodo se dissipou. Eu sorri. Ele era um namorado muito doce, então respondi que já estava com saudades, mesmo ele tendo saído naquela manhã do apartamento. Pedi que me ligasse durante o dia, para me falar como estavam indo seus negócios, pois eu torcia muito por ele, por nós.

Enviei a mensagem e fui fazer o almoço. Minha filha e eu almoçamos sozinhas, sem a Carine, que estava trabalhando. Depois ela saiu para ir à academia e eu fiquei em casa, aprontando mais alguns textos que precisava e respondendo a uma pergunta que a *Playboy* havia me enviado.

Entre um texto e outro, acessei meu e-mail, mas não havia resposta dele, o que era incomum, porque, como ele recebia e-mails no celular, sempre retornava, nem que fosse para dizer “um beijo, minha Princesa”. Pensei na possibilidade de ele estar jogando golfe naquele momento. Quem sabe era a vez dele de dar a tacada, e em breve me escreveria ou ligaria.

Nesse tempo todo, eu não havia escrito em meu blog nada sobre o fato de eu ter um relacionamento sério com alguém. John era muito discreto e tínhamos um plano, o de encontrar uma saída para que eu pudesse ser apresentada para a família dele – logo, eu não poderia colocar fotos de nós dois juntos, pelo menos não ainda. No entanto, pensei um pouco e decidi que, mesmo sem foto com ele, eu contaria o que estava acontecendo comigo. A verdade é que eu estava no auge da paixão e queria dividir isso com os leitores. Então, comecei a separar fotos minhas, que ele havia tirado, para contar um pouco da nossa história, os lugares aonde tínhamos ido, como tudo havia acontecido... Relembrando os detalhes, minha paixão foi aumentando, e eu escrevia para contar aos leitores como eu estava feliz e falar que almas gêmeas existiam. Foi quando decidi ligar para ele outra vez, meu coração apaixonado queria falar com o Amor da Minha Vida...

Eu liguei, ele de novo não atendeu. Mandeí uma mensagem para o seu celular. Ele não respondeu. O incômodo instalou-se novamente, mas não era só pairando no ar, esse incômodo começou a surgir dentro de mim também, e não era apenas uma fagulha, formava-se dentro de mim um forte mau pressentimento.

Comecei a andar sem rumo dentro de casa. Eu jamais iria ligar insistentemente para ele até que me atendesse, logo, nada poderia fazer a não ser esperar. Decidi enviar outra mensagem para seu celular: “Amor, esteja bem onde estiver”. Esperei uma resposta. Nada.

Comecei a caminhar dentro do quarto. O incômodo não passava. Resolvi tomar um banho; tirei a roupa e me joguei embaixo do chuveiro. Quando dei por mim, estava rezando um pai-nosso e uma ave-maria atrás da outra. Sentia-me verdadeiramente angustiada. Saí do banho, me enrolei em uma toalha e sentei na cama, me perguntando por que ele não ligava.

Meus olhos fitavam o criado-mudo à minha frente. Então, em um impulso, quase que inconsciente, estendi meu corpo para a frente, abri a gaveta e peguei o papel onde eu anotara o telefone de Catarine e seu e-mail. “Vou ligar para ela.” Foi o que eu pensei na hora. Mas dizer o quê? O que eualaria com Catarine? Perguntaria onde está John? E se ela não soubesse? E que explicação eu daria a ele depois? Decidi que ligaria para ela. Por quê? Bem, nem eu sabia por

quê, mas foi o que eu fiz, liguei.

Depois de três toques ela atendeu: “Alô!”. Eu não respondi, então ela continuou: “Alô, alô, alô...”. Aquilo era ridículo da minha parte, e, quando pensei em desligar, por trás da voz da Catarine ouço alguém dizendo “O celular aqui não pega direito, não tem sinal”. Eu entrei em estado de choque: aquela voz era de John.

Eu tive a sensação de que meu cérebro estava acima de minha cabeça, uma descarga de adrenalina havia se apoderado de mim. Desliguei o celular. Minhas mãos formigavam. Minha boca secou, eu me senti tonta. Achei que ia desmaiar naquele momento. O quarto começou a ficar negro. Deixei o celular ao meu lado e me abaixei, colocando a cabeça entre as pernas e segurando a nuca com as duas mãos, maneira de reverter um pré-desmaio que eu aprendera na enfermagem.

Quando retornei a mim e vi que não iria mais desmaiar, comecei a sentir meus pensamentos dando mil voltas: “Por que isso está acontecendo? Onde eles estão? Catarine foi ao Rio com John? Ele está em São Paulo, onde ela mora? John me ama, mas está tendo um conflito emocional e por isso foi em busca de Catarine? Eles estão juntos? São só amigos? Deus, o que está acontecendo?”.

“Eu preciso saber.” Então, liguei para ele, em vão novamente. Decidi fazer outra ligação para Catarine, que atendeu o celular com um “alô”. Reuni forças e falei com ela:

– Catarine, você não me conhece, não tenho nada contra você, mas me diga o que está acontecendo. Eu sou a namorada do John e já sei que ele está aí com você. Ouvi a voz dele atrás da sua.

– Você é quem??? – ela parecia muito surpresa.

– A namorada do John! Passa o telefone para ele, por favor? Eu preciso falar com ele.

– Isso é alguma brincadeira?

– Não, Catarine, eu tenho um relacionamento sério com ele, há meses!

Ela não respondeu e passou o telefone para ele dizendo: “É para você, John”. Ele atendeu perguntando: “Quem é?”.

– John, sou eu, a Vanessa... – minha voz tremia.

– Que Vanessa? – ele parecia não reconhecer minha voz.

– Eu, John, A VANESSA! Porque você está fazendo isso? – eu estava desesperada.

Ele desligou o celular. Meu desespero aumentou. Liguei para a Carine:

– Amiga, onde você está? Vem para casa, aconteceu uma coisa horrível. É sobre o John.

– Estou indo agora, fica calma, estou chegando em casa.

Liguei para minha outra amiga, a Fernanda:

– Amiga, me ajuda, não sei o que eu faço, estou em estado de choque, John está com outra mulher, meu John, amiga, meu John!

– Eu chego em cinco minutos.

Fernanda era uma amiga minha de muitos anos. Ela tinha uma cabeça ótima e algo que eu sempre admirei em uma pessoa: lealdade. Não nos falávamos muito, porque ela era casada e estava quase sempre em função do marido e de seus negócios, e eu cuidando da minha vida, mas quando uma das duas estava com problemas, sabia que podia ligar para a outra. E eu estava com

um problemão naquele momento.

Enquanto Carine e Fernanda não chegavam, resolvi ligar novamente para Catarine. Eu precisava de explicações. Ela atendeu:

– Pare de nos incomodar, seu namoro já acabou, você é ex-namorada dele!

– Não, Catarine, não! Eu sou namorada dele! Não sou nenhuma ex!

Ela passou o telefone para ele. John disse:

– Vanessa, eu já disse antes, já falei para você que entre nós não dava certo, aceita, já acabou!

– O QUÊÊÊ? – eu surtei do outro lado.

Ele desligou o telefone.

“Meu Deus.”

Liguei para Catarine novamente. Ela desligou o telefone.

Então chegou uma mensagem dele em meu celular:

Me desculpe, Vanessa, me desculpe, eu não podia mais continuar com você.

Eu estava mais do que surtada, estava também confusa, sem entender nada, sem conseguir dar algum sentido mínimo a qualquer coisa que fosse. O John que saiu da minha cama naquela manhã não era o mesmo John que falava comigo ao telefone, me tratando agora por ex-namorada. Não podia ser o mesmo John que no meio da noite disse ao pé do meu ouvido que me amava. “Deus, o que acontece?”

Eu respondi à sua mensagem, o celular não saía da minha mão:

Você é a maior decepção da minha vida.

Eu não conseguia chorar, porque meu estado de choque ainda era muito grande.

O interfone tocou, devia ser a Fernanda, já que a Carine levava uma das chaves.

Ela subiu e me abraçou:

– Conta, amiga, o que houve?

Eu lhe contei o que acabara de acontecer. Nisso, a Carine chegou, ouvimos as chaves abrindo a porta, depois o barulho de coisas sendo jogadas sobre a mesa e os passos apressados dela em direção ao quarto:

– Amiga, o que houve? – ela parou na minha frente. – Você não está bem, está muito branca!

Eu sentei na cama e disse:

– John está com outra pessoa.

– O JOHN??? – ela parecia tão estarecida agora quanto eu e sentou-se na cama. Pedi para eu contar.

A Fernanda contou o que acontecera e o que Catarine e ele falaram ao telefone para mim.

– Eu não consigo acreditar! – ela estava surpresa e chocada, era uma notícia estarecedora também para Carine. – Difícil de acreditar, eu não consigo raciocinar direito.

– Carine, ninguém aqui consegue...

A Fernanda disse:

– Eu vou ligar do meu celular e vou falar com essa Catarine, está acontecendo alguma coisa estranha.

Então ela fez a ligação em viva-voz, para que todo mundo ouvisse a conversa. Catarine atendeu e Fernanda começou a falar:

– Catarine, prazer, meu nome é Fernanda, eu sou amiga da Vanessa e estamos todas nós muito surpresas com o que está acontecendo. Você pode me ouvir um pouquinho? – Fernanda falava calmamente. – Então, a Vanessa nunca foi uma ex do John, aliás, ele saiu hoje da casa dela pela manhã e eles estavam muito bem. Eu gostaria de saber de você o que está acontecendo. Eu sei que você não tem obrigação nenhuma de falar, mas por uma questão de humanidade, por favor, esclareça isso. Olha, eles são uma família, a Vanessa tem uma filha e para ela o John é como um pai.

A Fernanda fez uma pausa, como se esperasse uma resposta. Catarine então se manifestou:

– Se ela ainda é namorada dele, então nós duas estamos com problemas...

A minha filha entrou no quarto repentinamente, viu todo mundo sério, ficou séria também, sentiu que algo acontecia.

Então surgiu a voz de John ao telefone:

– Acontece que eu acabei de pedir a Catarine em namoro...

Eu não sentia mais parte nenhuma do meu corpo. Uma tristeza negra, profunda e pesada estava dentro de mim, não era mais algo pairando no ar, era algo real, concreto e dolorido me esmagando.

Eu não prestei atenção na minha filha, mas vi quando ela pôs as duas mãos no rosto e saiu do quarto.

A Fernanda, então, falou:

– Ok, obrigada, já sabemos o que queríamos.

Eu não consegui chorar. Não consegui derramar nenhuma lágrima. Eu estava morrendo, a minha morte era interna, meu mundo estava desmoronando, eu estava sentindo a minha vida ruir. Estava vendo aquilo que eu mais queria, um amor de verdade, esvaír-se como areia ao vento. Em minutos nada mais sobrara, tudo o que era agora não era mais nada. O meu mundo colorido tornou-se menos do que bicolor, tornou-se negro.

No quarto apenas restáramos eu, a Carine e a Fernanda. Eu não tinha condições de socorrer a Yumi. Perguntei:

– E agora, o que eu faço?

A Fernanda disse:

– Esquece que ele existe.

A Carine me abraçou.

Eu estava morrendo...

Eram 6 horas da manhã do outro dia e eu ainda não havia dormido. Depois de algumas horas, comecei a chorar convulsivamente. Nada fazia com que eu parasse. Eu me lembrava da voz dele dizendo que acabara de pedir Catarine em namoro, lembrava dele na noite anterior dizendo que me amava, lembrava dele falando comigo como se eu fosse uma ex, lembrava dele me chamando de princesa... Estava havia horas revivendo a nossa história e nada fechava. Eu me perguntava por que ele havia feito aquilo conosco...

Eu não via a Yumi desde o dia anterior, ela se trancou no quarto e não quis comer nada. Eu passei a noite na sala, revendo nossas fotos, relendo e-mails de amor, relembrando e pensando em deletar tudo. Esquecer. Esquecer. Esquecer. A Fernanda havia me aconselhado antes de ir

embora: “Deleta tudo o que é dele! Assim ajuda a não lembrar”. Mas algo me impediu de fazer isso.

E assim como algo me impediu, algo me impulsionou a escrever uma mensagem para Catarine, já que eu havia pego o seu telefone e seu endereço de e-mail no celular de John. Disse-lhe no e-mail quem eu era, que nada tinha contra ela, pois pelo que havia percebido ela também não sabia da minha existência. Passei a ela o endereço de meu site, contei-lhe como havia conhecido John, como era a nossa relação, falei do quanto estava chocada com tudo, falei que ainda não conseguia dormir e que eu desconhecia a pessoa que falara comigo por telefone me tratando por ex-namorada. Fiz uma foto da tela do e-mail de horas antes de tudo acontecer, em que ele havia me dito que me amava e me chamava de Princesa, em vez de encaminhar o e-mail direto a ela, explicando-lhe que dessa forma ela veria que eu não tinha modificado nada e que até o momento da minha ligação para ela, o que eu tinha era um relacionamento estável. Passei-lhe também o número do meu telefone.

Enviei o e-mail junto com outras fotos nossas, e o que eu fiz depois disso foi chorar, chorar e chorar. Não comi nada, caminhei pela casa procurando um lugar em que houvesse paz, mas aquela sensação angustiante me acompanhava e eu não conseguia dormir.

A Carine saíra para trabalhar e me ligara algumas vezes durante o dia. A Fernanda perguntava se havia alguma coisa que ela pudesse fazer por mim. Mas não havia nada. Eu estava dilacerada emocionalmente, porque uma coisa é você estar com alguém em quem não confia e cujo caráter sabe que é duvidoso e a qualquer momento pode te decepcionar, outra coisa é você estar ao lado de um príncipe encantado, tendo plena certeza de que a pessoa que está ao seu lado é verdadeira nas palavras e nas atitudes. A pior coisa é se decepcionar com alguém por quem se tem admiração.

No final da tarde havia um e-mail para mim, o único que eu receberia de Catarine. Abri, era uma conversa longa entre ela e John. John praticamente implorava-lhe por uma chance, dizendo envergonhar-se por minha atitude lamentável de ter lhe enviado um e-mail, e ela lhe dizia que não o queria mais para um relacionamento e o que ela desejava para sua vida algo mais leve. No e-mail ele a chamava ora por Minha Dama, ora por Princesa. Ao final de tudo, Catarine despedia-se dele desejando-lhe boa sorte na vida. Ele se despedia dizendo que não pretendia desistir de casar com ela.

Aquilo era uma tortura, e eu estava me torturando, mas não conseguia parar de ler aquele diálogo, meu coração dizia para desligar o computador, meus olhos diziam que queriam ver até onde as coisas chegariam. Era uma droga que eu estava tomando, uma droga que se sabe que faz mal, mas que não se consegue frear. Quando cheguei até o final da troca de e-mails entre eles, perguntei-me qual a razão de ainda estar viva e se morrer não seria reconfortante. Exaurida e de olhos abertos, as lágrimas desciam.

O telefone da minha casa tocou. Ninguém na sala atendeu. Então eu atendi no quarto e me sentei na cama. Quando disse “alô” a voz de John respondeu do outro lado:

– VANESSA – ele disse asperamente –, o que é que você pensa que está fazendo? Você quer se vingar? É isso? Pois saiba que eu e Catarine não estamos mais juntos, você se sente menos infeliz agora?

– John... – eu soluçava –, eu não quis me vingar, eu apenas me senti no direito de saber a verdade. John, me fala, John, por que você fez isso com a gente?

– ORA, VANESSA, nós não daríamos certo mesmo! Só você não percebia isso. Como eu iria assumir uma mulher como você? Uma ex-prostituta? Pelo amor de Deus, enxergue o que é a sua vida, veja só tudo o que você fez, transou com homens por dinheiro, divulgou livros sobre sexo, sobre assuntos pecaminosos, sem moral nenhuma, como você iria querer que eu te apresentasse aos meus pais? Diria “essa é a Vanessa, ela escreve pra *Playboy*, que só tem mulheres nuas que se vendem”. Só no seu mundo é que coisas desse tipo são aceitas, no mundo de onde vim e de onde pessoas normais vieram, que é onde fui criado, essas coisas não são bem vistas.

– Mas John, nós estávamos tão bem...

– Bem nada! Você estava bem, eu não. E agora olha o que você faz, vem e me prejudica! Eu amo a Catarine.

– John, eu não acredito que você ame a Catarine, não pode ser verdade, até ontem você dizia que me amava.

– Mas eu amo a Catarine, sinto que ela é a mulher da minha vida, que é com ela que vou me casar e ter filhos!

Depois de “acabei de pedir a Catarine em namoro”, “ela é a mulher da minha vida” foi a segunda frase que por muitos meses soaria em meus ouvidos quando eu parasse para escutar meus pensamentos.

Enquanto eu chorava, ele continuava a falar. Eu não assimilava o que ele estava me dizendo, porque todas aquelas palavras e atitudes não eram condizentes com nada do que eu vira ou ouvira de John antes:

– Vanessa, entenda e aceite, foi melhor assim, um dia você saberá. – Ele fez uma pequena pausa e continuou. – Você quer que eu lhe conte o que aconteceu entre mim e Catarine?

Meu coração não queria saber, mas meus ouvidos pediam para ouvir:

– Sim, não quero ter dúvidas me atormentando a vida.

– Pois bem, eu e Catarine já vínhamos conversando havia muito tempo, desde antes de eu e você nos conhecermos, e nós dois já tínhamos essa vontade de estar juntos, mas a distância não permitia. Quando ela veio para o Brasil, eu pedi para vê-la, e naqueles dias em que estivemos brigados eu fui para São Paulo, pois também queria um tempo para a minha cabeça, porque você não é uma mulher fácil para mim. Mas Catarine? Catarine é o sonho de qualquer homem. Ela é profissional em finanças, trabalha em uma grande empresa, é uma mulher independente que nasceu em uma família normal e que tem um currículo sério de vida. Por onde passa, Catarine chama a atenção dos homens. E eu andava sentindo que você e eu não teríamos futuro juntos, então fui ver Catarine, tomar uma café com ela e conhecê-la.

Eu estava em silêncio, deixei-o falar, preferi não gritar com ele porque se o fizesse ele não terminaria a história – mas gritar era o que eu mais tinha vontade de fazer naquela hora. E gritar bem alto, para ver se meu grito era maior que a minha dor e se a encobriria. Ele continuou:

– Então, quando vi Catarine e nos cumprimentamos, eu já sabia que estava caído por ela. Tomamos chá, conversamos por horas. Depois nos vimos à noite, saímos para jantar e nos divertir.

Ele falava como se fosse uma mulher apaixonada que conta para a amiga as coisas lindas que está vivendo no amor. Sua voz era suave ao descrever o relacionamento com Catarine. Eu continuava ouvindo. Se lágrimas fizessem barulho ao escorrer seria isso apenas o que se ouviria de mim.

– Então, Vanessa, passeamos juntos por mais alguns dias, eu não conseguia deixá-la sair de perto de mim. E em um desses dias eu a beijei. Depois, a convidei para vir para cá, conhecer as praias de Santa Catarina. Paguei-lhe a passagem de avião e tivemos um domingo fantástico, almoçamos juntos e fizemos amor no apartamento de Blumenau.

– John, você levou uma mulher para a nossa cama...

– Levei, mas não se preocupe. Ela não é boa de cama, mas isso não é importante agora.

Não fazia sentido a necessidade dele em me contar aqueles detalhes.

– Não? – eu estava surpresa, John estava apaixonado por uma mulher por quem não tinha afinidade sexual.

Ele parecia não ouvir ou não se importar, não contestou nada e continuou contando sua história de amor:

– Quando você ligou, no final da tarde, eu e ela estávamos dando uma volta em Balneário Camboriú, e com toda aquela confusão que você criou acabamos por jantar no Seiko.

As lágrimas pararam. Eu senti raiva, senti revolta, ódio, rancor, medo, nojo, me senti frágil, me senti nada, me senti preterida, desprezada, frustrada, mal amada, desmerecida, me senti a mulher mais insignificante que poderia existir e, mais ainda, a mais insignificante para aquele que era o amor da minha vida...

Eu disse:

– Tudo bem, eu já entendi, agora vou desligar.

– Vanessa, eu não quero que você incomode a Catarine – ele enfatizou a frase secamente, não havia mais romantismo em suas palavras.

Desliguei o telefone e fiquei olhando para o nada. Durante quanto tempo? Não sei. Eu não saberia nos próximos dois dias que horas eram, porque mais nada me importava. Quando não estava chorando, estava remoendo as palavras de John, remoendo aquela história, estava me fazendo perguntas sobre mim, sobre ele, sobre nós. Perguntava-me se a Catarine não era uma ilusão passageira por parte dele, devido ao medo do que poderia enfrentar no futuro se estivesse comigo. Ao mesmo tempo, me perguntei por que ele não havia me falado que não estávamos bem. Também me perguntava se algum dia ele se arrependeria do que fez e quando ele acordaria do “sonho Catarine”, porque pela nossa história, pelo que tínhamos vivido em momentos que pareciam extremamente especiais, por toda a nossa afinidade sexual e pelo que ele me dizia, eu não conseguia acreditar que ele não me amasse mais. Eu me perguntava se o amor por mim não estaria muito escondido ou quem sabe encoberto pela paixão que ele estaria sentindo por Catarine. E me perguntava quanto tempo duraria aquele sentimento por ela e se esse sentimento não estaria relacionado ao fato de ela talvez ser o oposto de mim ou, então, ser uma mulher difícil de ser conquistada, e quem sabe isso o instigasse. Eu tinha muitas divagações e, pior, muitas perguntas sem respostas.

Horas se passaram e eu estava na mesma situação ainda, apenas as perguntas haviam mudado.

O fato é que agora eu experimentava exatamente a mesma sensação das minhas leitoras que haviam sido traídas e que me escreviam ou aquelas que se consultavam pessoalmente comigo. Mais do que nunca eu as entendia.

E assim fiquei mais dois dias, praticamente sem dormir, minha cabeça dava mil voltas. De vez em quando meu celular sinalizava uma mensagem, e quando eu lia via frases desconexas: “Vanessa, nós nunca mais vamos nos ver”. Eu lia e largava o celular ao meu lado. A Carine o pegava, lia, depois dizia: “Esse filho da puta está replicando essas mensagens para a Catarine”.

Eu não dizia nada, não comentava, me sentia humilhada e pisada, não sei a palavra certa, o fato é que eu tinha pena de mim naquele momento. Se eu fosse uma de minhas leitoras, me abraçaria e diria que em breve tudo estaria bem, mesmo sabendo que, muitas vezes, isso é uma mentira, porque aquilo que pode ser breve também pode ser duradouro. Se eu fosse uma de minhas leitoras, diria: “Há mil homens lá na rua esperando por você! Vá, siga em frente e não olhe para trás, um deles é seu amor de verdade”. Mas isso eu não queria ouvir de mim, eu queria ouvir de mim uma explicação clara de por que não deu certo, de por que o Homem da Minha Vida estava querendo se casar com outra, eu queria explicações de por que isso aconteceu e por que o universo conspirou contra mim, sim, o universo estava contra mim, porque naquela altura do campeonato eu estava revoltada até com Deus.

A Carine também estava revoltada, mas era com o John. Ela conseguiu ser imparcial e não jogar Deus nessa. Ela se sentou e escreveu a ele uma mensagem, digna de amiga do peito:

Seu canalha, pare de ligar ou de mandar mensagens para a Vanessa, nós já sabemos o que aconteceu. Você é um hipócrita, olhe só o que você fez, e fica aí julgando a Vanessa e arranjando essa desculpinha esfarrapada para justificar suas atitudes, como se o problema fosse o passado dela. Eu encontrei a Yumi chorando na sacada do apartamento, ela me perguntou se algum dia ela teria de passar por um homem como você. Agora deixe essa família em paz, não queremos mais a sua presença entre nós, você está destruindo a Vanessa.

Assim que ela enviou o e-mail ele respondeu:

Olha que coitada! Eu não vou ficar ouvindo a palavra “hipócrita” de uma menina como você, que tem o cérebro pequeno e o raciocínio curto. Destruir a vida da Vanessa? Quem? Eu? O que eu ganho com isso? Eu não preciso disso....

– PARE, CARINE... não leia mais, por favor, por favor, por favor – eu chorava e não parava mais de falar “por favor” – por favor, por favor...

Eu era agora a mulher forte que enfraquecera de uma forma quase inacreditável.

Eu devo ter entrado a noite chorando, e quando acordei já havia amanhecido. O ar matinal me dizia que eram cerca de 6 horas da manhã. Olhei para o lado, o travesseiro estava vazio. Eu apertei a minha mão, que estava vazia – dias atrás ela estaria preenchida pela mão de John. Só havia o vazio, em tudo e por tudo só o vazio era o que eu via.

Fiquei assim até começar a ver certa movimentação em casa. Eu levantei, para ver quem estava acordado. Era a Yumi. Ela olhou para mim e disse:

– Mãe, eu preciso de alguém! Por favor, faz alguma coisa, faz alguma coisa porque eu vou explodir!

Então liguei para uma amiga minha, a Cristina; ela era psicoterapeuta e foi até a minha casa.

Quando ela chegou, minha filha estava no quarto. Ela sempre foi uma adolescente bem resolvida, cheia de vida, mas não estava nada bem. A Cristina entrou no quarto dela e eu fui para o meu. Ela ficou quatro horas conversando com a Yumi, e depois foi para o meu quarto:

– Que baque, hein?

– Nem me fale, Cris. Como está a Yumi?

– É como se essa fosse a primeira decepção amorosa da vida dela. Você entende, né, Vanessa? Assim como você, ela também via nele uma pessoa sensacional, e de repente nem pai ela tem mais, e pela segunda vez na vida. Mas ela vai ficar bem. Agora quero saber como você está. – Ela me analisava enquanto esperava que eu dissesse algo. – Vanessa, você não está nada legal – foi o que ela disse ao ver meu abatimento.

– Cris, eu estou muito cansada, não sei o que é dormir. Eu fecho os olhos, tenho a impressão de que durmo 15 minutos e no resto da noite fico acordada pensando. Não consigo dormir.

– Humm, então acho que vou deixar com você um calmante que tenho, assim você poderá dormir mais. Vanessa, eu nunca vi você desse jeito.

Ela abriu a bolsa, retirou uma cartela de pequenos comprimidos de cor lilás e me disse:

– Tome meio, um comprimido é muito forte.

Conversamos brevemente, pois Cristina já estava atrasada para outro compromisso, havia ficado um tempo extra com a Yumi. Agradei-lhe, ela disse que estaria ali para qualquer coisa que precisássemos. Nessas horas, eu não seria nada sem as minhas amigas. Minha vizinha de frente, a Sueli, havia feito uma sopa e trazido um pouco para nós. Ela me disse:

– Eu achava vocês dois perfeitos, um feito para o outro, adorava quando ele abria a porta do apartamento para você passar.

– Obrigada pela sopa, Sueli – comecei a chorar novamente.

Quando todo mundo se foi e eu fiquei sozinha no quarto, me dei conta de que o remédio não fizera efeito. Talvez a dosagem fosse baixa. Tomei mais um comprimido e nada de sono. Vinte minutos depois eu decidi tomar outro, e como nada fazia efeito dentro daquela uma hora, tomei mais dois. Não sei depois se tomei mais algum. Pronto! Agora teria de funcionar, e eu pretendia repor meus quatro dias praticamente sem fechar os olhos em uma única dormida.

(...)

Tenho uma vaga lembrança de sentir frio e de não ter tido forças para me cobrir, eu parecia colada na cama. Ouvi gritos que pareciam vir de muito longe. Depois disso não vi nada. Não ouvi nada. Não sonhei. Não senti nada.

Quando comecei a acordar, o mundo parecia mais pesado do que era, eu tinha dificuldade de me mexer. Não conseguia abrir os olhos. Ouvi uma voz feminina dizendo:

– Ela acordou.

– Não se preocupem. Como falei, ela tomou uma dosagem pequena, não houve riscos mais comprometedores.

– Por que ela está parecendo tão inchada?

– Efeito do remédio, e está tomando bastante soro com medicação.

Não tenho outras lembranças senão a de abrir os olhos no outro dia. Quando vi a Fernanda, ela me disse:

– Amiga, que bobagem você fez...

Eu não conseguia entender muito bem como havia parado ali, sabia que estava sendo cuidada por um médico e por enfermeiras porque os via entrar e sair, mas estava tão cansada, tão sonolenta, e era tão bom dormir, que não respondi. A sensação que ficou gravada em minha memória é a de acordar e pedir para dormir novamente, para voltar ao sonho, porque do outro lado eu estava em paz.

Fiquei dois dias internada, depois me deram alta. A Carine cuidou de mim, a minha filha não saía do meu lado e a mãe da Carine passou a ficar comigo durante a semana para que eu não estivesse mais sozinha, e por mais que eu falasse que não havia tentado me matar, que só tinha tomado os comprimidos porque queria dormir e eles não faziam efeito, não adiantava. Agora eu era vigiada. A minha família havia sido poupada, minha mãe teria ficado muito preocupada e a Carine achou melhor não falar nada a eles.

O John fora comunicado do que havia acontecido e pediu o endereço da clínica para ir até lá me ver, mas as meninas não permitiram. Ele disse à Carine e à Fernanda que tudo ficaria bem para mim se eu o visse: “Vocês não entendem, é só a gente se ver que tudo fica bem, vocês vão ver como ela vai me abraçar e vai ficar melhor”.

E eu queria tanto abraçá-lo, no fundo era aquilo que eu queria naquele momento na minha vida, abraçá-lo, reverter tudo o que houve, apagar aqueles dias infernais que eu estava vivendo e voltar a ser o que éramos antes: Princesa & Amor.

Latejava em minha cabeça a seguinte frase: como ele deixou de me amar? Era tanto amor que tínhamos um pelo outro! Como ele consegue dormir sem mim?

E já em minha casa os dias foram se passando. Eu mal escrevia, não respondia aos leitores, nem mesmo às perguntas dos leitores da *Playboy*. Enviei um e-mail à editora Adriana, falando que eu estava decepcionada com meu relacionamento e que não estava nada bem, e ela me mandou um e-mail com palavras de conforto. Eu ficava deitada na maior parte do tempo. Meu quadro era de depressão; eu passava os dias no quarto dormindo e nada que eu colocava no meu prato tinha gosto. Nenhuma comida me deixava com apetite, tudo tinha o mesmo gosto de nada, e eu comia apenas porque me chamavam para comer e porque eu precisava viver. Perdi cinco quilos naquele primeiro mês; eu estava com uma aparência abatida, e quando alguém ia me visitar, não me reconhecia. Eu sou uma mulher pequena, cinco quilos representam muito para mim.

Entramos no pior mês do inverno e estava muito frio, o que piorava o ar de tristeza. A minha casa tornou-se triste. A minha filha tornou-se triste. A Carine tornou-se triste. Os domingos tornaram-se tristes e todos os outros dias que vieram também. E eu via lembranças do John por todos os lados. No banheiro, na mesa, na minha cama, no guarda-roupa, na sala, por tudo havia lembranças, não físicas, mas de cenas que se passavam na minha mente. Ainda havia alguns objetos dele comigo, como seus chinelos e sua camiseta de dormir. Ele havia devolvido minhas coisas socadas em uma sacola plástica de supermercado, porque ficara com muita raiva por eu ter inicialmente estragado as coisas entre ele e Catarine, e as deixou com a Carine, na portaria do edifício. Ele tentou convencê-la de que só havia feito o que fez porque não via perspectiva nenhuma comigo e que jamais poderia me assumir. A Carine, que estava cansada dele, limitou-

se a dizer: “Ahan, ahan”...

E assim John sumiu da minha vida, tal qual eu sumi da vida dele.

A VOLTA

Dois meses e meio se passaram até que eu começassem a tentar voltar a ter uma vida normal. Minha vida financeira estava se desfazendo e eu precisava voltar a dar minhas palestras, atender minhas leitoras, escrever mais e continuar a ser gente. Então, um dia saí de casa, com a Carine e uma outra amiga, a Sônia, para tomarmos um vinho com seu patrão – ele estava comemorando uma vitória profissional e perguntou se a Sônia, sua secretária, brindaria com ele, e se quisesse poderia convidar mais uma amiga. A Sônia conhecia a Carine, ligou para ela e a convidou, então a Carine me chamou para ir junto, para que eu não ficasse sozinha em casa.

Estávamos as três sentadas com o chefe da Sônia em um bom restaurante, de frente para a praia de Balneário Camboriú, e nem prestei atenção ao seu nome quando fomos apresentados. Era um homem de meia-idade e de aparência comum, vestia-se como um homem normal, sem muito estilo e de maneira simples; parecia ser uma pessoa bem-humorada, e estava sentado à minha frente. Ele abriu uma garrafa de vinho e falou:

– Perdi a namorada neste mês, ela queria ter mais tempo para estudar e conseguir ser juíza.

Eu brinquei com ele, despretensiosamente, dizendo-lhe:

– Aprenda comigo, homem já estabelecido na vida tem de ter namorada desocupada!

Ele me olhou:

– E o que você está fazendo da vida?

– Eu? Nada! – mas aquilo era só uma brincadeira, um jogo de palavras para que tudo virasse uma piada de mesa de bar.

– Prazer, meu nome é José – ele estendeu a mão e o corpo por cima da mesa para se aproximar de mim e eu apertei-lhe a mão.

José me olhou sério:

– Não entendo o que uma mulher como você faz sozinha em um sábado à noite.

Era a pergunta que ele não podia fazer. Eu comecei a chorar. A Sônia e a Carine me olhavam, não sabiam o que fazer. José disse pra eu ficar calma e perguntou se eu queria dar uma volta na beira da praia para desabafar.

Eu disse que sim. Saímos para caminhar. Ele perguntou o que havia acontecido comigo e eu lhe contei. Quando terminei, ele me disse:

– Bobagem, esquece esse cara e o que ele fez, isso pra mim é cara malandro. Ele já sabia do seu passado, né? Isso foi um pretexto que ele arranjou. Eu vou ser sincero com você, achei você uma mulher bonita, interessante, a Sônia me disse que ia convidar também uma amiga da Carine que escreve livros, e você está me parecendo uma boa pessoa. Aceita almoçar comigo amanhã?

Ele havia sido tão gentil em sair para caminhar comigo por uns minutos que eu disse que sim. Então voltamos ao restaurante. Sentamos à mesa e eu lhe perguntei:

– Mas então, José, o que estamos comemorando hoje? Conte pra nós a sua vitória profissional!

E ele, abrindo o champanhe que havia pedido, falou para nós três:

– Eu ganhei a licitação da Petrobras de 140 milhões de reais!

O champanhe estourou. Eu e as meninas começamos a gritar na mesa, fizemos a maior festa no meio do restaurante, parecia que estávamos mais felizes do que ele, estávamos verdadeiramente enlouquecidas; era como se ele tivesse acertado na Mega-Sena e nós estávamos frente a frente com o único ganhador!

A Sônia o abraçou e logo em seguida brincou de brigar com ele:

– Como que você não me contou antes? Eu trabalho pra você, estava aflita esperando sair o resultado e você só me conta agora?

– Mas Sônia, eu só soube no final da tarde o resultado da licitação!

– Tá, e por que é que só agora você foi ficar com essa cara de bobo alegre?

– É que eu descobri que vou namorar uma escritora! – e olhou para mim.

Quem? Quem? Quem não namoraria o ganhador da Mega-Sena? Melhor ainda, quem não aceitaria o pedido de namoro do único ganhador da Mega-Sena acumulada de dezenas de jogos? Mais ainda, que mulher sozinha no mundo, que teve seu coração despedaçado e que foi trocada por outra mulher, não aceitaria o pedido de namoro do ganhador da Mega-Sena acumulada? Que me atire a primeira pedra essa mulher.

E passamos a namorar. Combinamos que assim que ele assinasse a documentação, dentro de dois meses, nós iríamos para Aruba, jogar nos cassinos, e depois iríamos para Las Vegas.

Eu não estava apaixonada, na verdade eu estava muito machucada ainda e pensava todos os dias em John. Almoçava ao lado de José diariamente pensando em John. Mas José era tão divertido, e sua companhia tão boa, que eu estava gostando de estar com ele, porque quando eu não estava perto dele e sob o efeito de seu bom humor contagiante, eu começava a ter lembranças atordoantes do que passara. José me levava para todos os lugares e me apresentava aos amigos como sua namorada. Ele tinha um casal de filhos jovens, havia se separado havia muitos anos e convivia bem com sua família. Fui bem recebida por eles.

Eu tentava esquecer o John e não conseguia. Eu tinha sentimentos de amor e revolta, e sim, apesar de tudo, eu o amava. Eu me perguntava se ele e Catarine estariam juntos, se ele conseguira reconquistá-la, me perguntava se iriam casar e ter filhos, se ele moraria naquela que havia sido a casa que tínhamos escolhido juntos, se ela já havia conhecido a família dele, se ele a amava. Me perguntava se ele havia me esquecido completamente e se não tinha saudades de mim. Eu não tinha resposta para nada e de forma alguma teria; também não procurava saber, apenas imaginava as possíveis variáveis do que poderia estar acontecendo. E enquanto beijava José, pensava em John.

José estava feliz comigo. Ele teve um almoço com Lula, que visitou a cidade portuária ao lado da nossa, e só não me levou porque era um almoço oficial. Eu ia com ele para a casa de praia nos finais de semana e ao cinema para ver comédias. Assim que saía do escritório, ele me ligava. José tinha muitos jantares de negócios e eu era cúmplice dele, ia e conversava com as esposas de seus clientes, depois conversávamos entre nós sobre as propostas. Tudo aquilo era muito bom, porque eu me sentia valorizada. Ele era um homem extremamente inteligente e que mesmo assim queria saber o que eu pensava sobre o assunto discutido no jantar. O problema é que eu fazia sexo com José pensando no amor que antes eu fazia com o John.

José me disse que, se eu quisesse, poderia escrever quantos livros eu achasse importante

escrever, mas que eu não precisaria trabalhar, porque não havia a menor necessidade para isso, ainda mais que agora faltava um mês para ele assinar o contrato da licitação. E eu chorava às escondidas a saudade que eu tinha dos momentos simples com John.

Um dia, em casa, me arrumando para sair com José, a campainha de casa tocou. Meu coração disparou – não havia lógica para alguém ter seu coração disparado por esse motivo, mas alguém tocar a campainha de minha casa sem se anunciar pelo interfone significava que a pessoa devia saber a senha de acesso da entrada do edifício. Fui até a porta, espiei pelo olho mágico. Vi John. Saí de perto da porta. Eu fiquei em pânico, não sabia o que fazer, não sabia como reagir, não sabia o que lhe dizer, não sabia se abria a porta ou não. José estava para chegar e ficaria magoado se visse John ali; eu não saberia explicar, eu não queria explicar, eu tinha raiva do John, eu tinha amor por John. A campainha tocou novamente. Eu senti medo do John. O que ele estaria fazendo ali? A campainha tocou de novo. Eu ia começar a chorar. Eu não queria chorar, porque estava aos poucos me recuperando de John. Ele começou a falar:

– Eu sei que você está aí, só quero saber como você está.

Aquilo era um absurdo. Eu o amava, mas queria repeli-lo, as lembranças de Catarine estavam me invadindo, a voz dele me fez lembrá-lo pedindo-a em namoro e dizendo que iriam casar e ter filhos. Eu estava com raiva de John, esse era o sentimento que predominava em mim naquele exato momento das lembranças.

Então decidi não abrir. Fui em silêncio até o meu quarto e fechei a porta. Liguei para minha filha e lhe disse para não vir para casa, que eu e José passaríamos para apanhá-la e levá-la para jantar conosco.

Como John não tocou mais a campainha, entendi que havia ido embora. Um sinal sonoro de mensagem em meu celular chegou, era ele:

“Estive aí, mas não quero nada com você, apenas saber se estaria bem. Tenho um pouco de consciência pesada pela mulher bonita e espirituosa que eu conheci. Mas eu entendo que não queira falar comigo. Eu não estou com Catarine, mas isso não muda nada”.

Eu tremia. O celular em minha mão começou a tocar. Era José, dizendo que já chegara e que eu poderia descer para jantarmos. Desci, e quando estava na rua vi um carro parecido com o de John com alguém dentro. Seria ele? Ignorei; entrei no carro com José e ele me perguntou:

– O que podemos comer hoje?

– Hummm, podíamos pegar a minha filha e ver o que ela gostaria de comer, o que você acha?

– Pode ser, contanto que não seja xis-salada. Sabe, isso não faz muito bem para quem tem cinquenta anos...

– Cinquenta e três! – corrija-o.

Ele riu. Falei que o importante era que ele tinha uma saúde ótima, um bom humor raro e por isso não parecia ter 53 anos, e que eu daria para ele uns 51, de tão bem que estava. Estávamos sempre assim, fazendo piada um com o outro. Só faltava um ingrediente: amor.

Os dias se passaram e eu não havia respondido nada a John. Ele também não voltou a tocar a campainha de minha casa. No fundo não era isso que eu esperava; eu queria era que ele tocasse insistentemente aquela campainha e que me pedisse perdão desesperadamente, que chorasse na minha porta sem parar e que falasse pra mim que estava muito arrependido por tudo, me

implorasse para voltar para ele porque havia descoberto que eu era o amor da vida dele e que Catarine havia sido uma bobagem.

Ou seja, eu queria tudo aquilo que as minhas leitoras traídas também querem e eu me senti tão igual às mulheres mais leigas que conheci em termos de relacionamento que cheguei à conclusão de que, no fundo, as mulheres são todas iguais. Mesmo com todo o meu conhecimento e com tudo o que já sabia sobre os homens, mesmo assim os sentimentos são mais fortes do que a lógica dos acontecimentos quando você está 100% dentro da situação. Uma coisa é a mente saber que deve esquecer, outra coisa é o coração aceitar.

E num outro dia chegou mais uma mensagem do John: “O que há em seu coração?”.

Meu coração apertou. Eu ainda pensei: “Há muitas coisas aqui dentro, John, entre elas, amor”. Mas não respondi.

Continuava vendo José, as coisas estavam evoluindo entre nós. Ele era brincalhão e muito carinhoso comigo.

Eu chegara em casa tarde, depois de um jantar entre amigos, e não quisera dormir com ele em seu apartamento, pois no outro dia teria de levantar mais cedo e José gostava de ficar na cama até mais tarde. Entrei pé ante pé em casa, era início da madrugada. Carine estava em meu quarto, havia deitado lá para assistir TV e pegou no sono. Então começamos a conversar sobre o dia, sobre o que ela tinha feito e sobre como estava a minha vida. Eu contei a ela da mensagem de John, ela disse que também não estava entendendo a atitude dele, mas que achava que ele estava arrependido e que não deveria ter dado certo seu relacionamento com Catarine.

Liguei meu notebook para ver as mensagens do dia. Aos poucos eu estava voltando a responder os e-mails de meus leitores. Quando abro a caixa de mensagens, há uma de John. Suspirei. Carine se aproximou para ler comigo o que dizia:

Vanessa,

Sei que você não entende, não aceita o que houve, mas queria te dizer que, aceite ou não, eu estava sozinho quando você apareceu, você tem qualidades e charme e muitas coisas com que eu me identifico, então fui me apaixonando. Inesperadamente, mas não indevidamente, eu fui entrando cada vez mais na sua vida, e você foi entrando cada vez mais na minha. Eu tinha um conflito inicial, mas por um bom período acreditei que daria certo. Até eu conhecer Catarine de verdade, nada de errado aconteceu e eu não conheci ninguém mais além dela. Lamento dizer, mas se nós dois não tivéssemos vidas tão incompatíveis, nada de Catarine teria acontecido. Se você parar e pensar, pelo menos dentro de um raciocínio comum e normal, você irá enxergar as coisas. E se eu não fosse um homem correto, você acha que eu estaria aqui perdendo meu tempo tentando explicar algo para você? Por sorte, eu e Catarine percebemos rápido que não deveríamos estar juntos, foi melhor assim para nós dois. Eu não sei bem por que, mas eu ainda penso em você. John.

Eu e Carine não respirávamos, estávamos paradas vendo a tela mesmo depois que terminamos de ler. O e-mail havia sido enviado do BlackBerry, após a meia-noite, provavelmente quando John se preparava para dormir.

Eu perguntei à Carine:

– Amiga, o que você acha?

– Amiga, eu não posso nem ouvir falar o nome desse cara, não gostaria de ver vocês dois juntos novamente. E o que eu acho é que apesar dele não ter pedido declaradamente para vocês voltarem, pode ter certeza de que é essa a intenção dele. Depois de três meses, mandar um e-mail assim? Para quê?

Haviam se passado três meses, mas todos os dias, em algum momento, eu chorava de saudades dele, com menor frequência, mas isso era um fato.

Eu não respondi ao e-mail, nem saberia o que dizer também. Eu era uma mulher cheia de palavras prontas, sempre sabia o que dizer, mas com ele eu não conseguia nada, eu ficava fragilizada perto dele, essa é que era a verdade. O tamanho do meu sentimento me diminuía perto dele e eu ficava pequena, como uma criança que não sabe como agir.

Depois de uns dois dias, na parte da manhã, eu recebo ligação de um número desconhecido. A voz do outro lado disse:

– Vanessa – e silenciou em seguida.

Eu identifiquei a voz de John. Desliguei. Ele tornou a ligar e então eu desliguei o celular.

Passaram-se algumas horas, minha cabeça dava mil voltas. Eu me perguntava sobre o que ele iria me falar, me perguntava o que ele estaria sentindo, me perguntava quais eram seus pensamentos. E, mais do que tudo, eu queria respostas, principalmente para o fato de ter tornado a vida tão difícil para mim, para ele, para nós, para tudo à nossa volta. Eu queria saber por que ele virara o mundo de cabeça para baixo. O fato de ele estar me procurando fazia renascer em mim fortes sentimentos, era uma saudade que crescia, uma revolta que se ampliava, era amor que dentro de mim queimava um pouco mais, era paixão que machucava a alma, era raiva dele que inflava e oscilava entre ódio e amor.

Eu estava revoltada, sem paz de espírito. Liguei para ele:

– John, o que realmente você está querendo comigo?

Ele ficou mudo do outro lado da linha, então pausadamente falou:

– Podemos conversar pessoalmente?

– Não, John! Eu não quero ver você!

– Ah, você quer, sim, e eu quero ver você também, porque quero ter certeza de que está bem, mesmo sem mim. Eu só quero que você seja feliz, Vanessa.

A voz dele mexia comigo, porque era quase um hipnotizador das minhas vontades, era um anestesizador do meu cérebro. Ele falava e parecia que eu era levada por ele, seguindo a sua voz.

– Vanessa, vamos nos sentar como amigos para conversar, agora que não estamos mais entre o calor das emoções. Acho que nós dois temos dúvidas pessoais para tirar, e acho que isso só irá acontecer se conversarmos pessoalmente. Eu não gostaria de me perguntar, daqui a dez anos, por que não sentei para conversar.

A voz dele estava me seduzindo, eu queria tanto vê-lo que me deixei propositalmente ser enganada.

– Ok, mas eu vou até você, não quero você aqui em casa, tenho minha filha e minha amiga e elas ficariam constrangidas com você aqui. Vamos nos encontrar na antiga padaria onde tomávamos café, ok?

Marcamos para nos encontrarmos na padaria às três horas da tarde. Eu me arrumei normalmente, mas passei perfume, porque, mesmo que eu esbofeteasse a cara dele, eu queria que alguma marca minha ficasse no ar. Entrei no carro e quando cheguei procurei estacionar na rua lateral, mas não havia vaga, então tive que colocar na avenida principal, em algum ponto perto da entrada da padaria. Quando virei a esquina vi o carro de John estacionado, ele estava dentro. Eu tremia, não sabia se conseguiria manobrar o carro e estacionar. Consegui. Respirei fundo; eu iria olhá-lo pela primeira vez depois de três meses. “Eu vou esbofetear esse canalha!” Saí do carro e fiquei de frente para ele, que agora estava diante do seu carro. Nossos olhos se encontraram e algo estranho se apoderou de mim, meus sentimentos eram tão fortes que eu não tinha como resistir. Para derrubar de vez a minha muralha, John abre seus braços largamente, aqueles que me acolheram tantas vezes quando nos reencontrávamos das viagens.

E o que eu fiz foi correr até ele chorando, como uma criança que passou muito tempo perdida e que encontra finalmente o caminho de casa, de onde nunca deveria ter saído. Quando cheguei até ele, o seu abraço foi tão forte e meus soluços tão altos que eu não ouvi quase nada, mas soube identificar algumas palavras:

– Me perdoe, Princesa, por favor, me perdoe...

E eu já estava enlaçada nele.

Não tomamos café, fomos direto para o apartamento. Deixei meu carro estacionado perto da padaria e entrei no carro dele. Invadimos o apartamento com a voracidade de feras. Ele tirou minha blusa e me disse:

– Eu senti tanta saudade de você. Por favor, me perdoe, vamos ficar juntos novamente, eu sofri muito esse tempo com a sua ausência. Você aceita voltar para mim?

Eu disse sim. Nós nos beijamos e, enquanto José chamava em meu celular, eu fazia amor com John.

Quando tudo acabou, ele me perguntou:

– Quem te chamou várias vezes?

Eu respondi, de forma sincera e natural:

– Eu estou com uma pessoa, mas vou resolver isso. Vou conversar com ele e explicar o que aconteceu.

John se alterou:

– Como assim, você está com uma pessoa?

– Ué, você sabe disso, deve ter me visto entrando no carro com ele quando foi até minha casa.

– Vanessa, se eu soubesse que você está com alguém eu nunca teria entrado em contato contigo!! Que absurdo é esse? Você está com alguém e faz amor comigo?

Eu não estava entendendo John. Nem sua reação nem o que saía de sua boca. Era algo tão sem nexos.

– Amor, eu fui traída, fui trocada por você, estava muito triste e encontrei uma pessoa que aos poucos apaziguou o meu coração. Estou dizendo que vou resolver a minha situação com ele porque não sou o tipo de pessoa que mantém dois relacionamentos simultâneos.

– Mas como você conseguiu fazer uma coisa dessas? Você o ama? Qual é o nome dele? Como ele é? O que ele faz da vida?

– É José, ele é um administrador que mora na minha cidade, ele tem uma licitação do governo e é uma ótima pessoa. Mas não, eu não o amo e tampouco lhe disse isso, até porque estamos iniciando o relacionamento. Estou lhe dizendo que vou depois para casa, sentar e conversar com ele, explicar o que houve.

– E como você consegue estar com alguém que você não ama?? – ele parecia estar ficando transtornado.

– John, isso é normal em início de relacionamento, ninguém começa a sair com alguém porque ama. Até acontece, mas é raro; normalmente você experimenta estar com a pessoa para depois ver se descobre um sentimento maior. Eu fui me dar uma chance com José, sim, por que não? Eu estava solteira. E não vou mais me dar essa chance com ele porque o Amor da Minha Vida é você.

Ele parecia angustiado, me puxou para perto de si e me abraçou:

– Por favor, termina logo com ele.

– Sim, eu já disse que sim. Saiba que se Catarine não tivesse existido em nossa vida, eu não teria me separado de você por nada neste mundo, e José e eu nunca teríamos começado um relacionamento. Agora, por favor, me fale, o que aconteceu com você e Catarine?

– Eu descobri que ela tinha outro, saía com o chefe dela. Mentiu que faria uma viagem para Caracas e ficou no Brasil, achando que assim eu não ligaria para o celular dela. Mas eu descobri. Além do mais, Catarine é uma mulher muito egoísta, eu me iludi com ela, era tudo uma enganação, ela era um personagem que ela inventou enquanto eu a levava a bons restaurantes e programava uma viagem ao exterior com ela.

A possibilidade de eles terem ido longe um com o outro a ponto de programar uma viagem era doloroso, mas existia algo reconfortante por trás do que ele dizia, que era saber que ele descobrira o quanto estava enganado em relação a ela, era um alívio saber que ele experimentara o mesmo sabor amargo da decepção que eu e por isso agora me valorizava novamente. Ele continuava falando:

– Você é muito melhor que ela, sem contar que sexo entre nós dois era um fracasso. E Catarine pensa que o mundo gira em torno dela, ela não tem esse algo passional que você tem. Eu percebi que não teríamos chances no dia em que perguntei a ela se alguma vez já havia enlouquecido por algum homem e ela me respondeu que não, que nunca tinha largado tudo por alguém e que não o faria. Ali eu comecei a cair na real, depois foi só uma questão de tempo.

– E quanto tempo mais durou?

– Ficamos juntos um mês.

Foi um relacionamento relâmpago. Eu estava machucada, mas recebendo a dose de morfina para camuflar a dor, porque pelo menos ele deixara de amá-la:

– Vanessa, eu te amo! Prometo para você que nunca mais vou te trair, que nunca mais nenhuma mulher será mais importante do que você.

Seus olhos estavam cheios d'água e pequenas lágrimas acumulavam-se nos cantos.

Eu sentia sinceridade em seus olhos, sentia sinceridade em suas palavras. Então nos abraçamos. Ficamos assim por um tempo, deitados e abraçados, e eu experimentei a paz, mesmo machucada eu tinha paz, porque eu tinha esperança de que tudo ia ficar bem novamente.

Então ele se levantou para ir ao banheiro e fiquei sozinha no quarto. Em cima do criado-mudo havia uma pasta fechada onde se lia, no canto, “Catarine Ltda.”. Abri a pasta e folheei os papéis.

Eu não estava acreditando no que via. Ele saiu do banheiro e me viu com aqueles documentos na mão:

– Eu ia te explicar isso. Eu abri uma loja com o nome Catarine, registrei a marca e estou trabalhando com roupas agora.

Eu fiquei branca. A paixão por Catarine havia sido tanta que ele chegou a mudar a sua vida e abrir uma loja com o nome dela. Ele viu que eu não estava nada bem e chegou perto:

– Vanessa, preste atenção, Catarine não tem nada a ver com essa loja, foi só um nome que eu usei para registrar a marca, porque se trata de um nome diferente. Eu pensei em pôr Vanessa, mas esse nome já está registrado, e olha, a loja Catarine não é só minha, é sua também, é nossa. É de nós dois.

Eu estava em choque. Ele tentava me acalmar. Por fim, me mostrou as fotos da loja, as fotos da inauguração, as fotos das pessoas que agora trabalhavam na loja. Disse que iria lá me mostrar a loja, e que se eu quisesse poderíamos ir naquele momento:

– Mas agora é noite, John.

– Não tem problema, eu tenho as chaves da loja e há o vigia no Shopping de Blumenau. Vamos até lá, você vai gostar do meu trabalho.

– E a Hyundai?

– Eu sou um ótimo administrador, Vanessa, consigo levar as duas empresas junto.

E assim fomos, entrei no carro com ele e fui conhecer a loja. Eu estava com um misto de sentimentos dentro de mim, queria ver o que ele havia feito movido pela paixão por Catarine e ao mesmo tempo não queria.

Quando chegamos ao shopping o vigia abriu o portão – reconheceu o carro dele – e nós entramos. Estava tudo escuro, mas as luzes iam se acendendo enquanto caminhávamos. Chegamos ao final do corredor e à direita havia uma placa indicativa sobressaindo da porta, onde se lia CATARINE. Era como se eu estivesse vendo a Catarine. Me aproximei da entrada. A porta da loja era trabalhada em ferro, no estilo provençal, a loja lembrava os ares da França também. Havia flores envelhecidas e a decoração era de muito bom gosto. Ele abriu passagem para que eu entrasse, então entrei, meu coração parecia que saía pela boca. Meus batimentos cardíacos aceleraram. Toda aquela decoração e requinte eram inspirados em Catarine, no jeito, no estilo de ser dela e, mais ainda, na paixão que ele sentia por ela.

Ele começou a mostrar as roupas, eram todas clássicas. Diferentes do que eu costumava vestir, eram mais recatadas e fechadas, não tinham nenhuma sensualidade à mostra; algumas peças eram bonitas, outras eu jamais vestiria. Eram vestidos e camisas de pessoas comportadas. Eu imaginei se Catarine se vestia daquela forma:

– John, Catarine usa esse tipo de roupa?

– Não, ela tem muito mau gosto para se vestir.

Ele viu meu semblante triste, então me disse:

– Você sabia que a mulher Catarine, para mim, não tem valor algum?

– Mas e se ela aparecesse hoje na sua frente, o que você faria?

– Eu faria ela chorar! – ele falou com rancor.

Quando eu cheguei em casa, no outro dia, liguei para o José. Eu não me sentia bem em ter de fazer aquilo, mas também não me sentiria bem se não fizesse. Ele atendeu. Sua voz estava diferente comigo, como se ele soubesse que alguma coisa fora do normal tinha acontecido.

Eu falei:

– José, eu precisava muito conversar contigo e tem de ser pessoalmente.

– Não, não precisa, eu acho que pode ser por telefone.

– José, ontem eu tomei uma decisão, bem, você sabe o que aconteceu comigo e com o John...

– Sim, eu sei, bem como você sabe o que eu penso a respeito dele e do que houve – ele me interrompeu, parecia irritado.

– Pois bem, José, preciso te dizer que não podemos mais estar juntos e...

– Vanessa, isso você não precisa me falar, é o seguinte, não me explique nada, ok? Tente ser feliz, só isso, agora eu vou desligar e quem sabe algum dia voltamos a nos falar – e desligou o telefone.

José era um homem muito inteligente e direto; já sabia o que rolava em torno dele. Eu não precisei falar nada.

Não adianta, para as mulheres o amor sempre será mais importante que o dinheiro.

Depois comuniquei a Carine, que praticamente surtou, entrou em colapso:

– Eu não acredito, Vanessa! Não acredito que você vai dar chance para um traidor como ele, Vanessa, você se esqueceu do quanto ele te fez sofrer e da maneira fria como te chutou por causa de outra mulher?

– Amiga, por favor, não me condene, você acha que eu não penso nisso? A minha mente faz com que eu me lembre disso o tempo todo, mas o meu coração não aceita a falta de John em minha vida. E ontem, em nosso reencontro, meu coração palpitava, eu tinha muita saudade dele, foi muito bom estarmos novamente juntos, para os dois. Ele me prometeu que não vai fazer de novo, eu o vi arrependido, ele chorou.

– Amiga, eu não confio nele.

A minha filha se limitou a uma única frase:

– Bonito pra tua cara.

E saiu da sala, me deixando a falar sozinha. Em meu celular chegou uma nova mensagem, era de John:

“Que isso que nos aconteceu sirva para nos deixar mais fortes, mais unidos, acho que era uma fase que tínhamos de passar. Superando isso, nada mais nos separa”.

Eu respondi dizendo:

“Amor, amo você!”.

E ele retornou:

“Eu também te amo, minha princesa”.

Passamos a nos ver novamente todos os dias. Ele parecia se esforçar em me agradar nos pequenos detalhes da nossa rotina, da mesma forma como fazia antes. Também me ligava mais vezes durante o dia e o número de mensagens aumentou; eu imaginava que o peso em sua

consciência era tanto que o que ele pretendia com isso era me fazer sentir mais segura do que antes.

O único porém disso tudo é que eu não me sentia assim. Ele acabava de me ligar e eu pensava na possibilidade de ele estar ligando para Catarine – não, eu não confiava mais em John; por mais que o amasse, a confiança havia sido quebrada. E toda vez que ele se afastava de mim eu ficava inquieta e insegura. Os meus pensamentos eram bombardeados pelas lembranças de tudo o que poderia se repetir em minha vida.

Eu e John jantávamos todos os dias juntos, só que agora era sempre na casa dele. A minha filha e a Carine negavam-se a ter sua presença novamente na vida delas. Eu não estava chateada porque as entendia, sabia que por gostarem de mim queriam o meu bem, mas eu não conseguia estar separada de John, essa era a verdade. Minha mãe e minha irmã também não gostaram da ideia de termos voltado. Minha mãe me dizia:

– Ele pode fazer de novo, esteja preparada.

Mas eu queria estar com ele; é que elas não entendiam o quanto era difícil para mim dizer não ao meu sonho sem nem ao menos tentar. Eu pensava nas pessoas que desistem fácil de algo na vida. Eu nunca tinha sido assim, por que agora seria? Eu teria de tentar, nem que fosse para confirmar que não deveria nunca ter voltado, mas eu também tinha uma dose alta de esperança, de que aquilo que nos aconteceu serviria para que nos tornássemos melhores como casal – afinal, que casal nunca passa por um turbilhão?

E foi dessa forma que aos poucos fui me distanciando da minha filha, da minha amiga, da minha família e das outras amigas, porque a presença de John não era mais bem-vinda. Logo, eu passava menos tempo com elas, uma vez que ele era uma constante em minha vida e estávamos reatando, ambos dispostos firmemente a levar adiante o relacionamento. O José não havia mais ligado para mim e eu não liguei para ele também.

Onde quer que John estivesse, ele me ligava, e seu celular estava sempre ligado quando eu o chamava. Quando ligavam para ele, sempre conversava na minha frente, e essas chamadas geralmente eram de trabalho, mas eu passei a notar que nunca se falava em Hyundai, em produtos de carros, e os termos “distribuidora” ou “0800” nunca faziam parte dos diálogos. Sempre se falava sobre tecidos e roupas, e pelo menos umas duas ou três ligações por dia eram respondidas em coreano.

Algo dentro de mim me incomodava. Apesar de todo o cuidado que John tinha comigo, eu passei a vistoriar seu celular toda vez que ele ia ao banheiro, ou quando descia para buscar alguma coisa no carro. Eu olhava rapidamente e depois deixava o celular na mesma posição.

Um dia ele me perguntou se eu olhava o celular quando ele não estava presente, e eu disse: “Não, não mexo em nada que é seu”. Essa seria uma resposta honesta que eu daria antes de tudo isso acontecer.

Ele passou a me fazer com certa frequência a seguinte pergunta:

– Você confia em mim, Vanessa?

– Não – e fui sincera ao dizer isso.

Ele ficou meio irritado, e por fim disse:

– Você não me merece!

Levantou-se e foi até a sala.

Eu não fiz nada, estava deitada na cama quando ele me fez aquela pergunta, e a meu ver não havia nenhum motivo para se sentir ofendido.

Depois de um tempo, ele retornou ao quarto:

– Você não entende? Você tem que confiar em mim! Tem que confiar!

E pela primeira vez eu o vi irritado; logo em seguida, bateu uma porta para demonstrar seu estado de humor. Fechou-se no escritório e trancou a porta.

Depois de um tempo, levantei-me para tomar banho e, assim que saí, fui até o escritório e pedi-lhe que abrisse:

– Amor? Abre aqui, vamos conversar?

Então ele abriu a porta, me abraçou e disse:

– Desculpe, estou muito estressado por causa do meu trabalho.

E eu o desculpei.

Os dias foram se passando e eu fui percebendo que seu humor estava bastante alterado. Estávamos ficando mais tempo juntos do que antes. Eu perguntava se ele tinha algum problema e ele me dizia que não, que era apenas o estresse dos negócios e que isso era culpa dele, pois havia contratado pessoas não qualificadas. Ele começou a dizer que em Blumenau todos eram caipiras.

Eu não me sentia mais segura em relação a John, porque minha mente estava sempre vagando nas lembranças do que acontecera. Eu não tocava no assunto, mas inevitavelmente me lembrava da traição. Vez por outra, John olhava para mim quando eu estava em silêncio e me dizia:

– Estou vendo seu rosto, quando sua expressão se fecha dessa forma é porque você está pensando em algo ruim, não seria no que aconteceu entre mim e Catarine, não é mesmo?

E desta vez fui sincera:

– Amor, me desculpa, mas ainda é muito cedo para eu esquecer totalmente isso.

Então ele gritou:

– PORRA, VANESSA! EU JÁ FALEI QUE PASSADO É PASSADO, DÁ PRA ESQUECER ISSO?

Eu me assustei, porque nunca o tinha visto falar um palavrão. Eu não sabia muito o que dizer. Ficamos afastados um do outro, horas sem nos falar e sem interagir dentro de casa. Eu me sentia mal pela maneira como ele lidara com tudo.

Mas havia algo que sempre que fazíamos acalmava o ânimo dos dois: sexo. E isso era o mesmo ou até melhor que antes. O sexo era algo que me conectava novamente a ele; brigávamos e nos desconectávamos, fazíamos amor e nos ligávamos um ao outro de novo, ficávamos bem novamente um com o outro.

Mas John estava estranho depois que voltamos, estava com atitudes que antes eu nunca diria que eram dele. Ele passou a ter muito pouca paciência com tudo. Passei a vê-lo estressar-se com pessoas no trânsito e com filas no supermercado. Se John tentava montar um ventilador e não conseguia, chutava-o. Quando assisti a essa cena, perguntei-me se ele poderia estar sob alguma influência espiritual, porque de verdade não parecia a mesma pessoa. Tínhamos na noite anterior comprado uma pizza e levado para o apartamento, para jantarmos juntos. Ele segurava a

pizza com uma das mãos e com a outra buscava a chave em sua pasta. Como não conseguia encontrá-la, jogou a pizza no chão, abriu a pasta e esparramou tudo o que havia dentro dela no corredor, até que achou a chave, abriu a porta e se sentou no sofá da sala, de mau humor.

Eu juntei a pizza, as coisas de sua pasta e perguntei se ele estava bem.

– Não, você vê que não estou bem, Vanessa, você tem me atrapalhado!

– Eeeeeu? – exclamei, muito surpresa.

– SIM, VOCÊ ME ATRAPALHA, EU NÃO CONSIGO TRABALHAR DIREITO E A CULPA É SUA! SUA! Por sua causa eu estou sempre aflito, achando que você pode estar achando que eu estou te traindo. Por sua causa eu evito entrar no banco porque lá dentro não tem sinal e se você me ligar poderá pensar bobagens a meu respeito; por sua causa estou sempre ligando para avisar onde eu estou e por sua causa tenho visto você durante a semana mais vezes do que posso.

– John, tem algo errado no que você está falando, nunca lhe cobre essas coisas, você tem feito isso por mim para que eu me sinta mais tranquila em relação a você, mas eu nunca o impedi de ir ao banco ou qualquer coisa parecida.

– Vanessa, você não entende! Só você não confia em mim e isso é horrível! Como fica a minha dignidade sabendo que minha mulher pode estar pensando mal de mim? Já disse que me arrependi!!

Então ele foi até o escritório e se trancou lá. Não havia sentido nas coisas que ele dizia.

Isso foi um ponto chave que fez com que eu passasse a desconfiar dele novamente, de que talvez fizesse algo no escritório que eu não pudesse saber e que talvez aquele discurso todo tivesse sido feito com o intuito de poder ficar a sós por alguns minutos.

Ele ligava o som do computador em músicas coreanas quando se trancava no escritório e por isso eu não podia saber se estava falando com alguém ao telefone ou se estava digitando algum e-mail. Eu ficava aflita, porque não queria ter de brigar com ele por desconfiança sem fatos fundamentados e também não queria deixar que tudo rolasse novamente sob os meus olhos sem que eu fizesse nada. E eu, a partir daquele momento, me tornei mais desconfiada do que já estava.

Comecei a cogitar a possibilidade de que ele pudesse estar ligando para alguém nesses momentos ou quando eu ia tomar banho. E que a briga fora causada não por algo real, mas por uma justificativa inventada por ele na hora, para que pudesse estar só no escritório.

Ora eu pensava que podia estar exagerando nas minhas suposições, ora eu achava que era perfeitamente normal não confiar nele. E enquanto eu tomava banho eu acabava sempre pensando no que mais ele poderia estar fazendo. Consciente ou inconscientemente, não sei bem, comecei a ter ansiedade embaixo do chuveiro e passei a tomar banho rapidamente.

Um dia, fui tomar banho e escondi seu celular dentro da panela de pressão, no armário, assim eu poderia me demorar mais sem ter a preocupação de que ele pudesse estar ligando para Catarine ou qualquer outra pessoa. Não havia mais qualquer sinal dela, mas se ele nunca houvesse esquecido o BlackBerry nas cobertas um dia, eu nunca chegaria a saber que eles estavam envolvidos de verdade.

Eu saí do banho me sentindo ridícula e fiquei a pensar naquela minha atitude. Era na verdade

um raciocínio muito equivocado o meu, o de achar que escondendo o celular eu evitaria uma traição; no entanto, mais do que a traição, eu queria evitar também o lago negro da depressão, do que haviam sido meus dias sem ele. Eu não estava tendo paz, mas tinha muito medo daquela imensa tristeza que eu sentiria com a separação se novamente ela acontecesse. Naquele momento, era preferível, para mim, a incerteza da sinceridade dele à possível angústia já experimentada dos dias que viriam se não estivéssemos mais juntos. Era ruim com ele, mas muito pior sem ele.

John aos poucos foi deixando de ser carinhoso. Eu comecei a lhe fazer perguntas que antes quase não fazia:

– Amor? Por que você não me leva na Hyundai ou na loja? Eu gostaria de conhecer as pessoas que trabalham com você.

– Eu não te levo porque aquele é um ambiente corporativo, sou um profissional sério e lá não é lugar para namoro. Além do quê, sou muito discreto com meus funcionários, não dou abertura a eles a respeito da minha vida pessoal.

Eu fiquei séria com aquela resposta; não foi proposital, foi sem pretensão nenhuma, fiquei séria porque não gostei da resposta. Eu não havia pedido para estar lá todos os dias, mas a um ou outro jantar da empresa eu poderia ir, qual era o problema?

Com isso ele se irritou:

– Você não confia mesmo em mim! Bota a roupa, vou te levar pra ver onde eu trabalho na Hyundai!

– Amor, se você não quiser, não precisa, eu não quis brigar com você, eu só queria que você me explicasse, só isso... E você pode falar como uma pessoa normal? Não há a menor necessidade de gritar.

– Mas agora sou eu que faço questão de te levar até lá – ele mudou o tom da voz.

Então eu troquei de roupa e subi no carro com ele, que dirigia velozmente pela cidade de Blumenau. Quando chegou em um edifício amarelo de cerca de oito andares, ele me disse:

– Você está vendo esse prédio aqui? Esse prédio é da Hyundai, é aqui que venho todas as manhãs, é aqui que supervisiono o 0800 da Hyundai, é daqui que saem todos os pedidos de peças que são feitas no Brasil, é aqui que ficamos eu e meus funcionários, então, Vanessa, **NUNCA MAIS DESCONFIE DE MIM!**

Esperei mais alguns dias e lhe perguntei:

– Amor, e sua família? Quando vou conhecer seus pais?

Ele suspirou profundamente. Percebi que não gostava que lhe perguntasse nada, mas ele procurou me responder com calma:

– Com o passado que você tem, e isso tudo ainda sendo recente em sua vida, no momento não posso. Como vou correr o risco de, por exemplo, levar você a uma festa de família e alguém te reconhecer? Ainda mais com esse seu cabelo ruivo? Eu amo seu cabelo, amo você, Princesa – ele ficou muito doce nesse momento –, mas não amo e não aprecio o que lhe aconteceu antes de me conhecer. Aliás, você poderia rever a cor do seu cabelo? Você ficaria muito mais bonita morena ou até mesmo loira. Dessa forma, aos poucos as pessoas iriam se esquecendo de sua imagem na mídia, e eu poderia, com mais algum tempo, apresentar você a meus pais.

Eu tinha muita vontade de conhecer a família dele; já haviam se passado alguns meses e nem um amigo sequer eu tinha conhecido. Havia um lado positivo nisso, que era o fato de John nunca estar saindo com amigos, não frequentar bares nem tampouco ir a jogos de futebol; ele parecia se limitar bastante a programas familiares. Ele alegava que trabalhava demais e que seus verdadeiros amigos, Joshua Park e Cleo Maheara, estavam nos Estados Unidos, e, portanto, pouco os via, e que o tempo que lhe restava gostava de passar comigo.

Havia, sim, dias bons, havia momentos calmos, mas estavam sempre se intercalando com as cenas dele se sentindo ofendido e com seus gritos descabidos. Nos dias bons eu o amava muito, nos dias ruins eu o tolerava por amor, às vezes fazia isso no mesmo dia. Quando ele se apercebia de suas oscilações de humor, me falava:

– Princesa, desculpa, mas meu trabalho tem me deixado louco, estou cansado desta cidade e de pessoas tão caipiras. Não se consegue mão de obra qualificada aqui como a de São Paulo.

Eu dizia que tudo bem, mas que ele procurasse se controlar, porque aquelas atitudes me magoavam. E por amá-lo e por achar que eu deveria investir e abdicar de partes de mim na tentativa de fazer daquela relação algo verdadeiro, um dia eu cedi à sua vontade de mudar a cor do meu cabelo. Liguei para ele à tarde e falei:

– Amor? Tenho uma surpresa para você hoje à noite.

– Agora fiquei curioso, que surpresa é?

– Você verá quando nos encontrarmos.

E à noite o que eu fiz foi aparecer morena. Quando cheguei em casa e ele me viu, ficou feliz. Ele sorria, estava alegre, disse que iria cozinhar um *carbonara* especial para nós. Disse que eu havia ficado mais linda, então me beijou diversas vezes e foi cozinhar. Foi uma noite boa, sem conflitos da parte dele, sem lembranças obscuras da minha, sem gritos, sem oscilações. Eu queria que todas as nossas noites fossem daquele jeito.

Quando a minha filha e a Carine me viram morena, disseram:

– Nada a ver contigo, não está ruim, mas cadê a Vanessa? – a Carine dizia isso enquanto fazia a volta em mim analisando o novo visual.

– Ai, mãe, você com esse cabelo nem parece ser a minha mãe – ela se agarrou à almofada no sofá da sala e ficou assistindo à televisão, como se preferisse cortar o assunto ali mesmo.

Meu ruivo que era quase a inspiração para o filme *Inferno na Torre*, agora havia passado a ser o Cisne Negro.

O ABISMO

Depois de dois meses novamente juntos John me ligou, dizendo que era um dia muito feliz para ele, pois acabara de pegar um carro novo:

– Amor, você é a primeira pessoa a saber! Comprei um Alfa Romeo 154, sempre tive vontade de fazer a coleção de Alfa Romeo, e com os meus negócios indo bem assim poderei fazer. Vamos jantar e comemorar, é nosso Alfa! Vou te buscar hoje em Balneário Camboriú de carro novo.

– Nossa, amor, fico feliz por você, mas você nunca me falou do Alfa Romeo. E quanto à sua caminhonete, o que você vai fazer?

– Princesa, esse é nosso carro, nosso! Nunca te falei porque era uma surpresa. Não, eu não vou vender a caminhonete, vou manter os dois carros e comprar outros modelos de Alfa Romeo.

Por mim estava tudo bem, eu achava um exagero ter mais carros em uma garagem do que se poderia precisar, mas em hipótese alguma eu iria dissuadi-lo de seus planos. Se aquele era seu sonho, então eu o apoiaria.

Achei o carro bonito, elogiei a cor preta, e nisso John virou mais do que uma criança, ele virou uma criança completamente apaixonada pelo carro. Abriu a porta para que eu entrasse e então começou a me falar sobre as maravilhas do carro, falou do design, do criador, do modelo, da cor, do motor, do farol, do couro e dos cuidados com a manutenção. Ele estava muito empolgado e me transmitiu toda aquela empolgação.

A vida dele era uma correria, eu o via preparar a folha de pagamento dos funcionários, correr ao banco pagar o FGTS, voltar para contar os valores dos cheques em casa, inclusive até eu ia à lotérica fazer alguns depósitos para ele. O fato é que aos poucos eu o estava ajudando no seu trabalho, da forma como podia. Eu me sentia bem, porque queria que John visse que eu estaria ali com ele na hora boa e na hora ruim também, que eu não estaria ali somente no momento do jantar no melhor restaurante, mas eu também na hora do sufoco ou do estresse. Assim eu acreditava e assim ainda acredito: casal de verdade se une no que é bom e no que não é bom.

E como aos poucos eu estava fazendo alguns outros favores a John, em troca ele passou a me ajudar com algumas contas, afinal, ele mesmo dizia ser esse o certo, e eu também precisava, pois estava destinando um tempo que seria gasto com meus trabalhos com livros e palestras para ajudá-lo. Eu ia ao banco pagar as contas da loja que ele me passava, contava com ele os valores de entrada e saída do caixa do dia, fazia orçamentos de lustres e decoração para a loja, entre outros pormenores.

Então ele me propôs:

– Vanessa, você não gostaria de procurar para mim uma decoradora que fizesse arranjos de

flores artificiais? Eu gostaria de investir em uma decoração bucólica para este verão, com vasos de flores na loja. Também estou pensando em abrir uma segunda loja de roupas; estamos vendendo muito bem e há mercado para isso.

– Amor, se você quiser, eu posso fazer os arranjos para você. Não há necessidade de pagar uma decoradora para isso. Eu sempre gostei de trabalhos manuais.

– Princesa, você faria isso por mim?

– Claro.

E assim eu os fiz, feliz, muito feliz, porque estava alegre em poder contribuir com algo na sua vida. Eu escolhia as flores, os vasos, conversava com os floristas, pedia opinião e terminava os arranjos de flores em minha casa, em Balneário Camboriú. Eu queria que ele visse somente quando estivesse tudo pronto. Queria que ele admirasse o trabalho e se sentisse orgulhoso de mim.

Quando ficou pronto eu liguei:

– Hoje no final da tarde eu levo os arranjos pra você!

– Ah, que bom, Princesa, será que você poderia me encontrar no estacionamento do shopping? Assim eu já deixo as flores na loja, você me espera rapidinho no carro e de lá vamos para o apartamento.

E assim fiz; cheguei no estacionamento do shopping e fiquei esperando por ele. Passou-se meia hora do horário combinado e eu ainda estava esperando. Até que ele me ligou:

– Só mais dez minutinhos, ok?

– Sim, eu espero.

Enquanto eu esperava, olhava a porta de entrada do shopping, e isso fazia com que a minha curiosidade aumentasse: quem será que trabalhava para ele? Como eram as funcionárias? Como era o ambiente de trabalho? Decidi ir até lá.

Melhor que isso, decidi fazer eu mesma a entrega das flores; peguei dois vasos de arranjos, fechei o carro e me dirigi à entrada da loja.

Quando estava na frente, vi pela vitrine que deveriam estar trabalhando naquele momento cerca de oito funcionárias. A loja era espaçosa perto das outras lojas do shopping. Então, segurando os arranjos, resolvi entrar. Uma moça de estatura baixa, com rosto delicado e olhos azuis, veio conversar comigo:

– No que eu posso te ajudar?

– Eu sou decoradora, vim fazer a entrega destas flores.

Ela me olhou de cima a baixo:

– E quem te contratou?

– John.

Ela parecia muito intrigada:

– E como ele te achou?

– Ah, ele já me conhece.

– De onde? – ela parecia muito curiosa.

Eu achei que não eram perguntas que uma funcionária faria e aquilo me deixou inquieta. As outras vendedoras se aproximaram para ver os arranjos, algumas disseram ter gostado. Então,

no impulso e na curiosidade de ver a reação delas e de captar o motivo de aquela funcionária fazer perguntas intrigantes, eu disse:

– Na verdade eu sou namorada dele.

Quando eu disse isso houve silêncio na loja, ninguém se mexeu, as funcionárias estavam todas paradas, apenas me olhando, nada diziam; foram segundos de tensão. Eu também não falava nada, só nos olhávamos, eu via o olhar espantado da vendedora que me havia feito as perguntas, eu tentava captar por quê. Até que a tal funcionária reagiu e disse:

– Tá bom, então – pegou o vaso de flores e o colocou atrás do balcão.

Eu sentia que algo de anormal estava acontecendo, mas não sabia exatamente o que era. Perguntei:

– Qual é seu nome?

– Josy. E o seu? – seus olhos estavam tensos, e as mãos, nervosas.

– Vanessa. Prazer, Josy.

Ela tentava parecer normal, mas havia algo fora do lugar. Perguntei-me se ela teria algum caso com John, ou se gostava dele ou se nutria apenas alguma esperança por ele. Mas não cogitei que tivesse algo sério com ele, de fato, caso contrário ela já teria tirado alguma satisfação comigo. Mas havia algo que eu não conseguia identificar.

Então me despedi delas e saí da loja. Eu queria uma resposta para suas reações e para o silêncio coletivo. O que mais parecia é que elas estavam chocadas.

Entrei de volta no carro, esperei mais uns dez minutos e então John chegou:

– Desculpe o atraso, Princesa.

– Tudo bem, eu já adiantei o serviço e levei alguns arranjos lá para a loja.

– O QUÊ?

– Levei dois arranjos até a loja, amor, me ajuda a levar estes outros.

Eu fui pegando as flores e ele segurou meu braço:

– E o que você disse na loja?

– Nada, eu disse que eu era decoradora.

Ele soltou meu braço:

– Tudo bem, eu te ajudo a levar as flores lá para dentro, você já entrou mesmo.

Então eu segurei dois vasos e ele os outros dois. Entrei na loja sorrindo e as vendedoras novamente pararam de trabalhar. John disse seriamente a elas:

– Meninas, essa é a Vanessa, ela é minha namorada.

Eu fiquei automaticamente surpresa e aliviada. Então ele começou a rir contidamente e disse:

– Não, não é não. Estou brincando, ela é a decoradora que contratei para fazer os arranjos de flores. Mas ela é bonita, né?

As funcionárias sinalizaram que sim com a cabeça e pareciam ter percebido que eu era uma namorada, mas que ele não estava assumindo declaradamente. A Josy me olhava. Ele me levou até ela e me apresentou:

– Essa é a Josy, meu braço direito aqui na loja, ela cuida da parte administrativa.

– Tudo bem, Josy?

– Sim, tudo.

Nós duas reagimos como se não tivéssemos conversado antes. Então eu e John nos despedimos delas e saímos. Antes de ir embora ele me convidou para sentarmos e tomar um café na cafeteria do shopping, e para lá fomos. Eu estava feliz, via que aos poucos ele tentava me introduzir em seu ambiente. Eu, que antes não conhecia ninguém, agora já tinha ido até a loja e caminhava com ele pelos corredores do shopping. Na cafeteria, quando a atendente veio tirar o pedido ele disse:

– O que você acha de eu namorar essa moça?

A atendente sorriu:

– Ah, ela é bonita, por que não namoraria?

Ela foi preparar o café que havíamos pedido, nós tomamos e fomos para o apartamento. No outro dia eu saí em direção a Balneário, John não precisava que eu fizesse nada para ele e eu fui cuidar das coisas em minha casa e escrever um pouco, pois meus textos estavam ficando abandonados.

Perto do meio-dia ele me ligou:

– VANESSA! VOCÊ FALOU QUE ÉRAMOS NAMORADOS AQUI NA LOJA!

Eu não sabia bem ao certo o que dizer. Tentei sair pela tangente alegando que ele também falara, mas não colou, então tomei atitude e disse:

– Tá, falei, pronto, é verdade, qual o problema?

– VOCÊ ARRUINOU A MINHA VIDA!

– Como assim?

Ele ficou em silêncio, depois disse:

– Aquele é meu ambiente profissional, a Josy me disse que te fez algumas perguntas porque havia achado estranho eu ter encontrado uma decoradora sozinho se havia pedido a ela que procurasse uma. E agora todo mundo no shopping sabe que você é minha namorada. Você não entende mesmo, as mulheres são fofoqueiras, umas espalham para as outras rapidamente. Decididamente, você só atrapalha a minha vida!

– Não, eu não atrapalho, eu ajudo você.

– Preciso ficar só, hoje não vamos dormir juntos!

Então ele desligou o telefone.

No outro dia ligou, dizendo que estava mais calmo, mas que eu não fizesse mais o que havia feito, não sem o consentimento dele.

– Tá bom, amor, mas eu gostaria de saber se havia algo de grave e o que era esse grave.

Ele não poderia ter alguém mais importante do que eu, ou sequer uma namorada, a quem devesse alguma explicação. Dormíamos juntos praticamente todos os dias e o seu celular não recebia nenhuma ligação à noite. Se houvesse alguém com quem ele ficasse de vez em quando teria de ser algo muito superficial, a ponto de a pessoa nunca poder cobrar nada. Somente seus pais ligavam à noite e eles conversavam brevemente. Ninguém mais ligava para ele.

Mas a questão é que a minha existência já havia sido comunicada a outras pessoas e por isso eu estava mais tranquila; eu pensava que era apenas uma questão de tempo ele também perceber que eu não prejudicaria sua vida profissional, mas, sim, acrescentaria. Afinal, eu sempre tive boas ideias para negócios e poderia dar uma forcinha a ele.

Quando nos vimos pela primeira vez depois do meu aparecimento na loja ficamos bem um com o outro. Isso era um fato, eu sempre tinha saudade dele, e mesmo se nos víssemos pela manhã, à tarde eu já sentia sua falta; eu sempre estava esperando pelo momento de vê-lo. Quando estávamos bem um com o outro, sempre era muito bom. Acho que meu lado positivo e alegre fazia bem a ele, acho que seu lado racional e que transmitia domínio sobre as situações da vida me fazia bem. Dizem que é assim, né? As partes se completam, pelo menos era o que eu pensava naquele momento.

E como tudo já estava às claras, eu pude ir outras vezes à loja, bem como passei a ir também aos *happy hours* dos funcionários com ele, como namorada.

Estávamos no final da temporada de inverno, era necessário fazer balanço na loja e eu fui ajudar John e as funcionárias. Cada vez mais eu escrevia menos e cada vez mais eu o ajudava mais; consequentemente, ele também me ajudava, pagando as contas que eu não conseguia cobrir até o final do mês.

As funcionárias eram simpáticas comigo e não havia nenhuma de que eu não gostasse. Comecei a achar bom estar na loja, porque enquanto eu as ajudava a dobrar e contar peças de roupas, íamos conversando. Era uma espécie de substituição para mim – antes eu tinha as minhas leitoras para estar sempre trocando uma ideia, agora eu tinha as vendedoras. Ninguém me reconhecia; com aquele cabelo castanho eu era mais uma na multidão.

Havia dois funcionários que trabalhavam para John, dos quais ele reclamou certa vez:

– Não sei por quê, mas esses funcionários ficam me encarando; quando vejo eles estão me olhando nos olhos e nada falam.

– Pode ser que eles te admirem, amor. É normal, quando você admira você observa.

Muitas pessoas gostavam do John à sua volta, ele era cordial e educado com todos.

Seus planos de abrir a outra loja seguiam adiante, John havia escolhido outra sala no mesmo shopping e eu, além de dobrar a roupa com as vendedoras, passei a ajudá-lo a montar a loja. Aquilo dava muito trabalho, era como fazer a reforma de uma casa, muitos detalhes em que pensar, muito empenho, muitas ideias para serem discutidas e muitas decisões a serem tomadas de última hora.

Ele precisava de mais funcionárias, estava fazendo seleção para vários setores, precisava de alguém que trabalhasse na área de produção, precisava de vendedoras, de gerente de loja e de outra pessoa que cuidasse da parte financeira da nova loja. Naquele dia chegou uma mensagem em seu celular. Ele leu e me disse:

– Nossa, como não pensei nela para cuidar da parte financeira da nova loja?

– Ela quem? – perguntei.

– Rafaela, uma ex-namorada do tempo de escola, de quando meus pais ainda moravam aqui no Brasil.

– Mas você vai contratar uma ex-namorada para trabalhar aqui? E por que ela te mandou um e-mail depois de tanto tempo?

– Ela está em Florianópolis agora, mudou-se do Rio de Janeiro, Normal, eu não sou como você que nunca fica amigo dos ex, eu sou daquelas pessoas civilizadas, Vanessa, sou leal àqueles que já passaram na minha vida, caso você não tenha percebido ainda. Você já vai

começar?

A maneira como ele falou comigo era agressiva.

– Amor, eu não falei nada, só não me senti bem quando você falou em contratar uma ex-namorada. Logo você, que diz ser tão profissional.

– Pronto! O que eu fiz agora? Aliás, o que eu ando fazendo nestes últimos tempos? Vanessa, você não está aqui para atrapalhar o meu trabalho, não é mesmo? – ele não parava de falar, colocando as mãos na testa e emendando uma frase na outra. Aquilo iria virar um minidiscorso, eu já sabia. – Eu te pergunto, Vanessa! Depois do incidente da Catarine, você soube mais alguma coisa de mim? Nada, Vanessa! Nada! Você não tem nada para falar de mim. Pelo contrário, eu só tenho pago tuas contas e trabalho.

Eu me senti humilhada, era como se ele me fizesse um favor, mas respondi:

– Amor, você paga as contas, mas eu faço por merecer.

E não disse mais nada para que tudo não virasse uma discussão.

Em um desses dias, durante a semana de montagem da loja, eu e John acordamos, fizemos amor e logo em seguida ele me comunicou:

– Vanessa, vou precisar ir a São Paulo hoje no final da tarde.

Quando ele me disse aquilo, fiquei nervosa. Meu semblante deve ter mudado quase que instantaneamente, porque ele pôs as mãos no meu ombro e disse:

– Calma, Princesa, eu estou com você, nada vai acontecer, só vou a São Paulo porque preciso buscar mercadoria, eu vou e volto amanhã, ok? No máximo depois de amanhã, e nós dois iremos nos falar durante esse tempo todo. Você me liga e eu te ligo, ok?

Eu havia ficado aflita por causa das lembranças do que havia acontecido com Catarine. Ela não tinha mais aparecido em nossas vidas, mas sua sombra ainda estava escondida em algum lugar. Ele continuou falando:

– Amor, minha Princesa! Eu amo você e só não te levo junto porque será uma viagem muito rápida e preciso de você aqui ajudando a coordenar a loja. Você verá, amanhã ou depois de amanhã já estarei aqui contigo!

Eu me acalmei com suas palavras; meu coração havia ficado em sobressalto, mas eu não queria ser assim, queria ser uma namorada tranquila, daquelas que têm uma vida normal com o namorado. Então, disse a mim mesma que aquele trauma teria de passar de qualquer jeito, porque era um fato: John não havia feito mais nada desde que retomamos o relacionamento. Ele tinha, sim, suas atitudes grosseiras comigo, tinha seus ataques impulsivos e certas atitudes ignorantes, mas nenhuma outra mulher entrara em nossa vida:

– Amor, eu não quero ser assim, eu quero estar bem com você, quero que quando você viaje continuemos bem.

– Essa é minha Princesa!

Depois do almoço, como ele iria viajar, fizemos amor de novo, até porque estávamos acostumados a isso, e eu, no fundo, também fiz para me tranquilizar de que ele fosse viajar sexualmente satisfeito.

À tarde ele me ligou, comunicando que pegaria o voo em breve, havia conseguido uma das últimas passagens. Eu iria dormir as duas próximas noites em Balneário Camboriú para não

ficar sozinha em Blumenau, com minha filha e com a Carine – eu as via pouco, passava mais tempo agora com John. A montagem da nova loja me deixava bastante cansada para retornar a Balneário Camboriú e nós dois gostávamos de dormir juntos.

Quando ele chegou a São Paulo, me ligou, avisando que acabara de desembarcar. Depois de uns trinta minutos eu me senti levemente insegura e liguei para ele, que prontamente me atendeu:

– Amor? Tudo bem com minha Princesa?

– Sim, amor, estou bem, só queria ouvir sua voz, eu fico com saudade de você.

– Você já comeu alguma coisa?

– Ainda não, mas vou comer daqui a pouco com as meninas. E você, já comeu?

– Ah, eu parei aqui no restaurante do aeroporto, vou comer algo porque estou com fome e assim que eu chegar na casa de minha tia eu te ligo, para conversarmos mais um pouco.

– Amor, eu amo você.

– Eu também te amo, minha Princesa. E pode me ligar a hora que você quiser, quero que você se sinta tranquila e confiante comigo, ok?

Até aquele momento eu estava me sentindo segura, pois um homem jamais iria falar “eu te amo” estando ao lado de outra mulher com quem tivesse um relacionamento ou qualquer tipo de pretensão – isso seria morte certa.

Depois de um tempinho ele me ligou novamente, querendo saber se estava tudo bem comigo e um pouco enciumado, pois meu celular havia estado fora de área:

– Amor, pode ter sido a hora em que eu fui buscar minha filha no inglês.

– Princesa, eu estou com todos os canais abertos para você, mantenha os seus abertos para mim também, cuida desse celular, ok? Eu não quero me sentir aflito.

Ouvir aquilo dele, de que estaria com ciúmes de mim, era bom, pois ele sentia agora uma pequena pontinha do que eu já sentira muitas vezes.

Nós nos falamos antes de dormir e eu liguei para ele umas 5 horas da manhã. Sabia que estando em São Paulo ele iria à igreja com sua tia e que todos deveriam se levantar por esse horário para estarem juntos no café e depois orar.

Ele me agradeceu pelo bom-dia carinhoso e continuamos trocando mensagens o dia todo. Eu estava bem, ele me falara que teria de ficar mais um dia em São Paulo mas que estaria cedinho em casa no outro dia, e assim que desembarcasse me ligaria para nos encontrarmos. Aquela sensação de paz estava em mim novamente, ele estava se esforçando para estarmos juntos. Durante o dia tudo foi tranquilo entre nós. À noite conversamos, ele disse que estava cansado e que dormiria cedo. Eu também estava cansada, havia feito muitas coisas durante o dia, a maioria para a loja.

Devo ter adormecido lá pelas 22 horas. De repente e quase inacreditavelmente, à meia-noite eu despertei, com uma sensação horrível. Quase um pânico – eu não lembrava se havia sonhado algo, apenas tinha aquela certeza de que John não estava em São Paulo. Decidi não ligar para ele. Vesti uma roupa, e quando vi estava dentro do meu carro, dirigindo a 150 quilômetros por hora entre a estrada de Blumenau e Balneário Camboriú.

Em frente ao prédio, olhei e vi os dois carros na garagem. Então eu soube que ele não havia ido para São Paulo, pois ele geralmente deixava um dos veículos no aeroporto.

Digitei o código de acesso ao condomínio e entrei. Subi pelo elevador tremendo. Diante da porta, liguei para seu celular; ele poderia estar em casa com alguém ou, quem sabe, poderia estar na casa de alguém. Só sei que se eu batesse na porta diretamente ele jamais abriria, iria se esconder. Minha cabeça dava mil voltas, eu imaginava mil situações, eu me sentia estranha, aquilo era estranho e eu estava em completa aflição por um cara que eu amava muito.

Liguei e ouvi de dentro do apartamento o celular tocando, ouvi-o atender:

– Princesa? Eu estou dormindo. Que horas são, amor?

– ABRA ESSA PORTA AGORA, JÁ SEI QUE VOCÊ ESTÁ AÍ DENTRO!

– Você está louca! Eu estou em São Paulo.

– ABRA, JOHN! – dei três batidas na porta.

Ele percebeu que eu estava em frente à porta. Abriu-a, ele estava de pijamas, parecia inchado, como se estivesse dormindo havia muito tempo. Baixou a cabeça, fez sinal para que eu entrasse. Continuei:

– JOHN! POR QUE VOCÊ MENTIU QUE ESTAVA EM SÃO PAULO? TEM ALGUÉM AQUI COM VOCÊ?

– Princesa, eu estou sozinho, reviste o apartamento! Por que você está fazendo isso comigo?

– “Por que” pergunto eu John, por que mentir pra mim? Fale logo! Diga a verdade agora! Já suportei Catarine uma vez, não vou morrer se houver outra pessoa e nos separarmos, mas estou morrendo com este tipo de situação, John! – eu estava ficando mais revoltada ainda, falava enquanto vistoriava o apartamento em busca de alguém ou alguma coisa.

– TÁ BOM, TÁ BOM! EU MENTI PRA VOCÊ, SIM! MENTI, OK? MAS MENTI PORQUE NÃO ESTOU AGUENTANDO TE VER TODOS OS DIAS!

Eu devo ter arregalado os olhos ao ouvir isso:

– O QUE VOCÊ DISSE? É você que me pede para dormirmos juntos! – eu gritava agora, a revolta tomou conta de mim completamente. Meu sangue ferveu ao ouvir aquilo.

– EU ESTOU EM CONFLITO NOVAMENTE COM VOCÊ, VANESSA! EM CONFLITO! – as mãos gesticulavam e os olhos, que antes estavam sonolentos, agora se abriam o máximo que podiam. – POR QUE VOCÊ ESTÁ FAZENDO ISSO COMIGO? EU NÃO ESTOU FAZENDO NADA, VEJA, EU ESTAVA DORMINDO!

A adrenalina que antes fervia em meu sangue agora explodia. E eu explodi de uma maneira que não imaginava explodir. Perdi completamente o controle. Já tinha ouvido aquela frase antes, “estou em conflito”, e toda a minha revolta pelo que eu havia passado naquela traição com Catarine veio à tona. Sem pensar e em um gesto de ódio por ele novamente estar me dizendo aquilo de “estou em conflito!”, sendo ou não verdade, eu estendi meu braço e o esbofetei com tamanha força que chegou a doer a palma da minha mão. Com o dorso da mão desferi-lhe outro tapa no outro lado da face, seguido de outra bofetada com a palma da mão e de quantas mais eu consegui lhe dar enquanto ele tentava se proteger, dizendo não ter feito nada.

– VOCÊ É LOUCA! LOUCA! EU NÃO FIZ NADA! VOCÊ É LOUCA!

Ele cobria o rosto com as mãos na tentativa de se proteger e eu parei quando as minhas forças se exauriram. A minha respiração era tão rápida a ponto de eu estar passando mal. Nós olhamos um para o outro, eu o estava odiando. Ter me tirado do controle foi uma surpresa para ele, que

jamais esperaria que eu me virasse contra ele com aquela fúria. Enfim eu disse:

– Estou indo embora, e agora é para sempre! – fui em direção à porta.

Ele saiu correndo, jogou-se na frente da porta, impedindo a minha passagem, me implorando:

– Não, por favor, por favor, não me deixe, não me deixe dessa maneira. Eu amo você, Vanessa, por favor, não saia da minha vida, eu não fiz nada, eu juro! – ele parecia desesperado.

Mas eu estava com muita adrenalina no sangue, estava inconformada com aquela justificativa que ele dera para sua mentira:

– SAI DA MINHA FRENTE, JOHN!

Ele viu que eu estava determinada a sair. Então afastou-se da porta, dizendo:

– Eu não vou mais me humilhar, não há necessidade para isso e você não me merece!

Eu saí sem dizer mais nada. Entrei no carro e voltei para Balneário Camboriú. Quando cheguei em casa, estava tão cansada física e emocionalmente que dormi o sono que me fora repentinamente interrompido.

O que aconteceu nos próximos três dias foi uma sucessão de ligações e e-mails de John aos quais eu não respondia. Eu estava triste, bastante abalada, com receio de entrar em depressão novamente, mas não retornei nenhuma tentativa de contato dele, tentando evitar uma recaída.

Eu estava em casa, deitada no sofá, quando chegou mais uma mensagem:

Eu ainda não tenho ninguém, mas posso ter em breve, você se culparia muito de perder o seu amor no futuro por uma bobagem como essa, então repense seus atos. Eu estou aqui querendo um relacionamento sério com você!

Eu não respondi. Mas aquela mensagem me deixou insegura, sim, eu fiquei pensando na possibilidade de no futuro vê-lo com outra pessoa e me arrepender por não ter nos dado uma chance, ou por ter terminado com ele pelo que aconteceu, sendo que talvez ele não tivesse feito nada, afinal, estava sozinho em casa. Se houvesse alguém importante, decerto estaria com a pessoa.

Mesmo assim, continuei sem responder. Havia uma saudade surgindo em mim; eu estava indignada, mas ainda amava o John. No outro dia outra mensagem dele chegou:

Vanessa, estou com muitos problemas na loja e não estamos dando conta de etiquetar toda a mercadoria, você poderia me ajudar, por favor?

A mensagem mexeu comigo, a minha braveza já fora amenizada pelos dias que se passaram. O fato de eu não gostar de deixar de estender a mão quando alguém me pede me fizeram responder:

Sim, John, eu posso ajudar você.

Então eu fui até a loja, entrei, cumprimentei as funcionárias e cumprimentei John normalmente, sem me aproximar. Estavam todas empilhando roupas e fazendo contagem de peças, logo peguei uma pilha e passei a fazer o mesmo. Então vi John fazendo um gesto a elas, pondo suas mãos para cima em sinal de interrogação, como se não entendesse o que eu estava fazendo ali. Eu não entendi a atitude dele, mas também não entrei no mérito da questão.

Então ele disse:

– Meninas, é ou não é que ficamos os últimos dias fazendo balanço na loja até muito tarde?

Elas olharam para ele, outras para mim, algumas continuaram dobrando a roupa, outras

disseram que sim e ainda falaram de estar trabalhando bastante após o horário, mas que isso ajudava nas horas extras. Eu continuei trabalhando, conversei muito pouco naquele dia, até porque conversar atrapalhava a contagem de roupas.

Já era tarde da noite quando terminamos o trabalho, muitas roupas haviam chegado ao mesmo tempo. John dizia que vinha da China a maioria das peças e outras vinham de São Paulo.

Todas foram embora, despedi-me delas, John disse que estava com fome e que gostaria que eu comesse algo com ele, pois também queria conversar comigo. Eu aceitei; no fundo eu também queria conversar com ele. Fomos até a pizzaria, sentamos a uma mesa discreta e então ele começou a falar:

– Desculpe, Vanessa, me desculpe por ter mentido para você. De verdade, eu prometo não fazer mais isso. Fiz porque precisava de um tempo refletindo, precisava encontrar respostas dentro de mim, saber se eu sentiria sua falta, precisava saber o quanto eu gostava de você, e eu somente descobriria isso com a sua ausência. Nada fiz de errado enquanto não estive com você, antes de você ter ido à minha casa eu fiquei com as funcionárias trabalhando até mais tarde no estoque, no outro dia levantei cedo novamente, pois tínhamos muitas roupas para preparar para a venda, e por isso fui dormir cedo naquela noite em que você me espancou.

Quando ele falou aquilo, me senti muito mal, eu havia batido no rosto de alguém, diversas vezes, e pelo visto era sem motivo algum. Minha consciência estava pesando.

John pôs sua mão sobre a minha, que estava em cima da mesa, e me falou:

– Agora eu sei o quanto amo você e gostaria que a partir de hoje você morasse definitivamente comigo, para que mais nenhuma desconfiança se estabeleça entre nós. Eu quero investir nesse relacionamento, Vanessa, tanto é verdade que aos poucos e a cada dia mais estou introduzindo você em minha vida.

Meu coração já balançado se entregou novamente e nos beijamos na pizzaria. Decerto o que eu fiz servira para chacoalhá-lo, sacudi-lo por dentro para que ele percebesse melhor as coisas em volta de si, para que me percebesse melhor, para que percebesse seus sentimentos por mim. Ele estava carinhoso aquela noite, era como quando nos conhecemos.

Nos dias seguintes John parecia ser outro novamente, aquele que eu conhecera nos primeiros meses de relacionamento; estava atencioso, me levava para onde ia, passou a me apresentar como sua mulher nas outras lojas do shopping e eu passei a estar mais presente no seu dia a dia. Quando inaugurou a nova loja eu cuidei da recepção e estava tão feliz quanto ele. John comprara um terceiro carro, outro modelo de Alfa – ele estava realmente determinado a montar a coleção completa de Alfas. Eu achava um exagero total, mas fazer o quê, cada um com seu sonho. Ele me dizia:

– Vamos viajar para um lugar lindo com essa nova Alfa. Vamos colocar um apelido no nosso novo carro?

– Bem, como não temos filhos juntos, então esse será nosso filhinho, que nome você quer pôr? E para onde vamos? – eu já queria saber tudo. – E quando vamos?

– Alfetta será o nome do nosso carro, que em italiano seria uma espécie de diminutivo do nome Alfa. E vamos a Garibaldi e Bento Gonçalves, no Rio Grande do Sul, que é uma região que lembra a Itália, com muitas vinícolas. Essa será nossa primeira viagem romântica. Você vai

adorar! Mas vamos quando estiver perto da virada do ano, porque temos muitas coisas para fazer nas lojas.

Era bom sentir que meu relacionamento voltava a normalizar novamente. Eu não engolira totalmente o que havia acontecido naquela noite de 18 de novembro, mas aceitara que era possível ele ter ficado até mais tarde com as funcionárias trabalhando na estocagem das roupas. E como nenhum sinal de alguma outra mulher havia aparecido, deixei de falar sobre o assunto.

John me dizia:

– Estou feliz que estejamos recuperando nosso humor, você é minha Princesa, não é mesmo?

Eu sempre dizia que sim, que eu era dele e só dele. E era mesmo. Por inteiro.

Eu estava dormindo todos os dias com John. Tínhamos comprado um guarda-roupa bastante espaçoso para que coubessem as minhas roupas e as dele, e todos os meus sapatos já se encontravam em sua casa. Dizem que moramos onde se encontram nossos sapatos, logo, eu e John definitivamente morávamos junto. Eu continuava sem conhecer seus pais e eles continuavam ligando quase todos os dias para John. Eu via a chamada internacional no identificador de chamadas e o avisava para que atendesse. Quando a ligação terminava eu perguntava:

– Amor, você não acha melhor me apresentar logo aos seus pais?

– Tenha paciência, Princesa, só mais um pouquinho... Minha mãe já sabe que eu tenho alguém, eles sentem, né? Em breve vou lhe apresentar a eles.

John teve novamente de viajar para os Estados Unidos a negócios, e eu fiquei no Brasil. Ele dissera para eu tirar o visto que, se eu conseguisse, ele me levaria. Fui fazer o agendamento na internet. Olhei a data disponível: sem chance, a primeira data passava do dia em que John viajaria, então ficou combinado que em uma próxima viagem eu iria.

Nos comunicávamos por e-mail e ele me ligava pelo menos uma vez por dia, me enviava fotos dele nos restaurantes em que ia para fazer os encontros de negócios e me dizia que desejava que eu estivesse lá com ele.

Eu ficara em Balneário Camboriú nesse tempo para dormir e de dia ia até as lojas ver se algo era necessário. John me ligava todos os dias. Houve um dia em que ele se ausentou, então liguei. Ele não atendeu; perguntei-me se ele estaria mesmo nos Estados Unidos. Minha cabeça tinha agora inúmeras dúvidas novamente.

Tentei mais duas vezes falar com John naquele dia, mas ele não atendeu o celular. E quando falou comigo no outro dia parecia irritado. Perguntou-me se eu ficaria ligando muito para ele e se por acaso eu estaria fazendo isso para controlá-lo. Eu disse:

– Não vamos discutir, mas, por favor, quando você voltar eu gostaria de ver as passagens aéreas, tá?

– SUA PUTA! O QUE VOCÊ PENSA QUE EU SOU? VOCÊ ESTÁ DESCONFIANDO DE MIM DE NOVO, É?

E toda uma discussão novamente se instalou entre nós. O resultado disso foi que ficamos sem nos falar até ele voltar para o Brasil e me ligar do aeroporto, dizendo que havia chegado e que apesar da briga me amava e tinha muita saudade. Era como se nada tivesse acontecido para ele.

Mas as coisas se tornaram bastante pesadas dentro de mim. Eu sorria por fora, para ele e para

os funcionários, mas o fato é que por dentro eu me tornara um turbilhão maior ainda de dúvidas sobre seu sumiço nos Estados Unidos, que se juntou aos traumas emocionais. Não eram somente as traições que me incomodavam, era a possibilidade de ele estar falando algo para mim e ser algo diferente do que saíra por sua boca – eu havia percebido que John tinha uma capacidade incrível para mentir. Eu percebi porque me recordava dos momentos pré-descoberta, das expressões dele, das suas palavras, e comparava com o que ele tinha feito. Meu cérebro não conseguia associar as palavras dele, os atos e o quanto ele dizia que me amava com tudo o que acontecera em relação a Catarine e a sua mentira de novembro. Fraqueza emocional era o que ele me alegara.

E para dissipar todo esse ar de insegurança, tristeza e quase separação de quando foi para os Estados Unidos, John antecipou nossa ida para Bento Gonçalves e Garibaldi.

Partimos três dias depois, e embora conversássemos quase normalmente durante a viagem, por dentro eu chorava. O fato é que me tornei uma pessoa entristecida, insegura e estava ficando angustiada pelo fato de não poder conversar com ele sobre o que eu sentia por receio de suas ofensas pessoais, que sempre eram pesadas e agressivas.

Ele parecia estar muito bem. Tirava muitas fotos minhas. Quando vi as fotos, pensei, “olha que mulher mais triste”. Eu começara a sentir falta dos meus livros e entrevistas.

Eu parecia normal, mas no fundo não estava. A viagem estava me ajudando a não desmoronar porque eu estava tomando novos ares, mas isso era uma medida paliativa, claro; se eu e John tivéssemos ficado no apartamento estaríamos dando voltas e voltas na mesma história. Durante a viagem ele fizera de tudo para me agradar, e no fundo ele sabia que comigo as coisas não estavam nada bem. Ele parecia preocupado em tentar reverter a situação, tentava conversar comigo, puxava conversa sobre assuntos variados, ou calava-se apenas admirando a paisagem.

O lugar era lindo, mas eu não via aquela beleza como ela realmente era. Ele me mostrou os pontos turísticos da região, me levou para fazer fotos por onde um dia passara um trem, me levou ao mirante da região e à Casa Valduga. Ficamos hospedados no Hotel Spa do Vinho, o melhor da região, sempre o melhor:

– Como você conhece tão bem este lugar? – eu perguntei. Estava curiosa, porque ele não se perdia na cidade, nem para encontrar os pontos turísticos. Parecia que todo ano ia para lá.

– Já vim aqui com minha família, trouxe meus pais quando eles vieram visitar o Brasil, mas ficamos hospedados em outro lugar.

Uma viagem romântica como aquela seria digna de várias cenas de amor, e um casal apaixonado estaria dividido entre passear e se amar no quarto. Mas não houve praticamente sexo e um dia inteiro eu preferi estar no spa, procurando relaxar não só o corpo, mas a mente.

Ele estava se esforçando, eu via isso, e eu também estava me esforçando e evitava ficar olhando para o vazio. Então, enquanto eu estava deitada em uma cadeira do *solarium*, o que eu fiz foi pegar um livro para esconder meu rosto, assim poderia pensar sem que ele ficasse tentando desvirtuar meus pensamentos a fim de que eu não refletisse sobre mais nada.

Uma das estradas mais lindas que eu já vira era aquela, que ligava Santa Catarina aos vinhedos no Rio Grande do Sul. Liguei para minha filha e para a Carine, andava falando muito pouco com elas. Elas sentiam minha falta, eu também sentia falta delas, mas estava ocupada

tentando salvar aquele relacionamento. Eu também não tinha cabeça alguma para estar com elas – Carine me dizia que o que ela mais esperava acontecer era que eu sentisse em algum momento repulsa por John, porque ela não suportava a ideia de saber que eu havia voltado para ele.

Eu tentara algumas vezes fazer com que ela entendesse que eu ainda não me sentia preparada para estar longe do John, eu tinha minhas cruéis dúvidas, mas ainda estava querendo tentar e conseguir ter com ele um relacionamento da forma como eu achava que um relacionamento deveria ser.

Voltamos do Vale dos Vinhedos, estávamos juntos, mas eu não estava bem. Eu percebia que John achava que o fato de ter me levado para viajar fizera com que tudo voltasse a ser 100% como era antes. Mas ele estava equivocado.

Quando voltamos a Blumenau a vida parecia normal. Fazíamos tudo igual, eu arrumava a casa, fazia trabalhos para ele na loja, cuidava da nossa alimentação, ia a Balneário Camboriú ver se as meninas precisavam de alguma coisa e o que eu ouvia de John era:

– Princesa! Amo você, agora é pra valer!

Eu pensava: “Só agora?”.

Quatro dias depois de retornarmos, eu recebi uma ligação da Rádio Globo, do Rio de Janeiro, uma das rádios mais importantes do país. Eles entrariam ao vivo às 19 horas comigo, perguntaram se eu poderia conceder uma entrevista a eles por telefone. Eu falei que sim.

Quando meu celular tocou, perto da hora da entrevista, e John viu no identificador escrito RADIO GLOBO RJ, me disse:

– Querem entrevista?

– Sim.

– Você não vai atender.

– John, eu vou dar uma entrevista ao vivo em poucos minutos.

– Não, Vanessa, você não pode mais fazer isso, é por nós, é pela gente.

– Mas amor, eu já combinei com eles – o telefone havia parado de tocar e recomeçado, eles estavam tentando fazer uma nova ligação.

– Mas Vanessa, agora é para valer! Você vai ter de abdicar de algo por essa relação. Você não pode mais ficar exposta, como vamos casar? Como vou te apresentar para os meus pais?

– Amor, por favor...

– Não, Vanessa, escolha: ou eu ou a rádio.

– Como assim, você ou a rádio? – eu nunca imaginei que ele me colocaria na parede em um momento desses.

– Vanessa, eu não posso ficar com alguém que quer manter pública uma vida pela qual não tenho a menor admiração. Você era uma puta, você nunca foi uma escritora, era só uma puta, não se engane por isso. Uma puta cujo livro publicaram e que teve sorte, só isso. Você acha que eu quero ter uma mulher que todo mundo sabe que é puta?

Aquilo me irritava muito:

– Eu sou uma escritora e não admito que você me chame de puta, você está me ofendendo, eu fui uma garota de programa, mas nunca uma puta! Detesto a palavra puta!

O telefone tocou de novo, John estava com meu celular na mão.

– Puta! Escritora, nunca! Você não tem futuro!

Começamos a discutir, eu repetia que não admitia que me chamassem de puta e que eu era, sim, uma escritora. John me dizia:

– Escritora de livros de sexo, livros pecaminosos que atentam contra a moral da sociedade, isso é o que você é então, uma puta de uma escritora de pornografia, é isso que você é – ele se transformara novamente, parecia um cão raivoso.

Eu argumentava com ele enquanto a rádio ligava insistentemente, haviam comunicado várias vezes durante a tarde a minha presença ao vivo ao telefone no programa noturno.

– Não, meus livros não são o que você diz, se você quer saber, meu último livro sobre traição ajudou muita mulher a sair da depressão e eu recebi vários e-mails de pessoas que deram a volta por cima na vida depois que leram *O Diário de Marise*.

– Ah, é? E o que é o *Diário de Marise* senão a história pornográfica de uma puta?

O fato de ele me chamar por aquele nome me irritava cada vez mais. E assim íamos discutindo, enquanto o telefone tocava.

– *O Diário de Marise* não tem pornografia nenhuma, ao contrário do que você pensa, ele é um livro que incentiva as pessoas a nunca desistirem de seus objetivos, incentiva-as a irem até o fim! – eu estava alterada.

Essa era a explicação para o fato de eu ainda estar com John, eu nunca desisti fácil de meus objetivos de vida; fossem eles quais fossem, sempre procurei ir a fundo naquilo onde o meu coração estivesse posto. Isso fez com que eu conseguisse chegar ao mercado internacional de livros, isso era o que me salvava profissionalmente, e era isso também que estava fazendo com que eu me afundasse mais naquela relação. Mas, o que quer que fosse, vida pessoal ou profissional, tudo iria até a última gota do meu tentar.

Ficamos discutindo durante horas, entrando em um redemoinho de argumentação sobre o que era certo ou o que era errado na vida. Eu dizia que embora fosse uma pessoa sem moral, como ele alegava, nada havia feito para a nossa relação que fosse imoral, enquanto ele, uma pessoa moralista, já havia feito o que não devia.

A rádio já havia desistido. Entramos a madrugada discutindo. Quando eram cerca de duas horas da manhã, depois de muita discussão, chegamos a um acordo. Eu não daria mais entrevistas, não publicaria livro algum com o nome de Vanessa de Oliveira e ele estaria comigo, me apresentaria aos seus pais e arcaria com os possíveis problemas de algum dia a família dele descobrir sobre meu passado. Nós também seríamos uma família de verdade e ele pediria desculpas a minha filha. John falou:

– Dê-me apenas mais um tempo, meus pais virão me visitar no Brasil e conversarei com eles pessoalmente sobre a mulher que escolhi para a minha vida.

O outro dia foi estranho para mim, eu me sentia vazia. Liguei para o meu editor:

– Queridão? – sempre o chamara assim.

– Fala, dona moça.

– Eu não vou publicar livros no momento, vou cuidar da minha vida pessoal, estou com uns problemas, então, aquele nosso projeto de livro novo fica para mais tarde, pode ser? E olha só, se alguma emissora de televisão me procurar para entrevistas, por favor, diga que pelo menos

por enquanto estarei em *off*.

– Vanessa, não sei o que está acontecendo na sua vida pessoal, mas, sinceramente, acho que você não deveria fazer isso, aliás, já faz alguns meses que você publicou o último livro, seria legal para sua carreira se já estivéssemos publicando outro.

– Eu sei, queridão, mas realmente agora não posso, me comprometi com uma pessoa... – eu me calei.

– Entendo, então... mas volto a te dizer, você não deveria fazer isso, mas a vida é sua.

Ninguém entendia ou aceitava minha decisão. Minha amiga Toalá me disse:

– Você é louca, vai deixar os livros por causa de alguém que um dia te traiu? E se ele te trair de novo, o que você vai fazer? Perdoá-lo de novo?

Ela era não só uma grande amiga, mas uma das admiradoras do meu trabalho e incentivadora também:

– Vanessa, você ficou louca de vez!

Minha mãe me ligou revoltada quando soube pela Xuxu que eu não escreveria mais como Vanessa de Oliveira:

– O QUÊ? Você está de brincadeira? Depois de tudo o que você fez para chegar aonde chegou, vai desistir por causa dele?

Eu não me reconhecia mais...

A minha mãe não suportava o John, achava que a história da Catarine já era demais. E ela apenas soube de leves detalhes, não foi lhe esmiuçado nada. Quando ela queria falar comigo não ligava no telefone do apartamento, ligava em meu celular.

Os ânimos entre nós começaram novamente a se acalmar, uma semana depois dessa decisão.

E foi assim que eu parei de escrever meus livros, foi por amor ao John e falta de amor a mim e ao meu trabalho.

E foi assim que eu passei a estar mais presente ainda na realização do sonho de John, a rede de lojas Catarine. Como, exatamente, eu não sei, nem quando, mas aos poucos ele ia colocando em minha mente a ideia de que as lojas eram nosso caminho e de que meus livros não nos levariam a lugar algum, somente nos levariam à separação. Eu, cegamente, me alimentava das palavras de John.

Eu ficava agora na loja, entre uma e outra unidade, naquela em que carecesse mais de atenção. Ajudava a montar vitrines, atender os clientes e preparar fotos de coleção.

As funcionárias eram minhas amigas. Um dia uma delas me disse:

– Vanessa, você não deveria ter tanto ciúme do John, ele se sente às vezes sufocado. Olha, eu gosto muito de vocês e não queria que se separassem, eu o vi reclamando para a Josy que não estava mais aguentando e que não nada fazia contra você. Posso te dar um conselho?

Eu fiz que sim com a cabeça. Não sabia como reagir, porque era uma novidade para mim; eu estava muito surpresa, primeiro por ele estar falando sobre algum problema pessoal existente entre nós para uma funcionária, visto que ele sempre dizia que era profissional e separava a vida pessoal do trabalho, segundo porque ele estava dizendo que nunca havia me feito nada nesse tempo todo em que estivemos juntos, e terceiro que eu decerto estava passando por um papel que não me cabia, e por que ele não estava nos preservando? Ela continuou:

– Não dê bola quando alguma garota der em cima dele, seja sempre mais você, sabe como é, né? Homem rico, bom partido, e ele ainda por cima é bonito, está sempre cheio de mulher em cima, mas se ele está com você é porque gosta de você.

Ela sorriu e saiu para continuar os trabalhos na loja. Eu fiquei sem reação alguma, separando as peças que iriam para a promoção, e nada lhe disse. Pensei: “Será que ela sabe de alguma coisa que está acontecendo e não quer me dizer literalmente?”. Ela era uma funcionária que sempre pareceu gostar de mim, aquilo poderia ser algum alerta, embora ela não quisesse deixar nada claro para não se comprometer. Eu não disse nada a ele, se eu dissesse ele poderia reprimir as funcionárias e nada mais chegaria até mim. Além do mais, eu não queria mais brigas que não chegassem a lugar algum.

Eu e John estávamos conversando sobre fazer um catálogo para a loja, mostrar as novas tendências para o próximo verão, e tínhamos decidido que não colocaríamos supermodelos no catálogo, aquelas meninas magras com bocas e narizes perfeitos e que nada tinham a ver com nossas clientes. Queríamos mulheres normais, como eram as mulheres na rua, que fossem bonitas, mas normais, e que estivessem bem vestidas. Criamos juntos um *slogan* que dizia que qualquer pessoa tinha direito a se vestir bem, sem precisar desembolsar grandes fortunas pela roupa.

Começamos a pensar em quantas modelos poderiam estar no catálogo, e quem seriam elas, até que surge a ideia de que poderíamos colocar algumas de nossas funcionárias, nos seus mais variados estilos. Tínhamos funcionárias negras, brancas, magras, outras mais cheinhas, bem como a minha filha, para representar o time das jovens, e quem sabe alguma outra pessoa. Estávamos abrindo uma terceira loja, pouco tempo depois da inauguração da segunda. Era um tempo curto demais entre uma e outra, mas o fato de termos muitas roupas e termos conseguido um bom preço pelo espaço físico de mais uma loja no mesmo shopping atacadista fez com que a decisão fosse tomada. Ou seja, estávamos trabalhando muito por aqueles dias.

Não tínhamos muito tempo para nos divertir, mas estávamos juntos e isso era importante. Qualquer casal que pensa em crescer junto passa por essa etapa. E quanto a mim, apesar de estar trabalhando bastante, estava feliz em estar perto dele.

Nós estávamos almoçando no restaurante do shopping quando John se levantou da mesa e me pediu que esperasse por ele. Acompanhei-o com os olhos, ele estava indo em direção a uma mesa onde se sentara uma funcionária de uma loja concorrente – Mary era o seu nome. Não gostei da atitude dele, primeiro pelo fato de ter me deixado sozinha na mesa e ter ido sentar-se com outra pessoa, segundo porque eu tinha percebido que aquela garota estava seguindo John. Eles conversavam muito próximos um do outro, e vez por outra ela me olhava com o canto dos olhos. Ele me observava, dizia algo, depois riam juntos. Eu me senti péssima. Estariam rindo de mim? Eu não queria parecer uma pessoa alterada nem passar a imagem de uma mulher ciumenta. Afinal, eu já havia recebido as orientações da funcionária da loja. Fiquei quieta e continuei almoçando. Depois ele se levantou, despediu-se cordialmente e veio até mim.

Eu me segurei para não falar nada. Mantive-me calada. Continuamos almoçando e ele me disse:

– Estou pensando em contratá-la para trabalhar na loja.

Um gelo me subiu pela espinha. Respondi prontamente:

– Nunca!

Ele parecia revoltado com minha resposta:

– Por que não? Ela entende de telemarketing, é boa no telefone, vai me dizer que você está com ciúmes dela? Você não sabe agir profissionalmente? Eu sempre achei mesmo que você não seria boa para trabalhar comigo, você é muito imatura, Vanessa...

Ele ia começar a falar freneticamente, aquilo me deixava com os nervos à flor da pele. Eu não respondia. Ele parou. Viu que eu não ia dar continuidade ao que parecia o início de uma discussão. Continuei comendo sem falar mais nada. Por fim terminamos e nos levantamos da mesa. Eu passei a me expressar cada dia menos, a fim de não discutir e não ouvir gritos ou ofensas. Eu tinha muitas dúvidas sobre o que de fato estaria acontecendo e o porquê desse interesse em que a Mary trabalhasse para nós. Tudo o que eu tinha ouvido sobre ela até aquele momento é que ela era uma moça pouco eficiente e que vagava de loja em loja, sendo admitida e demitida por causa disso. Ele percebeu meu silêncio:

– Ok, não vou contratar a Mary, afinal, eu tenho gente bem melhor do que ela.

Eu não respondi. Ele me passou as contas que deveriam ser pagas naquele dia e eu saí para trabalhar.

Passaram-se dois dias sem que conversássemos novamente sobre o assunto. Porém, embora eu não tivesse esquecido, eu não deixava transparecer nada. E no início da noite do terceiro dia após a sua conversa com Mary, quando chegou em casa, John me deu a notícia:

– Vanessa, segunda-feira iremos fazer as fotos para o novo catálogo da loja.

Eu sorria, queria muito ver um lindo catálogo, porque sabia que isso iria ajudar muito os negócios da loja.

– Eu já escolhi algumas funcionárias para serem nossas modelos e convidei também a Mary.

Naquele momento, fiquei tão chocada que não consegui disfarçar absolutamente nada do que eu havia conseguido camuflar naqueles dias:

– O QUÊ?

– Isso mesmo que você ouviu e assim vai ser – ele falava calmo e decidido.

– John, eu trabalho para você, deixei os meus sonhos, deixei os meus livros, praticamente deixei a minha família para vir morar contigo, eu vivo para nós e você não é capaz de ter essa consideração por mim? Vai colocar comigo alguém com quem você sabe que não irei me sentir bem?

– Negócios são negócios, Vanessa.

– John, nada disso me parece bom, estou me perguntando o que exatamente você quer com essa moça.

Ele estourou repentinamente.

– De novo lá vem você! Sabe o que é? É esse teu passado de puta! É bem isso, você ficou doente por causa da tua vida de puta, com todos aqueles homens que iam para o pecado contigo, e agora você acha que eu sou igual a eles. Você é suja e pensa que eu sou como você e todos os outros que se deitaram contigo...

Aquilo me embrulhou o estômago, eu não aguentava mais nada daquilo. Eu fui em direção ao

quarto, enquanto ele repetia que eu era uma puta, uma puta e uma puta, sem parar.

Deitei-me, ele voltou à sala quando viu que eu não continuaria a discussão. Eu me pus a descansar e adormeci. Naquela noite havia feito um jantar para nós dois, frango assado com batatas. Não consegui comer. Eu pensava nos meus livros, que não estava mais escrevendo por conta da nossa relação, em tudo que havia deixado por ele, e não via nenhuma consideração da parte dele e nada que ele houvesse deixado por mim. Chorei muito e me perguntava: “O que estou fazendo aqui ainda?”. E essa pergunta me acompanhou até o dia em que seriam tiradas as fotos para o catálogo, quando eu tive de ver a Mary, estar com ela no mesmo recinto para ajudar na produção e assistir a toda uma cena em que ele a cobria de atenções enquanto me pedia para escovar o cabelo dela e ajudar na maquiagem. Eu me neguei. Fui cuidar de outras modelos. Apenas o ouvia chamá-la de linda o tempo todo. Eu engoli a seco, pois sabia que qualquer reclamação minha ou solicitação de respeito o faria explodir ali. Eu me senti muito mal e humilhada.

Ao final de tudo fomos todos para uma pizzeria. Eu não falava nada, ela ainda tentava puxar assunto comigo; achei que era demais para mim ter de engolir tudo aquilo, assim, eu não retribuía as tentativas dela.

Eu refleti sobre o que eu estava sentindo, como me via naquele momento e como eu era antes de encontrá-lo, e havia muitas diferenças entre Eu e eu.

Quando chegamos em casa ele me provocou para uma discussão:

– Vai me incomodar por causa da Mary?

Apenas respondi:

– Não.

Eu senti que ele queria começar uma discussão. Recolhi-me para o quarto, a fim de tomar uma ducha e me deitar. Ele foi ao escritório, trancou-se como de costume e apenas o ouvi teclando no computador.

Os dias se passaram. Eu arrumava a casa no período da manhã antes de ajudá-lo na loja. Era como se eu, enquanto estava absorta em meus pensamentos, ouvisse uma voz que vinha lá de dentro de mim, algo muito profundo. A voz me dizia:

– Por que você está lavando a louça se existem tantas coisas no mundo para você fazer?

Eu arrumava a casa e ouvia a voz:

– Por que você perde tempo cuidando de uma casa quando há tantos livros a escrever?

Eu acordava pela manhã, minha voz interior me falava:

– Você precisa escrever!

Eu lhe respondia:

– Mas ainda tenho muitos anos pela frente.

A voz dizia:

– Já se passaram 36 anos e tudo isso não foi rápido demais?

Eu estava enlouquecendo, porque vivia constantemente o conflito do abandono de partes de mim em prol de algo que não tinha a menor razão de ser. Tudo estava baseado na minha esperança e nas minhas dúvidas. Eu me perguntava qual era o caminho, se deveria persistir, se deveria abandonar. E como retomar o muito que eu havia deixado para trás?

A mesma funcionária que me alertara a respeito do ciúme se aproximou de mim enquanto nós duas dobrávamos roupas e apenas falou:

– Disfarce, apenas ouça, não quero que você seja feita de idiota, Vanessa. A Mary contou às colegas de trabalho que anda tendo um caso com John. Elas vieram nos avisar, então cuide de seu relacionamento. Ela tem vindo quase todos os dias aqui quando você se ausenta. Ela é uma piranha, ninguém aqui gosta dela, e daqui a pouco ele vai colocá-la para trabalhar aqui.

Eu ainda estava dobrando a roupa, mas sentia minhas mãos formigarem. Eu tinha vontade de gritar, mas precisava ouvir o que a funcionária tinha a me dizer até o fim. Ela continuou:

– Não perca o John, Vanessa, sabe como é, né? Ele é bonito e tem dinheiro, menina assim como a Mary não é garota de programa, mas é vagabunda e gosta de dar em cima de homem que tem dinheiro, e para ela não importa se é casado ou não. Você não deve se separar dele, porque é isso que ela quer, mas tem de afastá-la. Ninguém a quer trabalhando aqui.

Eu continuei dobrando a roupa. A funcionária da loja disfarçou, perguntou-me onde estariam os vestidos de sarja e foi para o outro lado. Eu peguei uma pilha grande de camisetas e levei para o canto da loja, a fim de que ninguém prestasse atenção em mim. Eu não queria que ninguém percebesse a minha dor. Queria chorar por dentro e ficar em silêncio. Queria pensar por que ela havia me dito aquilo e até que ponto era verdade. Senti lágrimas escorrendo pelo meu rosto, enxuguei-as discretamente com as pontas dos dedos. Todo mundo estava concentrado na arrumação das prateleiras e algumas das meninas atendiam clientes que chegavam perguntando por promoções.

Eu me encolhi em mim. Andréia me chamou, perguntando se John demoraria a vir.

Eu respondi que não sabia onde ele estava naquele momento, que deveria estar no outro shopping resolvendo os problemas da nova loja.

Foi quando Mary entrou na loja. O sangue me subiu. Ela entrou sorrindo, procurando John com os olhos. Fiquei a observá-la. Todas estavam ocupadas, e as que poderiam perguntar-lhe se ela precisava de alguma coisa não lhe direcionaram uma única palavra, então ela olhou para mim e perguntou:

– O John está por aí?

Eu senti muita raiva. Raiva da petulância dela, do cinismo, raiva de eu estar no meu ambiente de trabalho e ela entrar como se fosse bem-vinda, sabendo que eu não a queria ali. Senti raiva por ter assistido a toda aquela sessão de fotos e ter tido de engolir tudo. Raiva por estar naquela situação.

Ela se aproximou de mim e eu lhe perguntei:

– O que você quer com John?

– Conversar com ele. As fotos ficaram tão bonitas...

Eu não tive dúvidas:

– SUMA DAQUI!

Ela ficou estagnada.

– EU DISSE SUMA DAQUI, MARY!

– Mas por quê? – ela parecia incrédula.

– PORQUE SIMPLEMENTE EU NÃO GOSTO NADA DE VOCÊ!

Ela se retirou.

Eu tremia mais do que antes. Algumas pessoas pararam para me olhar. Eu continuei dobrando roupa. Uma funcionária passou por mim e sussurrou:

– Você fez bem, nem eu estava mais aturando.

Minha cabeça doía. Eu queria chorar e terminar de explodir. Peguei minha bolsa e disse que iria para casa. Pensei no que fazer, eu queria saber de que forma iria tirar tudo aquilo a limpo, de que forma iria saber da verdade sobre o que haviam me contado, porque eu não queria ferrar nenhuma funcionária que tivesse me alertado e tampouco eu poderia chegar acuando John sem nenhuma prova ou detalhe. Muito menos queria ser novamente enganada por ele.

Fiquei pensando no que ele faria comigo assim que soubesse o que acontecera. Ele me chamaria de louca. Gritaria comigo. Ele não me daria razão e tampouco concordaria com o tratamento que eu dera a Mary. Sendo ela sua amante ele a defenderia, pois não iria querer que ela passasse por essa situação, e sendo ela “inocente” ele a defenderia da mesma forma.

Eu parecia uma mulher medrosa. Me perguntava aonde havia ido parar toda aquela minha coragem de sempre falar o que eu penso e de sempre pôr tudo em pratos limpos.

O meu maior medo era da reação de John.

Fui para casa, fiz o jantar e o esperei chegar. Quando terminei o feijão a porta se abriu. Ele entrou. Olhei para ele, eu estava angustiada, ele ficou parado me olhando. Eu sabia que ele sabia o que tinha acontecido e ele sabia que eu sabia que ele sabia do acontecido.

Ele chegou perto de mim, me abraçou e falou:

– Não sei por que você se preocupa com a Mary, ela tem gordurinhas na cintura e celulite. Você é muito melhor do que ela.

Fiquei atônita. Em minha mente apenas me perguntava: “Como ele sabe disso?”.

Ele não ouviu meus pensamentos, mas leu minha expressão e falou:

– Eu sei disso porque deu para perceber na sessão de fotos.

Não, não dava para saber isso na sessão de fotos. Eu, uma mulher, ávida pelos detalhes e observando atentamente tudo o que se passava com os dois na sessão de fotos, não percebi isso, e que homem neste mundo percebe alguma celulite?

Eu devia estar tão pálida que ele por fim disse:

– Esquece tudo isso. Quer saber? No nosso catálogo não haverá mais fotos de Mary e eu não vou contratá-la mais.

Mas essa última frase não me aliviava. A frase anterior era muito pesada.

Ele foi tomar banho. Eu fui tomar banho no outro banheiro. Eu estava muito triste. Ao olhar para o chão vi um fio de cabelo ruivo meu, caído. Juntei-o, eu devia estar com disfunção hormonal, aquele fio de cabelo era mais grosso que o meu. Pensei nas minhas alterações emocionais e em quanto a minha vida estava sendo afetada por tudo isso. Eu também me sentia muito magra. Havia perdido peso nos últimos tempos e eu sabia que era pelo estresse que eu estava passando com John. Então lembrei que eu não era mais ruiva havia muito tempo. Perguntei-me de onde teria vindo aquele cabelo ruivo. Não encontrei resposta. Poderia ter vindo pela janela do banheiro. Eu tinha problemas demais para pensar. Não o ignorei, mas não pensei mais sobre ele.

Jantamos e fomos nos deitar.

John me falou sobre ter de ir ao exterior novamente, dentro de uma semana; ele precisava cuidar de seus negócios nos Estados Unidos. Com toda a correria das lojas eu havia novamente me esquecido de providenciar o visto, portanto, eu não poderia ir com ele. Mas combinamos que nas férias de julho ele me levaria à Itália, tiraríamos umas merecidas férias depois de tanto trabalho. Dessa vez, ficaria na cidade para olhar os negócios por ele. Eu consenti, pois não havia outra coisa a fazer.

Estávamos lado a lado, no escuro, prestes a dormir, quando ele colocou a mão no meu rosto e percebeu que eu chorava.

– Princesa, por que você está assim?

Eu hesitei em falar. Ele insistiu.

– Vanessa, você precisa falar, o que é de novo, é a Mary?

Eu estava nervosa, então falei:

– Não, não é a Mary, são coisas bem além dela. Eu mensuro o que doeï por esta relação e o que você doou. Eu vejo de quanta coisa abri mão e me pego vendo quanto você não abriu mão. Eu me pergunto se no futuro irei me arrepender por ter deixado meus livros, enquanto me pergunto se você não me deixaria facilmente por outra pessoa. John, eu sinto que você não me preserva e que me expõe ao ridículo.

Ele deixou de respirar e começou a arfar. Eu virei para o outro lado, precisava chorar. Não queria nenhuma forma de repressão pelos meus sentimentos e tampouco queria qualquer ofensa pelo meu passado. O meu desabafo estava feito. Eu o vi levantar-se no escuro e seguir rumo à sala. Eu adormeci.

Depois me lembro dele se aproximando de mim, se deitando, e pegando minha mão para dormir. Foi uma noite intranquila, tive vários pesadelos seguidos. Minha mãe aparecia no sonho pedindo para eu deixá-lo. Eu me revirava, ele acordava, resmungava. Eu tentava dormir e mais sonhos bizarros me incomodavam. Assim foi a noite toda, tumultuada.

Quando já era dia eu ainda sentia sono, o sol havia entrado pela cortina que John abrira. Passavam das 9 horas da manhã, eu o vi colocar uma roupa e sair. Perguntei aonde ia:

– Trabalhar, como todas as manhãs eu faço.

Eu continuei dormindo. Ele saiu. Acordei quando ele voltou, cerca de uma hora depois. Entrou em casa batendo as portas. Estranhei o motivo, pois quando ele saía estava calmo.

Ele veio até o quarto, procurando uma roupa, e começou a bater as portas do guarda-roupa também. Perguntei o que era.

– É você, sua louca! Você é muito burra e está sempre estragando tudo entre nós, POR QUE VOCÊ NÃO VAI SE TRATAR? Você inferniza minha vida com desconfianças infundadas! Quer saber? Eu vou fazer o catálogo com a Mary, sim, e se eu quiser ela vai trabalhar para mim, você não manda em nada! Você é totalmente antiprofissional!

Eu agora estava à beira de um ataque de nervos. Eu não conseguia acreditar que depois de tudo ele estava voltando atrás na sua palavra. Eu me levantei da cama, indignada:

– O que foi que você disse, John?

– Isso que você ouviu mesmo! Você não manda em mim.

– Não pode ser o que eu estou pensando, qual é o seu problema agora? Você está fazendo de tudo para brigarmos, o que é desta vez? É a Mary? É alguma outra novidade?

Nessa hora ele se transformou em outra pessoa, virou um monstro. Não sei dizer a sequência exata do que aconteceu. Ele pulou sobre mim, e lembro que em dado momento eu estava no chão e ele me chutava; lembro dele me arrastando pelos cabelos e dizendo que se eu fosse falar algo sobre a sua dignidade, que tivesse provas. Não sei como, mas fui parar no banheiro; não lembro como eu cheguei lá, só sei que estava sendo espancada e não conseguia me defender, porque John é muito mais forte que eu, e eu conseguia apenas proteger o meu rosto.

Comecei a gritar:

– VOCÊ NÃO TEM O DIREITO DE ME BATER! VOCÊ NÃO PODE BATER EM MIM!

Ele parecia um animal sobre mim. O fato de eu gritar o intimidou, o fez parar com as agressões, mas o que ele tinha feito estava feito. Meus dedos da mão latejavam, eu tinha a impressão de estar com eles quebrados devido aos chutes. Minhas costas doíam, minha perna pesava, um hematoma estava se formando ali.

Ele olhou para mim calmamente, como se nada tivesse feito, e disse:

– Você vai tirar suas coisas todas daqui agora.

Então ele pegou meus óculos que estavam sobre a TV e os quebrou:

– Ou você começa a tirar tudo ou eu começo a quebrar tudo o que é seu.

Com dificuldade, me levantei. Meu primeiro impulso foi o de pegar o notebook – tudo o que eu já havia escrito na vida estava armazenado nele. Depois peguei meu celular, precisaria dele para ligar para que alguém me ajudasse.

Eu o vi caminhar até o armário dos sapatos e começar a jogar os que me pertenciam no meio da sala. Ele começou a fazer isso com tudo o que era meu. Passou a socar minhas coisas dentro da bolsa. Ele havia acabado de me destruir. Eu me sentia um trapo. Humilhada. Machucada. Minha boca doía por dentro. Sentia meu pescoço doendo, pois em dado momento ele havia me pego pela nuca. Ele era mais que um monstro, era um demônio em corpo de gente. Eu só pensava que precisava sair dali o mais rápido possível.

Ele pôs os fones de ouvido e antes me disse:

– Não vamos nos ofender, querida.

Eu tive ânsia de vômito, mas não havia nada em meu estômago. Refluxos vieram, não saía nada. Então ele abriu a porta de casa e jogou minha mala no corredor. Ele parecia uma pessoa calma e tranquila. Eu saí chorando. Quando passei, ele pegou minha bolsa, tirou o molho de chaves que me pertencia e jogou minha bolsa no corredor junto com minhas coisas.

Esse era nosso fim. O final de tudo. Eu não conseguia pensar. Não havia conseguido reagir. Não sabia o que fazer, e minha perna começou a doer muito e latejar.

Eu saí chorando do prédio. Pus minhas coisas no banco traseiro e sentei. Abri minha bolsa, todo o meu dinheiro eram 90 reais. Abaixei as minhas calças, então vi o ferimento: em um dos chutes o solado dele abriu minha pele, havia marcas de sangue em minha calça. Eu pressentia que toda a parte superior da minha perna havia sido afetada.

Eu não tinha para onde ir. Eu não sabia o que fazer. Eu não sabia o que pensar, chorava desesperadamente. Num impulso, liguei para uma amiga:

– Vani, aconteceu uma coisa, o John me espancou.

– Como assim? – ela perguntou, surpresa.

Eu contei a ela o que havia acontecido. Vani era uma antiga cliente da loja com quem eu ficara algumas vezes conversando. Ela era a única mulher em toda a Blumenau a quem eu havia contado sobre John ter me traído um dia. Ela me orientou a ir imediatamente à delegacia, e pediu que depois fosse direto para a casa dela, porque queria conversar sobre o que tinha acontecido com um amigo.

– Não perca mais nem um minuto, Vanessa, vá dar queixa do que ele te fez agora. Cachorro, porco, bandido, miserável...

Eu estava tão anestesiada, tão morta e em tal inércia que me limitei apenas a obedecer uma voz que parecia falar mais alto a mim. Liguei o carro e com dificuldade dirigi até a Delegacia da Mulher. A Vani estava certa, a Vanessa anterior ao John teria feito igual, mas a Vanessa do dia em que houve tudo estava fragilizada emocionalmente.

Chegando lá eu desabei. Chorei muito. O policial veio me acudir, me pediu para contar o que havia acontecido e por que meu ombro estava machucado daquela forma; como eu estava de camiseta regata, o ferimento era visível.

Eu pedi água ao policial, e depois de beber e de me acalmar um pouco comecei a relatar o que acontecera. Falei sobre meu ex-marido que acabara de me golpear e que eu estava sofrendo e o policial digitava freneticamente.

Colheram meu depoimento, me deram uma ficha e pediram que eu me dirigisse ao IML para fazer fotos e exame de corpo de delito.

Chegando ao IML, um médico me examinou, pediu que eu tirasse a roupa para que ele observasse os ferimentos. Eu já havia tirado a roupa diante de estranhos muitas vezes, mas pela primeira vez me sentia envergonhada. Eu estava humilhada e destruída. Senti o olhar de piedade dele, que por fim me disse:

– Ainda me espanto com a quantidade de homens covardes e brutais que existem, pessoas assim deveriam estar presas. Ele é um homem grande?

Eu sinalizei que sim com a cabeça.

– Vou te contar algo que aprendi na minha profissão: alguns homens não se sentem mal em cometer atrocidades simplesmente porque eles são maus. E um homem que agride uma mulher nunca é um bom homem.

Perguntei-lhe sobre meus dedos da mão, porque doíam muito.

Ele tomou minha mão, olhou a palma, os dedos estavam roxos nos ligamentos, devido a contorção:

– Não quebrou, mas quase. Estão bastante inchados. Não coloque nada nos dedos que os pressione e mergulhe sua mão em gelo, para amenizar o inchaço.

Ele preencheu a ficha com as descrições dos ferimentos e por fim me disse:

– Isso que ele fez vai ficar maior, faz poucas horas que tudo aconteceu, amanhã o que hoje é vermelho será um hematoma arroxado – ele se virou e voltou para a mesa. – Está pronto, pode se vestir.

Então eu fui para a casa da minha amiga. Ela viu meu ombro quando desci do carro, colocou

as duas mãos no rosto, horrorizada. Eu comecei a chorar; ela me disse para entrar, sentar e me acalmar um pouco. Pedi gelo e coloquei meus dedos nele.

– Onde estão tuas coisas, querida?

– No porta-malas. Quase tudo, alguma coisa ficou lá ainda.

– E você tem algum dinheiro para se manter a partir de agora?

– Não, tenho 90 reais.

– Você sabe que ele não pode te colocar assim para fora de casa, né? Você também morava lá, e ele tampouco pode te espancar. Isso dá cadeia.

Eu ouvia o que ela dizia e concordava.

– Vanessa, eu telefonei para o meu amigo, Dr. Leonardo, ele é advogado, está te esperando no escritório. Vai para lá, esse porco imundo não vai sair ileso dessa. Não posso ir contigo porque tenho minhas clientes me esperando, mas quando sair de lá me ligue para conversarmos – ela disse isso e me passou o endereço.

Todo mundo merece uma Vani na vida. Alguém que seja mais firme que a gente no momento difícil, alguém que consiga ver a situação com clareza.

Chegando ao escritório, coloquei um casaco; não queria que ninguém mais sentisse pena de mim. Não chorei. Identifiquei-me e me levaram até sala do Dr. Leonardo.

Contei o que havia acontecido. Ele ouvia. Acho que contei, resumidamente, a minha história dos últimos cinco anos. E mesmo assim devo ter falado por mais de uma hora. Às vezes eu me perguntava se ele estaria acreditando em mim, porque enquanto eu relatava tudo, fui me dando conta dos absurdos que havia cometido. Ele me fez poucas perguntas enquanto eu relatava:

– Você conseguiu publicar livros no exterior, isso é praticamente um milagre brasileiro, e você deixou de escrever por causa dele, é isso que está me dizendo?

Eu me senti uma mulher muito pouco inteligente ao ter de responder que sim, que eu havia cometido aquela enorme besteira.

– Não entendo, Vanessa, como mulheres inteligentes cometem essas falhas.

Ele era cuidadoso nas palavras; o que mais cabia naquela situação não era “falha”, era “burrice”.

Quando terminei o relato, ele me disse:

– O que eu tenho aqui neste seu caso é um processo criminal pela Maria da Penha, um processo de pedido de danos morais pela agressão, uma ação de reconhecimento de união estável, uma ação de separação de corpos, uma ação de separação de bens e arrolamento e uma ação trabalhista por você ter trabalhado para ele sem ter tido sua carteira de trabalho assinada e os direitos repassados a você.

Eu o observava. Ele continuou:

– Pense sobre você e sobre esses direitos que lhe assistem, pense se você amanhã não vai voltar com ele, pense sobre o que quer de sua vida. Se precisar de mim para defender seus direitos, estarei aqui. No seu lugar eu faria isso.

Tomei um cafezinho no escritório antes de sair, e quando cheguei no carro me dei conta de que não tinha mais uma casa em Blumenau para morar; a ficha toda caiu no final da tarde. Olhei a parte de trás do carro, minhas coisas estavam amontoadas. Fiz uma ligação para minha filha e

disse:

- A mãe tá indo dormir em casa.
- Vai ficar só hoje?
- Não, para sempre...

Quando cheguei em casa, desabei. Minha melhor amiga e minha filha estavam comigo. Primeiro eu não conseguia contar. Elas tentavam adivinhar. A Carine estava revoltada. A minha filha me olhava esperando uma resposta. Por fim, contei. Era muito humilhante.

- Não faltava ele fazer mais nada! – a Carine se sacudia de um lado para o outro.

A Yumi continuou muda e se levantou abruptamente. Foi para o quarto e bateu a porta. Fechou-se em seu mundo, ela não suportaria mais nada. Depois disso ficou combinado que o nome dele não seria falado perto dela, porque bastava Yumi ouvir seu nome para ficar transtornada.

John enviou-me dois dias depois uma mensagem pedindo desculpas e perguntando se eu havia comido algo.

Eu estava afundada em minha tristeza, não era por ele, era pela situação humilhante. Eu não respondi. As amigas vinham pouco a pouco em minha casa me visitar. Nessas horas sempre é muito bom saber que se tem amigas e que mesmo a nossa ausência não faz diminuir o que elas sentem por nós. Assim são as amigas verdadeiras.

Eu mandei um e-mail para a Toalá. Fazia um bom tempo que não nos falávamos, ela respondeu que não conseguia me imaginar naquela situação. Liguei para ela:

- Amiga, a gente aqui dá a volta por cima, não se preocupe.

A Fernanda foi até a minha casa:

- Por que ele fez isso? Por quê?
- Não sei, amiga, realmente não sei, gostaria de saber.
- O que você vai fazer agora?
- Vou tocar a minha vida em frente.

- Eu tenho 2 mil reais de reserva, posso te emprestar, Vanessa. Me devolve quando puder.

Eu não recusei a ajuda, porque realmente não sabia o que iria fazer.

A minha mãe viria na semana seguinte para Balneário Camboriú, para me ajudar. Para organizar novamente as minhas coisas e me emprestar também um dinheiro para que eu pudesse pagar as minhas próximas contas.

– E as suas coisas? – a Fernanda me perguntou. – A Carine me disse que você ainda tem sapatos e roupas no apartamento.

– Eu não quero mais falar com ele, muito menos encontrá-lo, então, quando ele for viajar eu passo lá e pego as coisas que ficaram. Tenho a cópia da chave, ele não sabe.

E assim foi. Contei os dias que faltavam para a sua viagem de negócios, peguei meu carro e fui com a Carine pegar o que restava. Queria que tudo com ele fosse passado. Queria ver o tempo passando bem rápido. Eu havia chorado todos os dias da última semana, não aguentava mais chorar. Na verdade, tinha chorado quase todos os dias dos últimos meses, não suportava mais nada daquilo.

Estacionamos o carro na frente do edifício. Descemos. Entramos e eu encontrei a diarista do prédio, senti vergonha dela, os vizinhos deviam estar comentando a briga do casal do quarto

andar. Fui até a garagem, o carro dele não estava. Fui até a garagem do outro lado, estava estacionado o último Alfa que ele havia comprado, um Alfa Spider. Perguntei-me o que leva um homem a se encher de carros – no decorrer daqueles meses ele havia comprado seis carros para sua coleção de Alfas. Não tínhamos garagem para tantos, por isso os carros eram postos em um estacionamento pago à parte.

Subimos. Destranquei a porta. Abri-a. A cena era surpreendente. A casa estava revirada e suja como se um furacão houvesse passado por lá. Sapatos estavam diante da sapateira. Na pia, uma pilha de copos sujos. Havia jornais em cima do sofá.

Fui entrando e vi que desde a minha saída nada havia sido feito na casa. Entrei no quarto, me lembrei de toda a cena e me senti mal por isso. Falei:

– Amiga, vamos pegar minhas coisas e sair.

O anel que eu havia ganhado de formatura da minha mãe ainda estava no basculante do banheiro. Eu sempre o deixava lá para poder lavar o cabelo sem que os fios enredassem nele. Fomos recolhendo as poucas coisas que ainda restavam, mas o anel era o mais importante.

Afastei a porta do escritório, apenas para garantir que nada meu pudesse ter sobrado naquela casa. Deparei com o armário de arquivos semiaberto. Ele estava sempre trancado e eu jamais tivera acesso a ele. Tive muita curiosidade de ver o que havia ali.

Aproximei-me do armário e abri uma das gavetas. Aparecia a ponta de uma foto entre vários documentos. Puxei, era uma foto grande, olhei e gritei. A Carine veio em meu socorro:

– O que houve?

Eu apenas estendi a foto para que ela visse:

– Meu Deus... Ele já foi casado!

Na foto via-se John vestido de noivo, tomando as bênçãos de um padre, juntamente com uma moça de origem coreana, vestida de noiva, usando um vestido com uma longa cauda branca. No canto da foto lia-se “Rio de Janeiro”. Não era uma foto atual, mas eu não poderia dizer de quanto tempo era.

– Não, Carine, ele não foi casado, ele é casado! Óbvio! É óbvio! Se já tivesse sido casado ele teria falado; se não contou da existência dela é porque precisa escondê-la.

A Carine segurava a foto, tentando assimilar o que eu havia falado. Aquilo era chocante. Inúmeras perguntas eu me fazia naquele momento. Eu tentava me recordar de fragmentos de qualquer coisa que ele pudesse ter deixado escapar quanto a esse detalhe de ser casado, qualquer situação; não havia rastro, nem qualquer palavra, frase ou acontecimento, eu não encontrava nada em minha memória. Também me perguntava como ele podia ser casado se dormíamos sempre juntos. Que explicação poderia haver para isso?

– Van, e se a noiva morreu e ele agora é viúvo?

– Não, amiga, ele falaria, qual é o problema em ser um viúvo?

Ela me olhava, tentando responder:

– Talvez ele esteja abalado emocionalmente e não tenha condições de falar isso para ninguém.

– Cá, não viaja. Ele teve condições emocionais de fazer tudo o que fez comigo. Contar sobre o fato de ter perdido a esposa seria algo reconfortante para ele, John não teria passado o tempo todo guardando isso, remoendo uma dor. Essa dor não existe, eu tenho certeza!

– Mas Van, se existe noiva, onde ela está?

– Eu não sei, amiga, não sei...

E por que não havia indícios, no dia a dia, da existência da noiva misteriosa? Era basicamente onde a minha mente vagava. Eu comecei a vasculhar os documentos atrás de mais informações, deveria haver algo que me mostrasse o caminho da verdade. Eu não havia enfraquecido ao ver a foto dele no altar, muito pelo contrário, eu me fortaleci, queria desvendar todo aquele mistério. Eu estava movida atrás de respostas. Não havia problema comigo, havia problemas era com ele – comecei a suspeitar de que mais coisas pudessem estar sendo escondidas.

A Carine sentou na cadeira em frente ao computador. Ela havia pousado a foto sobre a mesinha, amparava o queixo com as mãos e analisava minuciosamente a foto.

Comecei a tirar tudo da primeira gaveta do arquivo. Eram muitos papéis bagunçados, fora de ordem, John era péssimo em organização. Sentei-me no chão, pus a pilha de documentos à minha frente e comecei a examinar um por um. Eram contratos dos carros que ele tinha, contrato de aluguel das lojas, folha de pagamento dos funcionários, até que achei um envelope branco. Não havia nada escrito nele, abri-o, havia uma foto. Puxei-a. Estarrecida, eu disse:

– Amiga, olha isso aqui.

Carine virou-se e então eu lhe mostrei a mulher, que antes era a noiva, agora em uma foto com duas crianças, um menino e uma menina. Eles estavam sorrindo e o cenário ao fundo era uma linha de trem. As crianças pareciam ter a mesma idade. Todos tinham traços orientais.

– Ele é casado e tem filhos!

O mistério já não era mais onde estava a noiva, mas onde estavam as crianças também, que nunca apareceram nesse tempo todo de relacionamento. Aquela parecia ser uma foto recente. No canto inferior direito da foto lia-se, igualmente, Rio de Janeiro. Mas como? Quando?

John tinha o costume de ir até o escritório do Rio de Janeiro, poderia ser que todos estivessem lá, mas por que as crianças nunca tinham vindo para cá? Por que não se falavam ao telefone? Por que todos os três pareciam não existir?

Entreguei a foto para Carine, que olhava seus detalhes atrás de mais pistas. Então ela deixou a foto de lado, puxou a cadeira para perto do computador e me disse:

– Eu vou revirar este computador inteiro, hei de achar alguma coisa aqui. Ele trabalha neste computador, certo?

– Sim, só ele mexe aí, é onde ele passa parte da noite, muitas vezes fazendo o relatório e fechando o balanço da firma. Procure aí que eu procuro aqui – respondi e continuei revirando os papéis.

Carine parecia tão determinada quanto eu a resolver todo aquele mistério. Ela me dizia que iria abrir pasta por pasta, revirar as pastas que estivessem dentro de pastas e dentro de outras pastas, nem que ela passasse a noite toda abrindo e fechando arquivos do computador de John.

– Amiga, temos vários dias, ele não vai voltar tão rápido assim dessa viagem de negócios.

Eu tinha quatro gavetas grandes de arquivos para vasculhar, mais um armário que parecia um guarda-roupa no quarto. Teria muito trabalho, mas iria ver tudo. Então continuei concentrada nos documentos à minha frente. Papéis iam passando sem que eu conseguisse entender muito, alguns deles tinham escritos em coreano e eu nem conseguia imaginar do que poderia se tratar, outros

estavam em inglês, até que em minhas mãos surge uma procuração em português. Comecei a ler, era uma procuração de Sr. Deng e Sra. Jyng para Seung Dak. Perguntei-me quem seriam aquelas pessoas com nomes estrangeiros, pensei que deveriam ser parentes de John, pelo sobrenome. Segui lendo a procuração. Dizia que Seung Dak, coreano, nascido em 18/7/1972, teria plenos poderes para assinar, vender, comprar em nome de Sr. Deng e Sra. Jyng, coreanos, casados e residentes em São Paulo. Mas quem seriam aquelas pessoas? Ele não me falava de ter parentes em São Paulo com nomes de Deng, Jyng e Seung Dak. E por que John teria uma procuração de desconhecidos em seus documentos? Segui lendo a procuração até o final e não cheguei a conclusão nenhuma. Deixei-a ao meu lado, estava intrigada com aquelas pessoas que tinham o mesmo sobrenome de John. E intrigada com o fato de ele ter uma procuração de outras pessoas em suas mãos.

Segui lendo o documento e havia um contrato de cessão de direitos sobre a empresa Catarine. Comecei a ler com certa ansiedade, pois tinha certeza de que encontraria alguma pista maior naquele documento. Seung Dak recebia 33% de cotas da empresa, que foram repassadas por parte de Deng Dak e Jyng Dak, sendo que ambos ainda detinham 70% das cotas.

Eu gelei. A ficha estava caindo:

– Carine... eu acho que John nunca foi John... John chama-se Seung Dak.

Eu senti a adrenalina em meu corpo.

– Vai falando, amiga, estou aqui concentrada em abrir as pastas dos “Meus Documentos” do computador. Nada mais me surpreende.

Peguei o próximo documento. Era uma cópia do passaporte dessa pessoa, Seung Dak. Havia a foto de John no passaporte, e agora eu não tinha mais dúvidas: John era Seung. Olhei a nacionalidade. Ele também não era americano, era coreano. Olhei a data de nascimento. Ele não fazia aniversário em 11/11/1974, como sempre havia me dito, ele era mais velho, em seu passaporte constava que a data de nascimento era 18/7/1972. O documento também trazia o nome dos pais: Seung era filho de Deng e Jyng.

Então seus pais eram sócios dele nas lojas, e não moravam nos Estados Unidos, mas em São Paulo, segundo a procuração, aonde ele frequentemente ia para buscar mercadoria.

Então me perguntei: “Quem mora nos Estados Unidos?”. A noiva e as crianças, claro! Um estalo imediato me veio. Quando o telefone tocava e o identificador de chamadas indicava ser uma ligação do exterior, Seung falava em coreano e alegava que era sua mãe. As ligações eram quase diárias. Sendo a noiva de origem coreana, ao que tudo indicava, decerto ela falava com ele em coreano.

Então tudo começou a fazer sentido para mim. Continuei a revirar os papéis. Achei a certidão de casamento de Seung Dak, com a data de 29 de junho de 1999. Ele havia se casado no Rio de Janeiro com Andressa Yod How. Agora eu já sabia o nome da misteriosa noiva. Aquela foto antiga tinha pouco mais de onze anos. Ela devia estar com ele no Rio de Janeiro quando se casaram, e provavelmente fora para o exterior com ele, ou voltara.

John ou Seung dizia ter nascido em Santa Barbara, mas eu sabia que aquilo era uma mentira agora. Ele havia nascido na Coreia do Sul – entre os papéis, além da cópia do passaporte, havia também sua certidão de nascimento. Poderia ser que Andressa morasse em Santa Barbara com

as crianças, nos Estados Unidos, lugar onde ele dizia ter nascido.

Eu só não entendia os motivos que levaram Andressa a ir para os Estados Unidos, ou permanecer lá, nem por que ele havia inventado tantas mentiras. Adrenalina percorrendo meu sangue. Eu não sentia desespero, não sentia tristeza, não sentia dor. Estava fria. Mas sentia adrenalina no corpo.

O nome do meu sentimento era adrenalina. Era como se agora eu estivesse muito focada em montar um quebra-cabeça e nada mais me interessasse nele como homem, a não ser as peças que o decifravam. Não me interessava se eu me sentiria cansada, com sono, com sede. Eu estava determinada a descobrir tudo. Eu era, naquele momento, apenas uma máquina de montar jogos. Eu não odiava as peças. Eu não as amava. Eu apenas sabia que elas eram muito importantes para eu atingir o objetivo daquele momento: decifrar o enigma.

Então entendi por que as funcionárias ficaram tão chocadas na hora em que eu apareci na loja – elas deviam saber que ele era casado, ou ter ouvido esse comentário sobre ele. Decerto ele deve ter pedido a elas que não me contassem, afinal, é ele quem paga os salários delas.

Continuei vendo os papéis, fui passando-os por minhas mãos. Havia uma certidão de nascimento, era de Andressa, a noiva. A data era 11/11/1974, nascida em São Paulo, no mesmo bairro em que constava, na procuração para Seung, a localização de onde os pais de Seung residiam. Aquela que ele sempre disse ser a sua data de nascimento na verdade era a data de nascimento de Andressa, e provavelmente eles se conheceram no bairro onde moravam os pais de Seung, deviam ser namorados desde a época da adolescência.

Depois encontrei uma conta de água de uma residência localizada em Santa Barbara. Estava em nome de Seung. Sim, era onde Andressa morava com as crianças.

– Achei! – ouvi Carine exclamando como se tivesse encontrado o baú do tesouro.

Aproximei-me do computador.

– Veja essas fotos, estavam dentro de pastas que estavam dentro de outras pastas e dentro de outras pastas. É a família dele!

Eu estava muito curiosa. Começamos a ver algumas fotos e vídeos. Eram, em sua maioria, de aniversários dos filhos, e pelo que tudo indicava as crianças eram gêmeas, pois assopravam juntas as velinhas de um bolo colorido. Parecia ser uma família feliz, e havia muitos coreanos no aniversário também.

Aquele cara que tinha vivido comigo aparecia em várias partes do vídeo usando roupa social, falava calmamente e brincava com as crianças. Havia também uma foto dele com Andressa em que ambos eram bem jovens, ele estava abraçado a ela, parecia um casal feliz. Agora eu tinha certeza de que ambos se conheciam de longa data.

O efeito descoberta era encantador. Mas queríamos descobrir mais coisas. Eu queria aquele mistério 100% desvendado. Com quem eu me casara? Depois que vimos uma infinidade de fotos que a cada segundo me esclarecia mais e dava certeza sobre seu estado civil, eu voltei aos meus papéis e Carine continuou no computador.

– Carine, você trabalhou o dia todo, não está com sono?

– Não, nem um pouco. Depois de todas estas surpresas, de que jeito vou fechar os olhos?

Em seguida encontrei um histórico escolar de universidade. Estava incompleto. Era do Curso

de Medicina na Federal do Rio de Janeiro. Ele havia feito três anos. O que teria acontecido? Quem passa no vestibular da faculdade de medicina de uma universidade federal e desiste depois de três anos? Com tantas verdades surgindo, eu quase apostava que era mentira ele ter feito marketing ou qualquer outro curso em Harvard, como ele havia dito.

Encontrei outra foto dentro de um envelope. Era isso o que parecia ser; preparei-me para mais uma foto reveladora. Suspense. Abri o envelope. Era a foto de John sentado ao lado de uma mulher. Eles estavam em um lugar sem muita claridade. Era uma foto que me transportava para anos atrás, não tinha ares de modernidade. John estava com os cotovelos apoiados em uma mesa, e a mulher ao seu lado também tinha origem coreana, devia ser um pouco mais velha que John. A foto me transmitia uma energia pesada. Não havia explicação aparente para aquilo, mas eu sentia que a foto era triste, que fora tirada em um momento triste, pela expressão dos dois. E eu também sabia que ele tinha um relacionamento com aquela que parecia ser uma coreana ao seu lado, e eu também sabia que ela não era a noiva Andressa, e sim outra mulher. John havia tido outro relacionamento misterioso. Olhei o verso da foto, estava escrito Coreia do Sul. E agora eu já sabia onde a foto havia sido tirada, só não sabia a data.

– Vanessa! Não estou acreditando! – a Carine havia colocado a mão na boca e tinha se recostado na cadeira.

Eu levantei do chão, onde uma pilha de papéis estava espalhada à minha volta. Aproximei-me de Carine e comecei a ver na tela o que ela havia encontrado, enquanto me explicava:

– Cliquei em *Connect to* e abriu este endereço de e-mail. Ele tem mais outros dois endereços de e-mail, e antes de viajar deixou a senha registrada. Leia isso:

De: Aline

Para: John

Oi, coração, se continuarmos transando loucamente no almoço nossos corpos irão virar esqueletos, não precisarei mais ir para a academia. Saudades...

Eu estava atônita. Era essa a palavra. Olhei a data do e-mail, fazia cerca de 15 dias que havia sido enviado, ou seja, estávamos juntos. Era informação demais e provas demais em tão poucos minutos sobre o já tão duvidoso caráter dele. Meu cérebro não estava entendendo, ou melhor, na verdade meu cérebro estava se perguntando: “Quem é Aline?”. Ele estava fazendo sexo com ela no horário de almoço? Desde quando? Aonde?

Carine me perguntou:

– Como você está?

– Bem – saiu instantaneamente da minha boca.

– Pode falar, seja sincera.

– Carine, eu não sei dizer por quê, mas estou bem – eu estava imobilizada pela leitura, mas era verdade, eu estava me sentindo bem.

É que eu estava lúcida. E estar lúcida estava me fazendo muito bem. Eu tinha recebido um choque e ele não havia me matado, de início tinha me amortecido, mas agora fazia com que eu me sentisse forte. É que esse choque havia me acordado para a realidade, eu estava despertando. Estava recebendo a verdade. E a verdade, naquele momento, estava sendo libertadora para mim, porque aquilo tudo era a resolução das minhas dúvidas. Solucionar as

dúvidas me dava suporte para decidir. Conforme a verdade ia surgindo, eu ia me sentindo mais viva, mais consciente e melhor. Porque a verdade ia tirando de mim toda e qualquer responsabilidade sobre o curso que o nosso relacionamento havia tido.

Eu tinha dúvidas antes e elas estavam me matando. Naquele momento, porém, eu estava matando as minhas dúvidas e agora tinha somente certezas – principalmente a certeza de que eu estava envolvida com um grande falsário. E ver que um cara como aquele estava sendo descoberto perante os meus olhos estava me fazendo bem.

A Carine olhava para mim e eu a tranquilizei:

– Amiga, não se preocupe, de verdade, saber de tudo isso está me fazendo muito bem.

Eu não estava chorando, eu não sentia raiva, não sentia mais dor alguma. Eu estava consciente. Então Carine passou para o e-mail seguinte:

De: John

Para: Aline

Minha Princesa, ainda tenho em mim o cheiro do seu corpo, há fios de cabelo seus pela casa que me lembram você, sua imagem não sai da minha cabeça”. Beijo, minha Dama.

Outro estalo me ocorreu. Aquele fio de cabelo que eu encontrara em casa era dela. Ela era, então, uma mulher ruiva. Eles estavam transando na nossa cama? No horário do almoço? Claro! Quando eu ia ao banco pagar as contas da loja, ou enquanto eu estava dobrando roupas com as funcionárias.

Continuamos abrindo os e-mails seguintes:

De: Aline

Para: John

Oi, coração, não dormi nada esta noite. Da forma como você me conquistou e pela intensidade como estou pensando em ti, tenho medo de que vocês voltem e que eu tenha te perdido para ela, esta noite não consegui dormir. Quero que você seja feliz, independente da sua escolha”.

Eu e a Carine nos olhamos. Acredito que as duas se perguntavam a mesma coisa: o que está havendo? Desde quando eles estão juntos? Onde eles se encontravam? Como se conheceram? Do que ela estava falando exatamente?

Seguimos lendo os e-mails. O próximo dizia:

De: John

Para: Aline

Minha Dama, eu jamais vou voltar para ela. Eu estou embarcando para São Paulo agora e me desculpe por não poder fazer mais neste momento. Gostaria que você me desse um tempo para colocar a minha vida em ordem, estou em conflito emocional. Vou agradecer a sua compreensão. Beijos.

Olhei a data, ele estava comigo ainda e não havia viajado, estávamos em Blumenau quando ele enviou o e-mail a ela. Ele mentira a ela que havia ido viajar. Matei a charada, falei a Carine:

– Ele a iludiu, transou com ela, quando cansou dela começou a dispensá-la, deve tê-la levado pra cama com falsas promessas de que iria se separar de mim e depois contado alguma

historinha a respeito do nosso relacionamento, de estar sendo difícil para ele se separar. Ele se esconde atrás de “conflitos”. Com esse papo de viagem ele ganharia tempo para se livrar dela.

– Isso mesmo, Vanessa!

– Retroceda os e-mails, Carine, vamos ver como isso tudo começou. Melhor, vá aos e-mails mais antigos dele, nos e-mails enviados; tem tanto e-mail nessa conta, vai sair mais coelho do que já saiu desse mato.

A Carine subiu o cursor para retroceder para as semanas anteriores e foi aos e-mails enviados por John. Começamos a ver os e-mails de alguns meses para cá. Surgiu um e-mail direcionado a uma mulher – entre tantos e-mails que havia, abrimos aleatoriamente para ler o que estava escrito.

De: John

Para: Milena

Princesa Mi,

Estou em Nova Jersey, olhando as pessoas no Central Park, pensei que poderíamos fazer isso também, passear como passeamos no Jardim Botânico. Quando tivermos Lucas e Emma faremos muitos passeios como aquele.

Liguei para você agora, está ocupada... rrsrrs. Eu estou me questionando se realmente estou levando uma vida inteligente. Ultimamente, com certeza, não. Nem consigo dar conta do recado nos assuntos profissionais, tenho trabalhado demais e viajado muito, então imagine meu lado pessoal, não tenho tido tempo nem direito de lhe escrever um bilhete. Em que bilhete paramos? Eu não consigo dar atenção à única joia que eu tenho no momento. Fico imaginando algo no teu lugar: “Como esse homem vai cuidar de mim? Quando ele vai ser mais inteligente e colocar outras pessoas para trabalhar para ele e assim gerar resultados sem ter que se deslocar o tempo todo nessas viagens?...”. Por favor, princesa Mi, questione isso daqui a algum tempo, pelo menos alguns aninhos mais tarde, mas não neste momento. Você ainda nos verá casados e ficará feliz em saber que teve paciência com o nosso relacionamento.

Te amo,

Jow

Eu vi a data do e-mail, havia sido enviado durante nosso relacionamento, poucos meses atrás. Naquela data ele não estava em viagem alguma. Falei para Carine:

– Ele mentia a ela que estava viajando quando estava comigo, essa Milena não sabe da minha existência, aposto. Amiga, ele fez planos com ela de terem filhos juntos, com os mesmos nomes de crianças que ele dizia que teria comigo. Estou vendo que Princesa é um bordão dele. Todo mundo pelo jeito é “Princesa” e “Minha Dama”.

Carine estava ofegante. Eu ouvia a respiração dela e perguntei:

– Amiga, você está bem?

Ela parecia transtornada.

– Estou muito revoltada por constatar que existe um homem assim. E eu é que te pergunto se você está bem, porque eu estou é em choque! Estou quase petrificada, mal consigo entender quem é Aline e de onde ela surgiu, e agora existe também uma Milena – então ela se virou

abruptamente para mim:

– Você está bem, Vanessa?

Eu me analisei. Eu tinha uma sensação de formigamento, mas não estava surtada, eu sentia a mente iluminada, como se ela tivesse recebido muitos watts de iluminação. Respondi:

– Estou ótima!

Continuamos a ler os e-mails aleatoriamente. Havia e-mails empresariais também, até que abrimos um cujo remetente tinha o mesmo sobrenome de John:

De: Syen Dak

Para: John

Olá, irmão, como você está? Por favor, cuide bem da mamãe, estou um pouco preocupado com ela, que tem trabalhado demais. Seung, irei a Hong Kong em breve, retorno para São Paulo em poucos dias, qualquer coisa nos comunicamos por e-mail.

Abraços,

Syen

Eu olhei para a Carine:

– Ele tem um irmão... – nós duas estávamos em silêncio.

Na hora eu me lembrei das fotos que um dia John havia me enviado e que eu mostrara a Toalá; ela estava certa. Decididamente não era ele em cima daquela moto vermelha, mas sim seu irmão. Esse irmão devia morar em São Paulo também. Decerto ele era o dono daquela moto, daqueles carros que apareciam nas fotos e daquela casa que John dizia ser de uma tia sua em Alphaville.

Continuamos lendo os demais e-mails e resolvemos nos sentar as duas em frente ao computador, pois pelo jeito passaríamos bastante tempo lendo e decifrando as várias histórias de John. Abrimos um e-mail que vinha logo após o de Syen. Era de outra mulher:

De: Denise

Para: John

Jon, quando leio seus e-mails sou capaz de ouvir sua voz em determinados momentos. Organize-se, estou te esperando. Eu também torço por nós, já se passaram oito anos desde a primeira vez que nos vimos. Príncipe, sei que você é um homem muito ocupado com o trabalho, mas nós merecemos estar mais próximos, eu conto os dias para te ver entre as espaçadas viagens de negócios. Estou te esperando. Sim, coisas e pessoas importantes te esperam, com certeza, mas eu também. Encontre sua paz e venha. Te amo, um grande beijo do Rio de Janeiro, essa cidade sem você nunca é a mesma.

Den.

A Carine colocou as duas mãos na boca e se expressou:

– UAUUU...

Eu não disse nada, comecei a pensar sobre aquilo, não tinha muitas respostas para o fato de mais uma mulher ter surgido, ainda mais com oito anos de relacionamento, e eu me perguntava de que forma e quando eles se viam. Como aquilo era possível?

Seguimos lendo os outros e-mails, achamos um daquela que antes era a noiva misteriosa:

De: Andressa

Para: John

Iremos seguir viagem assim que você chegar em casa, já reservei o hotel e as crianças estão animadas, estamos todos com saudades. Apenas estou triste porque você ficará somente uma semana conosco.

John estava seguindo viagem e havia me dito que ficaria fora pelo menos 25 dias por causa dos negócios. Aquele e-mail matou mais outra charada nossa. Claro! Ele não viajava a negócios, ele viajava para ver suas mulheres, namoradas ou sei lá o que elas eram para ele. Ele ficaria sete dias em casa e provavelmente nos outros se revezaria entre as outras mulheres.

– Que grandessíssimo filho da puta, amiga... – a Carine estava mais revoltada do que eu.

– Continuemos, amiga, segue o baile que lá vem mais.

Carine ficou vendo os e-mails enquanto eu fui até a cozinha ver alguma coisa para comermos, pois sabia que atravessaria a noite descobrindo coisas e mais coisas a respeito daquele sujeito.

Parei diante da pia, olhei para o fogão à minha esquerda e a geladeira à direita. Vi-me ali dias e dias como uma dona de casa me dedicando a um falsário como aquele. Eu havia cozinhado por amor em vez de estar escrevendo livros. Amargurei-me naquele exato momento. Senti dor, não senti dor ao abrir os e-mails, mas senti dor pela perda de tempo que poderia ter dedicado aos meus livros, à minha vida, do tempo que poderia ter estado ao lado de pessoas que me amavam de verdade, como a Carine e a minha filha. O pior ladrão que há é aquele que rouba o seu tempo.

A Carine gritou lá de dentro:

– Traz alguma coisa para comer e corre aqui para ver isso, agora sim ficou feio!

Eu abri o armário, havia um pacote de salgadinho coreano. Peguei o pacote e levei para o escritório, me sentei junto com ela novamente na frente do computador, na mesma cadeira. Enquanto ela abria o salgadinho, me pediu para ler o que estava na tela:

De: Rafaela Baltazar

Para: John

Eu nunca mais quero vê-lo na minha frente. Por todas as coisas que você me fez! Eu confiei você, seu porco imundo! Eu já devia ter imaginado o que você faria quando depois de anos resolveu reaparecer do nada e eu acreditei. Você não presta! Eu odeio você!

Aquela era a moça que ele dizia que pretendia empregar na loja um dia e que estava morando em Florianópolis. Alguma coisa ele devia ter feito para ela. Mas o que seria? Pela data haviam se passado três meses.

– Quanto mistério!

– Amiga, essa mulher eu tenho uma noção de quem seja.

Continuamos lendo os e-mails seguintes:

De: Juliana

Para: John

Joe, por que você anda tão ausente, príncipe? Trabalhando muito? Estou sentindo a sua falta, lembro de você o tempo todo dizendo que me ama quando estamos juntos, e que não conseguiria viver sem mim. Quando você virá morar em Curitiba? Não aguento mais esperar. Você vem para cá neste final de semana?

Com amor e saudades,

Ju.

Aquilo parecia um filme. Como existiam tantas mulheres simultaneamente, mesmo com algumas indo e outras vindo, e como poderia haver aqueles relacionamentos todos com juras de amor e promessas, que pareciam todas terem sido feitas por John? E pelo que eu entendia, com exceção de Aline, mais nenhuma delas sabia que eu existia.

Lembrei-me dos jogos de golfe em Curitiba e de todas as vezes que ele me enviava mensagem dizendo: “Fiz um buraco”. “Agora fiz outro buraco!” Ele não ia jogar golfe, ele ia visitar a Juliana e provavelmente os buracos eram as relações sexuais que ele tinha.

Mais nada que surgisse a partir de agora me causaria espanto. Continuamos lendo os e-mails:

De: John

Para: Silvia

Quis te ligar, mas não me senti à vontade... como agora... me deu vontade de perguntar: quer dormir comigo? Jogar suas pernas em cima de mim? Não demore, se puder.

Eu sinto saudades absurdas de você!

Beijo, Core.

Core devia ser algum apelido, uma espécie de diminutivo de “coreano”. Para cada uma ele era um: John, Jon, Jow, Joe, Core... Mas, para ele, todas nós éramos sempre a mesma: Princesa.

Saudades absurdas... esse era um termo que eu escrevera para ele, então saquei que ele usava as expressões pessoais de cada uma de nós com as outras, aumentando assim a poção de encantamento romântico que ele espalhava nos relacionamentos.

Ele colhia o que melhor captava de uma e repassava a outra. Percebi que ele usava comigo expressões que usadas por Denise. A expressão “Encontre sua paz”, que ele tanto usara comigo, era dela.

“Todo mundo é filho de alguém” provavelmente era uma frase copiada de uma de suas mulheres. John não tem uma identidade própria, ele é o plágio do que está à sua volta.

A Carine começou a dizer que estava cansada, que ficaria mais um pouco comigo, mas que logo precisaria dormir. Respondi-lhe:

– Amiga, deite no quarto de casal, eu vou passar a noite revirando tudo o que for possível, eu quero a verdade toda! Eu a mereço.

Ela disse que ficaria só mais um pouquinho comigo. Então abri mais um e-mail, era uma mensagem recebida no Facebook. Dizia que Aline havia enviado uma mensagem. Clicamos sobre o link e a página dele apareceu. Foi quando eu percebi que ele tinha um segundo perfil, que eu nem desconfiava que poderia existir.

Comecei a ver o perfil. Ele se mostrava como um homem solteiro, viajado, rico e colecionador de carros. Havia uma foto de Aline junto com a mensagem, e cliquei sobre ela a fim de conhecê-la.

Ela realmente era ruiva, tinha a mesma idade que eu, morava em Blumenau e era *promoter* da Alfa Romeo. A primeira coisa que me veio à mente foi ele ter tido interesse no fato de Aline servir de degrau para ele ganhar status entre os colecionadores de carros. Eles deviam ter se conhecido justamente por causa da marca. Pelas últimas mensagens trocadas, era evidente que

ele a estava dispensando aos poucos, e que também não tinha tanto interesse em mostrar sequer uma afetividade fingida nos e-mails que enviava a ela, que eram todos pouco açucarados. Pelo nome completo dela, procurei no Google o lugar onde trabalhava. Tomei nota.

– Van, o que você vai fazer? – a Carine me perguntou.

– Vou conversar com ela.

– Van, ela sabe de você. Ela não deve gostar da sua pessoa.

– Mas com certeza não sabe a verdade sobre mim. Eu vou dar a ela a verdade e vou saber dela a outra parte da verdade. Aliás, eu vou conversar com todas elas.

– Você é louca.

– Não, amiga, eu sou ousada.

Depois do Facebook encontrei dois perfis diferentes no Par Perfeito, que havia lhe enviado opções de pretendentes por e-mail, uma seleção prévia de altura, idade e signo para interação dos assinantes. Ele usava dois codinomes; em um deles Seung era WILL STIL, e no outro perfil chamava-se IN LOVE.

Seu perfil não era muito diferente daquele do Facebook, apresentando-se como um excelente partido disponível, morando fora do Brasil e vindo constantemente a São Paulo devido aos negócios. Ele mentira a data de nascimento também, pois dizia ser do signo de Escorpião, e colocava-se como um sofisticado homem que jogava golfe e cultuava boas maneiras. Ele também incluía nesse perfil o fato de estar procurando uma princesa. E perguntava ao final da descrição: “Seria você a minha princesa?”.

A frase perfeita para qualquer mulher ler e cair. Havia dezenas de pretendentes em sua caixa de diálogos, em que ele trocava mensagens pedindo fotos e prometendo enviar fotos suas desde a infância. As mensagens eram praticamente copiadas e coladas uma após uma. É, ele mantinha um padrão de conquista, havia se aperfeiçoado para fazer o trabalho em série.

Carine estava com os olhos vermelhos, havia trabalhado o dia todo, tínhamos passado das 23 horas e era evidente o seu cansaço. Eu mostrei a ela a cama no quarto de casal; parecia um tatame aquele colchão rente ao chão, no estilo oriental, e por isso ela gostou.

Eu sabia que eu nunca mais dormiria naquela cama e incrivelmente não estava nem um pouco triste. Aquele momento de iluminação era também o momento de libertação. Olhei para aquele quarto sem interesse, minhas emoções secando mais e mais a cada e-mail aberto e a cada descoberta que surgia.

Carine foi dormir e eu voltei ao escritório. Peguei meu celular e liguei para a Toalá, que atendeu prontamente:

– Amiga, pode falar? Não te acordei?

– Oi, Van, estou acordada aqui na net vendo uns vídeos. Está tudo bem com você?

Então eu lhe contei tudo. Quando terminei ela tinha sua opinião para me dar:

– LOUCURA!

Isso foi o que ela disse do outro lado da linha. Uma única palavra dela resumia tudo. Então ela me disse:

– Van, me manda o perfil dessa Aline no Facebook para eu dar uma olhada. Tem das outras também o nome completo? Passe os e-mails delas pra eu dar uma pesquisada, quero dar uma

analisada nelas.

– As outras ainda não sei como são, mas te passo os nomes, estou aqui vistoriando e-mail por e-mail, vou descobrir.

Passei por MSN para ela o link do perfil de Facebook da Aline e os nomes das outras mulheres. Continuei vendo o que mais eu poderia descobrir.

Comecei a encontrar e-mails em que havia fotos das mulheres da vida de Seung, ele havia tirado fotos delas e enviado, estavam na caixa de MSN de e-mails enviados. Baixei as fotos, podia-se ver a data em que tinham sido feitas.

Seung foi como decidi chamá-lo a partir daquele momento, uma vez que esse era o seu nome verdadeiro e eu já sabia quem realmente ele era.

As primeiras fotos que encontrei foram de Denise. Ela tinha um rosto lindíssimo e estava acima do peso. Procurando no Google pelo seu endereço de e-mail e nome, consegui mais informações sobre ela. Trabalhava como modelo GG no Rio de Janeiro.

Meu celular tocou. Era Toalá:

– Você não sabe o que eu concluí analisando o perfil da Aline – Toalá falava sussurrando.

– O quê? – eu estava em expectativa.

– Ela é presa fácil. Em um dos álbuns vi que ela faz coleção de anjinhos e de caixinhas de música. O quarto dela tem aspecto romantizado, deu para ver nitidamente em uma das fotos. Ela é uma mulher sonhadora de 36 anos, solteira e que ainda mora com os pais. Vanessa, o coreano apareceu e ela achou que ele era o príncipe encantado que viria salvá-la, ainda mais que ele a chamava de princesa.

– Sim, amiga, isso mesmo, concluí a mesma coisa de outra integrante do harém secreto de Seung. Ele ataca mulheres carentes.

– Mas você não é carente, Vanessa.

Parei para pensar.

– Então o que faria o Seung me desejar?

Toalá respondeu:

– O desafio, amiga, o desafio!

Eu me mantive em silêncio, Toalá falou:

– Tem certeza de que ele não sabia quem você era quando te conheceu? Afinal, pelo que vemos ele estava no Brasil havia muito tempo.

Parece que a ficha caiu mais um pouco. Eu era a mulher que falava às outras mulheres na televisão como muitos homens eram de verdade – enganar a mulher conhecedora dos homens era um desafio que o tornava um homem inteligentíssimo. Então me indignei:

– Como eu pude?! – eu caía na real um pouco mais agora. – Como eu pude deixar que as coisas chegassem nesse estágio? Olha o que ele fez com a minha vida, com meus livros, com minha família, comigo!

– Van, nada de se martirizar, agora que você caiu na real, tem de reagir.

– É, eu sei – mas a revolta interna se iniciara, já era tarde...

– O que você pretende fazer?

Eu silencieei novamente.

– Van? Você está aí?

Eu estava pensando, não havia ainda me perguntado o que eu faria com toda aquela verdade. Então decidi.

– Eu vou fazê-lo se arrepender do dia em que nasceu.

Toalá começou a rir. Eu lhe disse:

– Amiga, quando eu conheci Seung, eu disse a mim mesma que eu seria inesquecível na vida dele. E assim será.

Toalá começou a rir mais ainda do outro lado: ela era perita em torturar os ex-namorados que não haviam tido uma atitude decente com ela.

– Conte comigo, irmã – era assim que ela me chamava muitas vezes.

– Obrigada, vou precisar, irmã.

Depois achei o perfil de Juliana. Era uma mulher da minha idade, com lindos e enormes olhos azuis e formato de rosto que fazia lembrar a boneca Susi. Havia no perfil algumas fotos de lugares que ela havia visitado, e em uma delas reconheci o restaurante Barolo, que eu e Seung havíamos frequentado quando estivemos em Curitiba. Ela era de uma cidade do Paraná, e pelas postagens imaginei que fosse espírita, devido à grande quantidade de mensagens de Chico Xavier.

Em seguida procurei por Milena e descobri que era dentista no Rio de Janeiro. Era bonita e parecia ser uma pessoa bem divertida, havia vários comentários de amigos solicitando a visita dela para contarem as novidades. Muitas pessoas a convidavam para passear, fazer visitas e jantar. Milena parecia aquela mulher legal de quem todo mundo quer ser amigo.

E assim busquei uma a uma. Toalá me ajudou a desvendar o mistério do perfil psicológico de cada uma para assim entendermos o máximo possível do que estava acontecendo. Todas eram mulheres carentes de alguma forma, que acreditavam no amor e assistiam a filmes românticos. Três delas haviam lido *O Pequeno Príncipe*.

Deixei um pouco dos e-mails e me detive novamente nos documentos; era muita coisa para vasculhar.

Quando abri a quarta gaveta de documentos, encontrei uma caixa fechada. Abri-a, havia vários comprimidos azuis, e no dorso do envelope dos comprimidos estava escrito *sildenafil citrate*.

Fui até o Google, escrevi o nome e fiz a busca. “Santo Google, santo Facebook, os criadores merecem o Nobel da Paz!”.

Era o que eu imaginei quando vi as pílulas azuis: tratava-se de Viagra. Encontrei também envelopes do medicamento fabricado no Brasil, com dizeres em português. Havia em um dos documentos uma nota de compra em uma farmácia. Olhei o endereço, era da farmácia do Supermercado Archer, onde fazíamos nossas compras diárias de mercado. Ele estava experimentando, decerto, o medicamento do Brasil e testando também os comprimidos do exterior.

Era por esse motivo que ele mantinha uma ereção firme e por isso que conseguia fazer sexo tantas vezes no mesmo dia. E era por isso que em nossa primeira vez ele não conseguia ter uma ereção – eu o havia levado de surpresa ao motel, portanto ele não havia se preparado, ele não imaginou que haveria sexo em nosso primeiro encontro.

Refleti sobre o uso do Viagra, refleti muito. Cheguei à conclusão de que não havia problema em tomar Viagra, a questão eram os motivos que o levavam a tomar Viagra.

John precisava das pílulas azuis para transar com o máximo número de mulheres que conseguisse. Ele não queria saber se machucaria essas mulheres, se faria com que perdessem um precioso tempo de vida. John apenas queria usá-las, era impossível um homem amar e se casar com tantas mulheres ao mesmo tempo e ter interesse real nelas.

John, para inflar seu próprio ego, queria impressioná-las e por isso se empanturrava de Viagra.

Pensei em todas aquelas noites e dias de sexo e há quanto tempo ele deveria estar usando o medicamento na vida. Pensei na época em que ele me contara que malhava, que seu corpo era definido e muito belo, com todos os gominhos abdominais à mostra, mas que naquela época ele estranhamente não sentia tesão algum.

Pensei na possibilidade de ele ter tomado anabolizantes e ficado impotente, ou pelo menos prejudicado bastante sua capacidade de ereção.

Agora eu também entendia por que ele me culpava por suas constantes dores de cabeça. Pensei em quantas e quantas vezes, em nome do imenso ego dele e de ter de manter uma imagem, ele tomou pílulas e pílulas e mais pilulas de Viagra e sofreu todos aqueles efeitos colaterais.

Achei bem merecido e de pouco tamanho as dores de cabeça que ele sentia, as dores nas pernas e os enjoos.

Pensei no que fazer com aquele Viagra todo. Um envelope contendo dois comprimidos eu pus na minha bolsa. A caixa deixei separada, ainda não sabia o que fazer com ela.

Atravessei a noite lendo e-mails, vendo perfis, mexendo em documentos, e decidi que mais nada que eu soubesse dele teria a capacidade de me deixar surpresa.

Quando amanheceu, fui até o quarto onde a Carine dormia e a acordei:

- Vamos, amiga, tenho de levar você para casa e voltar para o apartamento.
- Nossa, mas você não dormiu a noite toda!
- E nem vou conseguir dormir, amiga, minha cabeça esteve dando voltas e voltas e voltas. Eu preciso decifrar essa história.

Então ela se levantou e saímos as duas do apartamento. No caminho de volta a Balneário Camboriú ela me perguntou sobre Aline.

- Amiga, já peguei o telefone da loja onde ela trabalha, assim que eu te deixar em casa vou ligar para ela.

Deixei Carine no serviço dela e retornei a Blumenau. Quando entrei no apartamento, lamentei todas as noites e dias em que estive ali.

Sentei-me diante do computador de John e reli alguns e-mails. Ele decerto estaria chegando em casa, nos Estados Unidos, iria de avião a Los Angeles e depois, provavelmente, iria de carro a Santa Barbara.

Decidi ligar para Aline, a que parecia ser a mais recente de todas. Por algum motivo eu não estava nervosa. Fiz a ligação para o telefone da loja onde ela trabalhava e logo atenderam. Era ela, atendeu falando o nome da loja e em seguida o seu.

- Aline, você pode conversar um pouquinho comigo? Você não me conhece pessoalmente, mas

já ouviu falar de mim. Meu nome é Vanessa e eu tinha um relacionamento com John, que é o nome com que ele se apresentou para você. Eu gostaria muito de conversar com você. Pode ser?

– Olha, não sei do que você está falando, não tenho nada pra falar contigo! – ela parecia nervosa. Uma reação óbvia e agressiva, inicialmente, de quem precisa se defender de algo inesperado.

– Aline, não se preocupe, não tenho nada contra você, eu entendo claramente que você não me deve explicação alguma, entendo que não era você que tinha um relacionamento comigo, mas eu gostaria que você olhasse para mim como uma mulher que foi enganada tanto quanto você está sendo pela mesma pessoa. Eu tenho certeza de que provavelmente você ouviu dele coisas a meu respeito que não são verdades, e eu gostaria de esclarecer contigo alguns outros fatos e tenho certeza de que você também gostaria de esclarecimentos. Você tem dúvidas a respeito dele, não estou certa?

Como eu havia falado calmamente, ela se sentiu mais à vontade, então me respondeu:

– Tudo bem, eu converso com você.

Era apenas isso que eu precisava ouvir. Com toda a certeza ela queria saber mais a respeito de John, ela estava apaixonada, da mesma forma que eu fiquei quando o conheci. Só que ela parecia bastante receosa, então procurei acalmá-la, eu não a via como uma inimiga:

– Escolha onde quer sentar para conversar comigo. Se você quiser levar uma amiga para se sentir mais à vontade, leve, eu vou estar sozinha. A que horas para você fica bom?

Ela ficou em silêncio, acho que estava pensando.

– Aline?

– Pode ser na Havan, umas 17h30 da tarde, eu saio do serviço e vou te encontrar lá na praça de alimentação.

Eu concordei, perguntei se ela saberia me identificar, ela disse que sim, que ele já havia mostrado fotos minhas a ela.

– Aline, apenas vou te pedir uma coisa: não fale nada com ele até nós duas conversarmos. Depois, o que você quiser falar com ele, não tem nada a ver, só o que te peço é sigilo por enquanto, pode ser?

Ela concordou, desligamos. Achei um disparate ele ter mostrado fotos minhas a ela, era mais uma prova de que ele não me preservava. Peguei um pacote de biscoitos fechado no armário e um copo de leite. Voltei para o quarto. Sentei na frente do computador, ia abrir os outros dois e-mails quando vi a entrada de um e-mail na caixa de mensagens de John, enviado por Aline naquele exato momento. Abri o e-mail:

Oi, coração, só para te avisar que a Vanessa me ligou, não fui eu que liguei para ela, pela maneira como ela falou comigo ela já sabe de tudo. Não quero que você pense mal de mim achando que eu fui atrás dela. Mas não conte nada a ela ainda, espere eu falar com ela, depois te conto o que ela falou comigo.

Fiquei com o biscoito parado na boca. Pensei: “Sim, e adiantou pedir a ela para não contar?”.

Fechei o e-mail para que ele não percebesse que eu o havia lido. Percebi na hora o quanto ela estava iludida por ele. Agora, ele teria tempo de arquitetar mais um monte de mentiras, sabendo o que estava acontecendo. Ele se armaria. Plantaria terreno. A melhor forma de pegar alguém

em uma mentira é quando a pessoa está desprevenida. Aline era ingênua demais.

Passei o resto da tarde vendo os e-mails trocados entre John e as inúmeras princesas. Eles eram tão similares entre si, nunca fugiam muito dos devaneios dele, dizendo que não sabia bem por que estava escrevendo, por que havia se lembrado daquela princesa naquele horário, sempre se perguntava se sua vida estava seguindo o rumo certo, e sempre estava semeando sonhos de que um dia estariam velhinhos um ao lado do outro, ele e Princesa, como o amor que supera tudo, incluindo distância e tempo. Fui lendo e analisando, era assim que ele mantinha todas na rede, através do plantio de sementes de esperanças e ilusão.

Para todas ele prometia cozinhar um macarrão *à carbonara* e em inúmeros e-mails ele falava sobre o bendito “cheiro da princesa que está em mim”. Isso quando ele não falava a respeito dos fios de cabelo perdidos em sua casa que lhe deixaram saudade. Tudo aquilo era tão repugnante da parte dele; perguntei-me como ele não havia se cansado de estar sempre escrevendo as mesmas coisas para todo mundo. Eu já estava cansada de ler as mesmas frases.

Achei em seu computador o arquivo da agenda de contatos do seu BlackBerry. Era tudo o que eu queria – através dele ia conseguir encontrar o telefone das outras mulheres com quem ele se relacionava.

Fiz a primeira ligação para Rafaela Baltazar. Eu queria saber o que havia acontecido para que ela ficasse tão revoltada com ele. Uma voz feminina atendeu:

– Alô?

– É a Rafaela Baltazar?

– Sim, quem é?

– Boa tarde, Rafaela, meu nome é Vanessa, por favor, não desligue, eu gostaria de conversar com você a respeito do John.

Ela ficou muda por dois segundos do outro lado da linha, depois falou amargamente:

– Eu odeio ele!

– Rafaela, o que ele fez com você?

Ela não respondia.

– Rafaela, não se preocupe, eu estou disposta a conversar numa boa com você.

– Ele prometeu se separar de você para ficarmos juntos. Ele esteve comigo em meu aniversário e eu engravidei. Depois ele sumiu.

– Meu Deus, Rafaela! Quando foi isso?

– Em novembro, dia 18.

– Você está com quanto tempo de gravidez, então?

– Não, eu passei por um aborto...

Cada momento era um *flash* diferente de coisas inacreditáveis que se revelavam.

– Rafaela, tudo isso é muito triste.

– Eu odeio ele, porque é a segunda vez que aparece na minha vida. Eu o conheço há seis anos, estávamos namorando quando ele de repente desapareceu, sem deixar nem sequer um e-mail. Ele vinha me ver todos os finais de semana e, de repente, nem o telefone dele era mais o mesmo. Eu levei muito tempo para me recuperar – havia rancor em sua voz.

– Rafaela, eu tenho muitas coisas para te contar a respeito dele. Mas antes quero te dizer que,

embora você soubesse de mim, não me veja como uma inimiga, porque eu não te vejo dessa forma. Eu entendo que é possível uma mulher se apaixonar da mesma forma que eu pelo mesmo homem canalha que parecia ser o melhor homem do mundo.

Ela fez silêncio e depois murmurou “uhum”. Então continuou falando:

– Eu o conheci antes de você, Vanessa, e depois de anos ele reapareceu me enviando um e-mail, pedindo desculpas, falando que gostaria de me ver novamente, que ele sabia que tinha errado comigo e gostaria de consertar as coisas.

– E como foi isso?

Ele veio aqui em minha cidade, disse pra você que iria viajar para São Paulo, passou o meu aniversário comigo. Vocês conversaram durante o jantar, ele disse que estava jantando no restaurante do aeroporto. Era mentira. Eu estava ao lado dele no restaurante Garoupa, em Florianópolis, quando ele falou contigo. Então ele disse que te amava e desligou. Começamos a brigar.

– Eu me lembro desse dia, Rafaela, eu também tive uma discussão grande com ele porque achei que houvesse alguma mentira. Mas como você suportou ele falando comigo ao telefone?

– Ele me dizia que você era louca, por esse motivo estava se separando, porque não aguentava mais a sua neurose e ciúmes doentios sem motivos. Ele disse que morava junto com você por um erro e que sentia muita falta de mim, mas que estava se desligando de você aos poucos, para você não enlouquecer. Ele também dizia que você era uma pessoa que precisava de ajuda.

– Rafaela... ele mentiu pra você.

– Eu sei, porque naquela noite fomos para o motel e depois ele sumiu novamente. Ele me contou tudo aquilo para que eu acreditasse na boa intenção dele, que nunca existiu, e transasse com ele.

– E vocês não usaram preservativo e você engravidou.

– Isso.

– E depois?

– Depois nada, Vanessa, ele pouco se importou com o que eu passei. Ele é um crápula.

Rafaela era uma mulher como eu e tinha todos os motivos do mundo para estar revoltada com ele. Era assim que eu a via, e assim como eu, merecia o respeito de qualquer homem que se aproximasse dela. Eu resolvi contar a verdade sobre John:

– Rafaela, tenho muitas coisas pra te contar sobre ele. Seu nome verdadeiro é Seung Dak. Vou escrever uma carta contando a verdade sobre ele para você e para as outras mulheres que estiveram envolvidas com ele. Eu tenho acesso ao computador pessoal dele e por isso consegui chegar até você e vou fazer o mesmo com todas que eu conseguir.

Eu e Rafaela continuamos conversando. Ela me contou que há seis anos ele morava no Rio de Janeiro, mas que vivia viajando para o exterior.

Eu tive certeza de que as funcionárias realmente faziam o que Seung pedia, porque quando depois do episódio de nossa briga, em novembro, quando entrei na loja a maioria delas confirmou que estava com ele trabalhando até tarde, quando na verdade ele havia ido passar a noite com Rafaela.

Assim que terminei a conversa com Rafaela, liguei para aquela que se chamava Juliana. Pelo

código de telefone, ela era de Curitiba. Apresentei-me da mesma forma como me apresentara a Rafaela e perguntei-lhe qual era sua relação com ele. Juliana ouvia do outro lado da linha sem dizer nada. Por fim falou:

– Sim, nós estávamos namorando. Ele dizia que me amava, vinha para cá em alguns finais de semana, fazia macarrão *à carbonara* para mim e a gente fazia amor o dia inteiro. Ele tinha planos de vir morar comigo em meu apartamento aqui em Curitiba.

– Juliana, eu o conheci em janeiro do ano retrasado, quando você o conheceu?

– Em setembro, antes de você. E pode me chamar de Ju.

– Pode me chamar de Van. E você não sabia de mim, claro.

– Nunca, eu não teria aceitado essa situação. Ele me dizia que estava sempre em viagens de negócios, cuidando das empresas da família.

– Não, nós moramos em Blumenau, Santa Catarina. A maior parte do tempo ele ficava aqui.

– Eu mal consigo acreditar!

– Juliana, ele me dizia que tinha de ir para o escritório em Curitiba fazer balanço. Na verdade ele ia ver você...

– Eu achava estranhos esses sumiços dele e o fato de estar sempre viajando, mas as promessas eram grandes da parte dele, por isso eu o esperava. Vanessa, eu também me apaixonei por ele. Estou revoltada sabendo de tudo isso agora.

– Eu imagino...

– Van, tenho muitas fotos que ele fez de mim, eu era a modelo dele, e ele parecia tão apaixonado.

Continuamos conversando. Ela parecia ser uma pessoa verdadeira, espontânea, e apesar de conhecê-lo há mais tempo que eu, ela não me ofendeu em momento algum.

Contei-lhe sobre seu verdadeiro nome, sobre as informações que eu tinha acabado de descobrir e sobre Rafaela. Ela me disse:

– A partir de agora eu quero mais é que ele exploda!

Ele havia me levado também aos restaurantes aos quais ele levou Juliana em São Paulo, incluindo a cantina italiana; fez com ela o mesmo passeio em Aldeia da Serra, e quando ele estava em Curitiba ela o levou ao restaurante Barolo, lugares onde ele fez questão de me levar também e de me dizer que havia ido a uma reunião de negócios, por isso conhecia aquele lugar. As frases que ele usava com ela eram as mesmas que usava comigo: “Melhor sexo da minha vida”.

Combinamos de conversar mais depois, tínhamos muito ainda a saber uma da outra. Eu disse a ela que eu ia entrar em contato com as outras mulheres e que depois voltaria a ligar.

Depois falei com Denise. Ela me ouviu sem fazer muitas perguntas, em seguida contou sua história com ele. Disse que estava esperando para um dia ficarem juntos. Quando indaguei por que ela o estava esperando havia oito anos, ela respondeu:

– Ele sempre me disse que pelo fato de eu ser mãe solteira e ter me separado de meu primeiro marido seus pais não aceitariam me conhecer. Além do quê, eu não sou coreana nem evangélica, então, fui levando a vida dessa forma, até porque ele parecia estar em constantes viagens pelo mundo dos negócios. Mas sempre que vinha me ver me cobria de carinho, e trocávamos e-mails

constantemente, nos comunicávamos quase todos os dias.

Era assim que ele agia, escondia-se por trás das viagens e da culpa. E sempre encontrava um jeito de suas mulheres se sentirem culpadas por não estarem à altura de sua vida perfeita e de seu padrão de tradicionalismo familiar e moralidade inabalável. Conteí a Denise o que eu soubera dele, ela achou inacreditável. Em oito anos nunca imaginara que ele tivesse filhos! Eu disse a ela que lhe enviaria fotos deles e a cópia dos seus documentos por e-mail e me despedi.

Fatidicamente, tanto Denise como todas as outras com quem conversei faziam sexo com ele sem preservativo. Isso era assustador.

Depois liguei para Milena. Ela não atendeu. Devia estar trabalhando, então decidi que falaria com ela mais tarde. Entrei em contato com outras, como Mynsen, Laís, Adriana, Pâmela, Ana, Cláudia, Patrícia, Nice, Jane, Luciana, Larissa, Suélen, Renata, Berenice, e fui me apresentando, contando o que eu sabia e perguntando-lhes sobre sua história com ele. Duas eram casadas, não quiseram falar sobre isso, mas me agradeceram o fato de eu ter lhes contado a verdade sobre ele. Eu estava um pouco atordoada por falar com tantas mulheres. Cada uma tinha uma história diferente, mas no fundo era a mesma coisa, estavam sendo iludidas e todas acreditavam viver uma história única de amor com ele. Seung era o falso grande amor da vida de muitas mulheres.

Eu me perguntava aonde ele imaginava que tudo isso iria dar. Me perguntava se ele se importava com o que ia acontecer a cada uma delas com o passar do tempo. Me perguntava por que ele havia feito tudo o que fez e se em algum momento se importou de verdade com alguma delas. Eu não tive respostas para nada...

A tarde passou rápido demais. Aline não enviou mais nenhum e-mail a ele, tampouco ele respondeu, decerto ainda estava em viagem. Olhei o relógio, estava na hora de me dirigir para o encontro com Aline. Não me preparei em relação ao que ia falar; assim como fazia com minhas entrevistas, simplesmente sabia que bastava eu ser sincera e tudo estaria bem.

Cheguei na Havan e me sentei, coloquei o boletim de ocorrência em cima da mesa com a foto do IML junto. Eu havia feito cópias da certidão de casamento dele, da foto dos filhos com a esposa, estava com a cópia da certidão de nascimento em que constava ele ter nascido na Coreia e também com a cópia do passaporte dele com foto e seu nome e data de nascimento verdadeiros.

Ela não demorou, eu a vi caminhando em minha direção, estava acompanhada de uma moça, que parecia bem jovem. Aline era ruiva, como nas fotos, vestia-se de uma maneira reservada, parecia ser daquelas mulheres que saem de casa para o trabalho com roupas sóbrias. Ela me disse “oi” e sentou; não estava nada amistosa. Eu sabia que muitas coisas estavam passando pela cabeça dela, ela tinha receio da minha pessoa, inclusive – eu sentia isso, possivelmente ele havia inventado mais e mais histórias.

Eu respondi “oi” e ela sentou de frente para mim com os braços cruzados. Sua amiga também me cumprimentou e ficou olhando sem dizer nada.

Então passei para ela a pasta onde estavam o boletim de ocorrência, a foto e o laudo do IML. Ela perguntou o que era aquilo.

– Leia.

Ela pegou os papéis na mão e começou a ler. Eu vi suas feições se transformarem. A amiga se

aproximou para ler junto. Quando acabou a primeira folha ela leu a segunda, leu o laudo e depois ficou segurando a foto na mão. Por fim, falou:

– Isso é horrível! O que eu tenho para te dizer é que um homem assim a partir de agora não me interessa mais!

– Aline, isso aconteceu dia 26, veja a data.

– Eu não sei como ele teve coragem de fazer isso! Para mim, um homem que bate em uma mulher não presta!

– Aline, eu vou contar toda a verdade para você, para que você entenda o que aconteceu, não só comigo, mas contigo também. Vou te pedir para você também me contar tudo o que sabe, eu acho que nós duas merecemos a verdade.

– Tenho uma coisa para te falar, Vanessa. Dia 26, o dia da surra, foi quinta-feira, nós saímos à noite, ele me ligou pela manhã cedo e me convidou para jantar.

Então eu entendi tudo. Seung, quando chegou em casa disposto a brigar no nosso último dia juntos, na verdade não queria se separar definitivamente, ele apenas queria ganhar tempo para poder sair com Aline, transar com ela e depois continuar na mesma vidinha de sempre, brincando de príncipe encantado e chutando as princesas quando lhe convinha. Por isso dois dias depois me enviou uma mensagem de desculpas e perguntando se eu havia comido algo.

– Aline, eu era casada com ele, não assinei um papel, mas morávamos juntos e minha vida com ele era igual a de quem tem vida de casado – sem contar que, para ficar com ele, eu desisti de muitas coisas na minha vida.

– Eu sabia que você existia, mas confesso que olhando para você agora não consigo imaginar que você seja da forma como ele me dizia que você era; eu imaginava você uma pessoa completamente louca, sem bom senso, uma pessoa adoecida de ciúmes que imagina coisas irreais. E ele me passava a imagem de uma pessoa que sofria muito por você ser assim.

– Aline, eu não sou assim. Eu não imaginei nada, na verdade eu tive muitas certezas surpreendentes nessas últimas 24 horas. O que tenho para te falar é que não somos apenas duas, somos várias com ele ao mesmo tempo.

Ela abriu ligeiramente a boca e recostou-se na cadeira.

Então eu lhe contei tudo – sobre a minha vida, sobre nossa história, sobre ele ser casado, sobre os filhos, sobre o Viagra, sobre as traições e sobre as outras mulheres.

– Ele é um mentiroso, Vanessa! – ela estava em choque, também começava a experimentar a revolta.

– Essa doença tem um nome, ele é um mitômano.

– Que idiota!

– Mais do que isso, Aline. Ele é um psicopata!

– Um psicopata... – ela parecia analisar a resposta.

– É. Um psicopata – eu falava tranquilamente.

Ela balançava a cabeça concordando.

– É, não há outra forma de pensar, Vanessa... – ela concluiu.

Não há dúvida alguma sobre isso, John gosta de brincar com as pessoas, e quando é desmascarado, o menino mau fica irritado, porque é “game over”. A brincadeira acabou para

ele.

E mentir faz parte do prazer que ele tem na vida, dos poucos prazeres que ele possui, eu não tenho dúvidas sobre isso.

Enfim, foram três horas e meia de desabafos entre nós duas. Conversamos sobre muitos detalhes de encontros escondidos e deduzimos que enquanto ele mentia para ela que estava fazendo a contabilidade e, portanto, não poderia vê-la, ele estava jantando comigo em casa normalmente, e enquanto ele mentia para mim que estaria organizando o escritório, estava com ela. Um dos encontros entre eles durou 40 minutos; eu pensei que ela devia estar muito apaixonada para se submeter.

Aquela conversa para mim era mais do que inusitada. Eu agora tinha mais certeza ainda do quanto ele era imundo, sorrateiro, cínico e falsário.

A Aline disse que ia enviar a ele um e-mail. Nós nos despedimos, eu disse que voltaria para Balneário Camboriú. Mas voltei para o apartamento em Brusque – ela não sabia ainda que eu tinha aceso ao computador dele. Entrei na minha ex-casa, onde naquele momento eu era a rainha absoluta do lar.

Tomei meu banho, lavei pacientemente o corpo inteiro, depois os cabelos, enquanto eu me lembrava de todo o cinismo dele quando dizia “eu te amo”. Lembrei-me de um e-mail que eu recebera dele:

Não tenho ainda a palavra certa para descrever como você é, o quanto você é especial, e porque você é assim e o resto do mundo não. Mas sei que não encontraria alguém parecida contigo, muito menos melhor.

Em seguida me lembrei das humilhações, ele me usava para alimentar o seu ego, fazendo de mim a mulher enlouquecida de ciúmes por ele a fim de inflacionar o seu preço no mercado feminino.

Cozinhei um macarrão oriental e sentei na frente do computador para continuar lendo as mesmas juras de amor que ele fazia de uma para a outra, e foi quando tive a primeira ideia brilhante: Operação Ventilador.

Pensei comigo mesma que alguns homens são estúpidos demais pensando que vão se safar para sempre. Até que eles encontram uma mulher com quem jamais deveriam ter mexido. E se Seung não sabia rezar, agora é que ele iria aprender.

Eu decidi que escreveria uma carta sobre todas as descobertas, me apresentaria, incluiria as fotos do IML, anexaria a cópia dos documentos dele para que ninguém tivesse dúvida sobre nada – nem sobre a existência de filhos e casamento nos Estados Unidos –, contando toda a verdade sobre tudo, e espalharia toda aquela merda mundo afora pela lista de contatos dele.

Escolhi uma música da Adele, “Rolling in the Deep”, e comecei a escrever a carta. Falei sem cerimônia alguma tudo o que eu pensava dele, sobre as mulheres que ele enganava simultaneamente, sobre quem eu era, sobre o que ele havia feito comigo, sobre seus jogos de multirrelacionamentos e as desculpas esfarrapadas que dava a todas.

Em dado momento me vi escrevendo: “Quer ser um CANALHA FDP que sai com todo mundo sem camisinha enquanto se empanturra de Viagra e se sente o rei da cocada preta de Blumenau, desfilando de carro importado? SEJA! Mas não tome o tempo da vida de tanta gente com

promessas irreais de uma vida em comum”.

Em outra parte escrevi: “E o mais absurdo disso tudo é um sem-vergonha como você me julgar pelo meu passado e atrasar a minha vida!”.

Foram onze páginas de regurgitações de minha revolta em relação a ele. Coloquei na carta os e-mails de todas as mulheres que eu tinha para que elas também pudessem conversar entre si. Terminei a carta dizendo: “Por incrível que pareça, eu não falo palavrão, mas quer saber? Na maior categoria: VÁ SE FODER! E eu não era louca, mas agora fiquei...”.

E sem dó nem piedade mandei para todo mundo, com cópia para ele, incluí no *mailing list* da “operação ventilador” todas as mulheres de Seung, seus pais, a esposa nos Estados Unidos, amigos, os funcionários das lojas, os clientes, gerentes de banco, fornecedores, lojistas dos shoppings e até pessoas desconhecidas.

Senti-me aliviada. Eu sentia que tinha feito a coisa certa. Então fui deitar e dormir na sala, eu realmente precisava descansar.

Quando acordei, abri o e-mail dele para ver se havia chegado alguma resposta naquele tempo. Havia um e-mail da Aline para ele. Perguntei-me de que lado ela realmente estava e o que ela faria com as verdades que havia recebido. Através do e-mail eu saberia. Abri-o e lá dizia:

“Agora sei que todo aquele fogo que você dizia que sentia por mim se chama Viagra! A Vanessa me contou tudo!”.

Sorri. Peguei um papel e escrevi ALIADAS na parte de cima, embaixo coloquei o nome da Aline.

Esperei um pouco mais e então começaram a surgir respostas quase automáticas no e-mail de Seung, todos das suas mulheres protestando contra ele.

Milena escreveu:

“Você deve ser uma pessoa tão infeliz e sentir um vazio tão grande que por isso faz o que faz. A única coisa de que agora tenho certeza é que eu nunca soube quem você é. Você não precisava disso!”.

Escrevi também o nome de Milena em ALIADAS. E percebi que ele plagiava expressões e ideias de Milena; “eu não preciso disso” sempre fora muito usado por ele em discursos sobre seu caráter inabalável.

Então, um pouco depois chegou o e-mail de Denise:

“Você foi morar COM UMA PROSTITUTA? Eu sou bem melhor do que isso, mal posso acreditar no que aconteceu! E filhos? Como você nunca me contou sobre seus filhos nesse tempo todo?”.

Escrevi o nome de Denise em ALIADAS. Não fiquei chateada com ela, entendi que depois de oito anos esperando para se casar com um estrangeiro trabalhador, aquela era uma reação normal de uma mulher que acabara de saber de várias notícias arrasadoras.

Então veio o e-mail de Juliana:

“Eu desejo que você perca tudo na vida e que termine na sarjeta. O que você fez com a Vanessa não se faz. Eu não sei se dou risada por ter descoberto ou se choro por ter perdido tempo com você. Você posa de rico, mas no fundo é dono de umas lojinhas mequetrefes”.

Eu sorri. Escrevi o nome de Juliana em ALIADAS, sublinhei e ao lado pus: “Gostei dela”.

Nesse mesmo dia meu celular tocou. Eu atendi:

– Alô?

– Vanessa? – era a voz de uma mulher.

– Sim, eu mesma, quem fala?

– Catarine.

– Oi, Catarine – me surpreendi por ela ter me ligado.

– Vanessa, eu estou te ligando porque recebi a sua carta, que parece ser coletiva. Esse John é um maníaco, quero distância dele e de suas mentiras. Você pode me ligar a hora que quiser, para o que precisar, só peço que nunca leve meu nome a público. Se você enviar outro e-mail coletivo não coloque o meu nome, por favor, ou mude o meu nome.

– Tudo bem, dou minha palavra.

Então nós conversamos e eu pude ver que todas as coisas que ele havia dito sobre Catarine eram mentira também. Ela simplesmente não havia querido ficar com ele depois do tal episódio e ele tentara, sem sucesso, se envolver com ela novamente. Então ele tratou de prejudicar sua imagem alegando que ela era uma mulher egoísta e de moral duvidosa.

Era sempre isso que ele fazia: detonava a imagem da pessoa para o resto do mundo. A arma dele era essa. E agora ele experimentava do próprio veneno.

Algumas não responderam, muitas passaram a xingá-lo escabrosamente por e-mails. Todo mundo estava desejando uma feliz viagem ao inferno para Seung.

As funcionárias passaram a me ligar, estavam assustadas com tudo. Uma delas me pediu desculpas por ter pensado mal de mim. Outras começaram a me dizer que achavam muito estranho ele ter tantos carros e que isso poderia estar ligado a desvio de dinheiro da loja. Elas me contaram que ele sempre passava a imagem de que eu estava desesperada atrás dele e me humilhando para que ele não me abandonasse. E que por ele aquele relacionamento teria acabado há muito tempo. Segundo ele, eu era uma namorada que pegava no pé e por esse motivo ele nunca conseguia trabalhar em paz.

A gerente administrativa pediu as contas em poucos dias. Outras quatro funcionárias também pediram para sair. Poucas horas após o e-mail avassalador, Seung me ligou diversas vezes seguidas do exterior. Eu jurei para mim mesma que ele nunca mais ouviria a minha voz, a não ser pela televisão.

Começaram a chegar mensagens dele para mim: “Vanessa, me atende, *please*”.

Ignorei. Peguei meu papel de ALIADAS e guardei na bolsa. Fui dormir na sala, porque naquele colchão eu jamais me recostaria outra vez.

Ele passou a ligar para a minha amiga Fernanda:

– Ela precisa de ajuda, Fernanda, ela não está bem, ela precisa conversar comigo.

E a Fernanda só pensando: “É bem ela mesmo que precisa de ajuda, espere só pra ver”.

– Olha, John, ela não vai conversar contigo e não quer que eu leve recado nenhum para ela.

Ele falava sem parar. Fernanda deixou o celular sobre a mesa e continuou fazendo suas coisas, apenas ouvia os murmúrios dele ao telefone. Vez por outra ela pegava o celular e dizia:

– Ahann, sei.

Até que ele se convenceu de que não iria conseguir nada com ela também.

No outro dia me levantei, peguei todos os documentos que havia naquele armário de arquivos e fui direto ao advogado. Não me dei o trabalho de vistoriar todos eles, nem de tudo eu entendia. Achei melhor que ele visse a papelada.

Na sala do Dr. Leonardo, falei:

– Bem, vamos então entrar com os processos contra ele e vamos tirar até as cuecas desse psicopata?

O advogado falou:

– Você sabia que você tem direito a receber pensão alimentícia?

– Ah, é?? Pois eu quero! – eu sorria.

Ele examinou todos aqueles documentos que eu lhe entreguei, um a um, eu apenas aguardava. De repente ele olhou para mim e sorriu:

– Você sabia que isso que tenho em mãos é o contrato de sociedade dele em uma loja atacadista no Brás, em São Paulo? Você tem direito a metade de tudo o que ele adquiriu nesse tempo em que estiveram vivendo juntos. E, minha querida, não estamos falando aqui de pouco dinheiro, não. Estamos falando de alguns milhões.

– CAPAZ!!!!

– Sério, veja. Ele se tornou sócio dos pais – o advogado disse, mostrando-me o documento.

– ENTÃO EU QUERO! – eu ria muito.

Enquanto Dr. Leonardo lia os documentos, eu falei:

– Fui humilhada, desvalorizada, traída, iludida, espancada, usada sexualmente, violentada emocionalmente e minha vida parou profissionalmente por causa da doença mental desse ridículo! EU QUERO!

– Ok, conte comigo – ele falou enquanto lia documento por documento.

– O que você vai fazer?

– Assim que ele pisar no Brasil, vai receber as boas-vindas, vai ter muita intimação para assinar.

– Ele nunca quis reconhecer oficialmente mulher alguma, certo? Mas agora vai ter de assumir perante a justiça! E pior, vai ter de assumir uma EX-PROSTITUTA, que segundo ele é algo degradante!

– E não só isso, os pais dele serão sócios seus também.

Eu não havia pensado nisso. Ele que tanto preservava o nome da família, a honra dos Dak, a tradição da família coreana era tudo para ele, e agora seriam todos sócios de uma “prostituta”.

– Vanessa, vamos precisar de provas de que esse relacionamento começou há mais de um ano e meio. Como você pode provar?

– Eu tenho centenas de e-mails açucarados dele, ainda guardados comigo de quando começamos, que por uma graça divina não deletei. Neles estão todos os nossos planos para o futuro e as intenções de Seung comigo. Um dia pensei em deletá-los, mas por algum motivo inexplicável não o fiz.

Assinei a procuração para Dr. Leonardo ser meu advogado e terminamos de conversar sobre os detalhes. Ele me apresentou para a Dra. Karina, disse que juntos iam cuidar do meu caso, e logo em seguida saí tranquila da sala. Ele disse que me manteria informado sobre as notícias.

Telefonei para Toalá:

– Amigaaaaaa, é o seguinte: não fiquei louca! Fiquei rica!

Então contei pata Toalá sobre o que eu conversara com o advogado. Fui para o apartamento ver o que mais havia de provas, fiz cópia de tudo o que havia no computador dele e de lá liguei para o Alê, o *web designer* que antigamente cuidava do meu site. Contei a minha história para ele rapidamente e depois para a esposa dele, a Paty, que me disse:

– Isso aí, Vanessa! Isso aí! Filho da puta tem mais é que se ferrar! Bicho podre, meu...

A Paty passou o telefone para o Alê, então eu falei:

– Alê, religa o meu site! Quero voltar aos programas de televisão, estou sentindo falta da minha vida de escritora.

– Maaaassa, massa!

– Ei, você sabe de alguma maneira que eu possa ver os e-mails que enviam a ele mesmo eu não estando mais no apartamento?

– Hummm... deixe-me pensar... Já te ligo, vou falar com um amigo meu.

Depois de uma hora o Alê me ligou:

– Eu sei como! Tem um cara que conheço que faz investigação on-line, ele me deve uns favores. Posso ver para você, mas já te aviso, você precisa ter acesso ao computador para instalarmos o programa nele. É um programa de monitoramento de computadores a distância.

– Estou com o PC dele bem na minha frente. O que ele monitora?

– Tudo o que estiver registrado e todas as páginas que forem abertas. Você vai receber uma cópia da tela do que ele vê, incluindo acessos antigos e senhas de e-mails digitadas e endereços eletrônicos. Se ele digitar um número de cartão de crédito você saberá, se ele digitar uma senha de banco você saberá. Se ele der “OI” para alguém no Facebook você saberá. Toda a vida on-line é captada por esse programa.

Depois de conversarmos e de me explicar como funcionava o programa, Alê me desejou felicidades na vida nova e diversão on-line. Ele ficou de me enviar o programa no outro dia, dizendo que me ajudaria a instalar.

Depois que instalei o programa, decidi que era hora de partir para sempre daquela casa, porque nada ali me dizia mais nada, eu estava liberta e queria ir embora o mais rápido possível.

Bati a porta e falei alto:

– ADEUS, BABACA!

Parti sem olhar para trás.

Tornei-me amiga das ex de Seung, que passaram também a me escrever e contar as suas histórias com ele. A maioria de nós se adicionou no Facebook.

Seung, que antes ia viajar por um longo tempo visitando suas mulheres, depois de receber a carta enviada a tanta gente preocupou-se e retornou ao Brasil.

Eu recebia mensagens de Seung a cada intimação que ele recebia.

“Vanessa, eu não quero processar você, diga-me o que posso fazer por você?”.

“Quanta saliência!”, era o que eu pensava. E ele ia me processar pelo quê? Calúnia? Difamação? Não podia, as mulheres de Seung estavam comigo, elas confirmariam tudo.

Não sei o que era pior, se era a ação judicial ou a criminal. A ação criminal é preocupante

para um homem estrangeiro no Brasil. No período de condenação ele seria impedido de viajar para o exterior. A judicial, por sua vez, fazia-o perder metade do que tinha para mim.

Eu ignorei suas intenções de falar comigo. As mensagens eram somente uma tentativa dele de se aproximar a ponto de tentar colocar um pano quente sobre todas as labaredas que prometiam aumentar.

A Aline me contava como ele andava ligando para ela, tentando desesperadamente retomar o relacionamento, mas ela se negava a sair com ele. E quanto mais ela desfazia de Seung, mais ele corria atrás dela. Falei para Aline:

– Amiga, aproveita, essa é a sua desforra. Ele estava começando a te chutar com aquela conversa de que está “em conflito pessoal” e você preocupada com a cabecinha dele. Agora devolve, amiga, por nós todas, devolve.

Seung não tinha sentimentos por Aline, tanto quanto nunca teve por mim ou por qualquer uma que cruzou sua vida; ele tinha por ela sentimento de posse, e seu desespero era por suas mulheres estarem evacuando a zona de atuação dele. Seung estava ficando sozinho. Eu e Aline começamos a rir muito dele, das suas invenções e artimanhas para tentar ficar novamente com ela. Uma vez inventou um pneu furado na estrada durante a noite e pediu auxílio a ela. Ele achou que estando sozinho com Aline, no escuro, conseguiria seduzi-la. Ela foi, mas antes me ligou:

– Amiga, vou fazer o papel de boa moça e vou lá ajudá-lo. Veja só, ele está achando que vou cair na dele, mas que nada, vou levar meu irmão junto.

– Isso, amiga, isso! Boa!

– Ele me disse que está sem macaco no carro, está com o Alfa preto.

– Mentira, amiga! Poucos dias antes de nos separarmos ele passou em um buraco e furou o pneu, mas ele mesmo trocou, tinha macaco, sim, eu estava junto! Amiga, vai lá, se faz de sonsa, guria. Adooooooooo uma mulher inteligente que dá uma de idiota para fazer de idiota um cara que se acha inteligente.

Começamos a rir, decerto ele teria tido o trabalho de esvaziar o pneu e esconder o macaco. A Aline me contou que quando chegou o carro estava perto de um posto de gasolina; é claro, em caso de dificuldade ele rodaria pouco pra chegar até a bomba e encher o pneu.

Ele também estava tentando se aproximar novamente de Juliana. Ligou para ela, referindo-se a mim como a prostituta bandida que estava tentando caluniá-lo. Ela lhe disse:

– Claro, eu a conheci, aquela que é sua ex-esposa, né? Faça o seguinte, Seung, nunca mais me ligue! Eu estou ocupada demais pra você!

– Me desculpe, Juliana, me desculpe, Juliana!

– Eu quero mais é que você se exploda!

Ele ligava também para a Denise:

– Den, me ajuda, armaram para cima de mim, estou sendo vítima de um golpe. Eu preciso te ver, por favor, converse comigo.

– Sim, pode deixar, querido, no dia de São Nunca eu te ajudo! A propósito, tomei uma decisão: vou dar chance para o Osmar, que passou esse tempo todo tentando estar comigo de verdade, então me esquece e PT saudações pra ti.

Todas as mulheres de Seung estavam lhe virando as costas, merecidamente. A máscara havia

caído, o palhaço estava à mostra e o picadeiro estava sendo desmontado.

Outra funcionária retornou meu e-mail, dizendo que sabia que ele era casado, mas que quando eu surgi repentinamente ele falou a todas que estava em crise conjugal nos Estados Unidos e que estava em processo de separação. Então, pediu a elas que não entrassem nunca no mérito da questão comigo. Ela disse, ainda, que um dia a esposa tinha vindo ao Brasil visitá-lo e que foram juntos passear no Rio de Janeiro.

Falaram-me também sobre o envolvimento dele com uma das gerentes e que ele havia pagado a entrada do carro e todas as suas dívidas. Então me perguntei como ele conseguira fazer isso tranquilamente, estando eu com ela no dia a dia, conversando como se fôssemos amigas. Por mais que eu tivesse sido garota de programa, nunca consegui agir falsamente com alguém, fazer-me de amiga enquanto traía a pessoa. Lembrei-me das vezes em que ele falara de demiti-la e eu o havia aconselhado a continuar com ela no emprego.

Esse era o comportamento de Seung, ele gostava de ter mulheres subordinadas a ele e sobre quem tivesse “poder” sexual. Também gostava da situação de estarem juntas sem nenhuma saber da outra.

Alguns dias depois meu advogado me liga:

– O juiz reconheceu a união estável, determinou pagamento de pensão para você até haver divisão dos bens. Ele também está proibido de chegar perto de você a uma distância inferior a 200 metros, essa é uma medida preventiva da Maria da Penha. Se ele se aproximar, irá preso. Se não pagar pensão, irá preso.

Eu comemorei. As ex do Seung comemoraram também, e passamos todas a nos comunicar diariamente. Na verdade, a minha vitória passou a ser a vitória delas também. O fato de Seung correr atrás da Aline passou a ser a diversão de todas nós. Mandá-lo para o espaço era um alívio. O desejo coletivo era de que ele se ferrasse.

Nesse dia recebi no celular uma mensagem de Seung:

“A vida é curta, tem coisas que valem e coisas que não valem a pena. Sei que você não vai acreditar, mas ainda gosto de você, não sei o que explica isso, fique bem, por favor”.

Não respondi. Aquela frase feita, “não sei o que explica isso”, eu encontrara em vários e-mails que ele enviava a todas, sempre plantando a ideia em quem lia de que ele gostava da pessoa mas talvez não estivesse se apercebendo disso. E na ânsia de ser amada, quem lia acreditava. Às vezes ele escrevia: “Agora são duas horas da manhã e eu levantei para te escrever um e-mail, não sei o que explica isso”.

Encaminhei a mensagem dele para todas lerem e ainda escrevi: “Eu sei o que explica isso: ele não gosta de mim, nunca gostou, nunca gostará de ninguém, trata-se apenas de uma tentativa de amolecer meu coração pela esperança de ser amada por ele, para eu retirar a queixa criminal e as ações. Sabem por que ele faz isso? PORQUE ELE É UM PSICOPATA DO CORAÇÃO!

A Juliana me ligou:

– Oi, Van, olha só, estou em viagem para os Estados Unidos e o México, você tem o endereço da Andressa nos Estados Unidos?

– Tenho sim, Ju, endereço e telefone, em meio àqueles documentos havia contas de água e luz. Você quer?

– Quero, sim, acho que vou dar um pulinho lá para tomar um cafezinho e conversar com ela um pouco. Ela não respondeu o e-mail, né?

– Não. Manteve-se em silêncio. Eu me pergunto se ela pensa que é mentira, afinal, ele estava lá com ela quando tudo veio à tona por aqui e deve ter contado alguma mentira para que ela não acreditasse em mim.

– Só que, Van, não será só você falando, eu vou confirmar tudo.

Então passei o telefone e o endereço para a Ju, ela partiria dentro de dois meses em viagem de férias e pretendia ir até a casa de Andressa.

E tudo à volta de Seung começou a desmoronar...

Já em Balneário Camboriú eu decidi que era hora de acessar o monitoramento de computador a distância. Eu passara todos aqueles dias ocupada em reinaugurar o meu site, tentar novas entrevistas na TV e me reaproximar novamente do editor. Fiz uma proposta de livro novo para ele.

Havia deixado de lado o monitoramento do computador a distância, então sentei para ver o que haveria de novidade, o que ele andava fazendo diante da tela e o que já havia passado por aquele computador e ficado registrado.

Eu estava sozinha em casa nesse momento e percebi que, estranhamente, não havia chorado nenhum dia depois das revelações, nenhuma gota de lágrima por nada mais, nenhuma lembrança doce eu tinha do Seung, todas as decepções apagaram qualquer recordação de ilusão. Eu me deitava à noite e quando fechava os olhos adormecia e acordava somente no dia seguinte. Fazia muito tempo que eu não me sentia tão em paz. Eu me entretinha em retomar toda a minha vida do exato ponto de onde eu havia parado quando conheci Seung.

Peguei uma taça de vinho tinto, eu tinha comprado uma garrafa barata, mas deliciosa, de vinho de Santa Catarina. Servi-me em um copo para água, eu estava sem taça em casa. Experimentei, estava ótimo! Vinho não tem de ser caro, vinho tem de ser bom.

Abri o e-mail para onde as cópias das páginas que ele acessava eram enviadas. Comecei a ver o que surgia. Havia páginas sobre vídeos coreanos, vídeos de cantores estrangeiros, e-mails dele para a Aline dizendo que estava gostando dela de verdade – nessa hora ri –, site de carros importados, notícias de Fórmula 1 e...

(...) choque... (...)

Eu devo ter parado de respirar por alguns segundos.

(...) em estado de choque... (...)

O mundo inteiro à minha volta parecia imobilizado diante do que eu vi na tela.

(...) ... (...)

Então tomei um grande gole de vinho, sabia que ia precisar. Respirei muito fundo e passei a analisar tudo aquilo.

Eu vi telas de sites gays, telas sobre vídeos gays e chats em salas de bate-papo e encontro gay. Ele também entrava no site <www.santaerotica.net>, na página de garotos de programa. Paralelo a todo aquele mundo de Seung, ele também era gay. Na verdade, ele tinha os dois lados.

(...) ... (...)

Então tudo fez sentido em minha mente. Todo o quebra-cabeça foi montado. Eu estava recebendo a resposta para as minhas maiores dúvidas e agora eu sabia por que ele fazia o que fazia. No final das contas eu queria saber a explicação para suas atitudes. Seung é um psicopata do coração, ele usa do amor para ferir mulheres, para usurpá-las e destruí-las. Seung odeia as mulheres, mas odeia porque ele é gay e sua criação o impede de assumir. Além do quê, ele também precisa usá-las para disfarçar, então fica com elas para manter as aparências e para saciar sua sede de destruí-las e feri-las. Quem acreditaria nisso se ele vive rodeado de mulheres? E ele vai se vingando delas dessa forma. E, como ele não aceita ser assim, projeta sua raiva naquelas que para ele nunca deveriam ter existido sobre a face da terra, as mulheres.

Seung sai com meninos, mas quem ele fere são as meninas. Por isso aquela coleção de revistas com homens perfeitos e corpos bem torneados, com músculos que saltam aos olhos, no banheiro dele no apartamento. Por isso ele dizia que seus funcionários viviam olhando para ele – na verdade, ele é que flertava com eles, mas dizia o contrário para preparar o terreno e evitar futuras suspeitas.

Por isso Seung dizia inicialmente que houve um tempo em sua vida que ele tinha horror a homossexuais e defendia tanto a sua masculinidade.

Por isso um dia ele me perguntou se eu achava que ele tinha cara de gay; na verdade ele estava testando se conseguia esconder bem isso. Por isso ele escolheu John para seu nome falso, ele sempre fora fã de John Pizzarelli, um cantor de jazz gay assumido. Por isso um dia, em uma discussão sobre sexo oral, ele havia dito que havia homens que sabiam fazer tão bem quanto as mulheres, o que parecia uma piada da forma como fora colocado, mas no fundo, hoje, sabendo bem como é o comportamento de Seung, vejo que se tratava de uma verdade camuflada.

A verdade sobre ele sempre surpreende...

E como tudo se fez luz, eu não precisei ver mais nada, nem quis. Fechei o e-mail e pensei em quão triste era a vida de Seung. O cara que fazia as mulheres infelizes era um grande infeliz. Alguém doente e que precisava de ajuda. No fundo, sua maior vítima era ele próprio. Decidi que ele seria enterrado ali, junto com a tela de monitoramento a distância, que agora eu fechava.

Seung não fazia mais parte da minha vida. Pronto. Eu já o havia descoberto, sabia agora de tudo, havia salvado as mulheres que ele enganava e em breve a justiça me daria o que era de meu direito. Seung também devia estar sendo bastante cobrado pela sua família, inclusive quanto ao fato de a empresa ter entrado no arrolamento de bens.

Pensei em algo; embora eu tivesse avisado as mulheres de Seung, provavelmente, naquele momento ele estaria recrutando outras para substituir as que se foram. Seung nunca vai mudar.

Acredito que ele seja capaz de usar alguma mulher como escudo social, alguém que acredite nas ilusões que ele cria, apresentando-a à sociedade, alguém cujo status seja alto, a fim de ficar acima de suspeitas quanto a todas as verdades que espalhei sobre ele. Seung é um covarde que sempre se esconderá atrás de alguma mulher.

Seung vai disfarçar por um tempo, vai aparentemente se comportar e vai tentar encontrar estratégias melhores com as próximas mulheres, mas jamais será um cara legal, porque um cara mau nunca vira um cara bom. E sempre haverá mulheres dispostas a acreditar nele em nome da esperança no amor – aliás, se o Maníaco do Parque, que estuprou e matou mulheres, encontrou

alguém para casar e que acreditou na “bondade” dele e no seu arrependimento, Seung também encontrará. Mas por baixo dos panos ele continuará sendo sempre ele mesmo.

Meu editor aceitou a minha proposta de livro. Então, para finalizar tudo eu escrevi essa história, a história de John, um psicopata em minha vida, que bem poderia dizer-se John, um psicopata em nossas vidas.

Ganhei amigas, as ex dele, e acho que essa história irá ajudar muita gente a sair de situações obscuras e a perceber se há um psicopata do coração em sua vida também. Tenho muita certeza de que várias serão as mulheres que se verão tendo as mesmas atitudes equivocadas que eu tive. Espero que elas não ignorem os fatos, que aprendam com meus erros e que possam redirecionar sua vida de uma forma melhor.

E não, leitora, não me julgue, porque você só soube desde o início que Seung era um psicopata do coração porque iniciou este livro já sabendo que o assunto central era esse. Porque na prática, no dia a dia, você teria sido tão vítima quanto eu ou qualquer uma das mulheres de Seung.

Um dia John me disse que eu era uma mulher sem futuro. Pensei sobre isso hoje, enquanto finalizava este livro, a respeito do que era “ter futuro” e no que exatamente ele quis me dizer com aquilo.

Pode ser o fato de eu no futuro não ter um emprego, não ser alguém “importante”, não ter uma casa... essas coisas... e cheguei a uma conclusão. Ele estava certo, porque de verdade eu não tenho futuro. Não tenho mesmo, acredite, você aqui lê o livro de uma mulher sem futuro.

Nada é certo na minha vida. Nada é certo a respeito do que me acontecerá. Não tenho garantias sobre quem serei amanhã, onde estarei e muito menos do que terei ou com quem me envolverei. Meu futuro decididamente é incerto...

...O MEU e o de TODO MUNDO que está vivo neste planeta.

Quem aqui tem futuro? Quem aqui tem garantia sobre alguma coisa nesta vida? Quem aqui tem controle sobre o que lhe cerca?

Emprego a gente perde, a casa a enchente leva, a vida pode se esvair ali na esquina, por mais que você coma só comida saudável você pode adoecer gravemente, um casamento planejado para a vida toda pode acabar semana que vem, porque não depende só da gente, os filhos um dia crescem e ganham o mundo, os amigos falecem, seu curso tão importante pode ser um dia considerado obsoleto no resto do mundo e você fica sem formação. Aquela pessoa que você achava que era tudo pode decepcionar você. Ou seja, seu mundo pode, sim, desabar em minutos, e tudo à sua volta se transformar, mesmo que você tenha se assegurado de todas as formas possíveis e tenha feito de tudo para controlar pessoas e situações ao seu redor.

Entenda, nada aqui é certo, ninguém tem futuro, ninguém tem controle sobre nada, ninguém aqui nasceu com garantias de qualquer coisa, ninguém está assegurado e isso é desde sempre e é para sempre.

Tem gente que escolhe casamento baseando-se no futuro que a outra pessoa terá, na perspectiva a longo prazo e nos pré-requisitos que compõem a fórmula da escolha certa. Furada...

O amor não é Tabela Price, o amor não cabe na planilha do Excel, o amor não tem

absolutamente nada a ver com cálculos e com lógica. Casar com uma “mulher de futuro” ou um “homem de futuro” não é garantia de felicidade, de casamento eterno nem de fidelidade.

Tem gente que escolhe emprego baseado na tendência do mercado e pensa que assim estará seguro. Bem, mercado muda, bolsa quebra, plano de governo surge, cursos novos substituem outros, concorrentes aparecem, negócios fracassam. Resumindo, planejamento não é garantia de sucesso.

Aviso aos marinheiros do barco da vida: **não há fórmulas eficazes!**

Então o que nos resta? Resta nos amar e permitir à nossa volta somente pessoas que nos respeitem e, é claro, trabalhar naquilo que gostamos! Assim seremos felizes no presente, até mesmo porque nem sabemos se chegaremos a ver o futuro.

É, eu sou uma mulher sem futuro, sim. Não tenho garantias. Olhe o que me aconteceu! Nem meus livros têm garantia. Não tenho um mundo seguro à minha volta e tenho absoluta certeza de que nunca terei. Aviso, inclusive, àqueles que querem estar com uma “mulher de futuro” que nem me cogitem como uma possibilidade, até mesmo porque, decididamente, escolho estar ao lado de homens que não planejam estar com mulheres baseando-se no futuro delas.

Ter consciência sobre isso não é algo libertador? Particularmente me sinto muito aliviada em saber que eu não tenho futuro. Mas existe algo importante nisso tudo. Eu sei que tenho confiança em mim, de que, seja lá o que me acontecer ou onde eu estiver, eu vou conseguir achar uma saída e vou conseguir me virar nas situações que a vida apresentar. Tenho confiança em mim de que vou encontrar as coisas de que preciso e de que mesmo que o mundo desabe à minha frente e eu caia, mesmo assim eu vou levantar e continuar.

Tenho confiança de que meu futuro não depende de coisas que estão fora de mim. Porque meu futuro não está na casa que terei, no carro, no emprego, no meu status ou na pessoa que estiver ao meu lado; eu me equivoquei ao depositar minha felicidade em alguém. Eu não tenho garantia de que essas coisas estarão comigo para sempre. Você também não.

Que venha a mim e a você um bom futuro incerto, aliás, nada como uma boa incerteza, não? Porque a qualquer momento, quando a gente menos espera, pode encontrar o amor da vida, pode fazer aquela viagem de sonho nunca antes planejada ou pode descobrir aquele livro maravilhoso que muda o curso da vida.

Uma das coisas que mais me faz feliz com toda essa história é saber que muitas das mulheres de Seung se sentiram aliviadas por saber a verdade. Algumas com quem conversei e que ele havia abandonado no passado estavam havia anos tentando superar o desaparecimento inexplicável dele, e agora podem tocar suas vidas sem dúvidas a respeito do que poderiam ter feito de errado.

Também me sinto bem porque tenho a esperança de que muitas mulheres e homens livres-se de seus psicopatas do coração ao identificá-los a partir deste livro. Outro alívio é saber da possibilidade de existirem filhos não reconhecidos de Seung em vários lugares do mundo, cujas mães podem vir a ler esta história e identificá-lo, assim poderão cobrar seus direitos judicialmente. E, é claro, toda essa experiência me possibilitou escrever este livro. Eu me sentiria muito feliz se ele se tornasse um *best-seller* mundial ou se esta história virasse um filme.

É, Deus, você encontra meios muito esquisitos para fazer com que a justiça divina seja feita e que a missão pessoal das pessoas seja cumprida. Ok, Deus, não vou reclamar, afinal, eu topei!

O BEM E O MAL

Todas as pessoas possuem um lado bom e um lado mau. Ninguém que esteja neste planeta é feito somente de luz. Acredite, as trevas habitam em todos nós. Habitam, inclusive, em mim, em você, em seus pais, amigos e em todas as pessoas que você conhece. As trevas habitam também as crianças, os velhinhos, as freiras, habitaram Gandhi e até mesmo em Jesus as trevas existiram.

Então, se o mal e o bem estão em todos nós, por que algumas pessoas parecem más enquanto outras parecem boas?

A diferença entre as pessoas “boas” e as pessoas “más” é que as boas conseguem controlar seu lado obscuro, enquanto as más o tem fora de controle. Lembre-se, Jesus, considerado o ser humano mais puro que pisou sobre a face da terra, foi tentado por seus próprios pensamentos obscuros, enquanto estava no deserto. Porém, ele não os negou, ele os controlou.

As pessoas más não conseguem controlar seu lado negro, no entanto, controlam seu lado bom, no sentido de não deixá-lo despertar, enquanto as boas têm o seu lado luz descontrolado e por vezes derramam sobre os outros sua generosidade, de forma até mesmo desequilibrada, dando muito mais de si. Portanto, é o fator controle emocional que determina a tênue diferença que separa o joio do trigo, os bons dos maus – mas que de forma alguma anula a existência simultânea de ambos os polos dentro das pessoas. Concluindo, é o grau de autocontrole que determina o quanto somos bons ou maus, e não a existência de apenas um ou outro.

Por mais que você acredite que é uma pessoa somente boa, saiba que isso não é verdade, e mais ainda, que negar seu “lado B” significa estar a um passo de ser uma pessoa má. Esse raciocínio lhe parece bastante radical, certo? Mas é uma verdade, pois outro fator que diferencia as pessoas boas das más, além da falta de autocontrole sobre as sombras, é a capacidade que uma pessoa tem de refletir sobre si, de identificar seu lado luz e saber reconhecer também os seus defeitos e trabalhar para se tornar uma pessoa melhor.

Ignorar que o mau existe dentro de si é dar margem a não fazer nada a respeito dele, deixando-o aflorar durante a sua vida quando ele fizer questão de se manifestar enquanto você cobre o sol com a peneira. Ou você controla seu lado mau, ou seu lado mau controlará você. E reconhecê-lo é o primeiro passo para dominá-lo. Aceite, todos somos assim: a mescla do bom e do mau.

Os homens maus são simplesmente aqueles que não se importam; simples assim, tenha essa ideia em sua mente. Um homem mau não está praticamente nada preocupado com o ser humano que ele é ou com o que ele faz, e muito menos com os outros.

Saiba que os homens maus não refletem sobre quem são e o que fazem. Eles apenas se deixam levar por seus sentimentos e não pretendem controlá-los porque não veem motivos para isso. No fundo eles “ignoram” a existência do mau dentro de si e portanto serão controlados por seus sentimentos destrutivos, porque para eles tanto fez como tanto faz a consequência de seus atos.

Os homens bons não são santos, eles são pessoas que erram também, porém, reconhecem o erro e mudam o padrão de atitude.

Um homem mau é alguém que não quer melhorar. E ser mau, de certa forma, parece confortável, porque ter de combater nossos defeitos nos dá trabalho, requer esforço pessoal e disciplina diária. Nosso lado mau é como um dragão a ser combatido e domado, muitas vezes todos os dias. É um trabalho árduo, sim, cansativo e com recompensa a longo prazo. Para os homens maus é divertido ser assim, a recompensa da diversão vem de maneira quase imediata.

Só que conseguir domar nosso lado obscuro nos dá a sensação de crescimento interior e esse crescimento nos liberta. Libertar-se é sair das trevas e alcançar a luz, lembrando que seguir o caminho do bem é o melhor caminho sempre, pois nos proporciona alívio, nos dá a sensação de poder sobre nós mesmos e é a maneira certa para chegarmos à solução dos nossos problemas pessoais.

O caminho das trevas nunca nos leva a qualquer solução, nos leva sempre a mais problemas, e o homem mau nunca é feliz, ele vive a buscar sua felicidade sem jamais encontrá-la. A maldade que ele pratica o alivia momentaneamente, só que se esvai tão rápido quanto chega. A diversão da maldade é, para o homem mau, uma dose de remédio que nunca o cura, ao contrário, o envenena, e quando o efeito passa a sede por mais maldade se apodera dele.

Existem diversas categorias de homens maus e diversas maneiras de ser mau. Os psicopatas são os homens maus, e todo homem mau é um psicopata. Porém, nem todo homem que pratica maldade é um homem mau, pois pode ter sido um estado momentâneo dele. Além do quê, qualquer um pode agir de forma má em certos momentos da vida. Fazer maldade não significa ser mau; significa estar na qualidade de mau. Uma pessoa que é boa pode, em dado momento, agir de má-fé.

E nem todo aquele que pratica crimes é um psicopata ou um cara mau; há um contexto social por trás disso. Muitos crimes estão mais associados a condições do meio social do que à genética voltada para a maldade. Ou seja, nem todos aqueles que estão no presídio são psicopatas, tampouco são homens maus, apesar de em certo momento terem agido de forma condenável.

Qualquer um de nós já praticou alguma maldade na vida, e falo aqui da maldade intencional, seja ter traído alguém com fins de vingança, seja ter mentido sobre algum assunto a fim de se defender, seja ter pego uma barra de chocolate escondido em um supermercado, e algumas vezes até mesmo inventando justificativas para o fato de termos feito o que fizemos, seja para outros ouvirem, seja para explicar à nossa própria consciência o motivo com o objetivo de dormir em paz.

Só que no caso dos psicopatas, ou seja, dos homens maus, eles sempre agem maldosamente, mesmo quando parecem ser bons – na verdade estão apenas fingindo ser bons. Há, no psicopata, a intenção de teatralizar para parecer ser bom por algum motivo estrategicamente pensado; nesse momento é como se ele estivesse armando o bote, enquanto sorri e ajuda os velhinhos a atravessarem a rua, só que a qualquer momento ele vai abocanhar a sua vítima e destilar seu veneno, tendo ela percebido ou não.

As pessoas podem ser más (veja que eu não usei o termo *estar má*, mas *ser*) das mais diversas maneiras; nem sempre a maldade é declarada, em muitos casos ela está camuflada, fantasiada de algo que definitivamente não é.

Existem as pessoas que são más cometendo os chamados crimes do colarinho branco, outras são más aplicando golpes financeiros em pessoas físicas, há pessoas más especializadas em sequestros, outras se aproveitam de seu cargo de confiança para manipular os clientes e há aqueles que são maus usando os relacionamentos amorosos para praticar seu esporte favorito, a maldade humana.

Talvez uma das formas menos conhecidas de maldade e mais difícil de identificar – e de difícil recuperação – seja a maldade aplicada nos relacionamentos amorosos. Isso porque a vítima está em estado de ignorância diante da pessoa má – ninguém inicia um relacionamento sabendo que o outro é mau, e quando se conhece previamente os desvios de conduta do outro, muitas vezes a vítima tem esperança, por algum motivo, de que a pessoa com que irá se relacionar terá atitudes diferentes para com ela.

O fato é que as pessoas que são naturalmente más, exercendo sua maldade no âmbito dos relacionamentos, têm como estratégia não parecer más. Todos os psicopatas do coração – vamos chamá-los assim –, sejam homens ou mulheres, passam a imagem de ser pessoas boas, de ter as melhores intenções, desejando fazer feliz aquele que está ao seu lado. Nem sempre a vítima de um psicopata do coração saberá claramente que se relacionou com um; muitas vezes, quando o psicopata do coração parte, apenas deixa as sobras de um ser humano desgastado, desacreditado do amor e sem forças para se reerguer.

Um psicopata do coração é, talvez, o tipo mais covarde de psicopata, porque quando ele entra na batalha está sempre em vantagem, já que a pessoa em estado de amor ou apaixonada está cega, ou seja, entra no campo sem arma nenhuma, com a melhor das intenções e disposta a dar parte de si, ou tudo, para aquele que está unicamente movido a usurpar, possuir e destruir.

Um psicopata do coração pode transformar a vida de uma pessoa para sempre, se ela não tiver conhecimento de causa suficiente para se desconectar dessa situação. Portanto, é importante você saber quem são eles, como agem, o que fazer e como evitá-los. E, se você tiver oportunidade, dê o livro *Psicopatas do Coração* de presente àquela pessoa que você acredita que precise ler, ou empreste seu livro, ou ensine a outros o que você aprendeu sobre esses que são os assassinos de corações.

OS MUITO MAUS: PSICOPATAS DO CORAÇÃO

Os psicopatas do coração são predadores, eles usam os relacionamentos amorosos e as relações sexuais para iludir, enganar, usurpar e destruir aquela pessoa que está com eles.

A definição clara e objetiva de um psicopata do coração é: todo aquele vil ser da espécie humana que ocupa o tempo de vida, ocupa o coração e consome a energia de pessoas usando de mentiras e ilusões com o objetivo de manipulá-las para o seu uso, seja sexual ou apenas para satisfação do seu ego.

Sim, os psicopatas do coração são seres monstruosos. E eles são considerados não só os assassinos do coração, mas também os “assassinos da alma”, porque depois de um breve período de relacionamento eles passam a manipular a pessoa que se ligou afetivamente a eles a fim de privá-la de sua identidade e de encontrar prazer na vida, eles a sugam a ponto de ela deixar de ser ela. E o produto final de sua existência na vida das mulheres é a aniquilação espiritual, emocional e, na maioria das vezes, física também. Um psicopata do coração, quando não destrói sua vítima por completo, exaure suas forças e desgasta sua energia vital a ponto de ela sentir-se uma morta-viva.

Toda mulher que se relaciona com um psicopata do coração torna-se, ao final do relacionamento, uma pessoa irreconhecível quando comparada com quem era quando o conheceu. As mulheres vítimas de psicopatas do coração perdem sua beleza devido aos níveis de estresse que atingem durante o relacionamento. A maioria delas experimenta a depressão e todas atingem níveis altos de ansiedade. A angústia é o sentimento mais comum que aflige as vítimas desses exterminadores de felicidade, quando se faz um balanço geral de acordo com o tempo de relacionamento.

A alegria ao lado de um psicopata do coração é um sentimento experimentado apenas na fase inicial do relacionamento; o que vem depois são sentimentos de fracasso, tristeza, desvalorização e humilhação.

E um psicopata do coração quase nunca se parece com os psicopatas dos filmes, que têm cara de mau, tampouco têm um estereótipo de mafioso ou de alguém com uma personalidade horrenda. Quase sempre um psicopata do coração, quando você o conhece, parece ser a melhor pessoa do mundo, aquele cara perfeito, como o príncipe com que você sempre sonhou.

Um psicopata do coração mostra-se inicialmente envolvente, galanteador e, por vezes, açucaradamente romântico, porque sabe que as mulheres gostam disso. Os psicopatas do coração desenvolveram um *feeling* muito aguçado para detectar o que as suas vítimas sonham um dia encontrar. E muitos deles parecem ser aquele homem com características superiores e desejáveis.

Embora um psicopata do coração se pareça com um ser humano, digo que psicopata não é gente. Psicopata é um predador de gente.

A maioria dos psicopatas do coração é do sexo masculino, embora existam mulheres também, mas em menor quantidade do que os homens. As mulheres preenchem menos da metade dessa fatia de bolo de pessoas más. Embora este livro trate de maneira mais específica dos homens, saiba que muitas das características aqui descritas podem ser aplicadas a psicopatas do coração do sexo feminino. Há homens vítimas dessas predadoras também. Mas as estatísticas são bem claras – os psicopatas homens são a maioria.

Saiba também que essas estatísticas variam devido à dificuldade de se identificar e diagnosticar esses indivíduos. Há dados que dizem que entre 1% e 4% da população mundial é psicopata, ou seja, na melhor das hipóteses, a cada 100 pessoas que você conhece, pelo menos 1 delas é psicopata. Então, se você se relacionasse amorosamente com 100 pessoas, pelo menos uma delas poderia ser um psicopata. E existem psicopatas do coração em todas as classes sociais, em todo tipo de profissão e dos mais variados graus de escolaridade, o que nos prova que psicopatia não está diretamente relacionada à cultura de uma pessoa, mas à genética.

A sorte da humanidade está no fato de que os bons ainda são a maioria.

Agora você deve estar se perguntando, se a grande maioria das pessoas não chega a ter cem relacionamentos amorosos durante uma vida, e a maioria das pessoas ainda é boa, por que existem tantas mulheres e até mesmo homens vítimas dos psicopatas do coração?

Isso acontece porque um psicopata do coração se relaciona com várias pessoas ao mesmo tempo, logo, ele causa sofrimento e dor na vida de muitos. Enquanto uma pessoa normal se relaciona com apenas uma ou duas pessoas, um psicopata do coração poderá estar envolvido com dez vítimas ao mesmo tempo ou o máximo que ele conseguir em tempo hábil. Ou seja, ele está praticando o mal de forma exponencial. Por isso a sensação de termos tantos psicopatas do coração na sociedade. Encaremos os fatos: um psicopata do coração sempre tem mais de uma vítima por vez.

Flávia, uma leitora minha, envolveu-se com um psicopata do coração que tinha cinco namoradas, e incrivelmente nenhuma sabia da outra, no máximo desconfiavam de que ele não era fiel. Isso porque os psicopatas do coração são, sem dúvida alguma, os melhores mentirosos, manipuladores e fabricantes de situações que existem, e eles conseguem fazer tudo de uma forma tão convincente que ninguém imagina que uma pessoa teria coragem de agir tão cinicamente com tanta naturalidade. E eles agem tão normalmente e de forma tão tranquila que você não imaginaria que ele pudesse estar cometendo algum delito, mesmo que emocional, porque você, uma pessoa normal e do bem, provavelmente ficaria nervosa ao mentir ou cometer algo que pudesse ferir o outro. Um psicopata do coração não treme ao praticar uma traição, um golpe ou uma mentira. Pelo contrário, ele fica “bem” emocionalmente e se excita com o fato de estar fazendo isso de forma competente e sem que os outros percebam.

Carla, outra leitora, estava namorando havia dois anos com Neto; eles haviam ficado noivos fazia alguns meses. Conheceram-se em uma danceteria de uma cidade no interior de São Paulo. Ele havia ido até a casa dos pais dela, pediu-a em namoro, conhecia todos os seus amigos. De certa forma, eles tinham uma vida em comum, e inclusive fizeram a festa de noivado anunciando

o casamento para o início do ano seguinte. Planejaram os detalhes do casamento junto com a família e estavam fazendo uma poupança em conjunto para a lua de mel. Neto era representante de vendas e precisava viajar pelas cidades vizinhas, mas sempre retornava à cidade onde Carla morava, passando no máximo duas noites por semana em hotéis das regiões onde atendia os supermercados.

Ele parecia um sujeito calmo, cujos pais moravam longe, em Manaus, mas eles ligavam para ele com frequência. Iriam conhecer a noiva perto do dia do casamento, por motivos de saúde e dificuldade de realizar grandes viagens.

A vida amorosa de Carla e Neto ia muito bem, até o dia em que ela recebeu uma ligação anônima dizendo que ele era casado havia cinco anos, na cidade vizinha, que tinha um filho recém-nascido e que estava namorando uma garota da mesma cidade que sua esposa. A pessoa disse que era também uma namorada que havia descoberto tudo, e passou a Carla o telefone residencial da esposa e da outra namorada.

Carla, nervosa, interrogou Neto sobre aquele estranho telefonema, escondendo dele que tinha o número do telefone da residência de ambas. Ele negou veementemente qualquer relacionamento com outra mulher e saiu ofendido da casa de Carla, dizendo que provavelmente sua antiga namorada, com quem ele não quisera se casar, estava querendo impedir o casamento dos dois. Carla ligou para o telefone da casa que seria da esposa, perguntando por Neto. Uma mulher atendeu identificando-se como esposa e disse que no momento ele estaria viajando. Então Carla pegou o carro e viajou com uma amiga, por cerca de uma hora, até a cidade vizinha, onde o auxílio à lista indicava ser o endereço correspondente àquele número de telefone.

Chegando lá, Carla viu o carro de Neto na garagem. Nervosa, ela apertou a campainha da casa e uma mulher jovem com um bebê de colo apareceu. Então ela se identificou como sendo Carla e perguntou por Neto. A esposa o chamou, e quando ele veio e reconheceu Carla, iniciou um discurso descontrolado, dizendo-lhe para deixá-lo em paz, que ele já havia dito a ela que era casado, que não queria nada com ela e que respeitasse sua família, pois eles tinham um filho e ele não iria deixar sua esposa.

Carla ficou em choque diante da cena. Aquele definitivamente não era Neto. Sua amiga tentou chamar a esposa para que se aproximasse, pois ela queria lhe contar a história, dizendo-lhe que eles estavam para se casar, mas Neto disse para a esposa entrar e que aquelas eram as mulheres loucas que o perseguiam tentando seduzi-lo a qualquer custo e estragar seu casamento. Então a esposa pediu a elas que deixassem seu marido em paz e entrou em casa com Neto. Dois dias depois ele ligou para Carla, dizendo que tinha sido melhor assim, que ambos eram incompatíveis, que não dariam certo mesmo e que ele vira, no decorrer dos meses, que ela não correspondia ao que ele esperava de uma mulher, mas que ela soubesse que ele até tentara levar aquela relação adiante. Neto nunca devolveu a parte de Carla na poupança para a lua de mel.

Carla passou por vários processos psicológicos, de raiva, dor, mágoa, humilhação, vergonha diante dos amigos e familiares, confusão mental, sentimento de impotência e decepção com o que aconteceu. Ela ainda estava em tratamento psicoterápico enquanto eu terminava este livro. Neto não passou por nada disso, porque um psicopata do coração não tem a menor vergonha, remorso ou peso na consciência, de tamanho algum, pelo que faz com as mulheres. E em nenhum

momento ele vai refletir sobre o mal que causou e sobre a possibilidade de nunca mais destruir a vida de alguém dessa forma.

Esses homens muito maus não têm essa capacidade de reflexão, porque, do contrário, poderiam repensar suas atitudes. O que de fato ocorre é que eles negam para si e para os outros que tenham alguma espécie de culpa. Neto, um exemplo típico de um psicopata do coração, vê sua atitude como uma esperteza e não como uma maldade. Se você perguntar a Neto se ele acha que merece ter seus sonhos realizados, ele lhe dirá que ninguém mais do que ele merece isso. Todo psicopata do coração é narcisista ao extremo, pendendo para o lado patológico. Eles se veem como pessoas excessivamente importantes e especiais.

Não é raro ver psicopatas do coração planejando casamentos de dar inveja, pois eles sentem necessidade de se exibir a fim de demonstrar sua superioridade perante os outros. Porém, geralmente a mulher que está se relacionando com ele pensa que é uma demonstração de amor. Psicopata do coração aprecia fazer uma cena de *love story* para a plateia assistir ou para convencer sua vítima de que seus sentimentos são de amor. Quanto mais pessoas pensarem que ele é um ser humano especial, mais protegido ele se sente. A proteção do psicopata do coração é a sua boa imagem.

E esses homens maus sempre vão justificar suas traições, golpes financeiros em cima de suas parceiras, jogos emocionais, agressões físicas, ofensas e grosserias baseados no fato de que a vítima é que fez com que eles agissem assim, ou seja, ele transforma a vítima em merecedora e causadora do seu próprio sofrimento, como se seus atos nefastos fossem uma consequência das atitudes dela, e não um inevitável fim que eles sempre darão a quem estiver com eles, independente de haver motivo ou não.

Os psicopatas do coração possuem graus de maldade, que vão do leve, através das traições e ilusões amorosas, passando pelo grau de maldade mediano, com golpes financeiros enquanto se aproveitam da carência afetiva de suas vítimas, até os mais graves, em que o psicopata é o agressor ou se torna o perseguidor e até mesmo o estuprador e assassino da sua presa.

As características básicas de um psicopata são o egoísmo extremo (egocentrismo), o charme superficial (ele é moldado de acordo com a vítima, mediante o que ele captou que a seduziria), mentiras exacerbadas e desnecessárias, alta capacidade de teatralizar, incapacidade de amar, ausência de sentimentos de culpa, ausência de vergonha e incapacidade de aprender com os erros passados.

Os psicopatas do coração por vezes são dotados de inteligência racional, aquela que advém dos conhecimentos gerais, ou no mínimo de esperteza, a qual digo ser a falsa inteligência e que na verdade é apenas rapidez de pensamento. Não obstante, todo psicopata do coração, sem absolutamente nenhuma exceção, é um ser incapaz de reflexão e de autocontrole. Inicialmente ele até consegue se controlar, mas apenas por determinado momento. E se você acha que estou enganada, espere mais um pouco, pois caso você esteja se relacionando com um, acredite em mim e saia correndo enquanto há tempo, porque uma hora ou outra ele vai deixar escapar de dentro de si quem realmente é. Apesar de serem muito bons no teatro que fazem, camuflando-se e vivendo como camaleões segundo a necessidade do momento, eles não conseguem se controlar quando a raiva se apodera deles.

Quanto mais egocêntrico um homem é, ou mesmo uma mulher, maior é o seu índice de maldade e, portanto, mais grave sua psicopatia é. Em outras palavras, todo psicopata do coração, além de ser um excepcional mentiroso, também é um grande egocêntrico. E a psicopatia está diretamente relacionada a esses fatores.

Uma leitora de meus livros e frequentadora do Consultório de Amor e Sexo do meu site foi vítima de um psicopata do coração, com quem ela teve um relacionamento de cinco anos. Ela relatou que, durante um almoço com ele, mostrou-se bastante preocupada com a doença de sua mãe, um câncer recém-diagnosticado, e falava sobre sua preocupação em relação ao tratamento quando ele se virou para ela e disse: “Podemos falar sobre outra coisa? Como, por exemplo, o meu cabelo?”.

Na semana seguinte ele a espancou, quebrou duas de suas costelas, deixou-a caída ao chão enquanto recolhia suas coisas e saiu de casa sem chamar auxílio médico. Os amigos o encontraram no mesmo dia bebendo em um bar e jogando sinuca, como se nada houvesse acontecido. Quatro dias depois ele estava morando com uma moça.

Um psicopata do coração jamais terá qualquer tipo de consideração pelo relacionamento ou pela pessoa, mesmo que tenha sido um relacionamento de muitos anos, mesmo que a a companheira de todo esse tempo tenha cuidado dele por causa de algum grave acidente. A natureza dele é a de nunca se importar com seres humanos. Ele só se importa consigo mesmo e nada mais.

E por mais que a vítima de um psicopata do coração se doe a ele, pense nele, faça coisas boas por ele e lhe dê bons exemplos, ele nunca vai tratar você da forma como você o trata, pois ele não assimila a máxima cristã “Faça aos outros aquilo que você gostaria que lhe fizessem”. Ele age indiferente a ela. Ele não sente nada ao ouvir essa frase, ele não a compreende e tampouco se importa com ela.

E todo psicopata do coração gosta de fazer de tola a pessoa com quem se relaciona, seja só para ele, seja para todos a sua volta, sem que ela perceba isso claramente.

Você pode ser fiel ao psicopata do coração, você pode lhe dar o melhor sexo que ele já teve, você pode ser a mulher mais bonita do mundo, pode ser talentosa, engraçada, companheira e batalhadora, mas ao virar as costas ele irá trair você. Porque essa é a natureza dele. E nada tem a ver com o fato de você ter algum problema, porque o problema não é seu, é com ele.

Um psicopata do coração, quando não está traindo, mentindo ou iludindo mulheres com falsas promessas sobre o futuro, encontra-se em estado de depressão e ansiedade. Em outras palavras, um psicopata do coração só se sente bem quando é mau. A vida para ele só tem graça quando está fazendo joguetes de amor e flertando com outras pessoas. Mesmo estando ao seu lado, acredite em mim, poder fazê-la de idiota bem debaixo do seu nariz torna a vida do psicopata do coração muito emocionante, ele se sente muito esperto nessa hora e seu ego se agiganta.

Luana era casada com Victor havia pouco mais de quatro anos; ele era um psicopata do coração e ela não sabia. Victor gostava de levar Luana para jantar às sextas-feiras no restaurante perto de onde moravam. Victor mantinha um caso com Camila havia seis meses, a garçonete que os atendia no restaurante. Ele se divertia com o fato de Luana não saber que eles se encontravam às escondidas. Camila acreditava que Victor iria se separar para ficar com ela e

no quinto mês de relacionamento ela engravidou. Quando lhe deu a notícia, ao contrário do que esperava, ele se afastou dela repentinamente, sem maiores esclarecimentos, e pediu que abortasse. Ela negou-se e foi então que Camila descobriu que ele iniciara um relacionamento com Iara, a dona do restaurante. Luana ficou sabendo de tudo quando Camila a procurou para lhe contar o que havia acontecido. Camila fora demitida do restaurante por Iara, a quem Victor fora se queixar de estar sendo assediado e importunado pela insistência de Camila em ter um relacionamento com ele. Victor declarou-se para Iara, dizendo que ela era o seu grande amor e que já havia confessado isso a Camila, que não aceitava a verdade, alegando que jamais tivera qualquer relacionamento com ela. Luana separou-se de Victor, que negou qualquer envolvimento com Camila ou Iara. Dois meses após a separação Victor casou-se com Iara. Camila entrou na justiça pedindo reconhecimento de paternidade para seu filho. Luana começou a tomar calmantes e iniciou tratamento psiquiátrico. Iara acredita estar bem casada.

Para um psicopata do coração, pessoas são coisas e eles se desfazem delas tão rapidamente quando se desfariam de coisas. Psicopatas usam pessoas, e quando elas não servem mais eles as jogam fora.

Você precisa entender algo também sobre os psicopatas do coração. Seu ego é grande, muitas vezes imenso, mas seu complexo de inferioridade também é. Ele sabe, ou pelo menos acredita, que existem características suas que deixam a desejar em relação às mulheres. Por vezes é impotência sexual, um pênis diminuto, a falta de uma beleza que ele gostaria de ter, enfim, sempre há algo no psicopata do coração que o deixa insatisfeito consigo mesmo. Um psicopata do coração, no fundo, desejaria ser outra pessoa.

O psicopata do coração finge ser para os outros, enquanto vive para ele próprio, o personagem que criou, e nunca o que ele é, mas aquele que gostaria de ser. Muitos inspiram-se em personagens que admiraram em um filme em algum momento de sua vida, inspiram-se em uma história de livro ou em um desenho. Todos eles sempre têm uma fonte de inspiração, que é um ídolo que serve de modelo para suas investidas amorosas. Os ídolos mais comuns dos psicopatas do coração são Don Juan, Casanova e Calígula. Todos personagens promíscuos e que exerciam poder sexual sobre as mulheres, amparando-se na ilusão amorosa delas.

As vítimas dos psicopatas do coração são justamente as mulheres com pouca autoconfiança, dotadas de carência afetiva. Elas vivem seu dia a dia doando-se na tentativa de obter o amor e o carinho de outros. São muito mais doadoras do que receptoras e, portanto, receber menos do que dar, para elas, é normal. Além do quê, as mulheres entre 30 e 50 anos de hoje são as mulheres educadas dentro de uma antiga concepção de criação em que o homem, chefe da casa, detinha poder físico e emocional sobre elas.

Muitas mulheres sofreram agressão física do pai na infância e isso era tido como normal na educação de crianças em décadas passadas. Essas mulheres cresceram dentro da concepção de que é aceitável submeter-se a certos abusos da figura masculina.

O fato de terem sido vítimas, na infância, de agressões físicas e emocionais por parte de homens, em uma época em que não era permitido reagir, pode comprometer seriamente a capacidade dessas mulheres de hoje tomar decisões adequadas para conduzir sua vida e interromper relacionamentos que não se mostram satisfatórios. Uma mulher subjugada a um

homem na infância torna-se uma adulta subjugada a um homem em seu relacionamento; essa é a tendência.

E não é nada incomum encontrar vítimas de psicopatas do coração que sofreram abusos da figura paterna, mesmo que sendo “pequenas” agressões domésticas ou psicológicas, como ofensas, durante o período de infância e juventude.

Um psicopata do coração sempre escolhe estrategicamente suas vítimas. Não é qualquer uma que o interessa. Raramente escolhem mulheres muito inteligentes ou com opinião formada. Eles preferem as mulheres com baixa autoestima e que teriam dificuldade em desmascará-los e se desvencilhar deles.

O psicopata do coração sabe que uma hora ou outra irá colocar sua pecinha de jogo fora, mas ele pretende usurpá-la enquanto puder e tiver interesse. E ele não está contando com a possibilidade de sua vítima o descobrir. Logo, a única opção que passa pela sua cabeça é a de que ele se desfaça da pessoa.

A vítima do psicopata, geralmente uma mulher com baixa autoestima, pensa erroneamente, por vezes, que não é merecedora de todas as coisas boas que há para ela em se tratando de relacionamentos. Não foi incomum eu encontrar no Consultório de Amor e Sexo mulheres que têm em seu inconsciente implantada a ideia de que precisa sofrer para merecer um grande amor. E sofrer muito! Muitas pensavam dessa forma, que deveriam padecer antes de encontrar seus pares certos ou padecer dentro do relacionamento para se ajustar a ele. Logo, sujeitavam-se a servir e a sofrer, e se humilhavam, como se isso fizesse parte do ajuste de todos os relacionamentos normais que um dia dão certo. Em outras palavras, a maioria das mulheres já estava programada para enfrentar dificuldades e acreditava que para alcançar seus objetivos de casamento deveriam antes passar por provas difíceis a dois.

Isso tudo é como aquela velha história da Cinderela, da Branca de Neve e da Gata Borralheira, que padecem sofrimentos no amor durante a vida para somente no final receber o prêmio: o Príncipe Encantado. Resumindo, algumas histórias infantis deveriam ser proibidas na infância, pois assim como os psicopatas do coração elegem seus modelos de vida (Calígula, Don Juan, Casanova), as mulheres carentes também o fazem.

Os psicopatas do coração dão prioridade para vitimar mulheres com dificuldade de conseguir parceiros por não estarem dentro dos padrões sociais de beleza, estatura e peso.

Um segundo grupo de mulheres que eles vitimam é o daquelas de que eles podem tirar proveito, geralmente em razão do status social da vítima ou de sua situação financeira. Covardemente, muitos psicopatas do coração escondem-se por trás de um relacionamento aparentemente estável com mulheres bem conceituadas, somente para dar continuidade a suas investidas amorosas sem que levantem muitas suspeitas.

Miriam é uma advogada que foi vítima de um psicopata do coração, o qual, após ter sua reputação social manchada depois de uma série de descobertas a respeito de suas atividades psicopáticas em relação a outras mulheres, escondeu-se covardemente sob o escudo de Miriam, tentando mostrar a todos ser um homem íntegro, um administrador de empresas respeitável e casado com uma advogada de família tradicional, tentando, dessa forma, recuperar sua imagem de prestígio perdida junto à sociedade. Miriam passou a ser traída constantemente, e quando

descobriu com quem estava casada já era tarde. Um psicopata do coração nunca muda, ele apenas disfarça e/ou passa a agir de maneira mais competente quando percebe que seu sistema de atuação foi descoberto. No caso de Miriam, ele a convenceu de que era um homem íntegro e que tudo o que diziam a seu respeito não passava de calúnia e difamação. Acreditando nele, Miriam passou a defendê-lo pública e judicialmente, sendo testemunha de seu bom comportamento perante outros. Hoje ela se encontra em processo de recuperação.

Em situações extremas, mas menos comuns, eles vitimam mulheres que encaram como desafio pessoal, pessoas inteligentes e autoconfiantes, em quem eles procuram testar sua capacidade de manipulação, mensurando através delas o seu talento para o engodo. Quanto mais inteligente uma mulher, melhor ele se sentirá ao conseguir enganá-la.

O psicopata do coração não tem remorso, ele não hesita em magoar nem em expor ao ridículo quem está com ele, não se incomoda em estragar o relacionamento em favor da satisfação do seu ego. Um psicopata do coração não hesitaria em deixá-la traumatizada ou angustiada se o que ele quer é um orgasmo com outra pessoa. Aliás, ele troca você facilmente e toda a história que vocês construíram juntos por aquilo que momentaneamente deseja. Ele não mede consequências e não vê problema em se arriscar e colocar tudo a perder, porque o que ele quer é a satisfação do seu desejo, e dane-se se aqueles seus cinco segundos de gozo lhe custarem o relacionamento de dez anos, ele não se importa em pôr tudo a perder e muito menos de fazer o que for preciso para atingir seu objetivo.

Psicopata do coração nunca reconhece o valor do amor que recebe, por mais valorosa que você seja. Se ali na esquina houver uma oportunidade de orgasmo que ele instantaneamente desejou, custando-lhe 20 reais, mesmo havendo a possibilidade de você descobrir e tudo entre vocês acabar, mesmo assim ele irá arriscar, porque ele está sempre 100% focado na satisfação do seu desejo imediato e só. Se for necessário, o psicopata do coração agredirá você se tentar impedi-lo de traí-la. É que, para ele, os fins justificam os meios. Ele nunca terá remorso por ter magoado você, e, se algum dia sentir, será remorso pelas consequências que teve de sofrer devido à traição, como perdas financeiras ou de seu status. E se um psicopata do coração lhe pedir desculpas, serão apenas palavras falsas. Mesmo que ele chore – porque psicopata, além de ser um bom contador de mentiras e captador exímio do pensamento alheio, também é capaz de grandes interpretações.

Aliás, psicopatas do coração choram com lágrimas de crocodilo, olham dentro do seu olho firmemente enquanto pedem perdão e dizem que te amam – essa é a sua segunda estratégia. Isso depois que tentaram inutilmente repassar a culpa para você, então, numa segunda tentativa de demover você de sua posição, eles se mostram arrependidos, e se ainda assim não conseguirem nada, então eles tentam fazer papel de vítima para que você se comova.

Psicopata do coração usa o coração em seus joguetes, seja para praticar maldades, seja para ser perdoado quando usa os sentimentos nobres das mulheres com quem se envolve para fazer com que elas se apiedem dele e justifiquem seus erros.

Wagner é um psicopata do coração que se envolveu com Simone. Tiveram um conturbado relacionamento de quatro anos. Quando Simone descobriu uma rede de traições e mentiras, ele pediu perdão a ela e contou-lhe sobre seus problemas psicológicos de infância, quando se sentia

solitário e sem amigos; foi então que passou a frequentar saunas e casas de massagem. Ela sentiu piedade por Wagner, que usou desse artifício por saber do instinto maternal de Simone, sempre pronta a entender e ajudar as pessoas. Simone o caracterizou como um homem em estado de fraqueza e o perdoou, mediante o seu choro compulsivo e suas promessas de mudanças. Que nunca ocorreram.

Wagner era um caçador diário de mulheres. Ele frequentemente fazia sexo com três mulheres diferentes por dia. Ele saía do seu trabalho, na Receita Federal, às 17 horas e contratava uma garota de programa. Então, por volta das 19 horas ele levava alguma mulher tradicional para jantar e logo após ia com ela a um motel; perto da meia-noite ele trocava de companhia novamente ou ia dormir na casa da namorada.

Simone descobriu toda a verdade quando encontrou dois volumes de livros, livro 1 e livro 2, nos quais Wagner fazia constantemente anotações sobre as mulheres com quem saía, numerando-as e descrevendo a relação sexual que tivera com elas, dando-lhes nota conforme a performance sexual. Simone era a garota 623; quando ela descobriu os livros, ele já estava no número 1072, ou seja, durante os quatro anos de namoro Wagner traiu-a com 449 mulheres diferentes. Não estavam contabilizadas nos livros de anotações as vezes em que ele repetia a relação sexual com uma mulher.

Entenda algo como certo, definitivo e verídico: todo psicopata do coração segue o mesmo padrão de comportamento. Ele é um viciado em sua rotina. Ele cria uma, estabelece-se nela e a mantém sempre, com raras modificações, e apenas a modificará se a situação for inevitável, como quando descobrem sua estratégia.

Wagner tinha por uma de suas rotinas de atuação alcoolizar suas vítimas, seduzi-las e fazer fotografias delas nuas quando as levava ao motel. Ele sempre revelava as fotografias na mesma loja. Era uma maneira que ele tinha de se superiorizar ao funcionário que revelava as fotos, vendo no rosto de outro homem a admiração por ele conseguir tantas mulheres com quem fazer sexo.

Assim como todo psicopata do coração, Wagner é um sedutor profissional, possui charme superficial e instiga o mistério em outras mulheres, por saber que essa é uma estratégia de sedução. Ele se mostra como um homem reservado e inteligente, tentando sempre passar a ideia de que não é um homem comum, como os demais. Ele também quer que sua vítima pense que ele é muito especial.

Na prova da AOB Wagner tirou nota máxima e foi o segundo colocado em nível nacional na prova da Receita Federal. Assim como muitos dos psicopatas do coração, Wagner é um homem que detém muitos conhecimentos gerais e usa disso para seduzir mulheres. Wagner sabe que para as mulheres a inteligência é afrodisíaca.

Wagner não se transformou em um psicopata devido à dificuldade de se integrar à sociedade durante sua juventude. Ele não se integrava quando adolescente porque já era um sociopata. Wagner, assim como todos os psicopatas, nasceu nessa condição e escolheu atuar no campo dos relacionamentos amorosos por uma questão de preferência pessoal. Em sua juventude ele tinha baixa autoestima, porque seu peso estava acima dos padrões sociais, e tornou-se um psicopata do coração como uma maneira de se vingar das mulheres que o fizeram sentir-se rejeitado na

juventude. Se Wagner não usurpasse o coração de mulheres ele provavelmente usurparia o dinheiro público, embora não seja incomum psicopatas do coração atuarem no campo das finanças e no campo dos relacionamentos simultaneamente. No entanto, enquanto Simone estava com Wagner, não havia indicação de suborno por parte dele nas fiscalizações da Receita Federal, embora isso não diga muito sobre sua honestidade.

Saulo também é um psicopata do coração; ele esteve envolvido simultaneamente com várias mulheres, e tinha como padrão comportamental levá-las sempre vestidas com a mesma blusa ao mesmo restaurante, no centro da cidade. Ele as convencia a realizar sua fantasia sexual como prova de amor e colocava nelas uma blusa de renda branca que mantinha em seu porta-malas e solicitava-lhes que não usassem sutiã, depois pedia a blusa de volta. Dessa forma ele podia usar a mesma blusa com várias mulheres. Seu objetivo era o exibicionismo sexual, a autoafirmação ao conseguir a prova de amor, a usurpação e a exposição ao ridículo de sua vítima. Raíssa, uma leitora do Consultório de Amor e Sexo, quando descobriu a verdade sobre seu relacionamento, sentiu-se usada e suja e dois meses depois tentou o suicídio tomando calmantes. Hoje ela está em tratamento psicoterápico e faz uso de antidepressivos.

Por vezes, o psicopata do coração se faz de ofendido quando lançam-lhe alguma desconfiança. Então ele é capaz de esbravejar contra o acusador, pode jogar objetos nas paredes na tentativa de convencer a todos com sua revolta por tamanha calúnia, poderá bater as portas mostrando-se inconformado, pode ter inclusive uma atitude agressiva contra você. Ele a ofende e parece tão cheio de razão que a pessoa que está desconfiando dele pensa no fato de ter se equivocado, porque não consegue acreditar que uma pessoa culpada possa ter uma reação tão indignada diante da “injustiça” que fizeram contra ela.

Naquele exato momento o psicopata do coração está de verdade revoltado, mas só porque esteve a um passo de ser descoberto, e isso o deixa furioso, porque para ele o jogo não pode acabar, ser apanhado é *game over*. Pior, ser apanhado fere a inteligência dele. Quando isso acontece, significa que você teve mais esperteza do que ele, e nesse momento ele fica descontrolado. Quando o psicopata do coração está para ser apanhado ele já não é mais aquela pessoa “equilibrada” que antes parecia ser. E quando é desmascarado, então ele mostra quem realmente é: um misto de maldade, frieza e desequilíbrio emocional.

Psicopata do coração nenhum age calmamente quando é desmascarado, muito pelo contrário, ele parece transformar-se em outro, deixando sua vítima atônita, sem conseguir assimilar a nova imagem que se apresenta à sua frente. Quando descoberto, o psicopata torna-se perverso, frio, arrogante, agressivo em palavras e atos. Porque quando a máscara cai ele perde totalmente o controle. E sem o disfarce o psicopata do coração se revela um indivíduo impulsivo, que age segundo a sua natureza má.

Ser apanhado desencadeia no psicopata do coração uma raiva fora de proporção em relação à vítima; indivíduos assim olham para o abismo em que se encontram e consideram a violência como forma de punição, como se dissessem: “Você não pode me descobrir e sair impune!”.

E se na hora da descoberta ele não agredi-la e você, no momento do desespero e das cenas homéricas dele, acreditar no sujeito e se manter ao seu lado, ele irá puni-la de forma indireta, como uma vingança por você ter sido mais inteligente que ele ao tê-lo descoberto. E

simultaneamente ele irá também puni-la por ter, por outro lado, sido menos inteligente do que deveria ao ter retomado o relacionamento, acreditando novamente nele. Em outras palavras, quando você chega perto da verdade, o seu caminho não tem mais volta.

Enquanto ele continua seu teatro de ofendido, expressando inconformismo pela sua capacidade de ter lançado sobre ele determinadas suspeitas, por dentro ele irá rir de você e de como conseguiu ludibriá-la, sentindo-se esperto novamente. O psicopata do coração, nesse momento, se sente o maior dos maiores.

Psicopata do coração só enxerga a si mesmo e nunca reflete sobre o que fez à sua vítima. Ele pode tê-la traído, ofendido, agredido, humilhado publicamente e, se você simplesmente o chamar de “idiota”, ele se ofenderá terrivelmente e agirá como se tivesse todos os motivos do mundo para atacar você, afinal, para ele, chamar um ser tão especial no mundo como ele de idiota é como se fosse um insulto de proporções astronômicas. E ele não levará em conta o que impulsionou você a isso.

Um psicopata do coração nunca irá refletir no fato de que tê-lo chamado de idiota não é absolutamente nada se comparado ao que ele lhe fez, e muito menos irá ignorar essa simples ofensa, justificada por seu reflexo de autodefesa e revolta pelo que aconteceu.

Se você desmascarar completamente um psicopata do coração e depois perdoá-lo pelas traições e humilhações, voltando a ter com ele um relacionamento afetivo e acreditando no seu arrependimento, saiba que ele não conseguirá mais ser com você aquele envolvente e nobre homem que você conheceu; aquele príncipe, nesse exato momento, deixou de existir, ok? Tire da sua mente que há possibilidade de um dia você voltar a ter aquele relacionamento fantasioso que inicialmente tinham, porque isso nunca mais acontecerá. A sua vida, em pouco tempo, passará a ser um inferno ao lado dele, porque além de as suas desconfianças em relação a ele perdurarem, ele não terá mais motivos, vontade nem incentivo para fingir novamente ser outra pessoa, porque, afinal de contas, você agora já sabe quem ele é. Então ele vai passar a torturá-la constantemente, de forma direta e indireta, por ter acabado com a brincadeira dele.

Encare os fatos; por mais dolorosos e cruéis que possam ser, para o psicopata do coração as pessoas são pecinhas de um jogo e ele não se importa de estragar seu brinquedo – no caso, a vítima – e depois jogá-lo fora.

Psicopata do coração não sente amor, não sente compaixão e não sente saudade. Quimicamente esses sentimentos não são estabelecidos em seu cérebro, portanto, ele não sente. Mas finge isso muito bem. *Ele tem uma deficiência* que o impede de se colocar no lugar de outro; um psicopata não consegue sentir empatia por pessoas. E não há o que você possa fazer, absolutamente nada. E não há medicamento capaz de curar um psicopata do coração ou qualquer outro tipo de psicopata.

Portanto, você jamais terá culpa sobre o que aconteceu com o relacionamento, você jamais poderá fazê-lo mudar ou entender que precisa ser diferente e agir de forma mais humana com as pessoas, porque ele não sabe o que é isso. Ele jamais sente a dor do outro e não se importa de não sentir.

Psicopata do coração nem ao menos se apaixona. Não, ele não sente paixão, mesmo que você em muitos momentos tenha tido certeza absoluta de que ele estava muito apaixonado. Esqueça

aquelas cenas lindas, que não passaram de ilusões e encenações da parte dele. Psicopata finge estar apaixonado porque gosta de fingir e se diverte em interpretar competentemente seu papel. Ele brinca de cenas de romance vistas nas telas de cinema e pode até mesmo gostar de fazer cenas públicas para outros assistirem. Psicopata fala rapidamente “eu amo você” e cai em gozo interno quando você responde o mesmo a ele.

Psicopata do coração jamais sente que não pode viver sem você. O ápice do sentimento que ele pode ter por alguém é desejo de possuir a pessoa. Ele sente tesão, mas isso não passa de uma necessidade física e psicológica. E o desespero dele quando está para perder você é o de não ter mais a vítima para si. Não é o “amor da sua vida” que ele vê indo embora, é o seu brinquedo que ele vê partindo.

E ele não se importa de jogar esse brinquedo fora, aliás, ele faria isso facilmente e sem a menor dificuldade. Mas ele se importa, e muito, com o fato de o brinquedo partir pelos próprios pés, porque isso fere o seu orgulho. Psicopata adora chutar pessoas, isso o engrandece emocionalmente, mas ele não suporta ser chutado.

As mulheres inesquecíveis da vida dele foram as que não o quiseram ou que ele não chegou nem ao menos a possuir. As melhores mulheres que teve ele não considera como as melhores, elas sempre serão, para o psicopata do coração, aquelas pouco inteligentes, que acreditaram nele. E há uma contradição nisso tudo, mas bastante comum de acontecer: eles facilmente tornam-se irritadiços com aquelas que acreditam nele e no papel que desempenham; no fundo ele subestima a inteligência delas e acha que não são dignas de seu aparente “respeito” porque não são mais espertas que ele. Para o psicopata do coração, todas as mulheres, quando do que ele gosta são mulheres, são apenas objetos que ele precisa uma hora descartar, como se fossem lixo.

Estar no fio da navalha aguça a vontade do psicopata do coração de praticar suas traições, flertes, conquistas, isso atiza seu jogo de sedução e sua incansável vontade de possuir mulheres. Para ele é um desafio.

E com muita frequência os psicopatas do coração são no fundo homossexuais ou bissexuais. Possuir mulheres para usá-las, iludi-las, enganá-las, magoá-las e depois descartá-las é para eles uma vingança pessoal, porque no fundo uma boa parte deles odeia mulheres. Mas seu ego gigantesco raramente os deixaria manifestar ao mundo a sua verdadeira opção sexual, não porque a bissexualidade seja a comprovação de inferioridade, mas porque, infelizmente, em nossa sociedade preconceituosa, pessoas com opção sexual diferente da maioria são menosprezadas, então, um psicopata do coração, quando é bissexual ou homossexual, evita se revelar, pois a sua necessidade de manter uma imagem é muito grande.

Um psicopata do coração, sexualmente falando, é sempre um perverso. E leia-se perverso não somente no sentido de promiscuidade, mas no sentido de aderir a práticas antiéticas e imorais para a sociedade. Um psicopata do coração, mesmo que tendo ereção e se relacionando com mulheres, por vezes tem atração pela pedofilia, por zoofilia, sadismo, orgias em geral, entre outros. Não esqueçamos jamais que o psicopata do coração é uma pessoa quando está à sua frente e outra às suas costas. Portanto, quando estiver com ele, dificilmente você conseguirá perceber sua perversidade sexual.

Entenda algo, bem claro, bem certo, bem verdadeiro, e entenda de uma vez por todas: PSICOPATA DO CORAÇÃO NÃO TEM CURA. Psicopata do coração nunca vai mudar. Não há oração que salve, igreja que o transforme, pessoa que entre de verdade em seu coração, e nesse caso o seu AMOR NÃO CURA.

Ele jamais vai ser para outra mulher o que não foi para você, se é que esse é o seu medo. Entenda que você precisa se libertar dele ontem mesmo caso seja uma vítima. E aceite que precisa se afastar, porque nenhum ser vivo merece viver ao lado de um psicopata do coração. Saiba que eles são desumanos por natureza.

E não fique aí pensando que ele não tem culpa de ser assim, porque, afinal, ele pode ter tido traumas de infância, já que traumas de infância todo mundo tem: eu, você, sua mãe, sua melhor amiga, seu vizinho, sua avó... Todo mundo que está vivo tem aspectos psicológicos a serem trabalhados. Então caia na real de uma vez por todas, e me desculpe por estar sendo dura com você, mas é que nessa hora é necessário que você receba essa notícia da forma mais direta e certa possível: nada justifica o fato de ele ser assim, logo, ser um psicopata do coração não tem fator amenizador. O trauma que ele possivelmente teve na infância apenas acentuou o que já era para ser, isso é certo. Saiba que muitos psicopatas do coração foram amados por sua mãe e mesmo assim se transformaram em homens usurpadores de mulheres. Muitos psicopatas do coração receberam amor e carinho na infância e mesmo assim distribuíram mágoas, roubos e mentiras durante sua vida.

A intensidade da sua maldade pode, sim, estar relacionada com o que lhe aconteceu na infância ou no decorrer da sua vida, mas de uma forma ou de outra ele acabaria sendo quem é.

Não pense como uma cristã neste momento, não tenha afeição por esses indivíduos, o poder das escolhas lhe pertence. Ignore meu conselho, se quiser, você é livre desde que nasceu, e se quiser tentar mudar essa situação, caso você viva ao lado de um, vá e tente. Mas saiba que todo o amor do mundo que você der, todo o carinho que tiver, todo o respeito que você lhe dispensar, todo o agrado que você fizer, todo o seu esforço em ajudá-lo a ser uma pessoa melhor será em vão.

Se você tem uma natureza altruísta, saiba que é a melhor vítima que ele pode ter, e se você quer se dedicar a salvar alguém, dedique-se onde você verá resultados – em uma casa de repouso para idosos, em um orfanato, em uma escola, engaje-se na luta contra o câncer de mama ou em defesa dos animais abandonados. Em tudo isso você verá resultados se trabalhar bem, mas não tente recuperar um psicopata do coração, porque você não tem poder para isso.

Todos nós temos uma força destrutiva dentro de nós; a diferença entre uma pessoa comum e um psicopata é que este direciona essa força para a destruição de algo ou alguém. Uma pessoa do bem reconhece seus demônios internos e trabalha no sentido de melhorar. Raiva é um sentimento que todos temos dentro de nós. Mas a raiva das pessoas de bem tende a ser canalizada para a construção ou transformação positiva de algo. Por exemplo, a canalização para o esporte ou para a quebra de um ciclo vicioso de exploração. Não é incomum vermos pessoas exploradas profissionalmente fazerem revoluções mediante a raiva que sentiram pelo abuso trabalhista, virando a mesa em suas vidas e partindo para uma situação melhor e mais favorável a elas quando se cansaram da exploração. A raiva, para pessoas do bem, não necessariamente será

algo ruim, mas nas pessoas do mal, ou seja, para os psicopatas do coração, sempre será para a destruição do outro e será direcionada a quem não tem culpa.

Por vezes o psicopata do coração tem raiva de si mesmo, só que projeta essa raiva não em si, mas em outra pessoa, aquela que passa a ser sua vítima.

Não são nada incomuns situações em que o psicopata do coração sente inveja da pessoa com quem está se relacionando. É que ele tem dificuldade em admitir para si que outra pessoa possa ter o que ele deseja e não tem, que seja o que ele quer ser e não é e que consiga ou faça o que ele gostaria de fazer.

Uma das estratégias mais básicas do psicopata do coração é aniquilar a autoconfiança da pessoa que está se relacionando com ele. Na primeira fase do relacionamento ele apenas elogia você. No final do relacionamento ele apenas ofende. Ele faz isso de forma gradativa, de forma lenta, envenena aos poucos, cada dia mais, um pouquinho mais a cada semana, até a pessoa estar devidamente intoxicada com pensamentos errôneos a respeito de si mesma.

Renata foi vítima de um psicopata do coração; eles estiveram juntos por dois anos. Nos primeiros meses seu namorado dizia que ela era linda, que apreciava seu corpo e que preferia as mulheres mais cheinhas. Renata reclamava de ter um quadril largo, ele dizia que gostava daquele formato de corpo e que para ele estava perfeito. O tempo foi passando e o namorado a incentivava a ganhar peso, sempre a levando a restaurantes e a estimulando a comer. Ao final de dois anos de namoro ela tinha 21 quilos a mais. Renata descobriu que ele estava saindo havia quatro meses com uma de suas amigas, Viviane, e que ele a tinha pedido em namoro. Quando foi cobrado de sua atitude, ele se justificou dizendo que o relacionamento não era mais o mesmo desde que ela engordara tanto. Renata entrou em depressão com o fim do relacionamento e com a perda da amiga e da autoconfiança.

Em oito meses de namoro com Viviane ele a incentivou a engordar dez quilos, em seguida a trocou por uma nova namorada, declarando novamente que gostava de mulheres consideradas mais cheinhas, mas que não admitia namoradas gordas, pois isso significava, para ele, falta de cuidado pessoal. Enquanto Viviane e Renata engordavam, ele as elogiava, mas conforme o tempo de namoro foi passando elas perceberam que ele passou a denegrir a imagem delas fazendo piadas engraçadas e leves, inicialmente, a respeito de seu tipo físico, o que fazia com que se sentissem inferior a ele.

Por que ele fazia isso? Porque uma pessoa com baixa autoestima é mais fácil de ser manipulada e, destruindo a autoconfiança da vítima, ela fica à mercê do psicopata do coração. E o trabalho que ele inicia de minar a autoconfiança da vítima, até que esteja completo, é sempre feito de maneira sutil, sempre iniciado com pequenas piadas, frases pejorativas, ideias impostas sobre uma conversa aparentemente despretensiosa. Porque ele sabe que, minando o terreno diariamente e aos poucos, a erva daninha que ele planta torna-se mais forte e cresce sem a vítima perceber o que está se formando à sua volta.

O desejo intrínseco do psicopata do coração é sempre a usurpação seguida de destruição da pessoa, aquela que é sua vítima, mediante o seu sofrimento, e para isso ele irá trabalhar o emocional dessa pessoa, além de destruir a autoimagem e confiança da vítima, incutindo nela ideias ruins sobre si mesma. E no decorrer desse processo ele tornará sua vítima dependente

emocionalmente dele.

A dependência emocional de qualquer ser humano em relação a outro é como um vício; quando se refere a um psicopata, esse vício é mais forte ainda. A vítima não percebe, mas ela foi induzida a depender do psicopata do coração, tanto que mesmo quando ela já sabe que ele é destrutivo em sua vida, o afastamento dele torna-se desesperador.

O psicopata do coração é um homem tão sórdido, cínico e repleto de mau-caratismo que ele trai sua vítima, a deixa insegura, planta em sua mente pensamentos errôneos a respeito de si mesma, leva muitas vezes a vítima à loucura e depois olha para ela tranquilamente e diz: “Eu quero te ajudar, você gostaria que eu conseguisse um psicólogo para você?”. E quando são mais abonados, dizem: “Eu lhe pago o tratamento”.

O psicopata do coração tenta fazer muitas vezes com que a pessoa que está com ele, a quem ele está constantemente traindo, pense que tem problemas psicológicos que precisam de tratamento. E todo psicopata do coração, quando o relacionamento entrou em declínio, chama sua vítima de louca.

Para o psicopata do coração, todas aquelas mulheres que conseguiram enxergar quem ele realmente é e que descobriram sua teia de mentiras não passam de lixo feminino e de loucas.

Quando um psicopata do coração inicia um relacionamento, a primeira coisa que ele faz é pintar uma imagem ruim de suas ex-namoradas e ex-esposas para a atual namorada, referindo-se a todas elas como pessoas desequilibradas, ciumentas e sem caráter. O psicopata do coração aprecia colocar uma mulher contra a outra, seja porque quer que elas tenham ciúmes, seja porque ele quer se proteger de eventualmente uma contar à outra o que sabe a respeito dele.

O psicopata do coração sente-se feliz com a infelicidade de sua vítima gerada pelo ciúme. E todo psicopata do coração gosta de gerar ciúme em suas vítimas, para depois ter a oportunidade de ofendê-las por serem ciumentas sem motivos aparentes, enquanto ele defende a postura de nunca fazer nada que suscite isso. Seu ego infla quando ele consegue expor a pessoa com quem se relaciona ao ridículo, imputando-lhe a imagem de ciumenta doentia ao resto da sociedade, em que ele tenta ocupar a posição de vítima, que sofre por causa da namorada perturbada e ciumenta. Dessa forma, o psicopata do coração consegue também proliferar na sociedade a ideia de que ele é um homem desejável e de grande valor.

Os psicopatas do coração traem e dizem que a vítima está louca. E se a pessoa em questão estiver com sua autoconfiança abalada, então ela acredita, tornando-se emocionalmente cada vez mais fraca. A perda da autoconfiança de sua vítima é o pilar ruído que o psicopata precisa ter para começar a destruí-la, a fim de que ela esteja totalmente à mercê dele, para que a descarte quando bem desejar.

Costumeiramente um psicopata do coração não usa preservativo com suas vítimas, e se for portador de alguma doença, mesmo sabendo, continuará disseminando-a sem piedade. Ele pode simplesmente virar-se para você, caso tenha contraído através dele alguma doença sexualmente transmissível (DST), e acusá-la de tê-lo traído ou de ser a responsável pela contaminação de ambos.

Uma de minhas leitoras, vítima de um psicopata do coração, adquiriu HPV dele, sendo acusada de promiscuidade por isso. Como não o havia traído com ninguém, ela foi em busca de

respostas e descobriu que sua ex-esposa havia passado por uma histerectomia em consequência do HPV, e que ele havia se negado a se tratar – esse foi, aliás, um dos motivos da separação. Portanto, o psicopata do coração que se envolveu com minha leitora estava ciente de sua condição de portador e não se importou com a saúde dela.

Um homem normal ficaria preocupado, preservaria a saúde de sua parceira, usaria preservativo durante um tratamento de HPV e até durante suas relações extraconjugais. O mesmo faria você. Mas não torne a sua realidade um padrão de comportamento de um psicopata. Não é porque você não teria coragem de prejudicar alguém nesse sentido que ele não o faria. Você tem empatia pelas pessoas à sua volta, ou seja, você consegue se colocar no lugar do outro. Um psicopata até sabe se pôr no lugar do outro, tanto que é uma pessoa com boa habilidade para saber o que o outro deseja e sente, mas ele simplesmente não se importa. Ele sabe tudo o que a pessoa sentirá, mas isso não o toca; mesmo conseguindo se aproximar da mente e dos sentimentos de sua vítima, ele não estabelece conexão com ela. Um psicopata do coração não tem sentimentos por sua vítima, nunca. Se a pessoa adoecer, mesmo por culpa dele, não significa uma tragédia ou algo triste; para ele, é apenas um fato.

Nunca procure fazer algo a fim de que o psicopata do coração se arrependa por tê-la magoado, porque isso jamais acontecerá. Ele nunca chorará a perda do amor da sua vida. Ele pode chorar por outros motivos, como o fato de ser desmascarado, o que lhe traz consequências drásticas, uma vez que a brincadeira acaba e ele fica com sua imagem dilacerada e o orgulho ferido. Mas ele nunca deitará a cabeça no travesseiro pensando: “Eu era tão feliz com ela, por que fiz o que fiz?”.

A falsa amorosidade com que o psicopata do coração trata suas vítimas até conquistá-las é o que faz com que elas fiquem confusas quando começam a desmascará-los; elas oscilam entre a imagem que formaram ao conhecê-lo e a imagem que agora têm dele, porque inicialmente – veja bem, eu disse inicialmente – ele é o suprasumo do consumo feminino e é algo totalmente diferente daquele que foi desmascarado.

Alguém que se relacionou com um psicopata do coração e que se separou dele sem ter a convicção de que estava ao lado de um sai do relacionamento com a sensação de fracasso, porque se sente impotente perante os acontecimentos. A pessoa que se relaciona com um psicopata do coração vê que praticamente exauriu suas forças tentando fazer o relacionamento dar certo e toda aquela energia foi em vão. Então a pessoa passa a se sentir uma perdedora no âmbito dos relacionamentos.

O primeiro passo ao identificar que se relacionou com um psicopata do coração é eximir-se de culpa pela relação inevitavelmente fracassada. Não há chances, não há perspectiva, não há relacionamento saudável e não há vida ao lado de um. Embora muitas vítimas pensem durante o relacionamento que não há vida sem ele, isso é apenas fruto da dependência emocional que ele gerou – o que é uma inverdade, pois o fato é que há muita vida, mas só quando a vítima percebe que se desvencilhou do psicopata do coração.

Um dos métodos do psicopata do coração é o de fazer você acreditar que é uma pessoa imoral e desajustada. Ele projeta na presa tudo aquilo que na verdade ele é.

Ana, sem saber, estava se relacionando com um psicopata do coração, Anderson. Ele era

policial e ambos se conheceram quando ele a atendeu em uma delegacia após um assalto. Ela estava na posição de vulnerabilidade, fragilizada pelo que havia lhe acontecido, quando ele acompanhou seu caso. Então ele começou a lhe oferecer seus préstimos, ligando todos os dias para saber como ela estava e demonstrando ser um homem diferente dos demais, dando-lhe exagerada atenção.

Ele falava a ela sobre o bom cumprimento das leis, sobre os homens todos deverem ser bons e honestos com as mulheres, e também dizia que ele estava trabalhando como policial porque queria proteger as pessoas. Uma mulher inocente e sem malícia tende a acreditar em palavras ditas diariamente. Na verdade, o que Anderson estava fazendo com Ana era uma lavagem cerebral. Aproveitando-se da vontade dela de que aquilo tudo fosse verdade, ajudou-a a acreditar no sonho de ter encontrado um homem diferente dos demais em sua vida, e logo ela se apaixonou por ele.

Ana e Anderson saíram juntos por dois meses, até que um dia ela descobriu que ele era casado. Depois de muita discussão e investidas dele para que ambos continuassem juntos, ela se tornou amante dele e decidiu não contar aos seus pais e aos amigos sobre o real estado civil do namorado.

Passou-se mais um mês e Ana decidiu romper o relacionamento, pois viu que não saberia lidar com aquela situação e que não precisava se sujeitar a ser a amante de um homem para ser feliz. Então ele passou a ameaçá-la de que não seria assim facilmente que ela o largaria, e começou a dizer que ela estava querendo ficar solteira para sair com outros homens e passar a ter uma vida vulgar. Ana achou absurdas suas palavras, uma vez que Anderson era casado, e manteve-se firme em sua decisão. Ele passou a segui-la, e quando Ana via, lá estava ele a vigiá-la. Em um final de semana em que ela saía com as amigas, o policial a perdeu de vista, então foi até a casa de seus pais, parou a viatura em frente à residência durante a madrugada e acordou a vizinhança com a sirene, passando a esbravejar sobre o comportamento indecente de Ana para com ele, um homem honesto que estava fazendo seu trabalho durante a noite enquanto ela se comportava indecorosamente pela cidade. Anderson sabia que os pais de Ana não tinham conhecimento sobre o fato de ela ter se envolvido com um homem casado. Ana caiu em descrédito com sua família e com os vizinhos.

Um psicopata do coração nunca admite que sua presa saia por livre e espontânea vontade de suas garras. Por ele, tudo bem se ela sair chutada, esfaqueada e deteriorada. Mas ele jamais aceitará que ela saia intacta e por decisão própria. Quando isso acontece, o psicopata do coração persegue a parceira, pois ele não suporta a rejeição e tem dentro de si o conceito de que mulher é um bem, um objeto de uso pessoal, uma propriedade privada. Nos casos mais graves, quando o psicopata do coração tem um grau de maldade alto, ele mata a presa.

Conforme as estatísticas, mais da metade das mulheres no Brasil que foi assassinada pelo seu cônjuge deu queixa na delegacia a respeito da perseguição antes de o crime acontecer.

As autoridades deveriam dar mais atenção aos casos de homens que perseguem mulheres quando elas terminam o relacionamento. A lei deveria ser mais rigorosa em determinar penalidades para a aproximação de homens contra os quais há queixa de perseguição. E até mesmo diminuir os requisitos de liberação para as medidas protetivas de urgência solicitadas

pelas vítimas da perseguição.

Em contrapartida, as autoridades sentem-se muitas vezes desestimuladas a dar continuidade aos processos criminais mediante a queixa da ofendida, porque a maioria das mulheres que inicia um inquérito criminal por perseguição e espancamento não o leva até o fim, e há aquelas que retomam seus relacionamentos, mesmo quando o acusado é um psicopata do coração e já as agrediu física e emocionalmente. O motivo pelo qual essas mulheres muitas vezes retomam seus relacionamentos é o fato de o psicopata do coração, quando não está revelando quem realmente é, ser um homem “amoroso”, aparentemente bom e um cidadão estimado. Outros fatores são o medo da ameaça real de ser atacada se o deixar definitivamente, a falta de recursos para se sustentar e recomeçar a vida, o estado emocional, já que, com o passar do tempo, foi se tornando dependente do psicopata do coração, e a vergonha social de ter sido humilhada pelo parceiro de alguma forma. Então ela se recolhe ao silêncio e ao sofrimento emocional, esperando que o tempo passe e o relacionamento tome rumos mais calmos. É importante também salientar que uma pessoa comum, que nunca leu um livro sobre esses indivíduos ou que nunca tenha tido contato real com algum, tem dificuldade de se aperceber do diagnóstico real da pessoa com quem se relaciona. E mesmo pessoas experientes podem ser enganadas por eles, porque não estamos falando de pessoas normais, estamos falando de máquinas treinadas para enganar.

Isso é fato. Antes de você ler este livro, as probabilidades de ter imaginado um dia relacionar-se com um psicopata não passavam de uma ideia fantasiosa, para agora você ver que pode ser algo real e menos incomum do que imaginava.

As vítimas ficam por vezes perplexas quando eles choram, pedem perdão, mostram-se arrependidos ou prometem que será a última vez que trairão na vida. E mais perplexas ainda ficam quando por fim ele passa a culpá-las, por serem as causadoras reais do que fizeram a elas.

O que um psicopata do coração sente interiormente é um enorme vazio e uma grande inveja dos outros.

E quando o psicopata do coração demonstra algum ato de caridade e benevolência para com sua vítima ou com pessoas próximas, é porque existe um motivo por trás disso. O que ele quer é manipular, cobrar lealdade futura, reforçar a imagem de cidadão correto, ou simplesmente mostrar que está na posição de poder em relação aos outros que precisam dele. Ele gosta de se sentir importante.

Ele pensa que ser fiel é ser ridículo e é sinônimo de burrice, pois não compreende o real significado da palavra lealdade. Fidelidade é uma grande perda de tempo, e aqueles que são fiéis no fundo não passam de pessoas fracas e burras que não sabem aproveitar as boas oportunidades da vida. E nada o fará ver que está equivocado, pois seu ego é tão grande que ele se autossabota ao achar que está sempre certo.

Psicopata do coração não deseja ser fiel. Psicopata do coração não vai nunca tentar frear seus impulsos sexuais, porque ele não quer freá-los, não por você, porque ele é egoísta. Se o fizer em algum momento é porque necessita desesperadamente manter uma imagem que está prestes a ruir e precisa recuperar essa imagem.

No início de um relacionamento, um psicopata ouve você; no final, só ele fala. Ele demonstra estar profundamente irritado e sem paciência para assuntos pessoais referentes à sua vítima ou a outras pessoas.

E, se um homem normal já não gosta de discutir o relacionamento, um psicopata não suporta. Mas gosta de falar sobre ele, sobre suas roupas, seu cabelo, seus pertences e suas conquistas, mesmo que a maioria delas seja apenas fruto de sua imaginação ou que tenha acontecido com alguém que ele conhece.

Psicopata do coração está constantemente em busca de poder, e, para demonstrar isso, nada melhor, segundo sua concepção, do que dinheiro e status. Portanto, psicopata do coração sempre está em busca de mais dinheiro, porque é uma ferramenta de trabalho para ele na conquista de mais mulheres, seja para levar para jantar, seja para presentear, seja para custear sua vida ou apenas para impressionar.

Por mais que as mulheres amem de verdade, ele sabe que o dinheiro faz parte da sedução, porque uma das estratégias de conquistar uma mulher é oferecer-lhe segurança. E o psicopata do coração gosta de impressionar as mulheres nesse sentido, seja pela situação financeira, seja pelo “status” que ele exibe em sociedade. Mesmo que não seja detentor de uma situação financeira favorável ou que não tenha o devido reconhecimento pela profissão ou posição social que ocupa, o psicopata do coração prefere ostentar aquilo que ele não tem, não é e não exerce. E ele não medirá esforços para sustentar a imagem de prosperidade e sucesso, mesmo que tenha muita dificuldade para isso. Praticamente todo psicopata do coração gosta de oferecer presentes às mulheres que ele quer conquistar. No final do relacionamento, pode até se mostrar avarento e materialista, mas inicialmente ele se mostra um homem bastante generoso.

Embora o psicopata do coração pareça estar em uma posição de vantagem profissional, a maioria deles passa por muitos altos e baixos. A tendência de sua carreira é sempre a de atingir um patamar alto para depois entrar em declínio. Isso porque o psicopata do coração é um homem impulsivo, não mensura riscos de forma adequada e tem um planejamento de vida megalomaniaco e inconsequente. Ele pensa grande, mas deseja tudo de forma imediata, portanto, não tem paciência para esperar que seus negócios se desenvolvam.

A maioria dos psicopatas do coração não avaliará os custos que terá para sustentar amantes e passeios, gastos com jantares e viagens, nem possui responsabilidade suficiente para se determinar a trabalhar de maneira regular para equilibrar lazer e vida profissional. Portanto, seu sucesso financeiro é quase sempre temporário.

A inteligência que possui para racionalizar situações e montar estratégias lhe possibilita iniciar novos projetos profissionais após o declínio, que logo atingem patamares positivos, para depois de um breve período entrarem novamente no ciclo dos altos e baixos.

Há psicopatas do coração que não prosperam e que não possuem inteligência aguçada para o âmbito dos negócios, mas a maioria deles procede dessa forma, atingindo um excelente sucesso profissional para depois irem à bancarrota.

O PSICOPATA DO CORAÇÃO E O SEXO

O psicopata do coração é um predador compulsivo diário na conquista de relacionamentos amorosos e é viciado em levar para a cama o máximo número de mulheres. Existem duas explicações para o fato de ele agir assim. A primeira delas é que essa é uma forma de agredi-las indiretamente sem sanção. Ele faz isso como um modo de vingança inconsciente, pelo fato de saber que ele é inadequado a elas. A maioria dos psicopatas do coração deixa a desejar sexualmente e sabe disso, ou pelo menos pensa que é assim. Quase sempre ele é frustrado com o tamanho de seu pênis ou com sua ereção. A segunda explicação é a satisfação do seu ego. O ganho do psicopata do coração é enganar pessoas através das relações amorosas.

Saiba de algo inusitado: apesar de toda a vasta experiência sexual com mulheres, o psicopata do coração não é um bom amante, pois ele passa a maior parte do tempo centralizado nele ou na ereção, que ele tenta manter o máximo de tempo possível, não para o prazer de sua parceira, mas como forma de massagear o seu ego. Ok, muitos homens normais também fazem isso, mas no caso do psicopata do coração isso é mais acentuado. E ele não está dando prazer à mulher, ele está somente se dando prazer, esse é o seu objetivo final em toda e qualquer relação sexual; a mulher é um detalhe, mesmo que não pareça. É como se o psicopata do coração mantivesse relação sexual consigo mesmo.

Quando ele a penetra, ele se sente dominador, soberano e poderoso. E quando ele consegue isso sem preservativo, então, ele levanta o troféu, pois conseguiu a entrega total da mulher e a confiança dela nele.

E o que torna tudo muito irônico é que os psicopatas do coração, mesmo não sendo bons de cama, sempre possuem muitas mulheres com interesse em manter um relacionamento com eles.

Mas o que faz, então, com que isso aconteça? Essa deve ser a sua dúvida. Dois aspectos fundamentais explicam essa situação. Apesar de serem sugadores da energia sexual alheia e por vezes não satisfazerem suas parceiras, eles são extremamente envolventes e sabem muito bem como manejar os mecanismos de uma boa conquista. Os psicopatas do coração são homens sedutores. O segundo aspecto é que a imensa maioria das mulheres está procurando alguém para amar e não só para transar – e os psicopatas são bons na ilusão do amor, logo, elas acreditam que encontraram um amor de verdade e o sexo torna-se secundário, sem tanta importância em face do romance que lhes foi prometido. Ou seja, muitas vítimas de psicopatas do coração simplesmente suportam o padrão sexual deles porque desejam manter aquilo que para elas ainda é mais importante: o amor.

Muitas das vítimas com quem conversei no Consultório de Amor e Sexo confessaram que tinham poucos orgasmos; algumas não experimentaram nenhum durante o relacionamento, mesmo quando ficaram envolvidas durante anos. Poucos são os psicopatas do coração que dão prazer real às suas vítimas; isso porque o egocentrismo deles faz com que pensem somente em si. O prazer que elas sentem, muitas vezes, durante o ato sexual, é da emoção de estar em intimidade com a pessoa que amam e por quem elas têm atração sexual, mas não porque ele

entende de sexo e seja um conhecedor hábil do corpo das mulheres. No fundo, os psicopatas do coração são bons conhecedores dos mecanismos de manipulação do ser feminino.

Um psicopata do coração pode até ser atencioso sexualmente no início, mas você perceberá com o tempo que ele trata as mulheres ora por objeto sexual, ora por escravas sexuais, como se elas tivessem obrigação de servi-lo. E as mulheres vítimas de um psicopata do coração fazem exatamente isso, passam a ser suas prestadoras de serviços sexuais, na quantidade que ele deseja, na maneira como ele gosta e quando ele quer.

A outra pergunta é: por que elas permitem isso? Como já falamos anteriormente, carência e medo da perda são as principais respostas. E o psicopata do coração escolhe justamente mulheres com esse perfil.

Caso você tenha sido uma vítima, recorde-se daquelas noites de amor que teve ao lado de um psicopata do coração e em que você pensou que era extremamente desejada por ele. Agora esqueça-as. Não passaram de uma ilusão. Você não foi desejada pela mulher que é, mas sim pelo objeto sexual que ele via em você. E com o mesmo desejo ele possuiu outras mulheres, de igual maneira.

Uma pessoa normal aprecia sentir-se conectada ao outro de alguma forma numa relação sexual. O psicopata do coração não precisa, ele não se importa e não sente diferença se há conexão ou não. Para ele o importante é ejacular. Importante é parecer ter poder durante o ato sexual. O importante é comandar. Desejar e obter. Não existe diferença para ele entre fazer amor, sexo ou meramente realizar um coito, tudo é a mesma coisa.

Embora muitas vezes ele teatralize ao fazer amor com sua vítima, tudo não passou de uma encenação. E não é nada incomum um psicopata gemer falsamente durante a relação sexual, afinal, ele sempre quer passar a imagem de que é um homem muito mais viril do que imaginam que ele seja. Isso alimenta mais ainda seu ego insaciável. É normal um homem ter ego, qualquer pessoa tem, incluindo mulheres. Mas o do psicopata é muito maior, aliás, seu ego consegue ser maior do que ele próprio.

Entenda algo: um psicopata do coração sempre tem um distúrbio sexual, embora você não saiba. E suas fantasias sexuais sempre envolvem perversidades, apesar de ele não praticá-las com você ou com todas as suas vítimas. Um psicopata do coração sente excitação com sexo não convencional. Pode ser com pessoas do mesmo sexo, com crianças, com transexuais ou travestis, pode ser através de orgias, sadismo, zoofilia, coprofilia, enfim, qualquer maneira incomum de se relacionar sexualmente e sentir prazer. O sexo tradicional não o satisfaz completamente, ele sente necessidade de abusar, seja através da quantidade, seja através da forma como faz, seja pelo risco de disseminar doenças sexualmente transmissíveis.

Nilson era soropositivo. Ele era casado com Silvana e tinha uma amante, Solange, uma leitora de meus livros que me escreveu no Consultório de Amor e Sexo. Nilson já havia infectado a esposa, já sabia da sua condição de doente quando conheceu Solange, estava ciente de que precisava de tratamento, e mesmo assim não se importou de infectar Solange, bem como não se importava com o fato de não tratar a si mesmo. Ele tinha ciência de que, embora já estivesse contaminado pelo vírus do HIV, não deveria fazer sexo sem preservativo com ninguém, nem mesmo com sua esposa ou com a amante já infectadas, para não se contaminar com as várias

mutações do vírus, o que compromete o quadro de saúde de um portador de HIV. Nilson não se importava nem mesmo com sua própria saúde. Ele infectou propositalmente outras mulheres também, em suas traições constantes, e colocou a culpa em Solange quando ela adoeceu. Minha leitora ficou sabendo posteriormente que a esposa de Nilson já estava em tratamento dois anos antes de Solange tê-lo conhecido. Nilson, inclusive, alegava que não se tratava porque acreditava não precisar de tratamento e ser autossuficiente. Falava que eram “trouxas” todos os que se submetiam a tomar diariamente o AZT e ter as reações adversas do início do tratamento. Nilson morreu de aids no início deste ano, e infelizmente contaminou seis mulheres.

O PSICOPATA DO CORAÇÃO E A INTERNET

A modernidade possibilitou que conhecêssemos outras pessoas e nos relacionássemos de forma impessoal – se isso é bom ou não, não entraremos nessa questão agora, o fato é que a maneira de se iniciar um relacionamento atualmente é diferente de duas décadas atrás, e muitas pessoas o fazem através da internet, algo tido como natural hoje em dia.

Na verdade, o mundo virtual não chega a ser um mundo à parte, tampouco um mundo tão diferente do mundo real, até mesmo porque tudo aquilo que acontece no mundo real também acontece no virtual em termos de relacionamento.

Se você acha que isso é inaceitável ou não, não importa, mas é fato: pessoas namoram, fazem sexo, fazem amizade, assumem compromissos sérios, fazem planos para o futuro, separam-se e fazem confidências umas às outras, da mesma maneira como isso também ocorre no mundo real.

Na verdade, o virtual é também o mundo real, porém, tudo nele ocorre com maior velocidade e dinamismo, visto que a tecnologia pode aproximar as pessoas de maneira muito rápida, independente da distância.

Os psicopatas do coração, assim como no mundo real, também se encontram no mundo virtual, porque psicopata é como erva daninha a proliferar pelo mundo – onde houver um ser humano cheio de boa vontade, haverá um psicopata tentando parasitá-lo.

A internet possibilitou, sim, que muitas pessoas encontrassem seus pares, pessoas apaixonaram-se de verdade através dos sites de relacionamento e casaram-se com pessoas que tinham as mesmas intenções reais de conhecer alguém para amar e dividir a vida.

Sites de relacionamento funcionam, sim! Eu conheço quatro pessoas que se casaram com pessoas que conheceram em sites como Par Perfeito, Match, be2, entre outros, como também conheço gente que conheceu outras pessoas nesses sites e não teve o mesmo resultado, encontrando somente relações problemáticas. Assim como na vida real.

Mas preciso alertar você para um fato: esses sites também são uma mesa farta para psicopatas do coração, porque eles estão recheados de pessoas carentes, ávidas para encontrar alguém para serem amadas e amar, e a vontade de que esse desejo se realize é que faz muitas vezes com que a vítima caia na rede do psicopata do coração.

O psicopata do coração sabe que nesses espaços a chance de cativar suas futuras vítimas é grande, além de ser potencializada, pois em um mesmo dia ele pode conquistar e seduzir muitas pessoas ao mesmo tempo.

Portanto, cabe a você proteger-se desses indivíduos. Não estou dizendo para você não fazer perfil nesses sites, até porque, mesmo negando-se aos relacionamentos via internet, você pode conhecer um psicopata do coração em uma situação normal de sua vida. O que eu sugiro é que você olhe para alguns itens que são importantes na hora de avaliar um pretendente na internet, como o fato de ele parecer demasiadamente atraente e ter um perfil perfeito demais.

O psicopata do coração sempre pensa que é um ser melhor do que os outros e ele claramente passa essa imagem em seu perfil, e como um egocêntrico que é, irá parecer 100% ideal,

desejável, superior, um partido como poucos e acima de qualquer suspeita.

Observe também a data de ingresso dele no site. Aqueles perfis de datas longínquas podem não ser de psicopatas do coração, mas são indício de algum problema. Pertencem, em sua maioria, a homens que estão apenas se divertindo e aproveitando o lago farto de sereias desesperadas por relacionamentos, em que a cada semana eles procuram sair com alguma diferente sem nunca assumir um relacionamento com ninguém. Haverá exceções, claro, mas fique atenta, porque a maior probabilidade é de que o usuário do site não leve muito a sério seus encontros, mantendo seu perfil como interessado em encontrar alguma mulher a fim de continuar o assédio.

Cuidado com perfis de pretendentes que dizem prontamente aquilo que você quer ouvir. Talvez o termo mais comum e fácil de envolver uma mulher seja “princesa”. Um psicopata do coração sabe disso, comumente usa essa palavra. Nem todo mundo que irá se referir a você como princesa terá essa intenção, claro, mas é bom você estar atenta para as armas de sedução que são como jargões.

Uma dica: se você for usuária de sites de relacionamentos, faça dois perfis muito similares, e não adicione pretendentes, espere que eles venham até você, para que não sejam levantadas suspeitas. Quando se interessar por alguém, observe se ele não adiciona os dois perfis e se por acaso não passa a jogar com “as duas” igualmente. Se puder, faça três perfis – dois similares e outro bem distinto. Os psicopatas do coração atacam em série; eles são tão imediatistas e gananciosos que não conseguem iludir apenas uma mulher por vez, eles o fazem com o máximo de mulheres que conseguirem.

Atenção: há muitos homens casados que buscam mulheres em sites de relacionamento sem lhes contar a verdade, portanto, um ponto positivo é quando o pretendente possui telefone residencial e, depois de um certo tempo de conversa, o passa sem problemas.

Os psicopatas do coração sempre querem tudo muito rápido, sempre oferecem de bandeja tudo aquilo que você desejaria sentimentalmente de um homem; antes mesmo que você peça ele já lhe “deu”. O psicopata do coração sempre promete relacionamento sério. Ele sabe que assim é mais fácil ter você. Sim, você pode muito bem ser uma mulher linda, encantadora e com quem muitos homens desejem se casar – não é impossível que alguém se apaixone em 24 horas por você. Aceite a declaração, porém, aconselho você a somente engoli-la se pessoa tiver atitudes coerentes com o que fala. Não engula assim que lhe oferecerem o que você busca, porque pode ser um bolo bem estragado enfeitado com o merengue mais lindo que os seus olhos podem querer comer.

Não deixe que seu coração torne seus olhos cegos. E confie muito em sua intuição. Sabe aquele feeling que bate lá no fundo e que muitas vezes as mulheres se negam a ouvir? Feeling é inerente à natureza humana, e nas mulheres ele se encontra de forma mais desperta ainda do que nos homens, portanto, ouça sua voz interior, ela lhe diz muito. Aquele primeiro insight que você tem em determinados momentos costuma ser real. Depois a mente racional entra em ação e tenta dar lógica, dizendo: “Não, não pode ser, é imaginação”.

O QUE FAZER QUANDO SE É VÍTIMA DE UM PSICOPATA DO CORAÇÃO?

Infelizmente, esses seres estarão com a humanidade para sempre. Você pode retirá-los da sua vida, mas não pode retirá-los por completo da sociedade. Então, a primeira coisa que você precisa fazer é saber identificá-los. E a segunda coisa é saber se afastar, não ter nenhum contato ou nenhum tipo de envolvimento com eles.

Se você puder criar uma maneira de essa pessoa não ter qualquer tipo de acesso a você e à sua vida, não pense duas vezes sobre essa possibilidade. Desconecte-se de redes sociais como Orkut e Facebook se você é vítima de um psicopata do coração, seja de que grau ele for; troque seu número de telefone, participe de novos grupos de amigos, vá a locais de lazer diferentes dos que você antes frequentava e não procure saber notícias dele. Entenda definitivamente que você precisa se desconectar dessa energia negativa de sua vida de uma vez por todas.

Entenda algo importante: para se livrar de um psicopata e fazer com que ele deixe você de lado e não a procure mais, você deve esquecer o seu orgulho. Faça o papel de uma pessoa que está com sérios problemas emocionais e financeiros quando ele vier até você. Dê a entender que você está muito mal sob vários aspectos da vida, pareça estar gravemente enferma, em depressão, diga que teve grandes perdas na vida e que está desiludida com o mundo. Um psicopata fica bem e deixa de perder tempo com a vítima quando percebe que ela chegou aonde ele desejava vê-la: no fundo do poço. Assim ele imagina que seu objetivo já está de certa forma concluído e então ele vai em busca de outra vítima. O importante não é lhe dar o troco pelo que ele causou em você, é livrar-se dele.

Deixar o psicopata do coração pensar que você está enfraquecida lhe dá tempo para que você se fortaleça devidamente e siga sua vida. Seu objetivo agora é recuperar a sua paz e reconstruir-se como pessoa.

Ouçá-me, será muito importante mesmo abandonar seu ego e seu orgulho, pois, quando se trata dos benefícios de extinguir de sua vida um psicopata, nada disso tem valor. Reflita da seguinte forma: aquilo que um ser degenerado como ele pensa a seu respeito não lhe importa, não tem sentido algum para você e não vale a pena saber nem se preocupar. Pouco acrescenta em sua vida uma preocupação tola quanto a imagem que um psicopata do coração tem de você. Importante é você salvar-se o mais rápido possível para recomeçar sua vida.

Há casos em que perdura no psicopata, mesmo após o abandono e de ele ter consciência do grau de destruição emocional e física de sua vítima, a vontade de aniquilação total da presa, mas isso só ocorre com a minoria, a maioria deles contenta-se em abandoná-la fragilizada, vulnerável e infeliz. O desejo dele é que você padeça.

Para a sorte da humanidade, a maioria dos psicopatas do coração é do tipo leve e moderado, lembrando, é claro, que mesmo os níveis mais baixos de psicopatia são capazes de grandes estragos na vida alheia.

O psicopata é um ser tão vil e invejoso que não ficará nada feliz em saber que você está bem, e uma vez descontente com seu progresso existencial sem ele, irá praticar algo na tentativa de destruir você, irá fazer algo que a incomode, que tire a sua paz ou no mínimo que a diminua diante da sociedade. Um psicopata inconformado com o bem-estar de sua vítima torna-se obcecado pelo mal-estar dela. Então, seja uma pessoa mais inteligente do que egocêntrica e não deixe a sua vontade de mostrar a ele que você está bem impedi-la de recuperar a sua paz. O importante não é esse indivíduo reconhecer o que perdeu – mesmo porque um psicopata jamais reconhece um erro –, o importante é ele desaparecer completamente da sua vida. Além do quê, o fato de ele reconhecer a fortaleza de sua pessoa não a deixa livre desse parasita. Reconhecer que perdeu não faz com que ele peça desculpas, não faz com que se arrependa e muito menos impede que ele faça com outra pessoa o que fez com você.

E não tente se vingar de um psicopata. Meu caso foi um caso à parte, bem à parte. Não recomendo que você busque um meio de devolver moeda por moeda do que ele lhe fez; deixe que a vida faça isso com ele, porque de uma forma ou de outra ele sempre terá o que merece. Pode não ser hoje, mas as consequências com certeza ele sofrerá. Independente do tempo que demore, um psicopata do coração sempre se dá muito mal. Eu já tive provas nesta vida e por isso acredito numa premissa: de que ninguém sai impune deste planeta. Nem eu, nem você, nem ninguém e muito menos eles.

Também recomendo que você não faça nada contra o psicopata, mesmo ele tendo feito tudo contra você, porque você iria precisar de uma dose alta de muita racionalidade e teria de ser uma pessoa psicologicamente bem estruturada para conseguir executar tudo o que tiver planejado contra ele, além de sobreviver aos ataques que viriam depois que você revidasse. Além do mais, pode ser que você ainda tenha sentimentos controversos em relação a ele, que ao perceber sua reação irá novamente tentar seduzi-la, para logo depois destruí-la. E não estando bem resolvida você poderá terminar novamente nas garras desse predador, portanto, a fuga ainda é a melhor saída. Não se trata de covardia da sua parte, trata-se de inteligência, encare dessa forma. Você precisa se desconectar de toda essa energia negativa, obscura, pesada e desgastante. Só assim você conseguirá encontrar a paz e a felicidade. Não há outra forma.

Há ainda aqueles psicopatas do coração que perseguem e assassinam suas vítimas, as quais se recusaram a estar com eles novamente e que demonstraram claramente estar dando a volta por cima. O psicopata do coração, quando percebe que a sua vítima encontrou outra pessoa tão logo terminou o relacionamento com ele, tende a se vingar. Não nos esqueçamos de que eles são frios por natureza e vingativos por alma, se é que psicopata do coração chega a ter alma, portanto, eles não se importam.

A grande maioria das vítimas de um psicopata está emocionalmente aniquilada e sem condições de reagir quando o relacionamento chega ao fim. Uma vítima de psicopata do coração, no final da relação, geralmente encontra-se em estado de confusão mental, sem definir nem analisar de maneira correta o que sente e pensa. E uma presa doente nunca deve entrar em combate, deve refugiar-se para se curar.

A história que aconteceu comigo e que lhe contei é quase única. Alguns fatores contribuíram para isso. É uma característica pessoal minha saber separar o emocional do racional em

situações em que isso se faz necessário, mas dificilmente as pessoas conseguem fazer isso. Não, eu não sou uma pessoa fria, sou uma pessoa controlada em situações de estresse alto, além do mais, treinei para isso durante muitos anos, em razão do meu histórico de vida na profissão do sexo. Sem contar que somado a isso eu tive o fator sorte à minha disposição. Ou podemos também pensar que era chegada a hora de aquele maluco que se envolveu comigo ter o que merecia e então o universo todo resolveu conspirar. Eu fiz o que fiz não somente por uma questão particular, mas por algo que vai muito além de mim, FIZ ISSO POR TODAS AS MULHERES DO MUNDO. Não, um psicopata do coração não deve sair ileso. E ele nunca sairá, mas deixe isso nas mãos de quem tem condições de enfrentá-lo; concentre-se agora em você e em sua cura. A vida se encarrega dele...

Então, por favor, não tome esse caminho que tomei, falo isso para você de coração, porque as chances de você conseguir ter sucesso no plano que tiver contra ele são muito pequenas, já que ele irá ocupar o lugar de vítima e você terá de ser uma mulher muito forte para não cair na armadilha, evitando misturar sua imagem atual às primeiras imagens que você um dia formou dele, quando se apaixonou. E isso é muito difícil, porque o seu coração é bom e vai querer pensar que o homem real é o homem arrependido. E mais ainda, esse seu bom coração pode, inocente e tolamente, querer ajudá-lo. Então não se arrisque, o lugar mais seguro para você é a léguas de distância dele.

Como já falamos antes, não perca o seu tempo; nada do que você fizer irá surtir efeito algum sobre um psicopata do coração, porque no fundo ele não quer mudar e não vê para si caminho diferente daquele que já trilha. Ele quer apenas continuar existindo para dar continuidade com liberdade à sua irracional razão de ser. E não existe nenhum caso relatado – preste atenção, NENHUM – de um psicopata que tenha se tornado uma boa pessoa. O melhor psiquiatra do mundo não conseguiu reverter esse quadro. Afinal, ninguém consegue tratar alguém que acredita que não tem problema algum e que pensa que é quem está certo no universo inteiro e que todo o resto dos habitantes deste planeta são pessoas com inteligência bem inferior à dele.

Só o que cabe a você fazer é esquivar-se do sujeito, e se você for obrigada a ainda ter ligação com ele, que seja judicialmente, em questões de separação de bens, para as quais existem advogados para intermediar a ação e você não necessita se comunicar com ele. Se você foi vítima de espancamento, denuncie-o com base na Lei da Maria da Penha.

Psicopata não deixa de ser psicopata por medo de autoridade, mas o fato de existir polícia e jurisprudência o intimida em determinadas situações. O medo da sanção, da perda da liberdade e da quebra da imagem social intimida o psicopata de grau leve, mas o arrependimento dele nunca será pelo que fez a você, mas pelas perdas sociais decorrentes de sua atitude. Polícia e juiz não os fazem mudar nunca, embora sua presença diminua seu campo de atuação em relação a quem os denunciou.

Este livro também é um convite a todas as mulheres que foram espancadas pelos psicopatas do coração ou por homens “comuns”, ou que levaram golpes financeiros ou que recebem ameaças reais à sua integridade física e emocional, para se dirigirem à delegacia e darem entrada em processos cíveis ou criminais, exigindo das autoridades a proteção que lhes é devida pela segurança pública e o ressarcimento financeiro. E não retire sua queixa sob ameaça por parte do

psicopata do coração, porque se com a presença da polícia já é difícil afastá-lo de sua vida, sem ela isso é quase impossível.

Se você tem filhos com ele, limite-se aos dias de visita, escolha um bom advogado para intermediar a pensão e evite discussões verbais. Isso será muito desgastante para sua pessoa e dificilmente surtirá algum efeito. Não adianta discutir com um psicopata do coração, ele irá jogar enquanto estiver discutindo com você por horas a fio na tentativa de confundi-la mentalmente, de desgastá-la até que você desista ou de enganá-la com falsas promessas, que jamais serão cumpridas. Além do quê, psicopata do coração nunca tem intenção de dar o braço a torcer. Ele não a respeita, portanto, é bem provável que ele não acate pedidos seus justamente com o objetivo de agredi-la de alguma forma. E não se surpreenda se ele se afastar de seus filhos, porque é um fato, psicopata não possui elo amoroso com ninguém. Quando ocorre uma separação, ele se desconecta facilmente de toda a família. Ele pode falar do amor que sente pelos filhos, mas você perceberá que as suas atitudes não condizem com o que ele fala.

Se ele a abandonou, diga nesse momento: OBRIGADA! Porque ter sido largada por ele, mesmo que você esteja com sua vida emocional e até financeira deteriorada, é considerado uma verdadeira benção. Mesmo que doendo emocionalmente, agradeça, pois saber que ele não faz mais parte do seu mundo é uma dádiva. É um presente divino você estar livre para recomeçar, ter possibilidades de crescer novamente na vida, tomar novos rumos e deixar todo esse lago negro para trás, como sombra de um passado que a partir de um dado momento não lhe pertence mais. Saiba que você se livrou de um câncer em sua vida, portanto, não chore por ele. Entenda claramente que na vida há situações em que, quando se perde, se ganha.

Você precisará treinar a sua mente para não entrar naquele redemoinho de pensamentos sobre o que houve, sobre ele, sobre os motivos, sobre determinadas situações que viveu com ele, porque você poderá passar milhares de noites tentando encontrar a resposta, mas só haverá uma que lhe explique por que ele é assim e por que fez com você o que fez: ser mau é a natureza dele.

Então dilua os pensamentos negativos de sua mente, projete-se no futuro. Ele é o passado de água suja e parada, e enquanto sua mente estiver conectada àquela situação você estará vivenciando tudo de novo emocionalmente e assim o moinho da sua vida não vai girar. Relembrar e refletir sobre ele não faz bem, não acrescenta, não cura e não torna sua vida melhor.

Seu lema agora é retirar da sua vida os resquícios do que ele causou, seu lema agora é tornar-se uma versão melhorada de você mesma através da superação. Seu lema é voltar a acreditar em você, sentir-se viva novamente e agarrar a vida com o que de melhor ela lhe oferece e voltar a ter todos aqueles sonhos que lhe foram tirados. Sim, você vai voltar a acreditar no amor, nas pessoas e, mais importante, você voltará a acreditar EM VOCÊ!

Porque você pode, você quer e você consegue! Existem milhares de mulheres que superaram relacionamentos doentios e dilaceradores com psicopatas do coração e que encontraram a felicidade após a superação. Tenho inúmeras leitoras que hoje estão tendo vida nova e relacionamentos saudáveis mesmo após terem experimentado a “vida” ao lado de psicopatas do coração. E se essas mulheres puderam, então você também pode!

Os homens bons existem. Como lhe falei, a humanidade está a salvo porque os psicopatas são a minoria neste planeta e, portanto, existe muita chance de você se relacionar com alguém legal. Mas veja, parte de você se relacionar com alguém legal; vai depender de você também ser legal com você mesma, de você se libertar do seu passado, de se dar oportunidades, não ficar atrelada a traumas e, é claro, ver os homens como eles realmente são, sem ilusões, sem desvalorização nem supervalorizações. Você precisa vê-los com os olhos da realidade.

Por isso estou aqui com você agora, para fazê-la entender melhor quem são os homens bons, uma vez que você já sabe quem são os maus, e a partir dessa distinção saberá lidar melhor com eles, fazer as escolhas certas e experimentar relacionamentos ao lado de pessoas legais, em que o respeito mútuo está acima de tudo.

QUEM SÃO OS HOMENS BONS?

A primeira coisa que você deve entender é que ser um bom homem não significa ser santo. Aceite, não existem santos entre nós. Você não é uma santa, portanto, seu par ideal também não será, mas será alguém que compartilhe dos seus ideais de vida e daquilo que você interpreta por ser respeito, relacionamento e amor.

Príncipes não existem. Risque esse modelo de sua vida, não viva mais na ilusão esperando por aquele homem encantador e encantado, diferente dos demais homens, que esteja acima de qualquer espécie de ser e dotado de romantismo, compreensão profunda sobre o universo feminino, fidelidade extrema e beleza descomunal, porque, se você achar alguém com essas características, provavelmente será um psicopata ou um gay.

Sabe, é hora de nós, mulheres, acordarmos para aquilo que é real. Desculpe se agora irei magoar e se de repente irei terminar com algum sonho seu, não é essa a minha intenção, o que eu pretendo é mostrar a você um caminho que lhe dê condições de ser feliz em um relacionamento e de encontrar um cara legal para estar com você.

Sonhar é bom, faz parte da vida e é necessário – uma vida sem sonhos não é vida, mas sonhar é diferente de viver na ilusão, e isso não é bom. Existe diferença entre sonho e ilusão.

Sonhar significa fazer uma projeção daquilo que se quer e se imaginar dessa forma, vivendo o projeto em sua mente enquanto você percorre o caminho em busca do objetivo. Já iludir-se significa vivenciar aquilo que não existe e que não tem a menor possibilidade de acontecer, enquanto você se apoia na esperança e percorre um caminho cujo objetivo é inatingível. Sonhos são possíveis de serem realizados e se transformam em realidade; uma ilusão nunca deixará de ser uma ilusão.

E como saber quando é um sonho e quando é uma ilusão? Pelo percurso que você está fazendo. Sempre há sinais ao longo do caminho. Você pode não vê-los imediatamente, mas poderá percebê-los mais à frente, então, não negue os sinais de que é uma ilusão quando eles surgirem e quiserem tirar você do seu estado ilusório. Querer negar a realidade pode ser uma autodefesa, afinal, muitas vezes a ilusão é algo tão bom que ninguém quer acordar, mas saiba que inevitavelmente – e eu estou falando muito sério aqui – a ilusão, mais dia ou menos dia, leva a pessoa ao doloroso sofrimento emocional, e o grau do sofrimento será de acordo com o tempo que você se permitiu viver na ilusão. Então, quanto antes uma pessoa tomar a vacina da realidade, menos ela sofrerá.

Acredite, a realidade pode ser algo muito bom. Não como a mágica purpurina da ilusão, mas algo bom no sentido de ser verdadeiro.

Ah, a ilusão! Pois bem, aí é que está o erro das mulheres em relação aos homens, talvez o

primeiro deles, por onde tudo começa: o sonho de Cinderela.

Observe a infância feminina, ela é a base para muitas das nossas condutas e atitudes na fase adulta. O tipo de relação que uma mulher tem com a figura masculina durante sua infância é que determina em grande parte a relação que ela terá com os homens na fase adulta, bem como tudo aquilo que a cerca no período da infância/juventude.

Ouvimos, quando pequenas, as histórias de Cinderela, Branca de Neve e Gata Borralheira – e observe um fator interessante nessas histórias: em todas elas, somente no final, depois de a mulher sofrer (e sofrer muito!) é que a princesa encontra um príncipe lindo, perfeito, forte e que a carrega nos braços. Um homem sensível e delicado, que é capaz de qualquer coisa por ela! E somente depois de muito sofrimento (pseudomorte, lágrimas e dor física) é que a personagem recebe o presente de sua vida: o Príncipe Encantado! Como se ela não fizesse mais nada na vida além de esperar desesperadamente por ele.

Observe que essas histórias transmitem a ideia de que a princesa tem de ter resignação, paciência e suportar várias situações, para só no final ser feliz. E é a partir desses contos de fadas que começamos a criar nosso modelo de homem e um ideal de casamento e relacionamento para nossa vida toda.

E, por incrível que possa parecer, muitas mulheres agem da mesma forma que as personagens dos contos de fadas. Elas aceitam, entendem como normal e até se deixam sofrer muito na expectativa do grande dia em que serão felizes nos braços de alguém, logo, muitas mulheres incorporaram a suas vidas o pensamento de que amar é sofrer.

Uma reportagem da revista Veja de setembro de 2010 mostra uma pesquisa referente aos casamentos de mulheres entre 20 e 25 anos, mostrando que elas estão focadas não em quem o parceiro é, mas no ritual do casamento, ou seja, no sonho do vestido de noiva, das daminhas, da igreja, da valsa, da festa e dos convidados. É como se fosse o dia em que elas irão se tornar princesas, ou seja, a comprovação da realização do seu conto de fadas.

Agora observe os homens e o que acontece com eles na infância: a mãe não lê para o filho essas histórias, eles vão ouvir a história de Chapeuzinho Vermelho e o Lobo Mau. Então o menino irá se ver como o Lobo Mau, querendo comer Chapeuzinho, a vovozinha e até o caçador – isso quando ele também não quer comer os três porquinhos!

Outras vezes as mães lerão para eles a história de Peter Pan, e ele é quem mesmo? Aquele que nunca quer crescer! O eterno menino irresponsável.

Você está percebendo como as histórias infantis se refletem em nossas vidas no futuro?

O que vamos fazer nesta última parte do livro é um trabalho de desconstruir antigos preceitos errôneos sobre homens, sobre relacionamento e mulheres, quebrar esses paradigmas ultrapassados e que até agora foram a base para suas relações afetivas com os homens, para então lhe apresentar novamente os homens, os relacionamentos e as mulheres sob um novo conceito, uma construção mais real, menos enfeitada e muito mais compatível com quem quer ser feliz. Porque no conto de fadas que as mulheres criam para as suas vidas, por incrível que pareça, o final nunca é como nos livros, porque mesmo após esperar, sofrer e ter inúmeros momentos de abnegação e coração partido, nem com tudo isso o príncipe aparece, e quando aparece ele surpreendentemente vira um sapo, assim, ela o beija e ele vira sapo...

Então vamos lá, amiga, vou lhe proporcionar mais descobertas ainda, porque eu tenho coisas fantásticas pra lhe contar e que vão fazer você ficar de boca aberta e só largar este livro quando não puder mesmo continuar a leitura.

INICIANDO DESCOBERTAS

Uma coisa superimportante que você precisa saber é que os homens não são inteligentes como você pensa que são. As mulheres, sim, são inteligentes, só que quando estão apaixonadas, e portanto cegas, conseguem ser menos inteligentes do que eles.

Homem é um ser básico. Complexas são as mulheres. Pense em homens como sendo pessoas apenas com duas cores: ou eles mostram o lado white ou mostram o lado black. Já mulher é colorida, mulher tem nuance, mulher tem tom, mulher acorda amarela e no meio do dia vira rosa, fica vermelha no entardecer e anoitece azulada. Mulher tem várias dentro dela, mulher é que é difícil de entender. Homem é fácil, superfácil. Mulher pode ter qualquer reação inesperada, as mulheres são loucas, amigas, um homem nunca sabe ao certo o que esperar dela.

Eu não tenho medo de homem, eu tenho medo é de mulher, até mesmo porque fazemos coisas absurdas e históricas em nome de amor e de um homem. Mulher tem fórmula secreta indecifrável, já os homens são quase todos parecidos. E digo isso sem interrogações de espécie alguma. É que a essência que os forma modela a maior parte de todos eles.

Pense comigo em homem como se fosse uma árvore. A raiz dele é enorme, todos os homens têm a mesma raiz e é basicamente a raiz que os forma. Depois é que vem o caule, sendo uns fracos e outros fortes, e depois a copa, com alguns dando frutos bons e outros dando frutos estragados. E só isso é um homem, é bem assim a explicação, básica, direta e bem clara.

Eu digo que mulher tem a raiz igual, da mesma forma que o homem, claro, porque as mulheres são iguais em essência. Mas a raiz não é a maior parte, e então vêm as variações de tipos de caule, com frutos de todas as espécies, flores e espinhos por todo lado; mulher é mata amazônica completa, com inúmeras flores exóticas e plantas ainda desconhecidas, tudo em uma única árvore.

Então, amiga, não é você que tem problemas em entender o outro lado, complicado é ele entender a sua complexa mente e suas atitudes inesperadas, ainda mais agora que você está com este livro em suas mãos para ajudá-la a decifrá-los. Difícil é você também se entender, mas a partir de agora os homens serão desvendados para você, além do quê, vou apresentar um pouquinho mais de você para você mesma.

E você deve estar aí se perguntando que, se eles são tão fáceis assim de serem compreendidos e nós, mulheres, somos tão complexas, por que é que os homens sabem como “conquistar” as mulheres e elas nem sequer conseguem entender os homens?

É porque eles jogam, amiga. OS HOMENS JOGAM. E jogam baseados naquela pequena raiz que é igual, em essência, para todas as mulheres, e somente baseados nessa pequena raiz é que eles conseguem montar estratégias e fazer jogadas fenomenais.

E a raiz inerente a todas nós, mesmo naquelas mulheres que se parecem com homens e demonstram ser racionais, é o romantismo e a busca pelo príncipe encantado. No fundo toda mulher quer viver um grande amor. Acredite, Dilma Rousseff, Hillary Clinton, Cristina Kirchner ou qualquer outra mulher poderosa têm isso dentro de si, nem que seja lá no fundo. E os homens

sabem muito bem disso! Mulher vive de alimentar sonhos.

E aquela grande raiz inerente a todos os homens, sendo eles bons ou maus, é o seu ego. Homem quer conquistar (seja um título, seja mulher, seja objetivo, carro, emprego ou mesmo o mundo) e quer mostrar para si, e se der para os amigos também, que ele pode conseguir e ter o que deseja. Homem vive de alimentar ego. E acredite, Padre Marcelo Rossi também é assim.

Entenda que, enquanto você quer ser a Cinderela, ele não está nem aí.

Concluindo: seu príncipe encantado não existe e dificilmente irá querer a Cinderela; no final da história, o sonho dele é conquistar a Juliana Paes, porque ela é um objetivo alto demais.

A maioria das mulheres não sabe disso, e por isso não sabe como agir com os homens. Além do quê, a a mulher dificilmente joga, porque geralmente ela entra de cabeça, se apaixona, quer dar tudo de si, fazer a entrega do amor e demonstrar seus sentimentos. Mulher já quer deixar tudo definido, pegar o título de namorada e, se der, casar para garantir a vaga! E, na ânsia de querer tudo, ela quase sempre coloca o início do relacionamento a perder. É como falei, uma mulher apaixonada consegue ser menos inteligente que os homens.

E os homens só se saem melhor nos jogos de relacionamento porque demoram mais tempo do que as mulheres para se apaixonar, porque não estão tão desesperados assim para garantir a vaga e também porque veem tudo de uma forma mais clara, menos fantasiosa e, portanto, conseguem captar a intensidade da entrega da mulher e, com isso, jogar mais ainda. Por demorar mais tempo para se apaixonar ele consegue pensar melhor.

Ter a certeza de que a mulher se entregou faz com que ele se sinta seguro e com a sensação de que o objetivo foi alcançado, e muitas vezes sem que ele tenha feito muito esforço.

OS HOMENS ENGANAM NO AMOR PARA CONSEGUIR SEXO, ENQUANTO AS MULHERES ENGANAM NO SEXO PARA CONSEGUIR AMOR

Nunca se esqueça disso, pois essa é a diferença fundamental entre o modo de agir dos homens e das mulheres no âmbito dos relacionamentos.

Os homens sabem o quanto as mulheres querem viver um romance, logo, eles as deixam pensar que estão vivendo um. Com isso o homem sabe que ela, para manter essa possibilidade de relacionamento, irá transar com ele e dedicar-se ao sexo para mantê-lo. A mulher, por sua vez, irá usar o sexo como estratégia de conquista na tentativa de ser amada, muitas vezes até fingindo prazer, porque sabe que os homens se apaixonam por mulheres fogosas. E muitas vezes ela vai se submeter à quantidade, à qualidade e à variedade segundo o desejo dele, mesmo que ela não queira, só para agradá-lo e assim tê-lo ao seu lado.

Quando um homem e uma mulher saem para jantar, para ela ele é uma possibilidade de amor, mas para o homem a mulher é uma possibilidade de negócio. Ou seja, ele está fazendo um investimento de risco, de perdas ou de lucros. Em sua mente, o homem pergunta-se e analisa durante o jantar o quanto ele está agradando, se ele a está conquistando, se ela é difícil ou fácil e se ele vai conseguir levá-la para a cama com baixo custo ou com alto custo de investimento emocional, de tempo e algumas vezes até de dinheiro, afinal, jantar fora nunca é de graça. Sim, o objetivo dele é conhecer a sua pessoa, principalmente sob o ponto de vista sexual...

E, para você entender melhor ainda o comportamento dos homens em face do comportamento das mulheres, vamos usar o exemplo de um homem e uma mulher, mentalmente normais, em um jantar de primeiro encontro.

No nosso exemplo, o casal encontra-se em um restaurante e cada um deles estará agindo conforme seu peculiar modo de ser.

Durante esse jantar ela irá mostrar o seu melhor sorriso, as suas melhores jogadas de cabelo e fará caras e bocas, provavelmente escolhendo o ângulo conforme a luz do restaurante. Ele vai contar os seus melhores feitos, vai dizer aquilo que sabe que ela vai gostar de ouvir e vai tentar seduzi-la. Isso é normal, ela também está tentando seduzi-lo. Só que a diferença entre os dois nesse jantar é que ele sabe que ela não é uma princesa e que está tentando seduzi-lo, ele sabe que ela é uma mulher que tem defeitos, mesmo que a ache interessante, e sabe que ela está apenas mostrando seu melhor ângulo conforme a luz.

Já a mulher não, ela o está vendo por um único ângulo e está acreditando nesse ângulo, escondendo de si mesma a realidade e querendo acreditar que ele é tal qual como se mostra, porque o que ele mostra é algo tão bom que ela bem que gostaria que fosse verdade. Ela não sabe que ele está tentando seduzi-la, ela acha que ele é um ser especial e que está sendo encantador porque é assim naturalmente, todos os dias.

E quando esse casal se separa e vai cada um para a sua casa depois desse primeiro encontro, suas reações serão bem diferentes caso tenham tido interesse um pelo outro.

Ela chegará em casa, deitará a cabeça no travesseiro e irá se imaginar no futuro com aquele homem com quem ela jantou, ele como sendo o pai dos seus filhos. Imaginará como seria a casa deles, como seria o dia a dia com as crianças, visualizará o carro na garagem e não duvido que chegue a imaginar o tipo de cachorro que teriam e... puft! Então ela se apaixona.

Mulher é tão louca que em 24 horas já está apaixonada, não pelo cara com quem ela saiu para jantar, mas pela imagem que ela formou em seus pensamentos daquilo que ele poderia ser. E essa mulher foi ao jantar já criando mil expectativas de que poderia ser ele o escolhido!

Já aquele homem vai para casa completamente lúcido, afinal, ele foi jantar sem expectativa alguma, e essa talvez seja a principal diferença que determina o comportamento de um e de outro no início de um relacionamento. Então, esse homem fará uma destas três coisas, se não as três. Ele irá se masturbar. Ou irá fazer uma lista das próximas mulheres que irá levar para jantar ou, então, vai ligar para aquela “ficante”, que é uma carta na manga, para ter sexo com ela naquela noite.

Amiga, praticamente todo homem tem uma “carta na manga”, que é uma mulher com quem eles curtem fazer sexo mesmo que não tenham intenção de casar com ela; isso porque homem só se sente vivo quando tem alguém com quem transar. E o pior é que muitas vezes essa ficante é apaixonada por ele e, quando o sujeito liga, mesmo sendo depois da meia-noite, ela sai desesperada para ir ao seu encontro, iludindo-se com a ideia de que decerto ele percebeu que está apaixonado por ela no meio da madrugada e sentiu sua falta.

Ah, aproveito para avisar: um homem que liga para uma mulher de madrugada não está nem um pouco interessado com o que ela possa pensar dele; é um homem que acha que ela pode ser um lanchinho fácil no meio da madrugada, e ele só se lembrou dela porque as primeiras possibilidades não estavam disponíveis. Amiga, se uma mulher não conquistou de verdade um homem durante o dia, não será no meio da noite, correndo em direção a ele, que ela irá conseguir isso.

Portanto, se um homem com o qual você não tem intimidade (denomino íntimo aquele que é seu namorado ou esposo) ligar no meio da madrugada, simplesmente não atenda, porque seu sono de beleza não pode ser interrompido por homens que não estão te levando a sério.

E você sabe como será o dia em que terminar o namoro daquele casal que saiu para jantar, caso eles se separem?

Ela vai chorar muito, depois vai ligar para a melhor amiga, que ligará para as outras amigas contando a história. Então as amigas vão sendo acionadas, uma após a outra, até formarem o clube da Luluzinha, em que cada uma dará sua opinião; algumas até investigarão o passado dele. Então, elas vão reviver juntas o início do relacionamento, quando tudo começou, as frases que disseram um ao outro, como foi o último dia juntos, vão analisar e passar dias em cima daquela mesma fita, rebobinando o filme atrás de algum detalhe que lhes dê a resposta do que houve e que até o momento não foi percebido por elas. Quem sabe elas discutirão por meses o acontecido, e quem se aproximar delas vai conhecer a história toda e será convidado a dar a sua opinião.

E ele, sabe o que vai fazer? Vai no máximo tomar um porre com o melhor amigo e vai levar outra pra jantar.

Amiga, não crie ilusões de querer encontrar um homem que está 100% sozinho há meses, sem sair com ninguém, e que apenas convida para jantar mulheres com quem ele vislumbra possibilidade de casamento, porque se acreditar nessa ideia você vai se dar mal. Provavelmente, quando você conhecer o seu cara, aquele homem legal, de carne e osso, para vocês viverem uma história construtiva, provavelmente ele está “comendo” alguém por aí, mas vai parar tão logo perceba que você é uma mulher que vale a pena.

Mas não chore, porque isso não significa que ele não seja um cara legal, significa apenas que ele é um homem. Estou falando que homens, antes de quererem amar uma mulher, querem sexo; amar uma mulher nunca é um objetivo. O cara não sai por aí pensando: “Ah, hoje eu vou procurar uma princesa pra amar”. Nada, ele pensa: “Ah, hoje vou sair pra caçar uma mulher pra transar!”. Amar e se apaixonar acontece, sim, mas não no mesmo tempo que a maioria das mulheres, nem da mesma forma.

Amiga, quer você aceite, quer não, os homens são assim, são os mesmos há séculos, não mudaram. As mulheres não são mais as mesmas, elas evoluíram. Hoje elas são presidentes de países, ocupam cargos que até ontem eram exclusivamente masculinos e, de forma tão ou até mais eficiente que eles, elas dirigem espaçonaves e são líderes de multinacionais. E você, mulher, pode fazer a revolução do sutiã novamente, pode fazer a revolução da calcinha, do corselete e do que você quiser, que as coisas não vão mudar tão cedo. Não agora, não enquanto você estiver viva. Mais para a frente, sim, mas neste momento aceite as minhas verdades, duras mas que precisam ser ouvidas, porque a partir delas você vai conseguir ter uma relação mais satisfatória com os homens.

Então estou lhe dizendo que os homens são uns monstros racionais, frios e calculistas, que criam estratégias para conquistar relacionamentos em que nunca amarão e somente serão motivados pelo sexo?

Não.

Os homens são seres fantásticos, que irão, sim, amar mulheres de verdade, e que podem amar muito, só que não são perfeitos e trilham uma caminho diferente do das mulheres para chegar ao amor, além de demorarem um pouquinho mais do que nós para sentir e concordar conscientemente com os sentimentos involuntários.

Lindona, os homens dificilmente amam com menos de seis meses de relacionamento. Ok? Raramente esse sentimento surge antes desse tempo. Eles podem se empolgar inicialmente, ter tesão, afinidade pessoal e curtir a mulher que está ao lado deles, mas amor mesmo será depois, com mais tempo de convivência. E se a mulher jogar certinho no relacionamento, irá conquistá-lo, sim, e ele irá tratá-la com respeito e amor.

Se você é uma daquelas mulheres que acabou de ler a frase “jogar no relacionamento” e achou o fim da picada ter de fazer isso, vá e namore outra mulher; assim você vai poder chegar de peito aberto, se declarar, vai poder desabafar, expor todos os seus sentimentos, chorar, espernear, que ela vai entender você, vai ficar com dó e fará logo tudo o que você quiser, dará o ombro e discutirá a relação a noite toda. É uma beleza! Mas se você for fazer isso com um

homem, esqueça o relacionamento.

Então, se você quer um relacionamento com um homem, aceite que isso só será possível se você souber fazer o jogo certo com ele.

Quando eu digo jogar, não me refiro a mecanizar as relações humanas e fazer de você uma criatura estrategista, como se você estivesse na guerra ou negociando um empreendimento. Estou me referindo a fazer uso da sua inteligência feminina, que nada mais é do que entender como funciona a natureza masculina e se comportar de acordo com ela.

Olha, amiga, as pessoas que sabem jogar o jogo das relações humanas são as mais felizes, e, se você parar para pensar, vai ver que todo mundo joga o tempo todo, incluindo você, com as pessoas à sua volta, e as pessoas à sua volta com você. Claro, há jogar e “jogar”. Mas aqui estou dizendo para você “jogar” no sentido ético da palavra, com o objetivo de preservação do relacionamento, para o bem dos dois.

Eu ficaria muito triste se percebesse, amiga, que você joga sem ética, ou seja, com atitudes e palavras beneficiando você em detrimento da outra parte ou do relacionamento. Eu gostaria que você jogasse com o objetivo de melhorar a vida do casal.

Eis algumas observações importantes e regrinhas objetivas e práticas para ajudar você a jogar saudavelmente em uma relação a dois.

1. Você é uma mulher ocupada. Sim, bastante ocupada, e não uma desesperada para que um homem te leve para jantar, você entendeu, né? Aja como se ele estivesse tendo uma oportunidade única em sua agenda tão lotada. Não fique ansiosa ligando para ele a fim de ter certeza sobre o horário, ter certeza se realmente irão e em que restaurante. Aja como se não fizesse tanta questão assim, porque para você é normal ser levada por pretendentes para jantar. Aliás, isso você consegue sempre que estala os dedos.

Não seja uma mulher fácil. Pense nesse momento como a cabeça masculina mediante um negócio. Quando a compra do produto é uma barbada e está de bandeja, ou ele não é interessante ou então não tem valor. Mas se o produto é de difícil aquisição, então ele será desejado e depois cuidado com muito zelo. A mente masculina é dotada desse tipo de raciocínio na hora de escolher uma mulher. Lembre-se, no início você é vista como uma possibilidade de negócio para ele, mesmo que depois ele a ame loucamente.

Não estou dizendo para você se tornar uma pessoa arrogante, o que lhe peço é que você em nenhum momento deixe transparecer o quanto está maravilhada com o fato de alguém finalmente convidá-la para um encontro.

E por favor, amiga, nesse encontro não fale a frase “quero casar e ter filhos”, não no primeiro jantar; isso entrega você e seus reais objetivos e ele logo percebe os mecanismos de como conquistá-la, e assim toda a sua vulnerabilidade fica exposta. Seja uma mulher diferente daquilo que ele já conhece, deseje realizar seus projetos de vida, deseje viajar e concluir cursos. E no fundo do meu coração desejo que você seja assim.

Aliás, amiga, tudo fluiria muito mais facilmente se o foco da sua vida não fosse o relacionamento, e sim o seu crescimento pessoal. Sabe, todas aquelas mulheres que eu conheci que estavam em busca de um “amorzinho para estar” e eternamente esperavam um namorado fantástico para finalmente fazê-las felizes me parece que estão assim até hoje: esperando.

Geralmente, quando você tira o foco do fato de “ter de encontrar alguém” é que relacionamentos fluem. E sabe por quê? Porque a sua ansiedade deixa de existir e então o fator que atrapalhava a continuidade dos relacionamentos some.

Uma mulher ansiosa é uma mulher nervosa e uma mulher nervosa é uma mulher insegura, e uma mulher insegura é uma mulher que não atrai bons homens. Os maus homens gostam de estar com mulheres inseguras ao seu lado, mas, acredite, não é por uma boa causa. Se é para você se envolver, que seja com alguém legal.

2. Não faça sexo com ele no primeiro encontro. Por quê? Porque você precisa dar tempo para ele perceber a mulher fantástica que você é. E por que você irá entregar de bandeja algo tão precioso a quem ainda nem fez tanto assim por merecer? Sabe, se ele logo obtiver de você o que deseja, a probabilidade de sumir é alta, porque uma vez tendo conquistado o que inicialmente desejava, ele irá em busca do próximo desafio.

Existem casais que fizeram sexo no primeiro encontro e que se casaram? Sim. Mas as chances de isso acontecer são bem menores, então por que se arriscar? E por que colocar justo no primeiro encontro toda a sua ansiedade de querer dar certo logo e mostrar todo o seu potencial? Se houver a possibilidade de casamento, amiga, não será porque você não fez sexo com ele no primeiro encontro que essa possibilidade irá desaparecer.

Entenda que os homens precisam receber gratificações pelo bom comportamento, aos poucos, e acredite em mim, eles ficam felizes quando é dessa forma. Não tire do homem o prazer da conquista. Não seja um balde de água fria que estraga toda a brincadeira que posteriormente conduziria para algo sério. Deixe-o “conquistar” você primeiro, depois faça sexo com ele.

Essa adrenalina e insegurança que você abomina no início do relacionamento, que parece ser uma fase obscura, em que você não consegue nem dar um nome ao relacionamento e fica brava porque não pode cobrar nada dele é uma fase deliciosa para os homens. Enquanto você chama esse período de agonia, ele chama de expectativa. E é estar em expectativa que faz com que o homem tenha incentivo de persistir e perseguir o objetivo. E esse tempo é o tempo que você usará para mostrar a ele que você é muito mais do que o sexo que você pode oferecer. Mantenha-o em expectativa conhecendo as outras áreas que existem em você, e, quando ele der por si, estará envolvido emocionalmente e não irá mais sair correndo atrás de novas oportunidades.

3. Não ligue para ele no outro dia. Se você fizer isso, estará dando atestado de que está desesperada para falar com ele, que não quer que ele suma e que está interessada. Saiba que seu lugar no outro dia após o encontro é o de passiva, aliás, no âmbito da conquista você será a passiva da história toda – E ACEITE. E por passiva não entenda que é ficar plantada ao lado do telefone esperando o cara ligar. Arrume o que fazer, ocupe-se verdadeiramente e não fique viajando em seus sonhos no pós-jantar para não mergulhar em ilusões e probabilidades para o futuro. Se ele ligar, legal! Se não ligar, legal também, sinal de que ele está fazendo jogo ou não gostou de você – e se não gostou de você, não tem problema, tem quem goste.

Se ele está fazendo jogo, vai se ferrar, porque agora você sabe jogar mais do que ele, e na guerra do telefone quem tem mais interesse é que ligue. É assim que você tem que pensar, e em hipótese alguma irá mandar mensagem de celular para ele, recado pelo amigo ou e-mail, ok,

lindona? E se ele te enviar uma mensagem de celular, demore algumas horas para responder, afinal, você é ocupada!

Quando uma mulher liga no outro dia para um homem ele automaticamente pensa: “Mulher pepino, estou fora!”.

4. Nunca diga a frase EU TE AMO antes dele. E mesmo depois que ele lhe disser isso, mesmo assim você ainda vai demorar um pouquinho para retribuir. Afinal, você precisa deixá-lo levemente inseguro para que se sinta motivado a continuar conquistando você. Ele vai ficar mais na expectativa ainda e com dúvidas quanto aos seus sentimentos. Saiba que se ele falou EU TE AMO de forma sincera, não é porque você não respondeu o mesmo que ele irá deixar de amar. Se ele desistir de você por isso, bingooo!, era mentira da parte dele.

Eu não gostaria de ouvi-la dizendo “eu te amo” logo que ouvisse a declaração dele, pelo fato de que há homens que dizem essas palavras especiais só para ver se a mulher retribui na hora, espontaneamente, assim eles já mensuram o poder que têm sobre elas. E há ainda o mau-caráter que diz “eu te amo” no intuito de plantar ilusões nessa mulher, fazendo-a analisar o fato de se envolver seriamente com um homem que está demonstrando amá-la. Afinal, amor de verdade é uma oportunidade que não deve ser jogada fora. E bingo 2, a mulher cai na rede do mau-caráter.

5. Não tenha medo de perdê-lo. Nunca demonstre isso e não tenha medo mesmo de que ele saia da sua vida. Saiba, desde já, que ninguém, quando for embora, levará um pedaço de você. Não entre nessa ideia, porque você é uma pessoa que nasceu completa, o outro é apenas um complemento de felicidade, mas sob hipótese alguma alguém que representa sua outra metade.

E saiba que você não precisa deixá-lo seguro e confiante para que ele não desista de você. Se ele desiste fácil é porque não estava tão a fim assim de ter um relacionamento sério com você. Quando um homem desiste fácil de uma mulher é porque ela era apenas uma opção momentânea e ele estava passando o tempo, tentando ver o que poderia conquistar naquele espaço. Quando um homem partir rapidamente da sua vida, agradeça, isso é a resposta clara de que ele não era para você e que não correspondia ao que você procura. Portanto, nada de aflição em tentar demonstrar a ele que as portas da sua vida estão todas abertas, que você também está tentando levar o relacionamento adiante e que é para ele não desistir de você.

No âmbito das amizades é assim, você precisa dar confiança imediata à outra parte quanto a você e à sua amizade. No âmbito dos relacionamentos também, só que com um diferencial: segurança você dá depois de um longo prazo. Inicialmente o homem tem de ter a sua dose de insegurança, para se sentir motivado a continuar perseguindo seu principal objetivo: você!

6. Pareça confiante. Se você não é, pelo amor de Deus, FINJA SER! Isso vai fazer com que ele ache que é dispensável à sua sobrevivência. Quando um homem sabe que uma mulher está aos seus pés, ele a transforma em capacho.

Autoconfiança é o que faz uma mulher ficar linda. Não é a sua beleza externa, é a sua beleza interna. Portanto, tenha personalidade, acredite em você, tenha orgulho da pessoa que você é, porque o importante é buscar melhorar como pessoa, e isso você quer – tanto que está lendo esse livro. E mais, incorpore a confiança em cada passo que você der no seu dia a dia, erga a cabeça, admita que embora não seja perfeita (ninguém é!) você é uma pessoa especial e digna de receber do mundo todo o respeito e amor que lhe é devido. Saia de dentro de você agora

mesmo, liberte-se de todos aqueles traumas que você tem e que a levaram a ter complexo de inferioridade. E lhe digo mais, os complexos de inferioridade sempre são implantados em nós por pessoas que não são referências de perfeição, mas sim por pessoas mal resolvidas – pessoas que viram em você, consciente ou inconscientemente, a oportunidade de extravasar seus problemas. Noventa por cento dos complexos de inferioridade que as pessoas têm não são reais. Eu digo isso com base nas mensagens das pessoas que atendo no Consultório de Amor e Sexo, nos e-mails diários, no Facebook e nos aconselhamentos sobre sexo.

Gente linda que se acha feia, pessoas de 40 anos que pensam que são velhas, estudantes de medicina que acham que são fracassados porque não ficaram em primeiro lugar, mulheres que ganharam cinco quilos e acham que estão obesas, filhos que acreditam que são o fardo dos pais e o motivo da separação deles, crianças inteligentes que pensam que são burras porque adultos em estado de ignorância ofenderam-nas em um momento de fúria.

Pense agora no seu complexo de inferioridade e tente buscar a raiz dele. Você consegue perceber que isso não tem nada a ver com você, mas sim com a pessoa que o implantou em você? Você percebe que passou a pensar da forma como pensaram de você, mas não da forma como você antes pensava a seu respeito?

Pois eu vou te contar algo fantástico: você é o que a partir deste momento você pensa que é, e não o que os outros pensam de você. O que os outros pensam sobre você é problema deles. A partir deste livro você é o que existe de potencial dentro de você e que até agora foi abafado por pensamentos errôneos de pessoas próximas ou advindos de conceitos sociais que no fundo não dizem respeito a quem você realmente é.

Você, minha nova amiga, não veio a este mundo tendo de provar nada pra ninguém. Alguém já lhe disse isso? Se não lhe disseram, então estou aproveitando pra lhe comunicar. Você não veio aqui com obrigação de atingir o sucesso conforme o que os outros julgam o que é sucesso. Você não veio a este mundo para ganhar título de Miss Simpatia, você não veio a este mundo para ser A Gostosona da Cidade, você não veio a este mundo para conquistar o primeiro lugar e mostrar que é mais inteligente que os outros. Você pode, sim, um dia chegar a ser, mas não faça disso o seu inferno pessoal.

Você veio a este mundo com o objetivo de aprender, de se tornar um ser humano melhor e vencer os seus desafios pessoais. Ninguém tem o direito de lhe cobrar nada e muito menos determinar para você quem você é. Como lhe falei, você a partir de agora é uma pessoa autoconfiante, livre, segura de si e que acredita que chegará aonde quer chegar!

O que lhe disseram e que a deixou complexada é uma ilusão, é uma mentira! A partir de agora você não acredita mais no senso comum (o senso comum matou Jesus, lembra?). Afaste-se daquelas pessoas que a colocam para baixo, e caso você seja obrigada a conviver com alguém assim, você fechará seus ouvidos e dirá: “Eu não admito mais que você se dirija à minha pessoa dessa forma”. (Aprenda a se impor, amiga, gente besta fica acuada e intimidada quando as pessoas complexadas reagem.) Se a pessoa insistir em deixar você para baixo, mande-a vir falar comigo!

Ah, antes que eu me esqueça, uma dica para ganhar autoconfiança é cuidar da sua aparência. Tenha sempre pequenos cuidados consigo mesma que vão fazer você se sentir melhor. Use

batom, faça a sobrancelha, depile-se, pinte o cabelo, faça limpeza de pele, compre de vez em quando uma roupa, uma blusinha, que seja. Homens e mulheres precisam disso, e por mais bobas que essas atitudes possam parecer, o reflexo na vida prática é imenso. Você acha que seu sorriso não é bonito? Consulte um ortodontista! Você acha que seu nariz é grande e isso tem afetado a sua autoestima? Procure um bom cirurgião plástico e opere. Veja, não estou dizendo para você vender a sua alma por essas coisas, mas uma vez identificando os pontos que abalam sua autoconfiança, procure trabalhá-los. Autoconfiança, equilíbrio, segurança e autoestima estão interligados.

O que é interno deve estar em equilíbrio tanto quanto o que é externo, e corrigir os seus complexos irá lhe dar mais segurança. Isso não deixa de ser uma bengala, mas se a bengala ajuda, por que não usá-la?

Vou ser bem sincera com você, sou uma pessoa superconfiante, eu acredito em mim, mas estou sempre promovendo ações que no fundo significam doses contínuas de manutenção dessa confiança: cursos profissionalizantes, estética, busca por um caminho espiritual. Você precisa se apaixonar por você e investir no seu relacionamento consigo mesma. Case-se com você antes de casar com outro.

7. Não faça um banquete para conquistá-lo e muito menos seja uma mulher prestativa. Esqueça aquelas revistas que ensinam a preparar um jantar especial em sua casa com pétalas de rosas vermelhas para conquistar aquele gato dos seus sonhos. Isso é o caminho mais rápido para ele desaparecer da sua vida. Ele vai comer o jantar, comer você e sumir! Jantar de conquista é feito para um homem que demonstrou – e muito – o quanto está merecendo ganhar essa surpresa. E o jantar não deve ser nunca uma estratégia de conquista, e sim uma recompensa pelas atitudes dele. Já cansei de ver leitoras minhas gastando dinheiro com velas, jantares e rosas para depois sentirem o gosto da frustração. Um jantar não é o que faz o cara ficar louco por você. Se fosse assim, ele já estaria casado com a mãe dele!

Muitas e muitas, mas muitas mulheres caem no terrível erro de iniciar uma possibilidade de relacionamento e começam a ajudar o pretendente naquilo que ele precisa, como organizar a casa dele, levar o cachorro pra passear, disponibilizar-se a fazer companhia para a avó dele em uma consulta médica e esses pequenos favores que fazemos aos amigos próximos no dia a dia. Esqueça isso, você não quer que ele a veja como uma peça importante para o bom andamento da vida prática diária dele, você quer que ele te veja como a mulher da vida dele, certo?

Nunca vi homem se apaixonar por uma mulher porque ela cozinhou para ele, lavou sua roupa, arrumou sua casa e repôs os rolos de papel higiênico no banheiro; se fosse assim, não existiriam empregadas domésticas solteiras no país. E quantas histórias você já não conhece de homens que trocaram boas donas de casa por mulheres sem muitas habilidades domésticas? É quase inacreditável aos olhos de outras mulheres quando isso acontece, certo? Mas o fato é que os homens priorizam outros fatores, e o serviço doméstico com certeza não é um deles. Não queira ser a boazinha, bonitinha, queridinha, porque homem, para começar, não gosta de mulher boazinha. Homem gosta é de mulher de atitude.

8. Deixe-o falar livremente. Essa é a melhor forma que há de conhecer alguém. Saiba escutar e não dê opiniões moralistas e preconceituosas, porque isso inibe a pessoa e a impede de se

expressar como realmente é. Perceba que ele está querendo ser aceito por você, logo, não vai querer ser criticado.

As pessoas têm a tendência de querer ser aceitas pelos grupos, por isso se moldam, nem que seja aparentemente, à opinião geral. Ele fará a mesma coisa com você. Vai se fechar e se moldar conforme você demonstrar aceitar certos fatos para que você goste dele. Mas saiba que de forma alguma a sua crítica fará com que ele mude de postura. A melhor coisa é deixá-lo falar. Você não precisa concordar com tudo, porque além de não ser maria vai com as outras (e assim espero, né, amiga?), não dará atestado de falta de personalidade a ele. Mas evite discursos moralistas e limite-se a demonstrar que entende o que ele diz. Se você o criticar, irá fechar as portas para desabafos futuros, e é uma atitude inteligente de sua parte deixá-lo se revelar como realmente é; depois você decide se ainda irá querê-lo ou não.

9. VOCÊ NÃO IRÁ MUDÁ-LO. Não tente transformar esse homem em um homem novo. Não pense que só porque é com você que ele está que ele será diferente do que foi a vida toda. Entenda, aceite e acredite que as pessoas não mudam o seu caráter, ninguém sai de uma extremidade para a outra. As pessoas se ajustam ao outro na tentativa de melhorar o dia a dia, as pessoas melhoram aspectos, e, no caso de pessoas ardilosas, elas até disfarçam bem, fingindo mudanças radicais. As pessoas se adaptam a algumas situações quando resolvem se esforçar, mas caráter é genético; alguém que até hoje pouco respeitou as antigas namoradas e a esposa não fará diferente com você. Um menino mau não vira um menino bom e um menino bom não vira um menino mau.

Por mais que você seja poderosa, linda, talentosa, competente e inteligente, nada disso lhe confere poder de fazer o outro ser o que não é. Portanto, procure estar com homens que correspondem aos seus ideais em vez de levantar bandeiras em prol da qualificação de homens sem qualidade, porque isso vai lhe custar tempo, muito esforço pessoal e energia em vão.

Sabe, uma coisa é um homem ou até mesmo uma mulher ter uma determinada fase em sua vida. Outra coisa é essa pessoa seguir um padrão de comportamento. É normal, por exemplo, pessoas que passaram por uma separação destinarem um determinado tempo de suas vidas a experimentar a vida de solteiro, conhecendo pessoas, indo a festas e se divertindo, em um estilo de vida mais livre. Muitas vezes essa é uma atitude inconsciente da pessoa que tenta rever aquele tempo para ela tido como “perdido” depois de ter investido em um relacionamento que julga ter fracassado.

A questão aí é saber quando é fase e quando é estilo de vida. Para isso eu fiz uma tabelinha que irá ajudar você a decifrar o que realmente acontece com a pessoa que lhe interessa. Analise o tempo em que um homem anda vivenciando um padrão de comportamento social livre e identifique o que lhe ocorre:

Até 2 anos – pode se tratar de uma fase apenas.

De 2 a 5 anos – pode ser um estilo de vida aprendido.

De 5 a 10 anos – é uma cultura adquirida, com grande dificuldade de ser modificada.

Acima de 10 anos – é uma questão de caráter, de perfil psicológico e, portanto, imutável.

Então quer dizer que eu estou dizendo para você que as pessoas não mudam?

Não.

O que eu estou dizendo é que elas não se transformam em alguém muito diferente do que já eram. E raríssimas serão as pessoas que não seguirão essa tabela de atitude x padrão psicológico, ou, se você preferir, pode trocar a expressão “padrão psicológico” por repetição dos mesmos erros.

10. Seja misteriosa. E seja mesmo. Não revele tudo o que você pensa, o que você faz, o que você gosta, aonde você vai, quem são seus ex, como é a sua agenda diária. E seja vaga nas respostas quando perceber que ele está perguntando muito sobre você. Sua privacidade deve ser liberada aos poucos. Em alguns momentos pergunte sorrindo: “Por que você quer saber?”.

Você precisa deixá-lo intrigado sobre a sua pessoa. Lembre-se de como você se apaixonou outras vezes na vida, até mesmo de maneira “platônica”, por homens que eram interessantes e misteriosos. Existem homens, e muitos deles fazem isso, que usam ares de mistério para seduzir mulheres porque sabem que isso é instigante em um jogo de sedução. Ele sabe que você irá querer desvendá-lo, um homem assim te deixa acesa, elétrica, hipnotizada.

Então seja inteligente, aprenda com as suas próprias experiências e use essa informação a seu favor, inverta o jogo e seja você a Madame Sensualidade Cheia de Mistérios.

Não saia falando desenfreadamente sobre sua vida. Não há a menor necessidade disso. Mantenha sua boca fechada, use o tempo de vocês muito mais para ouvir sobre ele do que para falar sobre você. E quando ele lhe perguntar algo, devolva-lhe a pergunta sem ter respondido antes. Lindona, prepare-se, conquistar é uma arte, você vai treinar, você vai usar muito mais seu cérebro do que suas pernas e vai fazer tudo isso com muita classe. Você conquista um homem antes de levá-lo para a cama, o que acontecer sobre ela depois será apenas o xequê-mate.

11. Não se transforme em outra. Não cometa essa loucura! Amiga, as mulheres, na ânsia de agradar, passam a ser tudo aquilo que o homem dá a entender que gostaria que elas fossem. Mas acredite, ele não gosta daquilo que disse que gostaria que você fosse. Ele apenas quer que aquela mulher de que ele gostou esteja sob o domínio dele e tenha atitudes que o deixem tranquilo quanto a ela, porque ele quer se sentir seguro em relação a ter poder sobre a mulher que deseja.

Só que, no fundo, homem gosta é de mulher indomada. Gosta de mulher que tem opinião própria. Homem gosta de mulher “não domesticada”.

Imagine o homem como um grande artesão e a mulher como a argila sob suas mãos. Ele vai moldando-a, vai lhe dando a forma que quer, vai proibindo-a de usar minissaia, depois de usar batom, pede que ela não converse mais com determinadas amigas, e assim vai moldando a sua obra. Agora te pergunto, o que o grande artesão faz assim que a obra está do jeitinho que ele quer? Ele a guarda na estante e parte em busca da nova criação!

Ser o que você realmente é, fazendo, é claro, adaptações para melhorar a convivência, é o segredo de um homem continuar interessado em você. Sabe, se houver a possibilidade de surgir amor entre vocês, ela se manifestará e assim continuará se você mantiver a sua identidade própria. Se você forjar ser o que não é só para conquistar, de duas, uma: ou você irá uma hora se cansar e esse relacionamento estará fadado ao fracasso, com grande parcela de responsabilidade sua, ou então você continuará representando um papel irreal e experimentando tristezas por sentir-se sufocada e ainda por cima tendo o risco de ser colocada na estante para

enfeite.

Você só precisa ser você. Um homem não espera que você seja perfeita, ele não tem essa visão romantizada da vida e não criou um modelo ilusório sobre uma mulher dos seus sonhos com quem ele irá se casar um dia; os homens sabem e aceitam que você tenha defeito, portanto, não se preocupe tanto em parecer ser perfeita sob todos os aspectos, porque isso é desnecessário e impossível.

Se a pessoa de quem você gostou não gosta de suas ideias e não aceita sua maneira de proceder no mundo e não tem afinidade pela sua pessoa, paciência, amiga, existem outros que aceitam, querem e vão de verdade te aceitar e com isso te fazer feliz.

Liberte-se do seu egocentrismo de tentar ter para si aquele que você deseja se já existem provas de incompatibilidade entre vocês e falta de interesse dele pela pessoa que você é.

Aprenda e pratique a lei do amor ao próximo em sua vida, afinal, se ele não te ama, **PRÓXIMOOOO!**

Se é para se fixar em objetivos e na conquista de algo, que seja algo profissional e que lhe traga crescimento pessoal, mas nunca se fixe no objetivo de conquistar alguém nem faça desse foco o objetivo máximo da sua vida.

Temos de ser pessoas determinadas, batalhadoras e obstinadas. Mas nunca com outras pessoas. Isso não funciona. Saiba desistir e, ainda mais, desistir com classe quando você perceber que não está lhe fazendo bem investir em determinado relacionamento. Geralmente, um homem muito difícil de ser conquistado, quando é dá tanta dor de cabeça para ser mantido que seria melhor que nunca tivesse acontecido.

Seja determinada, sim, com seus objetivos de vida, mas não na conquista de um homem. Desistir de um não é perder, é ser inteligente e investir tempo naquilo que vai lhe trazer satisfação emocional em vez de desgaste. Nada como direcionar as energias de maneira positiva, amiga!

12. Seja independente na medida certa. Talvez um aspecto que confunda muito as mulheres seja o fato de representar ou não o papel da mulher dependente ou da independente como melhor forma de manter uma relação e conquistar um homem. A resposta certa é: seja as duas coisas!

Então vou explicar como funciona isso, ok?

Amiga linda, é o seguinte, você precisa ter a sua independência financeira, sim, ele tem de saber que se algo acontecer e você quiser sair dessa relação, assim fará. Ele precisa sentir, e você também, que está nesse relacionamento por livre vontade e não porque é uma necessidade.

Quando um homem sabe que a mulher está dependendo dele economicamente, ele costuma agir como o dono da situação, e isso não é nada bom para você. Porque ele pode, simplesmente, com ou sem consciência, se aproveitar desse fato para determinar como as coisas funcionarão dentro do relacionamento, ou seja, ele poderá cobrar os seus deveres sem levar muito em consideração as obrigações dele – e não se esqueça daquela mente de negócios que costuma sempre estar faiscando no cérebro do homem, em que ele sabe que o proprietário das ações é quem detém o dinheiro da empresa e o resto é funcionário. E um patrão se preocupa com o bom funcionário, que a qualquer momento pode pedir as contas porque definitivamente não precisa do emprego para viver. Homens são assim, lindona. E não estou lhe dizendo que ele não é um ser subversivo

e desumano, ele é apenas homem.

Em contrapartida, ele também não curte uma mulher que seja 100% independente, dona do seu nariz e que não precise dele sob aspecto nenhum. E sabe por quê? Porque o homem gosta de se sentir protetor, nem que seja em algumas situações; ele gosta de saber que você aprecia a presença masculina em sua vida, pois assim ele se sente viril, se sente bem até consigo mesmo, se sente homem por isso. Quando uma mulher é 100% independente, ela tira dele o tesão do relacionamento.

Por isso eu falo de você ser independente na medida certa, ou seja, você não precisa dele, afinal, tem seus meios de se manter caso decida que não lhe agrada mais a relação, no entanto, gosta que ele participe da sua vida e lhe pede ajuda em situações em que você tenha “dificuldade”, permitindo que ele se sinta um homem dentro da relação.

Você desempenha o papel de mulher e ele de homem, entendeu? Nada de você ser o homem da casa. Perceba que sempre que a mulher vira o “homem” da casa, naqueles relacionamentos em que o homem abandona seu papel por falta de atitude, depressão ou comodidade, mais dia, menos dia ela se cansa ou perde o tesão por ele e a relação esfria.

Pode deixar que ele ajude você com assuntos referentes a documentação, troca de lâmpadas, compra de carro, tratar com o contador sobre o imposto de renda, entre outras coisas que você consegue fazer muito bem sozinha, porque homem adora se sentir importante nessas horas.

É de extrema necessidade que ele se sinta útil na relação. É claro que ele não é idiota de achar que você é dependente dele só por causa de esclarecimentos sobre imposto de renda e manutenção do carro e que se sentiria obrigada a ficar com ele por causa disso, mas ele vai se sentir importante em sua vida e você só tem a ganhar. Um homem não gosta de saber que é 100% dispensável na vida de uma mulher.

Você só não pode ser dependente dele emocionalmente, ok, poderosa? E amiga, de verdade, não seja, não se permita ser dependente dele, e se você sentir que isso está acontecendo reflita a respeito e mude o quanto antes esse sentimento, porque uma mulher dependente emocionalmente de um homem está a um passo de fazer absolutamente tudo aquilo que ele diz a ela que gostaria que ela fizesse e que no fundo não está querendo que ela faça. Se ficar dependente emocionalmente dele, você tende a ser aquela peça de barro pronta e colocada na estante enquanto ele procura outra argila em busca de um novo desafio.

E, por favor, na primeira vez em que forem jantar, quem paga a conta é ele, amiga. Você não se mexe nem se coça, e nem tente descobrir quanto deu a conta, porque isso não lhe diz respeito, nem tente dar uma de “liberal”, “feminista” e “orgulhosa”. Um homem que não paga o primeiro jantar é um sujeito que não está tentando impressioná-la, e isso não é bom. Quando um homem está interessado em você ele tenta passar uma imagem de protetor, provedor, seguro e zeloso. Acredite, os homens gostam de pagar o primeiro jantar.

Se você percebeu que ele não gostou de pagar sozinho o primeiro jantar, pule do barco enquanto é tempo, porque se ele foi indelicado agora (quem te convidou foi ele, não é mesmo?), o que ele não fará depois de um ano?

Também aprenda que tem muito homem que não gosta de ganhar presente. A maioria dos homens gosta de dar presentes e eles perdem o entusiasmo por uma mulher que no segundo

encontro já aparece com um vidro de perfume importado para dar de presente. Nesse momento ele se sente mal, sabe por quê? Porque ele se sente obrigado a retribuir, não se sente o provedor, não a vê como uma fêmea a ser conquistada porque você já se entregou e, pior ainda, dá a ele a sensação de que vocês têm um elo. O certo é ele dar mais do que recebe. Entendeu? Aceita? Não aceita que seja assim? Então padeça, minha amiga, porque é assim mesmo.

Os primeiros jantares ele pagará sem dó nem piedade e você passará a ajudar com o tempo, quando já estiverem estabilizados e for algo normal ambos dividirem os momentos. Afinal, eu prego que casal é cúmplice, casal é dupla, casal é parceria, é amizade, é sexo, é amor e é também apoio mútuo nas horas difíceis. Não acho que um tenha de usurpar o outro, mas para o bom funcionamento de uma relação é ideal que você permita que ele dê mais do que você. Homem gosta de ser o provedor do lar.

Se o seu salário for maior que o dele, por exemplo, vale muito a pena você lhe atribuir funções masculinas a fim de que ele se sinta bem e você também.

13. Pareça desejável aos olhos de outros homens. É isso aí que eu falei. O ciúme, para os homens, assim como para as mulheres, é afrodisíaco. Quando percebem que há outros homens interessados em você, passam a destinar mais tempo cuidando de sua pessoa do que deles próprios ou de outras mulheres.

Portanto, esteja sempre arrumada, mesmo que você vá à padaria. Use batom, continue sendo simpática com as pessoas à sua volta, não se feche ao mundo. Não estou dizendo para você sair por aí flertando e provocando olhares em outros homens no estilo “olho no olho”, até porque os homens não precisam se sentir diretamente provocados para olharem para você, mas esteja apresentável e, portanto, desejável. Saiba que se ele avistar um homem que possa estar querendo invadir o terreno, ele vai sentir que precisa cuidar melhor de você e se dedicará mais a você. Ele irá, inclusive, confundir ciúmes e o sentimento de posse dele com o sentimento amor.

E os homens confundem muito bem amor com sexo e sentimento de posse. Aliás, para ser sincera, eles não conseguem diferenciar bem um do outro. Então, use essa informação a seu favor.

E não deixe de se enfeitar por causa do ciúme dele ou para não desagradá-lo. Entenda que um homem que proíbe você de usar batom é um homem que está tentando apagar o seu brilho, para que outros homens não a desejem e para que ele fique seguro em relação a você.

Em início de relacionamento, faça a seguinte jogada: deixe que ele saiba declaradamente que existe outro “macho da mesma espécie” rondando o território. Você pode até pedir para algum amigo seu ajudar, fazer uma breve ligação convidando-a para o cinema ou uma caminhada no parque. Você também pode fazer essa jogada pelo Facebook, deixando de apagar comentários de elogio à sua pessoa no mural – não vá apagar o recado por medo de que ele possa não gostar e desistir de você.

Os homens sabem muito bem que uma peça valiosa possui vários pretendentes dispostos a dar lances para adquiri-la, e que esse lance, quando se trata de conquistar uma mulher, significa elogiar, convidar para jantar, e como bom negociante ele não vai deixar de garantir para si a peça valiosa só porque há outros interessados. Muito pelo contrário, amiga, sendo ele homem,

irá fazer de tudo para ser o mais competente dos homens para ter você.

Veja bem, caso vocês já tenham iniciado um relacionamento, você tem de deixá-lo com a pulga atrás da orelha, mas jamais caia na bobagem de beijar outro homem e deixá-lo saber ou, pior ainda, permitir que ele veja. Se ele vir você beijando outro homem, o sentimento que irá se apoderar dele é a raiva; ele pode ficar desesperado por estar perdendo você, pode até chegar a ponto de pedir para vocês tentarem ficar juntos novamente, mas esse homem irá castigá-la, de uma forma ou de outra, durante o cotidiano de vocês. Isso é muito duro para um homem. Isso um homem não esquece. Ele vai justificar traições baseado nesse acontecimento, ele irá ofendê-la, remoer mentalmente o que houve, irá sentir-se humilhado e tentará humilhar você de alguma forma, na tentativa de se sentir melhor como homem.

Eu conheço os homens, muitíssimo bem, é um em um milhão que passaria por cima disso numa boa. Se para você, mulher, já é difícil, imagine para ele, um homem – lembre-se, ele é formado basicamente de ego.

Amiga, eu tenho táticas ótimas para fazer um homem se ligar a você. Mas deixe-me falar uma coisa: fazer um homem se apaixonar por você é fácil! É muito fácil. Basta seguir estas regras – elas não garantem 100%, mas ajudam muito! Só lhe aviso que fazer essa paixão virar amor não depende de táticas, não depende de você, depende somente do potencial dele de gerar esse sentimento e, mais ainda, pela sua pessoa. Existem os passos para um relacionamento, que é o despertar do interesse, o despertar da paixão, o teste de resistência e, enfim, o amor. As pessoas passam por dificuldades juntas, e se conseguirem superá-las unidas elas terão a comprovação de que é amor.

E existe algo que, apesar de não ser regra geral, foi o que mais presenciei. Quando os casais decidiram estar juntos, isso simplesmente aconteceu de uma forma meio natural. Eles jogaram, sim, de maneira adequada, mas tiveram ambos interesse um no outro. E não foi algo tão complexo assim, eles não tiveram de passar por humilhações, brigas diárias nem separações infundáveis e retornos tumultuosos. Geralmente isso acontece em relacionamentos turbulentos, que desgastam as pessoas e que não levam a nada produtivo, apenas à tristeza de ambos. Então, saiba que a tendência, quando você estiver com seu par ideal, será de o relacionamento fluir quando vocês se encontrarem. O charme e as estratégias são o impulso inicial, ajudam, e muito, mas há depois todo um outro contexto para tornar isso viável e passível de ser um relacionamento de amor.

SE começar a haver muito sofrimento de sua parte e começarem a entrar outras pessoas nesse relacionamento, havendo jogos de disputa emocional e “vaga”, vale a pena partir para outra história, amiga. Essa situação não leva a relacionamentos saudáveis, e de que valeria isso para você?

Jogue, mas jogue com quem vale a pena. E jogar com os homens basicamente requer que você tenha paciência. Controle sua ansiedade, não seja uma mulher fácil, não fique cega de paixão antes dele. Acredite, jogar pode ser muito divertido, até porque se houver a possibilidade real de vocês formarem um casal de verdade, o jogo saudável irá beneficiar esse relacionamento.

DECIFRANDO HOMENS E MULHERES

Você sabe o que faz uma mulher ser uma mulher? Progesterona e mente imaginativa. Assim são as mulheres. Os homens não conseguem imaginar e fantasiar da forma como nós fazemos. A mente feminina é mais criativa que a do homem, e por vezes fertiliza até o que não existe, ou seja, a mulher consegue ir mais longe na sua imaginação, criando, inclusive, inúmeras vertentes para as mais variadas possibilidades.

E você sabe o que faz um homem ser um homem? Duas coisas: ego e testosterona. Basicamente isso. A testosterona é o que eleva a libido, é o que dá a eles o impulso de ir, de caçar, de fazer conquistas profissionais e pessoais, é a testosterona que os impulsiona a muitas vezes querer chegar ao pico mais alto do planeta e a se embrenhar mata adentro em busca de vencer desafios e viver aventuras. É a testosterona que faz o homem olhar para as mulheres e sentir desejo por elas. Um homem sem testosterona é um homem sem libido.

Homens são caçadores; seu pai é, seu avô, seu futuro esposo ou atual é, seu filho, seu vizinho também é. Seu marido será caçador a vida toda. Aos 90 anos, se ele puder ter a oportunidade de caçar, ele vai. Se não puder caçar ele vai se sentir afeminado.

E caçar, para os homens, nem sempre está diretamente relacionado com o aspecto fazer sexo com outras mulheres. Às vezes, o caçar pode ser interpretado por ser extremamente gentil na tentativa de agradar uma “fêmea”. Pode ser olhar de maneira libidinosa para um par de pernas na rua. Pode ser passar uma cantada barata em uma desconhecida só para ver a reação dela e se ele ainda está em forma.

Homem é um pouco besta, né, amiga? Mas nós também somos... E tudo isso faz parte da vida!

As mulheres também têm testosterona, só que em dosagens mais baixas que os homens. Enquanto nós vamos de 0 a picos de 90 ng/dl (nanogramas por decilitro), os homens vão de 300 ng/dl a picos de 900 ng/dl. A testosterona é o que corre no sangue dos homens, é o que os incentiva à ereção e que direciona seus olhares a um corpo feminino com belas curvas. Portanto, quando uma mulher com um bumbum mais avantajado, por exemplo, passa diante de um homem, quem olha para ela não é ele, mas sim a testosterona, vamos dizer assim.

E o impulso de fazer isso é imediato, como um instinto animal, e portanto é considerado genético. Claro que o grau do impulso varia de acordo com os aspectos culturais, mas o fato é que existe em qualquer homem deste planeta. E independente de que religião seja, a bendita da testosterona o convida para “entrar em ação” quando passa uma mulher desejável.

Você deve estar se perguntando, então, que se o impulso é natural, então deveria ser “perdoado” um homem comprometido que tem o impulso de fazer sexo com outra mulher, ou quando olha descaradamente para ela, certo?

Não, não deve ser perdoado, e sabe por quê? Porque entre todos os animais, o homem é o único capaz de controlar seus instintos e seus impulsos sexuais (nos casos não patológicos). Um macaco, uma onça ou um boizinho devem ser perdoados, já o homem tem controle sobre isso, ou deveria. Um homem pode, sim, sentir o impulso de ter aquela mulher para ele, e não deve ser

repreendido por isso, porque sentir é inerente à nossa vontade. Mas ele não deveria pôr em prática o que vislumbrou fazer, porque tem um compromisso com outra pessoa e a capacidade de controlar seus impulsos. No caso de líderes religiosos, por exemplo, não é que eles não sintam desejo, é que eles controlam o impulso de realizar (ou pelo menos dizem fazer isso).

Mas nem por isso vou dar razão aos homens quando olham as mulheres, só porque eles têm testosterona, porque há maneiras e maneiras de se olhar.

Sabe, amiga, mesmo havendo o impulso de desejar e olhar, ele pode controlar a maneira de olhar. Existe muita diferença entre olhar e achar belo e desejável de uma forma discreta, e olhar com o objetivo de caçar e permitir que as outras pessoas percebam a intenção do olhar. E pior, fazer isso de forma descarada.

Nós vivemos em sociedade, logo, devemos nos importar não com o que os outros pensam sobre nós, mas com o que os outros à nossa volta sentem diante de nossas atitudes. E um homem deve estar preocupado com o que a mulher com quem ele está se relacionando sente, porque a maneira como será conduzido esse relacionamento estará diretamente relacionada com os sentimentos de ambas as partes. Se um casal estiver se sentindo respeitado mutuamente, esse relacionamento tem uma grande probabilidade de evoluir. Mas não existe um único casal que viva bem em um relacionamento sem respeito mútuo.

As mulheres precisam se sentir amadas, desejadas e não aceitam ser preteridas. Logo, um homem deveria cuidar para não deixar transparecer em momento algum que seu instinto animal acionou o “alarme”, a fim de que sua mulher não experimente esse sentimento.

Portanto, se você chegar a se relacionar com um homem que não está tendo total consciência da maneira como reage aos seus impulsos, vale a pena ter uma conversa com ele nesse sentido, explicando-lhe os motivos e como você se sente com esse tipo de atitude. Veja, nenhum homem vai iniciar um relacionamento com você completamente ajustado à sua maneira de agir, pensar e sentir, portanto, conversar sempre é bom.

E eu não vou ser radical no sentido de lhe orientar a cortar qualquer possibilidade de relacionamento só porque um homem não agiu inicialmente da maneira como você merece ser tratada. Vamos ter bom senso. Há atitudes que demonstram a deficiência do caráter de um homem, uma única atitude pode dar provas de que ele não deveria receber uma segunda chance, e, nos casos de mau-caratismo, por experiência própria e experiência mundial eu lhe digo que não vale a pena levar um relacionamento adiante nem tentar fazer a pessoa entender o que é certo e o que é errado.

Mas nesse caso de que estamos falando, posso lhe dizer que, embora a atitude dele não seja adequada, é totalmente corrigível. Agora, se ele não quiser se adequar, daí a conversa é outra.

E você, amiga, por favor, seja inteligente, procure entender o universo masculino. Homens se sentem atraídos por fotos de mulheres nuas. Não o proíba de fazer isso. Uma coisa é ele flertar com outra mulher, outra coisa é ele olhar fotos de mulheres nuas. Ele não vai deixar de fazer isso só porque você gritou com ele, e eu o apoio, sabe por quê? Porque a natureza dele precisa ser respeitada e isso não é algo que coloca o relacionamento de vocês em risco.

Mulheres precisam ser respeitadas na natureza delas de se enfeitar, decorar ambientes, gostar de perfumaria, culinária e moda. Homens precisam ser respeitados na natureza deles de gostar

de futebol, carros, apreciar a última capa da Playboy e *business*.

A coisa mais legal que você pode fazer por vocês dois é participar disso com ele, da seguinte forma: quando ele folhear revistas de mulheres nuas, como a Playboy, veja junto e ainda brinque com ele em relação às fotos, diga que você quer fazer igual, por exemplo. Ou comente o bumbum da modelo, como se você não se importasse. E não se importe de verdade.

Sabe, um homem aprecia uma mulher que não fica brigando com ele por causa de bobagens do universo masculino, como guardar a Playboy da Vera Fischer ou assistir a filme pornô.

E não o critique por sua passada fase “Emanuelle”, porque todo adolescente começa sua vida sexual com sessões de filmes na TV à meia-noite, fotos na internet e revistas baratas perto da banca da casa dele. Querida, vamos cair mais um pouco na real? O jogador Kaká, que casou virgem (opção dele e deve ser respeitada), é um em um trilhão, e mesmo assim “duvideodó” que ele não tenha se masturbado algumas vezes.

O cara com quem você vai se casar ou com quem casou já traz uma história. Sim, amiga! Ele já tinha uma vida antes de te conhecer! E tem uma vida estando ou não com você, e ele precisa disso para estar de bem consigo mesmo e com você.

Quando você tem uma atitude de cumplicidade com seu homem, então ele se conecta de uma forma mais intensa a você, e é isso que você quer, né, amiga?

Sabe, os bons homens são assim, eles gostam do mundo pornográfico.

E sabe por que eles apreciam formas femininas nuas? Porque o homem é um ser visual (prioriza o que vê), enquanto as mulheres são seres que priorizam a audição e o toque.

Por exemplo, em um show de striptease você vê os homens quase inertes, imobilizados, apenas olhando a mulher que à frente deles tira a roupa, como se estivessem hipnotizados. Seu olhar está totalmente focado naquele corpo.

Já se você vai a um Clube de Mulheres, praticamente todas elas estão gritando histericamente e tentando passar a mão no go go boy – algumas o agarram, unham suas pernas, arrancam sua cueca, é um horror! Isso porque a mulher sente a necessidade de verbalizar e de tocar. Então, minha amiga, entenda que olhar faz parte de ser homem! Assim como tocar, falar e ouvir faz parte de ser mulher. Portanto, eles que tratem de entender que você precisa ouvir, dar e receber carinho.

E agora que você recebeu essa preciosa informação e está entendendo como a testosterona influencia a vida sexual e emocional do homem, você vai tirar proveito disso e usar a seu favor.

Como? Caprichando no seu visual, alugando filme pornô para assistirem juntos (depois ele que trate de acompanhar você para apreciar as vitrines da coleção de sapatos da nova estação), falando algumas pornografias na hora do sexo. Além disso, você não irá mais ficar brigando com ele e trocando de canal desesperadamente quando a Mulher Melão entra em cena na TV e vai deixá-lo fazer sua coleção de Playboy em paz!

Se isso vai te garantir casamento feliz e fidelidade? Digamos que ajuda bastante, mas a maior parte é o caráter dele que decide, e isso vou te explicar melhor quando formos falar sobre traidores.

Amiga linda, deixe essa testosterona entrar em ação nele e use-a a seu favor, permita-se ser caçada. A você cabe ser inteligente, então, faça-se de caça mesmo, deixe-o pensar que está

podendo, que está conseguindo o feito mais difícil da vida dele. Grande coisa ele pensar dessa forma, o importante é que ele está ali, firme, ocupado em caçar você, uma presa que ele já pegou faz tempo, mas que não pode nunca ter certeza de que está ali. Deixe que ele te cace uma vida toda.

“Como, Van?”

Mesmo casada, não fique atrás dele. Ele é que tem de ficar atrás de você.

“Ah, mas ele não corre atrás de mim.”

Corre, sim; se você der oportunidade ele corre. Vai estranhar que você não ligou, e se você der uma sumidinha ele vai te procurar, sabia? A não ser que ele não goste nada de você, e nesse caso é melhor se separar.

O homem tem de ter a sensação de que você não estará para todo o sempre ao lado dele se ele não se comportar. No dia em que ele tiver certeza de que você estará para o resto da vida em casa, aconteça o que acontecer, ele nem vai ter incentivo para voltar para casa.

MANIPULANDO SAUDAVELMENTE UM HOMEM

Quem determina que tipo de relacionamento o casal terá é a mulher, ponto final. Saiba que, quando ela é uma pessoa em equilíbrio, ela conduz melhor o relacionamento do que o homem.

Isso acontece pelo fato de que a mulher tende a ser mais altruísta, mais sensível e consegue ver melhor todos os ângulos de uma situação; ela sabe aceitar melhor e digerir com mais facilidade aquilo que é novo à sua volta. A mulher é treinada para cuidar. Claro que existem mulheres que não são assim, mas estamos aqui falando de mulheres normais.

Então, saiba que serão os seus atos que terão maior repercussão na condução do relacionamento, e sendo ele um homem de caráter (embora imperfeito, claro) você poderá fazer esse relacionamento ser superlegal se souber manipulá-lo positivamente.

Eu digo manipular de maneira saudável e positiva, quando você usa de artifícios e ações que beneficiam a ambos no relacionamento e não somente a você. Através de carinho, de elogio e do ego. Isso mesmo, você vai usar o ego do seu homem pra obter dele o que você quer.

Você irá massagear o ego dele quando quiser que se comporte da maneira como você quer que ele se comporte. Ou seja, você vai usar o ponto fraco dele para ser o seu ponto forte.

“Como? Explica melhor, Van! Agora estou nervosa... Do que exatamente você está falando?”

Amiga, veja os homens como eternos meninos carentes. Homem adora receber carinho, gosta que passem a mão em seu cabelo, principalmente atrás da nuca, gosta que passem a mão em seu corpo, que o beijem apaixonadamente de língua e gostam de abraços. Converse com ele sobre suas ideias enquanto faz nele uma massagem relaxante – ele estará tão envolvido pelo seu toque e tão calmo que prestará atenção no que você diz.

Quando você tiver oportunidade, aperte sua mão, abrace-o repentinamente, cheire seu pescoço, depois desvencilhe-se dele. Eles gostam de receber afeto, assim como você.

É claro que eles não curtem que isso seja feito de maneira sufocante e perdem o interesse por mulheres carentes, que ficam clamando por carinho e atenção. Isso é um saco para eles. Não implore, isso é humilhante, indigno e desnecessário. E você pode muito bem ter o que deseja deles agindo de maneira equilibrada e inteligente. Faça da seguinte forma, quando receber carinho dele diga: “Nooossa, que carinho gostoso, você é o melhor do mundo em acariciar!”.

Pronto!

Dessa forma você estará mexendo com o ego dele. Você sabia que o ponto fraco de um homem é o seu ego? Você sabia que um homem com o ego grande fica mentalmente “retardado”? Você sabia que o ego cega um homem da mesma forma como a paixão cega uma mulher? Saiba que quanto mais ele estiver sob o efeito do ego menos inteligente ele estará sendo e menos estará percebendo a realidade à sua volta. É pelo próprio ego que ele se torna vulnerável.

Quer outro exemplo prático? Homem adora ser elogiado por mulheres na frente de amigos. Então, quando você estiver entre eles, não faça o papel da namorada reclamona, mas elogie seu homem dizendo: “Ontem ele me levou para jantar, foi tão bom, ele é o máximo, que namorado

legal que eu tenho!”.

Homens estão sempre inflando o seu próprio ego. Homem nunca se reúne para falar de problemas, homem se reúne para contar vantagem. No máximo eles desabafam com um amigo, separadamente, de forma discreta. E na versão que contam nunca se colocam da maneira como os fatos realmente aconteceram.

E outra, amiga, você não quer que ele te leve para jantar por uma obrigação porque você demonstrou estar profundamente infeliz, certo? Você quer que ele te leve e sinta prazer nisso, e mais ainda, que pense que é o cara! Assim ele te levará muitas outras vezes. Através do elogio e não do choro.

Trabalhando o ego de um homem você vai conseguir solucionar muitos problemas do dia a dia. Vai conseguir inclusive fazer com que ele te ajude mais em casa, seja nas tarefas domésticas, seja em apoio financeiro.

Então, lindona, agora que você tem a palavra-chave na mão, que é o calcanhar de aquiles de um homem, faça bom proveito do conhecimento adquirido.

Saiba que quando você começa a reclamar choramingando, repetidamente e com cara de emburrada, você não muda a situação, mas reforça a ideia negativa. E você tem de ser mais inteligente do que isso, amiga, pelo bem do relacionamento. Você tem de ajudar seu homem a ter incentivo a fazer as coisas legais para você.

Estou dizendo para você passar a ser a “madame puxa-saco” da relação?

Não.

Estou dizendo para você jogar saudavelmente com o ego dele. E você pensa que ele não faz o mesmo com você? Ele faz, sim. Ele joga com você da mesma forma em diversos momentos, até quando te diz para fazer sexo anal com ele alegando que ia te amar mais ainda por isso. Nesse momento ele está te manipulando através daquela pequena raiz inerente a todas as mulheres: o desejo de viver um grande amor e ser profundamente amada.

E sabe o que acontece também quando você o elogia? Ele acaba tendo um grau tão alto de cobrança para consigo mesmo que passa a ser mais cuidadoso com você, afinal, ele não quer descer do patamar de onde se encontra atualmente. Ele quer se manter no pódio e continuar sendo o mais-mais da sua vida. No fundo, um homem normal jamais quer decepcionar você. Ele quer que você o veja como um super-homem.

Mas quando você passa a criticá-lo demasiadamente, ele não vê motivos para ser diferente, afinal, você sempre acaba pensando o pior dele. É claro que eu não estou dizendo para você nunca mais reclamar de absolutamente nada e parecer a esposa encantada no país das maravilhas, que acha tudo lindo! Nada disso.

Pois bem, vou lhe ensinar de que forma você faz uma crítica positiva, certo?

Você lança três elogios, no mínimo, junto com sua crítica. Dessa forma você o faz refletir sobre seus atos e ganha uma grande possibilidade de ele rever a postura sem se ofender e dando importância à sua opinião. Por exemplo, você diz: “Nossa, amor, você sempre foi um homem tão inteligente, educado, eu sempre admirei sua postura bacana no nosso relacionamento, agora você simplesmente dá ouvidos aos seus amigos e volta para casa tarde? De verdade, um cara como você, que tem um futuro profissional, vai beber em um bar até tarde? Eu acho que você

tem potencial para muito mais”.

Você entendeu a maneira como você tem de falar? Assim, sem gritar, sem ofender, falando com classe, como se estivesse decepcionada com o que houve e com ele, porque, afinal, ele é especial demais para ter uma postura tão comum.

E homens são tão preocupados com o ego, amiga, que nunca meça forças com ele de forma declarada. Não “bata de frente com ele”! Porque mesmo que ele não queira, ele vai manter seu ego intacto e vai defender sua posição, apenas para mostrar que pode e que você não manda nele.

Não diga: “Você não vai porque eu não quero e se você for você não volta mais!”.

Amiga, não fale nada que depois você tenha de engolir, não o ameace com o que você não pode cumprir, ele perderá o respeito por você. Ele irá, só para provar que não é covarde e que não tem medo de você. Seja inteligente e jogue com o ego dele. Diga: “Pense de forma inteligente sobre o fato de você ir, você acha que isso tem a nos acrescentar? Eu me sentiria muito mal se você fosse, acho que temos de ter atitudes que fazem o relacionamento dar certo e não o contrário”.

Aja com equilíbrio, fale pausadamente, em tom de voz baixo. Isso desarma os homens normais, eles ficam sem ação, têm a tendência a não se alterar nem a gritar, e isso de certa forma os confunde, porque estão mais acostumados a mulheres histéricas, descontroladas e irracionais. Seu equilíbrio é sua arma, você mostra superioridade, pareça estar bem lúcida – isso o amedronta. Uma frase que faz com que os homens parem e reflitam sobre suas atitudes é: “Eu esperava que você fosse mais inteligente”.

Procure verbalizar de forma clara, não espere que por si só o homem veja muita coisa e perceba o que está pairando no ar, porque quem faz isso são as mulheres.

Homem não entende meias palavras, não entende suspiros e não entende sutilezas. Os dois únicos tipos de olhares que ele vai entender são o seu de sacanagem e o de raiva, e mesmo assim ele vai ficar se perguntando o porquê. Homem não costuma dar bola para mulher emburrada. Eles saem de casa, batem a porta e vão lá falar para o amigo: “Minha mulher está louca!”.

Saiba então que, em se tratando de homem, você precisa dizer tudo de forma muito clara; talvez, quando vocês já tiverem muitos anos de relacionamento, ele comece a entender melhor os seus olhares, mas no início, esqueça, ele não possui “Google eyes”.

Há algo que você precisa saber também e que irá te ajudar bastante, amiga: saiba agradecer. Homens gostam de ouvir “obrigada pelo jantar!”, mesmo que vocês tenham vinte anos de casamento ou que seja o primeiro jantar juntos. E mesmo que seja uma obrigação dele trazer pãozinho para casa no final da tarde, todos os dias, agradeça-lhe, como se ele estivesse trazendo um presente para você; por dois motivos: ele precisa achar legal continuar fazendo isso e dessa forma você serve de modelo para que ele faça o mesmo com você, agradeça-lhe pelo que você faz.

E como o ego é seu ponto fraco, saiba que existem duas frases que você jamais poderá lhe dizer, nunca! E quando eu digo “nunca” estou afirmando que nem em um momento de raiva você poderá verbalizá-las, porque essas frases são destrutivas, mexem com a raiz do ego e não há

conserto. Vocês podem fazer as pazes, mas ele nunca mais esquecerá. Você pode pedir perdão, mas ele nunca mais esquecerá, e você pode dizer que era só uma mentira para ofendê-lo, mas ele nunca mais esquecerá. Essas frases não apenas destruirão o relacionamento de vocês, mas irão acompanhá-lo durante anos. Será o seu pesadelo, e eu estou falando muito sério. Estou te contando para que você evite algum dia dizê-las em um momento de descontrole emocional, porque muitas leitoras minhas já cometeram esse grande equívoco. Jamais, sob hipótese alguma, fale “você é um fracassado na vida”, porque isso é muito humilhante para um homem, você aniquila a raiz egocêntrica dele e o deixa reduzido a pó por não ter a capacidade de ser provedor. E muito menos diga “seu pênis é pequeno e eu não sinto prazer com ele”. Você o reduz a nada, afinal, ele pensa que é o que o seu pênis é.

No dia em que você disser isso, acabou o sexo entre vocês. Acabou a vontade dele de estar nesse relacionamento. Ele terá raiva de você e profunda mágoa. Acabou o estado mental saudável dele. Ele levará suas palavras para o resto da vida. Após pronunciá-las, não há como voltar atrás. É por isso que dizemos que uma mulher pode construir ou destruir um homem.

Outra coisa que não pode acontecer, embora tenha menor consequência na vida dele do que essas duas frases que citei, é você fazer comparações dele com outros homens, principalmente em relação aos seus ex, apontando onde ele deixa a desejar. Ele pode dizer que a perdoa, mas será da boca para fora.

Uma mulher dotada de conhecimentos como esses que estou lhe passando pode ser a cura e o fertilizante na vida de um homem ou pode ser a bomba atômica devastando tudo o que há nele. O que você pretende ser, amiga? Espero que fique com a primeira opção, seja responsável pelo conhecimento que você detém e utilize-o para construir! Construa fortalezas, seja uma incentivadora de pessoas, fique feliz por apoiar as pessoas que você ama e não o destrua por vingança ou raiva, vibre em esferas positivas, porque pessoas boas atraem boas oportunidades para sua vida.

Quando você o destrói com essas palavras, ele acha que não é mais admirado por você. E um homem, para querer estar em um relacionamento, tem de sentir que é admirado pela mulher. Há vezes, sim – é uma minoria mas é fato – em que um homem sai à procura de outra mulher na tentativa de recuperar sua autoestima, que ficou fragilizada depois de ouvir uma dessas duas frases, ou então porque sua companheira não lhe faz nenhum elogio e ele se sente diminuído por ela.

Claro que tem muito homem que não recebe elogio porque quando recebia não dava valor à esposa, e por tantas vezes foi deselegante com ela que a mulher acabou deixando de lhe dizer palavras de incentivo. Enfim, a maneira que se tem de reverter essas situações é justamente ambas as partes se conscientizarem de que precisam elogiar um ao outro e assim agir. Esse é o poder da gentileza.

O HOMEM, O SEXO E SEU PÊNIS

O homem é o seu pênis. Ele é o seu melhor amigo. Sexo é o que alimenta o ego de um homem, logo, ele precisa fazer sexo para se sentir homem, e um homem sem pênis não é um homem. É um ser sem razão de ser. Assim pensa a maioria dos homens. Para eles há vida enquanto há sexo, e um homem com um pênis “ineficiente” não passa de um morto-vivo.

Você já percebeu que todo homem batiza seu pênis com um nome de pessoa? Como se ele fosse um amigo mesmo? É porque ele o vê como seu melhor amigo! Parece que pênis é gente!

O homem precisa saber o quanto seu pênis é admirado pela mulher com quem está fazendo sexo. Na verdade, enquanto ele a penetra, está também esperando o momento de ouvir você falar algo sobre o tamanho, resistência e potência. Os gemidos de uma mulher para ele são traduzidos como sons de aprovação. Quando uma mulher tem um orgasmo, sabe o que um homem automaticamente pensa? “Eu consegui! sou o cara!”

E uma vez o seu pênis estando diretamente conectado ao seu ego, ele traz influência a todos os setores da vida do homem, pois, embora seja o instrumento principal da vida sexual de um homem, seu desempenho e tamanho desencadeiam reações também em sua vida emocional e profissional.

Por exemplo, um homem com um tamanho de pênis diminuto tenderá a ter uma de duas posturas radicais em sua vida. Ou ele vai se tornar uma pessoa humilde, com baixa autoconfiança, com receio de desagradar as mulheres, e vai tentar ser melhor sob outros aspectos, como ser mais romântico, gentil e carinhoso, ou simplesmente se tornará um poço de arrogância, por não saber lidar com esse aspecto em sua vida, e tenderá a humilhar as pessoas à sua volta, tornando-se inclusive um compulsivo sexual, na tentativa de usar as mulheres e fazer com que sofram por ele a fim de não se sentir inferior a elas.

Você provavelmente já ouviu falar que muitas vezes empresários muito bem-sucedidos possuem baixo desempenho sexual – inclusive, há muitos grandes empresários com pênis pequeno e com pênis ineficiente no que diz respeito à ereção. Isso não é regra geral, mas tem um fundamento. Não é o fato de trabalharem excessivamente que faz com que seu desempenho sexual diminua, a lógica é inversa: os homens que possuem baixo desempenho sexual ou que são frustrados com o tamanho de seu pênis é que acabam canalizando seu potencial criativo para a área dos negócios, a fim de se sobressaírem em um setor de sua vida, como forma de suprir alguma falta que sentem em outras áreas, como a sexual.

Vou lhe contar algo a respeito dos homens que talvez você ainda não tenha percebido: o fato é que é muito difícil ser homem. Existe uma cobrança social forte sobre eles desde que nascem. O mundo pede a eles que prosperem, que sejam héteros, que tenham pênis grande e que mantenham

a ereção a fim de provar que são viris e, portanto, homens. E ter de ficar provando o tempo todo ao mundo sua libido e sua ereção é estressante, é um saco, porque é muito chato e muito cansativo receber toda essa pressão diária.

E se você acha que um homem está o tempo todo a fim de sexo, digo que você se enganou. Há, sim, aqueles que são compulsivos, mas a maioria dos homens não acorda todos os dias a fim de transar e tampouco passa o dia todo pensando em sexo. E se você pensou que os homens estão sempre prontos para o sexo, você também se enganou. Sim, a maioria dos homens tem maior disposição para o sexo do que as mulheres, afinal, culturalmente o homem fala mais sobre isso, logo, ele instiga seus pensamentos ao ato e se autoestimula, mas achar que a disposição deles é 100% todos os dias é um pensamento equivocado.

Você sabia que fazer sexo demais quando não há vontade real causa desgaste físico e mental? E você sabia que há homens que se forçam a ter um orgasmo sem estar a fim, só para dizer para si mesmos que conseguem quando querem e provar a suas parceiras o quanto são viris?

E você sabia que a maioria dos homens fica falando de sexo perto dos amigos para demonstrar libido alta só para conseguir aprovação social quanto à sua masculinidade?

E mais ainda, você sabia que tem homem que finge libido só porque acha que tem que demonstrar que está sempre cheio de tesão? E que há homens que fingem orgasmo, PASME, só para parar a relação sexual porque estão cansados mas não se sentem à vontade para dizer “Ah, hoje estou a fim de ficar de boa e assistir a um filminho”.

Acredite, tem homem, ainda, que fica gemendo alto, encenando uma libido astronômica durante a penetração sem sentir absolutamente nada, mas age assim porque teve de apresentar um pênis ereto, abastecido com Viagra da mais pura qualidade, só para a parceira pensar bem dele a respeito de seu desempenho sexual! Isso quando não verbaliza em alto e bom som um orgasmo praticamente inexistente, só para dizer que é um homem que tem tanto tesão que o orgasmo chega a ser inevitável.

E os homens gostam tanto de contar vantagem sexual que exageram até no tempo do orgasmo, que comumente dura três segundos, no máximo seis, mas saem dizendo que durou dez segundos. Há aqueles que sem o menor pudor falam que sentem por um minuto. No dia em que isso acontecer o sujeito no mínimo desmaia!

E mais, você sabia que homem tem o maior orgulho quando ejacula bastante? Como se a quantidade de esperma que sai dele fosse a medida de quanto é homem. Por isso os homens têm receio da cirurgia de próstata, porque o esperma após a cirurgia fica escasso, o que os deixa desconfortáveis na hora do sexo e inseguros. Um homem sem esperma age como uma mulher insegura por ter seios pequenos.

Essa cobrança pessoal e social quanto ao desempenho gera nos homens a “síndrome do desempenho sexual”, a qual tem levado os jovens ao uso desenfreado de Viagra nos últimos anos, sem indicação médica, apenas porque os homens estão ficando cada vez mais ansiosos devido ao medo de falhar na hora H.

Saiba que o maior medo do homem é a impotência sexual. Seu eterno pesadelo! Ou de não ser aprovado sexualmente pela parceira. Eles não deveriam agir dessa forma, mas tem sido assim durante séculos, e, como falei, nós mulheres mudamos, mas os homens ainda são os mesmos.

Você viu como é cansativo e difícil ser homem? De verdade? Eu não queria ser um.

E muitas das atitudes deles, sendo bons ou maus, estarão ligadas não só à testosterona e ao ego, mas à cobrança social também. E se uma mulher souber usar esse conhecimento a seu favor ela saberá conduzir uma vida sexual ao lado do homem que ela escolher de uma maneira bem positiva, pois, como já conversamos, faz parte da sua inteligência feminina compreender por que os homens são como são.

No início de um relacionamento com um homem, procure entender por que ele é dessa forma e aceite o fato de ele agir tão tolamente em certos momentos. Mas, quando vocês já forem íntimos, tranquilize-o, dizendo que ele não precisa provar nada para ninguém, que você não espera que ele seja um super-homem e que tampouco irá achar que ele não a ama o suficiente ou que ficou definitivamente impotente ou não é mais o mesmo porque falhou na hora H. Amiga, aquele homem que disser que nunca falhou na hora H está mentindo descaradamente... Pense se você esteve com a libido em alta em 100% das suas relações sexuais... Pense se você conseguiu sentir tesão por 100% dos homens com quem você fez sexo... Se ele disser que nunca falhou na hora H, provavelmente ele teve muito poucas experiências sexuais, e, mesmo assim, mesmo estando com a pessoa que ele ama, mesmo tendo uma vida sexual feliz, ainda assim isso é supernatural, porque está muito ligado à concentração do homem. Quem consegue estar bem emocionalmente todos os dias de sua vida?

No fundo, todo homem faz sexo na cabeça e é humanamente impossível um ser humano estar todos os dias muito bem concentrado e sem estresse.

Quando ele falhar na hora H, jamais, jamais, jamais deixe transparecer sua frustração; trate como algo normal, nem pergunte por que isso aconteceu e o que ele tem, se não te ama mais, se está pensando em outra, porque provavelmente ele entrará em parafuso. Diga a ele: “Ah, grande coisa, isso não significa nada perto do que temos um com o outro, ok?”. Essa é a resposta mais tranquilizadora que você pode dar a um homem.

Amiga, sabendo como proceder com os homens em relação ao sexo você terá poder sobre eles. É fato. Uma mulher esclarecida é uma mulher poderosa. Quem comanda a relação é a mulher inteligente e não o homem machista.

E uma forma de manipular o homem, conforme já falamos, também é pelo sexo.

Vou contar uma piada para você. Estavam o Joãozinho e a Mariazinha na escola quando ele aponta o dedo para o meio de suas pernas e diz:

– Mariazinha, eu tenho, você não tem! Eu tenho! Você não tem!

E a Mariazinha, cheia de autoridade, aponta o dedo para o meio das suas pernas e diz:

– E daí? Grande coisa, a minha mãe disse que com isso aqui eu tenho quantos disso aí eu quiser!

E quer saber? É verdade! Por meio do sexo você pode manter ao seu lado o homem que você quiser. Não, não estou falando que isso é garantia de fidelidade, de forma alguma. Estou falando de mantê-lo ao seu lado. Fidelidade é uma questão de caráter.

Sexo não pode ser tática de conquista nem estratégia para obter fidelidade. Sexo é estratégia de manter aquecido um relacionamento. Quando você faz sexo com um homem você tem poder sobre ele. Você é que muitas vezes não percebe e não usa adequadamente esse poder. Mas é

fato, um homem envolvido sentimental e sexualmente está à mercê de uma mulher.

Amiga, onde está o seu poder sexual? Você o tem usado adequadamente? Sabia que poder sexual nada tem a ver com beleza? E que as mulheres são poderosas, mas nem todas sabem disso? Você sabia que no fundo os homens têm medo das mulheres? É porque eles sabem que, se elas acionarem seu poder sexual, poderão fazer com um homem o que quiserem.

Vou lhe ensinar a ter poder sexual sobre os homens, ok? Prepare-se. Supersimples e sem fórmulas secretas.

Primeiro de tudo, você tem de ser desinibida. Tem de ser literalmente sem-vergonha. Você é tímida? Pois saiba que era, agora não é mais! Lembra-se da nossa tática de fingir? É essa mesmo que vamos usar. Agora você vai fingir que não é mais tímida, e vai fingir tão bem que vai acreditar em você mesma. Você vai ser superautoconfiante, e lhe digo mais, você vai gostar disso, porque sendo livre entre quatro paredes você vai gostar mais de você mesma, ele vai gostar mais de você e você vai viver muito melhor com ele e consigo mesma.

Homem não aprecia mulher tímida na cama. Homem não gosta de mulher submissa na cama, homem tem fetiche e contrata garota de programa sabe por quê? Porque ela mostra dominação sexual sobre ele e não submissão (a porcentagem de sadismo é mínima em relação ao masoquismo, sabia?). E sabe por que a garota de programa demonstra essa dominação? É porque ela já fez tanto e de tantas formas que é uma mulher segura durante o sexo e é isso que eles comumente apreciam. Talvez, para realizar uma fantasia sexual em que ele desvirgina a ninfeta, seja bom você representar a personagem tímida, mas, tirando isso, o que homem gosta mesmo é de mulher bem resolvida sexualmente.

Homem não aprecia sexo silencioso. Homem gosta de sexo com luz acesa, olho no olho e que mulher fale pornografias sem pudor algum.

E isso nada tem a ver com o fato de ser vulgar ou ser considerada uma mulher fácil.

Mais ainda, homem gosta de mulher que sabe dar prazer a si mesma. Lembra daquilo que falei de você ser independente na medida certa? Serve para o sexo também.

Você sabia que homem aprecia saber que a mulher se masturba? Isso porque ela dá a impressão nesse momento de não precisar dele. Independência emocional e sexual, entendeu, amiga? Tenha isso! Sinta-se assim.

E saiba que mesmo fazendo sexo com você ele vai gostar de fazer sexo sozinho de vez em quando, no banho, por exemplo – amiga, isso nada tem a ver com faltar ou sobrar sexo, mas sim com o fato de ele querer alimentar seu ego dizendo para si próprio o quanto é viril e como consegue mais orgasmos, até quando se masturba depois do sexo.

Sabe qual a primeira coisa que homem faz quando ejacula na masturbação? Observa quanto de esperma saiu na mão, acredita? Quase todos eles são assim. Até parece mulher vendo no espelho quanta celulite tem naquele dia!

Aproveito para esclarecer algo bem importante quanto ao esperma. Quanto mais o homem fizer sexo, mais translúcido e líquido será o esperma. Quanto mais dias sem sexo ele estiver, mais pastoso e branco estará o esperma. Isso serve como um parâmetro para você saber com que regularidade ele faz sexo ou se masturba.

Amiga, para ter poder sexual você precisa se sentir segura, e para se sentir segura você

precisa praticar. Não estou dizendo para você ter um estilo de vida livre e dormir com todo homem que aparecer na sua frente, mas para você manter um ritmo mais regular. A prática faz a excelência. É um treino. Lembre-se de que as mulheres acima de 30 anos são consideradas melhores no sexo pelos homens do que as meninas de 20. É porque a tendência é que as mulheres de 30 anos tenham praticado mais. Além do quê, depois dos 30 anos nós nos libertamos mais facilmente de alguns mitos que nos são impostos a respeito de sexo, crime, castigo e pecado.

Amiga, para ser mais autoconfiante, passe a se tocar mais e experimente posições diferentes, experimente sair da rotina, praticar alguma aventura sexual, pôr fantasias sexuais saudáveis em prática, leia mais sobre o assunto e permita-se se entregar na hora do sexo, retirando de sua mente todos os pudores. Você vai perceber, com o passar do tempo, que muito do que você pensava sobre sexo e os homens na juventude era uma bobagem e que uma mulher livre sexualmente tem tanto valor quanto aquela que ainda se detém em pensamentos puritanos.

Amiga, outra coisa. Superimportante: para o homem, beijo de língua é fundamental. Quando você o beija de língua, ele se sente penetrado, invadido, sente como se você tivesse domínio sobre ele. Ao penetrar a sua boca com a língua ele sente tesão, porque é a representação da penetração. Além do quê, beijo de língua é termômetro da relação. Bitoquinha você dá nos seus filhos, amiga, ou nele, quando estiver na frente dos seus pais ou em um lugar reservado, como uma igreja, velório, hospital etc. E não se acanhe nem um pouco de surpreendê-lo com um beijo de língua inesperadíssimo, porque homem adora isso.

Não adianta, um casal pode ter 70 anos de idade, se a mulher der um beijo de língua no homem ele vai sentir umas coisas diferentes por dentro.

Pratique. Pratique e pratique, beijo de língua e sexo. Não por ele, mas por você. E o resultado disso será lucro para os dois.

Amiga, o que vale para o campo sexual é o mesmo que vale para o campo afetivo; ser bem resolvida e independente sexualmente não significa que você irá caçar um homem, ok? Faça isso apenas se você quiser um encontro de uma noite e nunca mais. E certifique-se, dentro do possível, de que você não vai se apaixonar por ele nem vai ficar esperando que ligue no outro dia. Você está terminantemente proibida de fazer isso se pretender levar um relacionamento adiante.

Entenda que deixar-se caçar por um homem no campo sexual nada mais é do que escolher aqueles que chegam até você. Eu nunca disse que permitir-se ser caçada seria o mesmo que aceitar aquele que viesse à sua porta, mas sim criar mecanismos para que um homem que você deseja chegue até você da maneira que você quer, como e quando você permitir.

Já sabe: sexo no primeiro encontro, não. Sexo oral na primeira transa, também não, muito menos sexo anal e aventuras sexuais como *ménage à trois*. Espere o relacionamento estar muito estabilizado (muito). Casas de *swing* também não foram feitas para casais que estão se descobrindo em um relacionamento. O casal precisa adquirir intimidade para ser feliz, senão não há razão de ser. Raros são os casais que evoluem dentro de relacionamentos abertos.

Esqueça casas de *swing*, *ménage à trois* e fantasias eróticas no início do relacionamento. Essas coisas vêm com o tempo e com a confiança. Se você se mostrar disposta a realizar

qualquer fantasia sexual dele logo de início, tenha certeza de que você será para ele uma tremenda aventura sexual, mas que não passará disso até que ele encontre alguém para casar. Ele não vai levá-la a sério se você topar tudo inicialmente, mesmo que ele saiba que é para agradá-lo. Então, já sabe: se um homem com quem você está iniciando um relacionamento convidá-la para um *swing*, saiba que ele não deseja passar o resto da vida a seu lado, pelo contrário, você não passa de uma aventura sexual momentânea. Portanto, risque-o da sua lista e passe para o próximo.

E também não pose de santa; diga: “Eu me considero uma pessoa aberta a novas experiências, mas acho que isso vem com o tempo de relação, então, deixemos mais para a frente, por enquanto vamos curtir o que há entre nós dois e quem sabe um dia fazemos. Hoje digo não, mas amanhã, quem sabe?”. Essa é a melhor resposta que você pode dar, você ganhará confiança e respeito desse homem.

E entenda, de uma vez por todas, que um homem que a pressiona para realizar suas fantasias sexuais, deixando-a insegura porque se você não fizer ele poderá ir em busca de outra que as realize, é um homem que não serve para estar com você. O homem que serve para estar ao seu lado respeita os seus momentos e sabe esperar.

Faça sexo com um homem com quem você está se relacionando, mas não ofereça toda a comida em um único banquete. Striptease, sexo anal e vibradores aparecem aos poucos no relacionamento. Quando o homem recebe isso tudo em uma única noite ele não dá valor, erroneamente vai achar que para você é normal fazer isso com qualquer homem com quem faça sexo, e portanto não vai te valorizar. Lembra? Ele precisa sentir que convenceu você a fazer sexo anal com ele, ou coisa que o valha, para dar o devido valor ao fato.

Querida, ele não precisa saber que você já fez isso de lote. Saiba sair sempre pela tangente quando um homem ficar lhe perguntando sobre o seu passado sexual. Por mais moderno que ele pareça ser, ainda existe nos homens um inconsciente possessivo a respeito de sua mulher, e acredite em mim, embora ele esteja lhe perguntando, no fundo ele não quer que você conte, no fundo ele tem a esperança de ouvir que você foi só dele ou de muito poucos. Para o bem dos dois, faça o jogo, não tente mudar a natureza dele. Se ele é feliz acreditando assim, deixe-o acreditar, afinal, nós duas sabemos que ocultar esses detalhes não é mentir, é preservar. Ou você acha que por mais que você pergunte e seja sincera ele irá lhe contar sobre todas as aventuras sexuais dele?

A mamãe aqui é a única que contou sobre sua vida sexual com todos os detalhes e fez isso publicamente, mas, quanto a você, tenho certeza de que não quer virar best-seller, certo? Você quer ter um relacionamento saudável ao lado de um cara legal para completar a felicidade já existente em sua vida, certo? Então, bico calado, amiga linda!

E não acredite que sexo fará ele te amar. Sexo ajuda, e muito, a prolongar o fogo da paixão, apimenta a relação, instiga a curiosidade, diverte, faz com que as pessoas se conectem umas às outras. Amor vem com o tempo.

A base dos relacionamentos fortalecidos, acredite, será sempre a amizade. Se vocês forem os melhores amigos um do outro, forem cúmplices na vida e ainda por cima gostarem de fazer sexo um com o outro, vocês se amam. Aquele estado de euforia, frio na barriga, insegurança, medo

do desaparecimento um do outro chama-se paixão, e só isso. É legal nos primeiros meses de relacionamento ter os sintomas da paixão, mas para sempre é impossível, e entenda, não faz bem.

Existe a linha evolucional dos relacionamentos e as etapas que um casal precisa vencer para ser feliz. Primeiro vem a paixão, depois os testes sobre as estruturas dessa relação para ver se os sentimentos evoluíram – naturalmente, alguns problemas aparecem, entre eles os de adaptação. Depois chega-se a uma conclusão quanto ao nome do sentimento, se é amor ou não. Portanto, amiga, se você acha que está amando depois de um mês de namoro, saiba que está equivocada; você amará depois, por enquanto está demasiadamente empolgada, apaixonada.

Embora muita gente ame e não se aperceba disso inicialmente, há também muita gente apaixonada que acha que amor é sufocante, desesperador e lancinante (isso é paixonite). Aquilo que os escritores famosos escreveram sobre o sentimento em seu auge nada mais era do que paixão, algo efêmero e que só foi possível descrever naquele momento, porque depois de dois anos, referente à mesma pessoa, o texto já seria outro. Paixão é um sentimento volúvel, instável, eufórico. Benéfico, sim, mas só nos estágios iniciais de relacionamento.

O prazo máximo que se sabe que uma pessoa é capaz de ficar apaixonada por outra é de dois anos. Isso porque o corpo, depois desse período, se acostuma com a química da “adrenalina da paixonite” e a substância não surte mais efeito. Há casos em que um indivíduo consegue se reapaixonar pela mesma pessoa, porque o organismo volta a produzir a química da paixão depois de um tempo.

Os homens entendem menos isso do que as mulheres, porque eles confundem amor, sexo e paixão, então, quando você tiver oportunidade, e na hora certa (não quando estiverem se conhecendo, pelo amor de Deus), explique isso para a pessoa que está com você. Assim você o ajuda a entender seus sentimentos em relação a você, mas deixe pra fazer isso, amiga, depois de um ano de relacionamento, porque há homens que, quando a dosagem de paixão baixa no organismo, passam a acreditar que não amam mais. Se você explicar tudo isso ao seu homem, pode ser que ele se conscientize dos processos do amor.

E já que amor e sexo estão tão interligados para os homens, vou te contar um segredinho básico de sexo. Os homens são fascinados por sexo oral! Anal é complemento, mas oral, para praticamente todos os homens, é indispensável. Vale a pena você aprender a fazer, e de uma forma sensacional, porque sexo oral realmente deixa os homens loucos.

OS HOMENS TRAIDORES

Não se permita envolver-se com um homem:

- Se ele traiu a última namorada e todas as anteriores. (Por que com você seria diferente?)
 - Se todo mundo fala que ele é um galinha (A voz do povo é a voz da razão.)
 - Se ele vive em balada e de porre. (Ou seja, não sabe ao lado de quem acorda no outro dia.)
 - Se ele abordou você dizendo que foi amor à primeira vista e ligou depois de muitos dias para saber de quem era aquele telefone que encontrou no bolso da calça. (O cara canta a primeira que aparecer, essa é que é a verdade.)
 - Se ele afirma: “Não existe homem fiel”. (Esse morreu pela boca.)
 - Se ele se diz MACHO, homem com “H”, um verdadeiro garanhão entre a mulherada. (Ele não faz nem a metade, mas pula a cerca mesmo sem dar conta do recado porque precisa provar para si mesmo algo que nunca conseguirá.)
 - Se ele diz: “Eu juro que nunca traí mulher nenhuma” e fica o tempo todo enfatizando o quanto é fiel e honesto, ainda mais se nessa hora deixa cair uma lágrima do olho. (Esse tem culpa no cartório.)
 - Se ele tem o costume de acusar você de infiel ou fica falando mal o tempo todo de quem trai. (Está tentando despistar.)
 - Se ele é extremamente ciumento e vê maldade e intenções sexuais onde não há. O fato é que se parte da premissa do ladrão, que sempre acha que todo mundo à sua volta está tentando roubá-lo. Um cara sem malícia para traição não fica enxergando traição aqui e acolá, porque isso não faz parte do seu dia a dia.
 - Cujas vida social é muito mais importante do que a particular. (A base dele é suscetível a ruir e ele não vai resistir ao mundo das ilusões.)

Cuidado com homens que fazem questão de ter senha em seu celular para que você não tenha acesso ou que deixam o aparelho constantemente no modo silencioso. Alerta também se ele passou a se arrumar mais do que de costume e se apareceu em casa com posições inovadoras na cama.

Observe também a qualidade do esperma de seu companheiro; em situações normais da vida ele mantém a mesma qualidade, quantidade e densidade. Mas note que se vocês têm duas relações sexuais no mesmo dia, na segunda vez o esperma é menos denso, em menor quantidade e mais translúcido. Não se pode ter certeza de nada apenas pela observação do esperma, mas pode ser um indicativo para você começar a prestar mais atenção ao que está à sua volta.

Caindo definitivamente na real a respeito de homens traidores

Um cara só irá trai-la se ele quiser. Não há nada nem ninguém que o obrigue a fazê-lo. Lembre-se, mulheres não conseguem estuprar homens.

Um homem que lhe diz que traiu você e que não sabe a explicação para isso é um asno. E

quem quer estar com um asno?

Um cara que diz que traiu você porque quando era pequeno tinha problemas psicológicos está tentando se fazer de vítima.

Um homem que traiu você e diz que essa foi a primeira vez acha que tem direito a habeas corpus.

Um cara que traiu você com a sua amiga é um cara nojento. Se ele traiu você com a esposa do amigo dele, então ele é um nojento da pior espécie.

Um homem que traiu você porque se sente inferiorizado diz isso porque já usou todas as justificativas e nenhuma deu certo.

Um cara que diz que traiu você e que a culpa é sua tem sérios problemas mentais.

Um homem que lhe diz que traiu você porque teve um momento de fraqueza está querendo lhe dizer que traiu porque estava com baixa glicose no sangue naquele dia. Seria isso?

Um homem que traiu você e diz que não a merece está falando a mais absoluta verdade! Agora, se ele disser que traiu porque você não o merece, então esse cara não passa de um covarde que não tem coragem de assumir culpa nenhuma e tenta jogar em você a responsabilidade do que houve.

Um cara que traiu você e diz que fez isso porque ainda não tem certeza sobre o relacionamento de vocês é um cara que não está nem um pouco a fim de passar o resto da vida com você, mas não sabe como lhe dizer isso.

Resumindo: Não há justificativa plausível para traição.

COMO ESCOLHER UM BOM HOMEM PARA A SUA VIDA?

Agora que você já sabe o mais importante sobre os maus e os bons homens, sobre os traidores e sobre os psicopatas do coração, chegou o momento de eu ajudá-la a saber escolher um bom homem para estar ao seu lado.

Nem sempre um bom homem vai ser tudo de bom. Porque quando um cara é super-rico, superlindo, superdesejado, supermalhado, superinteligente, superpopular, supersimpático e super-romântico, na verdade ele é um supersapo.

Os bons homens dificilmente terão qualidades tão desejáveis assim à vista, isso porque eles não estão treinados sordidamente para enganar você e causar o efeito purpurina imediata para “enfeitiçá-la”.

Um cara legal é mais espontâneo e menos preparado para seduzir. E, por ser mais espontâneo, nem sempre ele será charmoso ou dirá as palavras certas na hora certa.

Um cara legal é um cara que não necessariamente será rico, mas que inevitavelmente será acomodado.

Um cara legal é um cara que não necessariamente será lindo, mas inevitavelmente terá hábitos saudáveis e vai cuidar da higiene.

Um cara legal é um cara que não necessariamente será inteligente, mas inevitavelmente será esforçado.

Um cara legal é um cara que não necessariamente será simpático, mas inevitavelmente será sincero.

Um cara legal é um cara que não necessariamente será romântico, mas inevitavelmente irá respeitar a natureza feminina.

Um cara legal só é súper em uma coisa: no fato de ser supernormal...

Um cara legal ajuda você a ir atrás do seu sonho, mesmo que não seja igual ao dele. Um cara legal coloca você para cima e não tenta aprisioná-la a ele. Um cara legal não é aquele que faz tudo o que você quer, porque, se for assim, ou é seu funcionário ou é um psicopata do coração distraíndo-a para ganhar a sua confiança antes de lhe dar o bote.

Um cara legal acorda descabelado, é de carne e osso e arrota. Te juro! Quase sempre toma cerveja, curte futebol e adora ver mulher pelada. Mas também te leva para passear onde você gosta, mesmo que não esteja tão a fim assim de ir para o shopping. Um cara legal cuida de você quando você está doente. Um cara legal estará ao seu lado durante a gravidez e no resguardo, vai te dar apoio quando você desanimar e vai ralar com você se gastar descontroladamente.

Um cara legal te abraça no meio da noite quando estiverem sós, mas nem sempre vai fazer cenas públicas de amor, porque quase sempre quem faz isso está mais interessado em aplausos de quem assiste ao espetáculo do que em quem está homenageando.

Um cara legal é aquele que se compromete com você, não em palavras, mas em atos. Aprenda a dar importância muito mais ao que ele faz do que ao que ele fala. É pelos atos que temos a

prova das reais intenções. Não basta dizer “sou seu namorado”; um bom homem se comporta como tal. E ele nunca levantará a mão para você, aconteça o que acontecer. Nem terá interesse em humilhá-la.

Nem sempre os homens supervalorizados pelas mulheres são os verdadeiramente bons. Sabe, as mulheres, na maioria das vezes, elegem de forma pouco inteligente seus ídolos.

Amiga, talvez você não experimente uma paixão avassaladora ao lado de um cara legal, mas com certeza você também não vai experimentar o sabor amargo de ser usada.

E os caras legais não suportam mais perder as mulheres da sua vida para os maus homens. Então, amiga, não seja mais uma a escolher o caminho do homem mau. Pense em todas as escolhas que você fez até hoje na vida, reflita onde estão seus erros, seus acertos, aprenda com meus erros, com meus acertos, e saiba que o amor é para fazer as pessoas sorrirem mais tempo do que chorarem.

Quando um homem disser para você: “Eu não sou como você pensa”, simplesmente acredite nele! Se ele disser: “Você não vai querer namorar comigo porque sou uma pessoa difícil”, acredite nele! E não namore esse cara!

Amiga, procure saber sobre o passado do homem com quem você se envolveu. Vá atrás de informações, discretamente, claro. Você precisa saber como ele era com a ex-esposa ou com as ex-namoradas, porque ele será com você o que foi com elas, essa é a regra mais do que geral.

Observe como esse homem trata as mulheres à sua volta. Não as amigas, porque ser legal com amigas é fácil, mas observe como ele age com as mulheres da família dele, principalmente sua mãe e suas irmãs. O que ele for para suas irmãs ele será para você! Com raríssimas, mas raríssimas exceções!

E não seja inimiga das ex dele. Não há motivo para isso, elas passaram na vida dele. Dentro do possível, tenha uma convivência diplomática com elas, até porque podem alertá-la sobre aspectos da vida dele que você ainda não conhece. E mesmo que inicialmente a ex não seja legal com sua pessoa, dê-lhe uma chance, seja legal com ela, sabe por quê? Ela pode romper as barreiras que eventualmente tiver erguido contra você ao ver que é uma boa pessoa.

Não escolha homens para sua vida que sejam extremamente moralistas, isso não é prova de bom caráter, é disfarce; na verdade eles estão tentando esconder ao máximo quem são de verdade em suas mentes.

Não mantenha relacionamento com homens que, mesmo podendo, não pagam pensão alimentícia a seus filhos, ou que inventam desculpas para não fazê-lo, porque um homem que não é bom pai para os filhos que teve antes de conhecer você não será bom pai para seus filhos e muito menos bom marido. Um homem que abandona seus filhos não é um homem bom.

Um bom homem pode, sim, já ter sido casado, afinal, sabemos que as pessoas têm uma vida antes de nos conhecermos, mas um homem bom assumirá as responsabilidades sobre a antiga relação sem problemas. Um bom homem nunca fica se fazendo de vítima em relação às suas ex-parceiras; quando um homem afirma que todas as suas ex-namoradas são loucas, conclui-se que provavelmente todas elas é que tinham razão.

Fuja de homens que lhe pedem dinheiro emprestado em início de relacionamento, que deixam você pagar o motel nas primeiras vezes, e observe melhor aqueles que lhe dão presentes

demais, levam você para passear demais e lhe prometem uma vida fácil, com muitas regalias – provavelmente é um homem que está tentando comprar você. E sua vida própria, sua dignidade e sua liberdade não têm preço.

Fuja de homens que abusam de álcool e que usam drogas. Não existe casamento feliz onde há bebida e droga. E se você passar a beber junto para aguentar o alcoolismo dele, definitivamente irão se separar mais rápido ainda e você se autodestruirá. Não há vida assim e você não vai recuperá-lo, então, no mínimo, salve-se. Essas pessoas só procuram ajuda quando já perderam tudo e então se conscientizam de que precisam parar. Escolher um homem só porque ele parece bom nos momentos em que está sóbrio é uma das escolhas mais insanas que conheço.

O bom homem é aquele que pertence ao caminho do meio, nem ao céu, nem à terra. Escolha o caminho do equilíbrio. Assim você poderá ser feliz ao lado de um bom homem.

E agora que chegamos ao final do livro, desejo que eu tenha tido a oportunidade de, no mínimo, pelo menos plantar alguma semente de transformação em você, para que quando for fazer a escolha da sua vida em relação a um homem você tenha parâmetros para decidir melhor e saber quais serão os homens que terão acesso à sua pessoa.

Desejo que esta semente aqui plantada renda frutos, e esta é uma boa oportunidade para começar a ver as coisas de uma maneira diferente.

E se você optou por viver sem um homem em sua vida, saiba que também dá para ser feliz sem um homem. Dá, sim, claro que dá, mas é uma experiência incrível dividir a vida com alguém.

Amiga, o real sentido de estarmos aqui, vivos neste planeta, é o de aprender. E com os homens a gente aprende muito. Então vamos tentar fazer dessa experiência uma boa experiência, né?

Agora jure comigo, imagine que estou ao seu lado, minha amiga, e diga em alto e bom tom para nós duas ouvirmos:

“Como mulher linda e poderosa que sou,

neste momento EU JURO:

valorizar a mulher especial que sou.

EU JURO:

lutar pelos meus ideais de vida.

EU JURO:

não deixar mais que homem algum pise em mim.

EU JURO:

me permitir ser uma mulher melhor do que já sou.

EU JURO:

aprender e colocar em prática os ensinamentos aqui passados.

EU JURO:

usar meus novos conhecimentos para viver em harmonia com um bom homem.

EU JURO!

Visite nosso site e conheça estes e outros lançamentos

NÃO COMI, NÃO REZEI, MAS ME AMEI

Gisela Rao

Autoestima é como tanque de combustível do carro. Se a gente não presta atenção no nível, se não se abastece de atenção, de carinho, de coisas boas, ela acaba. E deixa a gente perdida nessa longa estrada da vida. Por isso é bom estar sempre de olho. A divertida autora Gisela Rao se propôs a vigiar a própria autoestima por 365 dias, e seu relato é uma inspiração para o nosso dia a dia. Sem moralismos, sem soluções mágicas, mas com muita inteligência e bom humor, esta obra vai fazer você repensar seu modo de ser e de enxergar o mundo.

HOJE É O DIA MAIS FELIZ DA SUA VIDA

Elisa Stecca

Diz o ditado que uma imagem vale por mil palavras. Mas não existe imagem que seja tão forte quanto as palavras precisas, as que encorajam, as que mostram caminhos, aquelas que fazem pensar e mudar. *Hoje é o dia mais feliz da sua vida*, escrito por uma das mais talentosas *designers* do Brasil, é um livro feito com palavras motivadoras e imagens de rara beleza, que também têm muito a dizer. Uma obra inspiradora, feita para quem quer um dia a dia de mais felicidade.

ALEGGRIA – LINDA, GOSTOSA, AMADA, PODEROSA E MUITO FELIZ COM O PESO QUE VOCÊ TEM

Nelma Penteado

Não é preciso ser magra para esbanjar sensualidade. Não é preciso usar manequim 38 para conquistar um homem. Não é preciso se render aos padrões estéticos de magreza para ter autoestima. As mulheres gordinhas têm ocupado lugares de destaque nas revistas, na TV e cinema. Prova disso são os editoriais de moda das revistas mais famosas do mundo nesse segmento e o sucesso da estrela da TV americana Oprah Winfrey. Nelma Penteado fez um livro que mostra como a mulher deve se aceitar e se comportar com o peso que tem.

PARE DE AMAR ERRADO

Rejane Freitas

Muitas mulheres, ao amar demais, deixam de lado suas realizações pessoais, perdem os limites, experimentam fortes decepções, provocando até mesmo o fim da relação. A obra revela o poder destruidor da dependência do amor masculino, ensina como a mulher pode ficar mais voltada para si mesma, evitando frustrações profundas. Um livro que todo homem também deveria ter a coragem de ler.



